
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM UM CLUBE BRASILEIRO: UM
DIAGNÓSTICO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DAS
EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS DE SEUS AGENTES PEDAGÓGICOS**

MARLUS ALEXANDRE SOUSA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM UM CLUBE BRASILEIRO: UM DIAGNÓSTICO
DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS
DE SEUS AGENTES PEDAGÓGICOS**

MARLUS ALEXANDRE SOUSA

Tese apresentada ao Instituto de Biotecnologia
do Câmpus de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor em
Desenvolvimento Humano e Tecnologias.
Orientador: Dr. Rubens Venditti Junior

S725i

Sousa, Marlus Alexandre

A iniciação esportiva em um clube brasileiro : um diagnóstico da prática pedagógica a partir das experiências acumuladas de seus agentes pedagógicos / Marlus Alexandre Sousa. -- , 2025
208 p. : tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Rio Claro,
Orientador: Rubens Venditti Junior

1. Educação física. 2. Esportes para crianças. 3. Clubes esportivos.
4. Desenvolvimento humano. 5. Desenvolvimento multilateral. I.
Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO PROGRAMA “CENTRO DE APRENDIZAGEM DESPORTIVO” DO ESPORTE CLUBE PINHEIROS: OS MÚLTIPLOS FATORES QUE INTERFEREM NO SUCESSO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS

AUTOR: MARLUS ALEXANDRE SOUSA

ORIENTADOR: RUBENS VENDITTI JUNIOR

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais pela Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente

RUBENS VENDITTI JUNIOR

Data: 25/03/2025 20:12:37-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. RUBENS VENDITTI JUNIOR (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP

Prof. Dr. VALDOMIRO DE OLIVEIRA (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UFPR - Universidade Federal do Paraná - PR

Prof. Dr. ROBERTO RODRIGUES PAES (Participação Virtual)
Departamento de Ciências do Esporte / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP

Prof. Dr. THIAGO JOSÉ LEONARDI (Participação Virtual)
Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança / UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS

Prof. Dr. AGUINALDO SOUZA DOS SANTOS (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná - PR

Rio Claro, 25 de março de 2025

Título alterado para: “A INICIAÇÃO ESPORTIVA EM UM CLUBE BRASILEIRO: UM DIAGNÓSTICO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS DE SEUS AGENTES PEDAGÓGICOS”

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e força, minha eterna gratidão. Em cada etapa desta jornada, nos momentos de luz e também nos de incerteza, foi na fé e na confiança que encontrei serenidade, direção e coragem para seguir em frente.

À toda minha família, meu alicerce mais firme e verdadeiro, agradeço profundamente por cada gesto de apoio, carinho e compreensão ao longo desta caminhada. À minha mãe, em especial, dedico palavras que jamais serão suficientes para expressar minha gratidão. Educadora por vocação e exemplo de dedicação, ela não apenas me ensinou a importância do conhecimento, mas fez disso um princípio de vida. Seu incentivo constante aos estudos, desde os primeiros passos até este momento tão significativo, foi essencial para que eu jamais desistisse. Sua presença amorosa, seu apoio incondicional e sua sabedoria me sustentaram nos dias mais difíceis e celebraram comigo cada pequena conquista.

Agradeço ao meu pai, que, mesmo estando fisicamente distante, sempre torceu por mim e me apoiou à sua maneira. Na infância, vivi muitos finais de semana ao seu lado no clube, momentos que marcaram minha trajetória e fortaleceram minha ligação com o ambiente esportivo. Essas memórias, carregadas de afeto, contribuíram para que eu desenvolvesse uma relação próxima com o clube — espaço que hoje também é cenário desta pesquisa.

Agradeço, com profundo carinho, àqueles que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada. À minha namorada, pelo apoio constante, pela paciência nos momentos de cansaço e pelas palavras de incentivo que tantas vezes renovaram minhas forças. Sua presença foi essencial para que os dias mais difíceis se tornassem mais leves e cheios de sentido. Aos amigos, que contribuíram de diferentes maneiras — seja por meio de conversas enriquecedoras, revisões generosas, escuta atenta ou simples gestos de companheirismo —, expressei minha sincera gratidão. O suporte acadêmico, profissional e emocional que recebi foi fundamental para a construção desta tese. A parceria e a generosidade de cada um tornaram o caminho mais colaborativo, humano e inspirador.

Aos colegas e parceiros do LAMAPPE (Laboratório Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte), registro minha admiração e agradecimento.

Ao meu orientador, expressei um agradecimento especial pela confiança, orientação e constante apoio ao longo desta trajetória acadêmica. Mais do que um orientador, foi um verdadeiro amigo. Agradeço por ter acreditado em meu potencial e por ter me guiado com

firmeza e sensibilidade em cada etapa deste percurso. Levo comigo os aprendizados que transcendem esta tese e que certamente continuarão a me orientar em minha vida acadêmica e profissional.

Aos membros da banca examinadora, agradeço pela disponibilidade, pelas valiosas contribuições e pelo olhar atento e crítico direcionado a este trabalho. Suas observações e considerações enriqueceram significativamente esta pesquisa, apontando caminhos para aprofundamentos futuros e ampliando minha compreensão sobre o tema. É uma honra contar com a leitura e a avaliação de profissionais tão qualificados e comprometidos com a produção do conhecimento.

Às gestoras do programa CAD – Esporte Clube Pinheiros-SP, registro minha sincera gratidão pela receptividade, confiança e apoio durante o desenvolvimento desta pesquisa. A abertura ao diálogo, a disponibilidade para compartilhar informações e a sensibilidade em compreender a importância desta investigação foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos treinadores e treinadoras do programa CAD – Esporte Clube Pinheiros-SP, minha sincera gratidão pela receptividade, colaboração e disponibilidade em compartilhar experiências, percepções e saberes construídos na prática cotidiana. Suas contribuições foram fundamentais para a compreensão aprofundada do contexto investigado e para a construção desta tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP – Rio Claro/SP, minha sincera gratidão pelo acolhimento. A oportunidade de fazer parte deste programa foi essencial para o amadurecimento da minha trajetória como pesquisador e para a construção deste trabalho. Agradeço aos docentes, colegas e a toda equipe técnico-administrativa pelo suporte ao longo dessa jornada.

À CAPES, pela concessão da bolsa (processo número: 88887.711332/2022-00 com vigência entre 01/08/2022 e 31/03/2025). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Introdução: O processo de Iniciação Esportiva orientado, organizado, sistematizado e avaliado é primordial para o desenvolvimento humano dos jovens praticantes. **Objetivo:** analisar o processo de iniciação esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da experiência acumulada dos agentes pedagógicos. Caracterização da pesquisa: O programa Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP promove uma Iniciação Esportiva baseada na diversificação de movimentos. Esta pesquisa configura-se como descritiva, com abordagem qualitativa e procedimentos de um estudo de caso intrínseco. **Materiais e Métodos:** Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as duas gestoras e nove treinadores do programa (identificar as concepções dos entrevistados), pesquisa documental (analisar as diretrizes do programa) e observação não participante com elaboração de um diário de campo. Para o tratamento dos dados, utilizamos a análise temática (Braun; Clarke, 2006) e quatro temas a serem investigados dentro do programa CAD: 1) Princípios – 2) Estratégia – 3) Avaliação e 4) Desafios (Palheta, 2019). **Resultados:** o estudo identificou quatro princípios norteadores do programa: 1) Desenvolvimento Integral e Multilateral; 2) Formação para a Vida; 3) Educação pelo Esporte; 4) Respeito ao Tempo da Criança. As estratégias dos treinadores e gestores envolvem: 1) Estrutura Progressiva e Planejada; 2) Uso do Lúdico; 3) Enfoque em Valores; 4) Engajamento Familiar; 5) Adaptação e Inclusão; 6) Criatividade e Integração de Modalidades. A avaliação é contínua e semestral, com foco em aspectos motores, cognitivos e comportamentais. Os principais desafios enfrentados pelo programa são: 1) Limitações de espaço; 2) Falta de valorização pela diretoria; 3) Dificuldades administrativas; 4) Engajamento das famílias. **Conclusão:** A análise evidenciou que os saberes construídos na prática, aliados à reflexão crítica, sustentam uma proposta formativa que valoriza a criança como sujeito ativo do processo, articulando diferentes dimensões do desenvolvimento infantil e conciliando as demandas institucionais com as especificidades do contexto esportivo. Esperamos com essa pesquisa, ampliar a compreensão sobre as possibilidades de uma formação esportiva integral no contexto dos clubes socioesportivos e reafirmar a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam o esporte como direito, expressão cultural e dimensão essencial do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Educação física; Esportes para crianças; Clubes esportivos; Desenvolvimento humano; Desenvolvimento multilateral.

ABSTRACT

Introduction: A guided, organized, systematized, and evaluated Sports Initiation process is essential for the human development of young participants. **Objective:** To analyze the sports initiation process of the Sports Learning Center (Centro de Aprendizado Desportivo – CAD) at Esporte Clube Pinheiros-SP, based on the accumulated experience of its pedagogical staff. **Research Characterization:** The CAD program promotes sports initiation grounded in the diversification of movements. This is a descriptive research study, with a qualitative approach and the procedures of an intrinsic case study. **Materials and Methods:** Semi-structured interviews were conducted with two program managers and nine coaches (to identify their conceptions), along with document analysis (to examine program guidelines) and non-participant observation with the development of a field diary. Data were treated using thematic analysis (Braun & Clarke, 2006), exploring four key themes within the CAD program: (1) Principles, (2) Strategies, (3) Evaluation, and (4) Challenges (Palheta, 2019). **Results:** The study identified four guiding principles of the program: (1) Integral and Multilateral Development; (2) Life Skills Education; (3) Education through Sport; (4) Respect for the Child's Time. Coaches' and managers' strategies include: (1) Progressive and Planned Structure; (2) Use of Playfulness; (3) Focus on Values; (4) Family Engagement; (5) Adaptation and Inclusion; (6) Creativity and Integration of Modalities. The evaluation is continuous and conducted semiannually, focusing on motor, cognitive, and behavioral aspects. The main challenges faced by the program are: (1) Limited space; (2) Lack of recognition by the board; (3) Administrative difficulties; (4) Family engagement. **Conclusion:** The analysis showed that practical knowledge, when combined with critical reflection, supports an educational proposal that values the child as an active subject in the process. It articulates different dimensions of child development while balancing institutional demands with the specificities of the sports context. This research aims to broaden understanding of the possibilities for comprehensive sports development in socio-sports club settings and to reaffirm the need for pedagogical practices that recognize sport as a right, a form of cultural expression, and an essential dimension of human development.

Keywords: Physical education; Sports for children; Sports clubs; Human development; Multilateral development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA)	42
Figura 2. Formas de desenvolvimento da participação esportiva.....	46
Figura 3. Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF).....	52
Figura 4. Relevância dos clubes formadores.	60
Figura 5. Evolução do número de associados do Clube Pinheiros-SP.	62
Figura 6. Expectativa dos associados para subsidiar o trabalho do Plano Diretor	63
Figura 7. As relações e os elementos dinâmicos na competição.	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Formação acadêmica.....	15
Quadro 2. Estrutura e apresentação da tese.	27
Quadro 3. Características das manifestações esportivas.....	31
Quadro 4. Exemplos de manifestações corporais que se tornaram modalidades esportivas	33
Quadro 5. Diferenças jogo deliberado e prática deliberada.....	45
Quadro 6. Marco histórico da organização dos clubes.	59
Quadro 7. Metas para se obter o desenvolvimento de competências	67
Quadro 8. Bases fundamentais de conhecimento dos treinadores.	74
Quadro 9. Estrutura e organização do CAD.	78
Quadro 10. Divisão de turmas	79
Quadro 11. Programas e clubes da cidade de São Paulo que oferecem a pré-modalidade.....	84
Quadro 12. Etapas de condução do Processo de Análise da Pesquisa.....	97
Quadro 13. Matriz analítica.	101
Quadro 14. Fases da pesquisa.....	102
Quadro 15. Resultados por cada entrevistado considerando	106
Quadro 16. Estratégias adotadas por cada entrevistado.	111
Quadro 17. Avaliações adotadas por cada entrevistado.....	114
Quadro 18. Principais desafios reportados pelos entrevistados.....	117
Quadro 19. Observação não participante dos treinos (Diário de pesquisa de campo).	120

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Participantes da Pesquisa de Campo	95
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAD: Centro de Aprendizado Desportivo.

CBC: Comitê Brasileiro de Clubes.

CDA: Caminho de Desenvolvimento de Atletas.

COB: Comitê Olímpico Brasileiro.

GEPESP: Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LAMAPPE: Laboratório Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte.

PE: Pedagogia do Esporte.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	18
1.1. Problematização da pesquisa	18
1.2 Objetivo Geral	22
1.3 Objetivos Específicos.....	22
1.4 Pergunta norteadora do estudo	23
1.5 Justificativa do estudo	23
1.6 Delimitação da pesquisa.....	24
1.7 Limitação da pesquisa	25
1.8 Estrutura da tese.....	25
2 REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	28
2.1 Pedagogia do esporte e a participação esportiva de crianças.....	29
2.2 A concepção do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD)	
43	
2.3 A participação esportiva no contexto do clube socioesportivo	57
2.3.1 A Competição Infantil e a Influência dos Pais no Contexto do Esporte Participação	
.....	64
2.3.2 O Treinador no contexto do Esporte Participação.....	72
2.4 O Programa Centro de Aprendizado Desportivo (CAD) - Clube Pinheiros-SP	77
3 MATERIAIS E MÉTODOS	87
3.1 Tipo da pesquisa e caracterização do estudo	87
3.2 Participantes	94
3.3 Instrumento e procedimentos coleta de dados	96
3.4 Análise de dados	99
3.5 Aspectos éticos da pesquisa.....	102
4 RESULTADOS.....	104
4.1 Princípios Norteadores do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP.....	104
4.1.1 Desenvolvimento Integral e Multilateral.....	104

4.1.2	<i>Formação para a Vida</i>	<i>105</i>
4.1.3	<i>Educação pelo Esporte.....</i>	<i>105</i>
4.1.4	<i>Respeito ao Tempo da Criança</i>	<i>105</i>
4.2	<i>Estratégias adotadas pelos treinadores e gestoras.....</i>	<i>107</i>
4.2.1	<i>Estrutura Progressiva e Planejada</i>	<i>108</i>
4.2.2	<i>Uso do Lúdico como Fator de Aprendizagem Esportiva</i>	<i>108</i>
4.2.3	<i>Enfoque em Valores e Educação pelo Esporte</i>	<i>108</i>
4.2.4	<i>Estratégias de Engajamento Familiar.....</i>	<i>108</i>
4.2.5	<i>Adaptação e Inclusão</i>	<i>110</i>
4.2.6	<i>Criatividade e Integração de Modalidades</i>	<i>110</i>
4.3	<i>Avaliação</i>	<i>112</i>
4.3.1	<i>Crítérios Comportamentais</i>	<i>112</i>
4.3.2	<i>Crítérios Motores.....</i>	<i>113</i>
4.3.3	<i>Relatórios e Feedback</i>	<i>113</i>
4.3.4	<i>Progressividade e Inclusão</i>	<i>113</i>
4.4	<i>Desafios</i>	<i>115</i>
4.4.1	<i>Limitações de espaço</i>	<i>115</i>
4.4.2	<i>Reconhecimento Institucional</i>	<i>116</i>
4.4.3	<i>Engajamento Familiar</i>	<i>116</i>
4.4.4	<i>Desafios organizacionais</i>	<i>116</i>
4.4.5	<i>Adaptação e Resiliência</i>	<i>117</i>
4.4.6	<i>Observação não participante dos treinos.....</i>	<i>118</i>
5	DISCUSSÃO	122
5.1	Discussão dos Princípios Norteadores	122
5.2	Discussão das Estratégias.....	125
5.3	Discussão da Avaliação	126
5.4	Discussão dos Desafios	128

6 CONCLUSÃO.....	131
7 REFERÊNCIAS	134
APÊNDICES	151
APÊNDICE A – Roteiro prévio de questões para entrevista semiestruturada.....	151
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	154
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas	160
ANEXOS	203
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP.....	203
ANEXO B – Exemplo de Relatório de aula e Diário de Campo	207

APRESENTAÇÃO

Iniciar esta tese a partir da minha experiência no campo do esporte–participação permitiu-me resgatar memórias da minha trajetória como treinador, atleta e, atualmente, como professor da Educação Básica e Superior. Esse processo de recordação foi fundamental para compreender minha conexão com o tema abordado em nosso estudo, o programa investigado, o Centro de Aprendizado Desportivo (CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP).

Após concluir meu mestrado, orientado pelo Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes (FEF-UNICAMP), na área de Pedagogia do Esporte e Gestão dos Clubes Socioesportivos, percebi minha inquietação em relação a um tema essencial nas fases iniciais de aprendizagem esportiva: a necessidade de procedimentos adequados na Iniciação Esportiva dentro do contexto dos clubes socioesportivos.

Em julho de 2019, ingressei como docente no ensino superior numa faculdade privada na cidade de Campinas-SP (Grupo *UniMetrocamp-Wyden*). Tal situação, aliada à minha aproximação com o contexto do esporte participação, instigou-me a continuar meus estudos através de um possível ingresso no doutorado, na temática da Iniciação Esportiva.

Minha afinidade e proximidade com o esporte motivou-me a prosseguir nos estudos, procurando desta forma, uma melhor qualificação profissional e acadêmica nas Ciências do Esporte.

Diante dessa perspectiva de aprimoramento dos meus estudos, pude no Doutorado Acadêmico me aproximar do LAMAPPE-GEPPEA (Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte- Grupo de Estudos, Ensino e Pesquisa em Pedagogia do Esporte Adaptado), na Faculdade de Ciências da UNESP Bauru, sob coordenação de meu orientador proposto para esta pesquisa – Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior. Com isso, possibilitou-me enriquecer minha formação acadêmica e profissional.

A seguir, Quadro 1, que resume minha formação acadêmica.

Quadro 1. Formação acadêmica

Ano	Formação	Instituição
1997-2001	Bacharelado -Educação Física	UNICAMP
2002-2005	Licenciatura-Educação Física	UNICAMP
2005-2007	Especialização Esporte Escolar Programa Segundo Tempo	UnB/ UNESP
2011-2013	Especialização Educação Física Escolar	UNICAMP
2015-2018	Mestrado-Educação Física	UNICAMP
2020	Ingresso no Doutorado Acadêmico	IB/UNESP - Rio Claro-SP

Fonte: Elaborado pela própria pesquisa.

Conforme aponta o quadro acima, na maior parte do tempo, tive a pretensão em aperfeiçoar minha formação. Logo, durante o doutorado acadêmico procurei desenvolver algumas práticas buscando meu enriquecimento acadêmico e profissional.

A definição do objeto de estudo desta pesquisa foi orientada por um interesse construído ao longo da trajetória acadêmica e profissional, aliado à vivência e à observação crítica do campo esportivo. A relevância do esporte como instrumento de formação humana e as especificidades do trabalho pedagógico em clubes socioesportivos despertaram minha atenção para contextos nos quais a iniciação esportiva é conduzida de maneira estruturada. Nesse cenário, o Esporte Clube Pinheiros-SP destacou-se como referência, tanto por sua tradição quanto pela complexidade de sua proposta formativa voltada à infância, motivando o desejo de compreender com maior profundidade os processos ali desenvolvidos.

Ao optar por tal aprofundamento nos estudos, nosso objetivo é analisar o processo de iniciação esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da experiência acumulada dos agentes pedagógicos. Como admirador do esporte, sempre tive uma curiosidade em estudar o processo de Iniciação Esportiva do Clube Pinheiros-SP.

Desta forma, nos sentimos honrados e felizes em ter o clube Pinheiros, em especial o CAD, como nosso ambiente de pesquisa. Este trabalho parte da premissa de que o programa analisado tem como foco o desenvolvimento integral das crianças, oferecendo um ambiente rico em estímulos, onde elas podem explorar uma variedade de movimentos e experiências motoras.

Recentemente, o depoimento de Cristina Fonseca, mãe do tenista brasileiro João Fonseca, que em fevereiro de 2025 conquistou o título do ATP de Buenos Aires e se tornou o sul-americano mais jovem a vencer um torneio de tênis da era ATP, ilustra de forma clara os benefícios da diversificação de movimentos. Ela relata que, desde cedo, o tenista se destacou em praticamente todas as modalidades esportivas que praticou, como futebol, vôlei, natação, judô, skate, surfe, esqui e, claro, tênis. Esse relato não apenas reforça a importância de uma formação ampla e diversificada, mas também destaca como a vivência em diferentes esportes contribui para o enriquecimento do repertório motor, proporcionando uma compreensão mais abrangente dos movimentos, essencial para o sucesso na sua futura especialização.

Assim, o depoimento de Cristina Fonseca reforça a visão dos pesquisadores, pois a experiência do tenista brasileiro é um exemplo concreto de como essa diversificação pode levar a um alto desempenho em um nível global, além de proporcionar uma infância rica em aprendizagens e descobertas.

A fim de solidificarmos nosso projeto, destacamos o embasamento teórico fixado diretamente no campo da Pedagogia do Esporte atual, em cenário nacional (com seus principais expoentes e autores) bem como em contexto internacional, ou seja, nossa ideia perpassa a compreensão das práticas esportivas e ao processo de adesão, treinamento e especialização esportiva.

Durante minha trajetória profissional, percebi que o esporte voltado a crianças está prioritariamente associado ao esporte de rendimento e à formação de atletas. Com isso, trouxe visibilidade a essa manifestação do esporte devido à grande exposição midiática e o desejo de formar atletas campeões. Em decorrência desse quadro, ignorou-se outras expressões do esporte, deixando de lado também um número expressivo de praticantes, aliás bem mais numeroso que o do esporte de alto rendimento.

Nessa direção, destaca-se o esporte de participação, que é praticado de modo recreativo e com finalidade de bem-estar e inclusão social dos sujeitos envolvidos com a prática. Contempla questões inerentes à atividade humana em relação ao lazer, tornando o esporte no tempo livre uma diversão e entretenimento permitindo que o sujeito utilize os espaços públicos e deixe de ocupar a posição de espectador passivo. Nessa expressão do esporte, valoriza-se a diversão e a multiplicidade, diminuindo a comparação entre os praticantes. A pluralidade é fundamental, e para tanto é importante adaptar a modalidade esportiva para que se torne inclusiva e acessível, principalmente para grupos minoritários, pessoas da terceira idade,

pessoas com deficiência, entre outros (Marques; Almeida; Gutierrez, 2007; Marques; Almeida; Gutierrez, 2008).

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, a busca por aprofundamento teórico e metodológico conduziu-me à aproximação com centros de estudo comprometidos com uma abordagem crítica e interdisciplinar do esporte. Nesse percurso, identifiquei a necessidade de ampliar minha compreensão sobre os processos formativos no contexto esportivo, especialmente no que se refere à iniciação esportiva e ao desenvolvimento humano. Essa inquietação acadêmica e investigativa me levou a buscar interlocuções com grupos de pesquisa que compartilham dessa mesma preocupação formativa.

Ao aproximar-me com o Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte (LAMAPPE – Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru), pude ampliar meu arcabouço teórico acerca das temáticas desenvolvidas na pesquisa.

Dessa forma, esta pesquisa representa não apenas a consolidação de um percurso acadêmico e profissional orientado pelo compromisso com a formação esportiva humanizada, mas também a expressão de um interesse genuíno em compreender, aprofundar e contribuir para práticas pedagógicas mais sensíveis às necessidades da infância. Ao analisar o processo de iniciação esportiva no contexto do Clube Pinheiros-SP, busco lançar luz sobre possíveis experiências que possam servir de referência a outros clubes e profissionais, reafirmando o esporte como espaço legítimo de desenvolvimento humano e como direito fundamental das crianças.

Encerrada esta breve apresentação, segue-se a introdução da pesquisa, iniciando com reflexões que contextualizam e fundamentam a construção do estudo realizado. Este percurso foi guiado, conforme abordamos anteriormente, por inquietações surgidas da prática profissional e por lacunas identificadas na literatura sobre a formação esportiva na infância. Desse modo, procuramos expressar esse movimento investigativo em uma construção teórica e metodológica que dialogue com os desafios e possibilidades que caracterizam o campo da formação esportiva na infância.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Problematização da pesquisa

A ausência de um tratamento pedagógico adequado no processo de Iniciação Esportiva pode causar a escassez de oportunidades de práticas sistematizadas e orientadas, com isso, pode ser uma das razões para que as crianças não alcancem um prolongamento nas suas atividades esportivas. Portanto, os praticantes abandonam suas práticas de forma precoce (Brauner; Valentini, 2009; Ferreira *et al.*, 2006; Maforce *et al.*, 2007; Marques, 1996; Nazário; Vieira, 2014; Valentini, 2002).

Apesar de as atividades orientadas deverem ser estruturadas para garantir que a satisfação pessoal da criança seja alcançada, considerando as necessidades e competências motoras de cada criança (Clark, 2007; Gallahue; Donnelly, 2008), a oferta dessas atividades nem sempre alcança a maioria das crianças, bem como em alguns casos tais ofertas não são planejadas visando promover o desenvolvimento de habilidades básicas, mas sim de fundamentos e gestos específicos das mais diversas modalidades esportivas (Paes; Balbino, 2002).

A iniciação esportiva, entendida como o estágio inicial da prática esportiva, desempenha um papel essencial na formação do indivíduo, principalmente no que tange ao seu desenvolvimento motor, social e emocional. No entanto, a qualidade do processo de iniciação esportiva está diretamente vinculada à abordagem pedagógica adotada nos programas esportivos. Quando a educação física e o esporte são apenas vistos como uma atividade física isolada, sem conexão com princípios pedagógicos sólidos, o desenvolvimento das crianças pode ser comprometido, resultando no abandono precoce de práticas esportivas e na formação de uma experiência esportiva desarticulada e sem propósito (Brauner; Valentini, 2009; Ferreira *et al.*, 2006).

A implementação de práticas esportivas bem estruturadas e fundamentadas nas necessidades do desenvolvimento infantil tem mostrado ser eficaz para proporcionar um ambiente positivo, saudável e motivador para as crianças. No entanto, as abordagens esportivas muitas vezes falham em considerar as necessidades individuais e o processo de evolução das habilidades motoras básicas, priorizando, muitas vezes, a especialização precoce em modalidades esportivas. Programas que adotam práticas multiesportivas na infância têm maiores chances que as crianças vivenciem o esporte de forma lúdica, inclusiva e educacional.

Este estudo ofereceu uma análise detalhada e inovadora sobre o processo de iniciação esportiva em um contexto de clube socioesportivo, com foco na integração das teorias pedagógicas e modelos de participação desportiva. Através da investigação do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, buscou-se não apenas compreender as práticas pedagógicas aplicadas, mas também contribuir para a reflexão sobre a sustentabilidade de programas de iniciação esportiva a longo prazo, considerando tanto os desafios quanto as oportunidades que surgem no ambiente esportivo.

Além disso, a pesquisa destacou a importância de programas que busquem a inclusão e o desenvolvimento integral das crianças, com ênfase na sua saúde física, emocional e social. Ao abordar as estratégias de gestão, avaliação e desafios enfrentados pelo programa, o estudo propõe novas perspectivas para a implementação de políticas públicas e práticas em clubes esportivos, escolas e outras instituições que visam a formação integral de crianças e adolescentes.

Diante dessa perspectiva, dialogamos com a Pedagogia do Esporte como um dos referenciais teóricos, uma vez que esse campo do conhecimento fornece fundamentos significativos para o desenvolvimento de programas esportivos voltados para crianças. Reverdito, Scaglia e Paes (2009), ao analisarem sobre a pluralidade de práticas esportivas e significados, afirmam que a Pedagogia do Esporte é uma das disciplinas recentes das Ciências do Esporte que emergiu do aumento do interesse da sociedade pelas práticas esportivas corporais. Os autores afirmam que a pedagogia é um campo de estudo que busca compreender tanto as questões teóricas quanto práticas da educação, levando em conta o conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história e focando no desenvolvimento humano. Além de se interessar pelas produções e saberes humanos, a pedagogia também se dedica às práticas esportivas culturais, uma vez que o esporte é um fenômeno social. Ele representa uma criação humana intimamente ligada aos valores sociais, aos padrões de comportamento e à educação, entre outros aspectos (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009).

No contexto da iniciação esportiva, etapa que investigamos em nossa pesquisa, um dos maiores desafios é promover experiências que favoreçam o envolvimento contínuo das crianças na prática esportiva, garantindo que elas se sintam motivadas e seguras para explorar suas potencialidades motoras e sociais. A Pedagogia do Esporte enfatiza a necessidade de considerar as necessidades, interesses e objetivos dos praticantes, ajustando a prática conforme necessário (Galatti *et al.*, 2017).

Nesse sentido, o papel dos agentes pedagógicos torna-se fundamental, não apenas como transmissor de conteúdos técnicos, mas como mediador de experiências significativas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança. Isso implica criar ambientes de aprendizagem que valorizem o brincar, estimulem a autonomia, respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem e promovam o senso de pertencimento ao grupo (Oliveira; Paes, 2004).

Em consonância com esse pensamento, Bento (2000) direciona-se à Pedagogia do Esporte, atribuindo-lhe a responsabilidade de refletir sobre o sentido do esporte enquanto prática educadora e formadora da condição e conduta humana. Portanto, a Pedagogia do Esporte promove um ensino que valoriza a inclusão, a aprendizagem lúdica e o respeito ao processo individual de cada criança, fatores essenciais para a criação de uma experiência esportiva positiva e duradoura (Galatti et al., 2014).

Como defendemos uma proposta de Iniciação Esportiva organizada e planejada, utilizamos, também, como suporte teórico o *Modelo Desenvolvemental de Participação Desportiva* (MDPD), desenvolvido por Côté e colaboradores (Côté, 1999; Côté; Baker; Abernethy, 2007). Tal modelo constitui uma importante conceitualização na literatura. O MDPD indica a importância de todos os agentes envolvidos no processo de ensino e treinamento infantil de fomentarem experiências esportivas positivas visando um ambiente de treino divertido e cativante, sendo este clima de aprendizagem reconhecido como um forte preditor da motivação e da continuidade da prática desportiva da criança (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Esses mesmos autores destacam o desenvolvimento esportivo como um processo em longo prazo em que a diversificação de modalidades esportivas e a oportunidade de inseri-las em jogos e brincadeiras relacionadas às práticas esportivas precede a especialização esportiva.

O presente estudo toma como premissa que um dos principais objetivos da iniciação esportiva é a manutenção de crianças engajadas na prática. Desse modo, o problema a ser investigado seria esboçar os meios e métodos utilizados pelo programa CAD- Esporte Clube Pinheiros-SP por meio de uma pergunta norteadora: O programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP apresenta indicativos pedagógicos relevantes na promoção do desenvolvimento esportivo saudável de crianças no contexto do clube socioesportivo?

Desse modo, esses dois campos teóricos estão alinhados com a ideia do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, pois enfatizam a importância de uma abordagem gradual e diversificada. Esses modelos defendem que a iniciação esportiva deve ser estruturada de forma a permitir a

experimentação de diversas modalidades, antes de se concentrar em uma especialização precoce (Côté, 1999). O foco na ampliação das experiências motoras e no prazer da atividade física ajuda a evitar o abandono precoce e a fomentar o engajamento contínuo nas práticas esportivas (Paes, 2009).

Neste estudo de doutorado, investigamos o programa esportivo CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, voltado para crianças de 3 a 10 anos, com o objetivo de analisar quatro aspectos fundamentais. Primeiramente, buscamos compreender os **princípios** norteadores que sustentam a metodologia do programa. Em seguida, investigamos as **estratégias** adotadas para promover o desenvolvimento esportivo e as experiências dos participantes. Outro aspecto importante foi **a avaliação** do programa, por meio das percepções das gestoras e treinadores para identificar a eficácia e os resultados alcançados. Por fim, foi explorado os **desafios** para a continuidade do programa, considerando os aspectos logísticos que impactam sua sustentabilidade a longo prazo (Palheta, 2019).

É importante destacar que esta trata-se de um estudo de natureza analítica que toma como objeto um modelo de formação esportiva desenvolvido em um contexto clubístico específico, focalizando a faixa etária de 3 a 10 anos. A escolha desse cenário visa compreender, a partir da realidade empírica, como determinadas concepções pedagógicas se materializam nas práticas e decisões cotidianas, contribuindo para o debate acadêmico sobre a iniciação esportiva e seus desdobramentos na formação integral da criança.

Realizar uma pesquisa em um clube de grande relevância nacional, como o Esporte Clube Pinheiros-SP, é de extrema importância, pois tais clubes desempenham um papel central na formação esportiva e na promoção da saúde de crianças e jovens em diversas modalidades. A pesquisa neste contexto permite observar práticas pedagógicas e metodológicas que são adotadas por um clube de elite, proporcionando uma visão detalhada de como modelos de iniciação esportiva podem ser aplicados em larga escala e com qualidade.

Além disso, clubes de relevância nacional, como o Esporte Clube Pinheiros-SP, oferece uma oportunidade única para analisar como estratégias de gestão esportiva, planejamento de carreira e o acompanhamento contínuo de crianças e adolescentes podem contribuir para a continuidade de sua participação no esporte a longo prazo. A pesquisa nesse tipo de ambiente permite identificar práticas pedagógicas coerentes que podem ser adaptadas e utilizadas no contexto do clube socioesportivo, sendo uma tendência de referência para outras organizações que buscam qualificar o processo de iniciação esportiva.

Por fim, a relevância de realizar uma pesquisa em um clube de grande relevância nacional também está na sua capacidade de gerar um impacto significativo no aprimoramento das práticas esportivas no Brasil. Ao investigar um clube de alto nível, como o Esporte Clube Pinheiros-SP, a pesquisa pode contribuir para a formação de políticas públicas voltadas para o esporte de base e para o fortalecimento da iniciação esportiva em um país com grande potencial esportivo, mas que, muitas vezes, carece de estrutura e planejamento adequados. Os resultados dessa pesquisa podem influenciar a forma como clubes e outras instituições pensam e implementam suas práticas esportivas, com foco na qualidade do ensino e na promoção de uma educação integral, oferecendo subsídios importantes para a evolução do esporte no Brasil.

Diante disso, nas próximas seções deste estudo, serão apresentados de forma detalhada os objetivos gerais e específicos que guiaram a pesquisa, fornecendo uma visão clara do que se buscou alcançar com o trabalho. Além disso, será destacada a pergunta norteadora que orientou a investigação, proporcionando um direcionamento preciso para as análises realizadas. A justificativa da pesquisa também será abordada, evidenciando a relevância e a importância do estudo dentro do contexto acadêmico e prático. Também serão discutidas as delimitações da pesquisa, especificando o escopo e os limites da investigação, assim como as limitações encontradas ao longo do processo, que impactaram a execução e a interpretação dos resultados.

1.2 Objetivo Geral

Analisar o Processo de Iniciação Esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da Experiência Acumulada dos Agentes Pedagógicos.

1.3 Objetivos Específicos

Temos como objetivos específicos quatro itens elencados, a seguir:

- a) Identificar os princípios norteadores do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, a partir das teorias da Pedagogia do Esporte e suas diversas possibilidades pedagógicas e esportivas;
- b) Verificar as estratégias adotadas do programa esportivo pesquisado, no tocante a Gestão Esportiva, Plano de Carreira e Iniciação Esportiva dos Praticantes envolvidos;
- c) Examinar as formas de avaliação realizadas pelo programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, integradas ao planejamento e gestão esportiva, bem como os processos de iniciação esportiva e as diferentes intercorrências no desenvolvimento humano dos praticantes envolvidos; e, finalmente

d) Compreender os desafios enfrentados pelo programa, dificuldades e perspectivas para a continuidade do programa, bem como aspectos relevantes nas questões de gestão esportiva, planejamento estratégico e treinamento e iniciação esportiva em ambiente clubístico.

1.4 Pergunta norteadora do estudo

O programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP apresenta indicativos pedagógicos relevantes na promoção do desenvolvimento esportivo saudável de crianças no contexto do clube socioesportivo?

1.5 Justificativa do estudo

Este estudo justifica-se pela importância de se aprofundar e compreender o processo de desenvolvimento da participação esportiva de praticantes com o objetivo de contribuir para reflexões no processo de Iniciação Esportiva. Analisar o contexto do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, permite que se aprofunde o entendimento sobre o processo de ensino e treino de crianças, considerando o esporte contemporâneo como fenômeno heterogêneo em que a maioria dos praticantes estão na faceta do esporte-participação. A pesquisa realizada possui potencial de contribuição social relevante ao investigar como as práticas esportivas podem se configurar como espaços promotores de formação integral na infância. Em um cenário em que as atividades esportivas desempenham papel central no desenvolvimento humano desde as faixas etárias iniciais, o estudo buscou compreender em que medida programas estruturados com base em princípios educacionais podem ir além da ênfase na performance, ampliando seu foco para experiências formativas mais amplas e significativas.

Ao analisar os princípios norteadores, as estratégias adotadas, a avaliação e os desafios enfrentados pelos envolvidos, o estudo propõe reflexões sobre como as práticas esportivas podem ser aprimoradas e adaptadas para garantir a continuidade do programa e seu impacto positivo a longo prazo.

Em termos de contribuição social, a pesquisa não apenas enriquece o campo acadêmico com uma análise profunda de um programa esportivo específico, mas também oferece subsídios para políticas públicas e para o aprimoramento de práticas em clubes e até mesmo em escolas que visam o desenvolvimento holístico de crianças e adolescentes. Dessa forma, a pesquisa se torna um valioso recurso para impulsionar o uso do esporte como fator de inclusão social, promoção da saúde e, principalmente, como um meio eficaz de promover uma educação integral que prepare as novas gerações para os desafios do futuro.

Em um contexto em que o esporte é frequentemente associado apenas à competição, este estudo reforça a importância de programas que promovam a participação de todos, independentemente das condições socioeconômicas, com base em princípios educativos que respeitem e atendam às necessidades de cada criança. Ressalta-se, nesse sentido, que o Esporte Clube Pinheiros, por contar com uma condição financeira privilegiada, possui maiores possibilidades para fomentar o esporte de forma ampla, favorecendo iniciativas inclusivas e de qualidade. Além disso, ao identificar os desafios enfrentados para a continuidade desses programas e as estratégias utilizadas para superá-los, a pesquisa oferece subsídios para a melhoria da gestão e implementação de programas semelhantes em outros clubes ou instituições, contribuindo para a ampliação do acesso ao esporte como direito universal.

Os jornalistas Carlos Eduardo Mansur e Mariana Fontes do site Globo Esporte publicaram no mês de novembro/2023 duas reportagens que elucidam a gravidade da problemática dos procedimentos inadequados no processo de iniciação esportiva. Durante quatro meses, os profissionais investigaram torneios infantis de futsal no estado do Rio de Janeiro. Foi constatado competitividade em excesso, agressividade e frustrações pessoais de adultos depositadas em seus filhos (as) (Mansur; Fontes, 2023).

Desse modo, durante minha experiência como treinador de basquetebol no contexto do esporte participação, pude presenciar situações como as descritas anteriormente. Tais acontecimentos me deixavam com angústia e revolta perante ao clima desnecessário e tóxico gerado por treinadores, pais, dirigentes, jornalistas, entre outros. Com isso, fui aprofundar meus estudos durante o mestrado na compreensão da organização, funcionamento e dinâmica das escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP na faixa etária de 7 a 12 anos.

Diante do exposto, ao justificar esta pesquisa, percebemos a importância das reflexões acerca da permanente melhora do processo de desenvolvimento esportivo de crianças. Este estudo oferece ações teóricas para intervenções práticas no processo do ensino, vivência, aprendizagem e treinamento infantil. Assim, a intenção é compreender os fatores determinantes para o desenvolvimento da iniciação esportiva, proporcionando uma reflexão pedagógica para todos os agentes envolvidos no processo de Iniciação Esportiva.

1.6 Delimitação da pesquisa

A delimitação desta pesquisa está centrada no programa esportivo desenvolvido no CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, direcionado à faixa etária de 3 a 10 anos. O estudo foca na análise dos princípios norteadores do programa, nas estratégias pedagógicas adotadas, na

avaliação dos participantes e nos desafios encontrados para a continuidade de suas atividades. A pesquisa se concentra especificamente nas percepções e práticas de gestoras e treinadores, por meio de entrevistas realizadas com esses profissionais, com o objetivo de compreender como os aspectos pedagógicos e organizacionais se interrelacionam dentro do contexto da Iniciação Esportiva.

Assim, a pesquisa delimita-se a um único programa esportivo dentro de um clube socioesportivo específico. Assim, a escolha pelo CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP como foco deste estudo justifica-se pelas particularidades do programa, que permite uma análise aprofundada acerca de como um clube com expressividade em nível nacional e reconhecida tradição organiza suas práticas pedagógicas. Essa investigação contribui para ampliar o entendimento sobre modelos de formação esportiva voltados à infância, com especial atenção aos princípios educacionais.

1.7 Limitação da pesquisa

As limitações desta pesquisa estão associadas ao escopo restrito do estudo, que se concentra em um único programa esportivo dentro dos mais diversos clubes no município de São Paulo-SP. Além disso, a análise foi restrita às percepções e experiências dos profissionais envolvidos diretamente no programa, não abrangendo as visões dos próprios participantes (crianças e suas famílias), o que limita a compreensão mais ampla dos efeitos do programa sob a ótica dos beneficiários diretos. A pesquisa também se limita ao período de sua realização, não permitindo avaliar as mudanças ou os impactos do programa ao longo de um tempo mais extenso. O foco em um único programa também pode não contemplar variações significativas que poderiam ocorrer em programas esportivos com características diferentes, como os voltados para outras faixas etárias ou em contextos menos estruturados.

Essas limitações, embora não comprometam o objetivo principal do estudo, restringem a profundidade das conclusões e a capacidade de extrapolar os resultados para outros cenários.

1.8 Estrutura da tese

A tese é composta por cinco capítulos apresentada no Quadro 2. Dessa maneira, o primeiro capítulo é composto pela introdução geral da tese, apontando a relevância do trabalho, as lacunas presentes e a descrição do esporte participação.

O capítulo 2 traz uma revisão narrativa da literatura dos seguintes temas:

* Pedagogia do Esporte e a Participação Esportiva de Crianças;

- *A Concepção do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD);
- * A Participação Esportiva no Contexto do Clube Socioesportivo;
- * A Competição Infantil e a Influência dos Pais no Contexto do Esporte Participação;
- * O Treinador no Contexto do Esporte Participação;
- * O Programa Centro de Aprendizado Desportivo - Clube Pinheiros-SP;

Já o capítulo 3 aborda os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa (métodos e procedimentos). São detalhados os procedimentos de coleta de dados, que envolvem entrevistas com gestoras e treinadores, além da escolha dos participantes e do contexto de investigação. Também são discutidos os critérios utilizados para a análise dos dados, considerando a abordagem qualitativa, que orienta o estudo. O capítulo ainda descreve as opções metodológicas tomadas em relação à construção da pesquisa e à forma de interpretação dos resultados, garantindo transparência e rigor científico na análise do programa e suas práticas pedagógicas.

O capítulo 4 apresenta os resultados do estudo realizado sobre o programa esportivo do CAD- Esporte Clube Pinheiros. Neste capítulo, são analisados os dados obtidos a partir das entrevistas com gestoras e treinadores, com o intuito de entender os princípios norteadores do programa, suas estratégias, a avaliação dos participantes e os desafios enfrentados para a continuidade das atividades. A análise dos resultados é conduzida à luz da Pedagogia do Esporte e do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva.

No capítulo 5, é realizada uma discussão aprofundada dos dados encontrados ao longo da pesquisa. A partir dos resultados, são analisadas as principais questões emergentes, como os princípios pedagógicos adotados, as estratégias utilizadas no programa, as percepções dos participantes e os desafios enfrentados para a continuidade das atividades. A discussão busca compreender de que maneira esses elementos se articulam e refletem as propostas da Pedagogia do Esporte e do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva, destacando suas contribuições e limitações.

Quadro 2. Estrutura e apresentação da tese.

Capítulo 1 - Introdução geral da tese: Introdução, Justificativa científica e social, objetivos, delimitação do estudo, limitação do estudo, definição de termos e estrutura da tese.
Capítulo 2 - Revisão narrativa da literatura * Pedagogia do Esporte e a Participação Esportiva de Crianças; * A Concepção do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD); * A Participação Esportiva no Contexto do Clube Socioesportivo; * A Competição Infantil e a Influência dos Pais no Contexto do Esporte Participação; * O Treinador no Contexto do Esporte Participação; * O Programa Centro de Aprendizado Desportivo - Clube Pinheiros-SP;
Capítulo 3 - Materiais e Métodos
Capítulo 4 – Resultados
Capítulo 5 – Discussão

Fonte: Elaborado pela própria pesquisa.

2 REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

A presente pesquisa fundamentou-se em uma revisão narrativa da literatura, modalidade escolhida por sua adequação aos objetivos propostos e à natureza exploratória do tema. A revisão narrativa, conforme Elias *et al.* (2012), possibilita estabelecer conexões com produções acadêmicas anteriores, identificar temas recorrentes, consolidar áreas de conhecimento e apontar novas perspectivas. Esse tipo de revisão é especialmente útil quando se busca refletir sobre práticas pedagógicas e delinear parâmetros para a formação de profissionais, como destacado por Rocha (1999), sendo, portanto, compatível com o foco deste estudo sobre a iniciação esportiva e a atuação dos agentes pedagógicos.

A escolha dos temas abordados na revisão narrativa da literatura se justifica pela necessidade de compreender, de forma abrangente, os múltiplos fatores que influenciam a participação esportiva de crianças, especialmente em ambientes como os clubes socioesportivos. Partimos da Pedagogia do Esporte como eixo estruturante, pois ela nos oferece uma base conceitual sólida para refletir sobre os processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento esportivo, considerando as especificidades da infância e o papel formativo da prática esportiva nesse período. Nesse sentido, torna-se relevante compreender como se dá a participação esportiva das crianças, não apenas em termos de adesão à prática, mas também de permanência, motivação e experiências vivenciadas.

Nesse contexto, destacamos em nossa revisão, o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD) que embora tenha sido desenvolvido com base em pesquisas realizadas em contextos escolares e universitários, reconhecemos seu potencial como ferramenta teórica para a compreensão de processos mais amplos relacionados à iniciação esportiva. No caso específico deste estudo, cujo cenário é um clube socioesportivo, o MDPD não é aplicado diretamente, mas serve como um referencial que contribui para interpretar as dinâmicas envolvidas na participação esportiva de crianças, independentemente do ambiente em que ocorra. Seu uso, portanto, permite ampliar o olhar sobre as trajetórias de envolvimento esportivo e suas possíveis implicações para o desenvolvimento integral dos praticantes.

Para enriquecer essa compreensão, foram também explorados aspectos específicos que atravessam a vivência esportiva das crianças, como o papel da competição infantil e a influência dos pais nesse processo, bem como a atuação dos treinadores, que ocupam posição central na mediação entre as propostas pedagógicas do clube e as necessidades e interesses das crianças. A articulação desses temas busca, portanto, fornecer uma visão integrada e contextualizada do

esporte participação na infância, contribuindo para uma análise mais aprofundada do fenômeno investigado.

2.1 Pedagogia do esporte e a participação esportiva de crianças

Ao destacarmos em nossa pesquisa a temática da participação esportiva de crianças no ambiente clubístico, faz-se necessário promovermos uma reflexão sobre o fenômeno esporte, a disciplina Pedagogia do Esporte e a participação esportiva de crianças no esporte. Visando uma melhor compreensão de tais termos, este capítulo tem como principal objetivo rever a literatura específica buscando descrever e construir um marco teórico sobre os assuntos descritos anteriormente.

O esporte é um fenômeno sociocultural e um espaço educacional constituído de significados, trocas, encontros e confrontos (Rodrigues Jr.; Silva, 2008), sendo transformador para a vida dos participantes (Sanches; Rubio, 2011). De forma geral, o esporte tem passado por um momento de transição, deixando de ser compreendido como uma prática esportivizada e reduzida (centrada apenas nos gestos técnicos), passando a ser entendido hoje como uma manifestação, que apresenta pluralidade de possibilidades e complexidade (Balbino, Paes, 2005a).

As práticas de atividades esportivas tornam-se cada vez mais crescentes, desta forma, o esporte acaba por tomar um espaço cada vez maior na vida cotidiana das pessoas, especialmente das crianças e dos jovens (Machado; Galatti; Paes, 2014). Sabe-se que a prática de atividades esportivas, quando realizadas com base em um planejamento bem elaborado e pautada no processo de desenvolvimento humano, pode gerar inúmeros benefícios aos participantes, como aderência a prática esportiva (Machado, 2008; Galatti *et al.*, 2014).

Machado, Galatti e Paes (2014) ressaltam que, em um período recente, o esporte se transformou em um fenômeno e tem assumido novos significados, ao se ratificar como fenômeno sociocultural, fazendo parte da vida das pessoas e sendo elemento integrador na sociedade. Segundo os autores, com a sua evolução nos meios de comunicação, principalmente em seu aspecto profissional, vem assumindo grande importância no setor econômico em nível mundial.

Galatti (2010) enfatiza o pensamento que o esporte contemporâneo pode ser considerado um fenômeno sociocultural que se manifesta de forma complexa, estando presente em cenários e contextos diversos e apresentando múltiplos significados de prática como: profissão,

representação, saúde, estética, lazer, socialização e educação. Os autores Machado, Galatti e Paes (2014) destacam que o esporte no início do século XXI tem se configurado com um dos maiores atrativos para adolescentes e crianças, estando presente em diversos segmentos da sociedade.

O esporte como direito de todos foi garantido pelo artigo 217 da Constituição Federal de 1988, que o reconheceu como prática formal e não formal. Apesar de ter sua prática assegurada, até o ano 1993, o esporte permaneceu sem uma lei específica, até a criação da Lei Zico (nº 8.672/1993).

Com essa Lei o esporte passou a ser classificado em três manifestações: o desporto de participação, o de rendimento e o educacional. No primeiro, foi descrito como as práticas de modalidades que têm o intuito de contribuir para a integração dos participantes, bem como o de promover a saúde. No segundo, o conceito de esporte de rendimento foi relacionado à busca pelos resultados e regido pelas leis e normas dos esportes institucionalizados. Já no terceiro, entendeu-se que o desporto educacional é aquele praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, voltado para o desenvolvimento global e para a formação da cidadania.

Em 1998, essa Lei foi substituída pela Lei nº 9.615/1998, em que foi mantido o conceito dessas três manifestações; atualmente, essa é uma das Leis que regula o esporte no Brasil (Tubino, 2010). Diante dessa contextualização do esporte contemporâneo, o professor Tubino (2010) entende o esporte como direito de todos e se manifesta em três dimensões. O Quadro 3, apresentado na pesquisa de Souza (2022), contém as dimensões, bem como as manifestações propostas pelo professor. A dimensão esporte–educação se manifesta em esporte educacional e esporte escolar; já esporte-lazer em esporte, lazer, de participação ou de tempo livre; e, por último, esporte–desempenho ou rendimento, que se manifesta em esporte de rendimento ou de alto rendimento.

Quadro 3. Características das manifestações esportivas

Dimensões	Manifestações Esportivas	Objetivos	Características e público-alvo
Esporte- educação	Esporte educacional	Participação, coparticipação, coeducação, corresponsabilidade e inclusão.	Regras adaptadas aos princípios estabelecidos e premiação adaptadas as premissas educativas, destinadas a crianças, adolescentes e jovens em período de formação, dentro e fora da escola.
	Esporte escolar	Desenvolvimento dos jovens mais aptos ao esporte, sem perder de vista a formação para cidadania.	Regras normais da entidade, valorização da formação integral e de competições esportivas em dosagens adequadas; destinados a jovens com mais habilidades esportivas.
Esporte – lazer	Esporte lazer, de participação ou de tempo livre	Entretenimento e vida ativa (saúde).	Regras normais das entidades (federações), criadas ou adaptadas às circunstâncias; pode ser praticado sem adversário (ex. Ciclismo e skate); destinado a todas as pessoas, independentemente de faixa etária.
Esporte de desempenho ou de rendimento	Esporte de rendimento ou de alto rendimento	Vitória, sucessos, conquistas esportivas, recordes, prêmios e valorização pessoal.	Regras oficiais e institucionalizadas; muitas vezes praticado profissionalmente; dirigido por entidades como confederações e federações; destinados principalmente a talentos esportivos adequados a cada modalidade.

Fonte: Tubino (2010).

Azevedo e Gomes Filho (2011) apontam vantagens na classificação apresentada por Tubino e afirmam ser ela claramente ética, pois foca a oportunidade da prática quando trata do direito ao esporte, do esporte para todos e da inclusão por meio do esporte. A classificação de Tubino é um marco importante no pensamento esportivo brasileiro, principalmente por reconhecer a pluralidade de significados e finalidades do esporte. Contudo, é importante complementá-la com abordagens críticas e interdisciplinares, que considerem as dinâmicas sociais, culturais e políticas que atravessam as práticas esportivas. Dessa forma, evita-se uma visão funcionalista e promove-se uma compreensão mais profunda do papel do esporte na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Avançando nessa crítica a classificação estabelecida pelo professor Tubino, o esporte contemporâneo, em sua diversidade, continua sendo um fenômeno social multifacetado, que se desvia das formas tradicionais e se conecta a várias áreas da vida cotidiana, como a saúde, o

bem-estar, a educação e até a identidade cultural Goellner (2005). Neste contexto, o esporte vai além das dimensões propostas por Tubino (2010), ganhando contornos mais amplos e dinâmicos.

O avanço dos jogos eletrônicos nas últimas décadas desafia e expande essa classificação tradicional, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais atualizada, pois a crescente presença das novas tecnologias e das mídias digitais tem transformado o esporte, não apenas no que diz respeito à performance, mas também nas formas de engajamento e consumo, expandindo seu alcance e influência. Nesse contexto, Almeida (2024) identifica os jogos eletrônicos como um fenômeno em ascensão, que vem se consolidando como uma das formas de entretenimento mais consumidas. O autor, em sua obra *Fundamentos Socioculturais da Educação Física e do Esporte*, destaca dois fatores principais que explicam esse fenômeno: 1) a ampla aceitação, com o Brasil se consolidando como o maior mercado de games na América Latina, e 2) o estreito relacionamento entre o esporte e os meios de comunicação, que intensifica a visibilidade dos jogos eletrônicos. Dessa forma, as discussões sobre o termo “jogo eletrônico” tornaram-se comuns tanto na mídia especializada em videogames quanto no campo esportivo de maneira geral.

Considerando a discussão do esporte contemporâneo, Korsakas *et al.* (2021) criticam as diferentes concepções de “esporte”, as autoras apresentam o esporte em duas possibilidades: uma que coloca o esporte como um meio para alcançar outros direitos, que não o direito ao esporte — uma visão funcional-utilitarista — e, nesta concepção instrumental, reduz o esporte a um “direito acessório”, o que marginaliza e empobrece a prática esportiva. Esta abordagem é denominada, segundo as autoras, “esporte-meio”. Numa outra direção, existe um outro ponto de vista em que o esporte é visto como sendo um direito constitucional; um bem cultural que tem um fim em si mesmo, ou seja, como uma necessidade em si para uma vida digna, tal qual seu papel enquanto direito. Este é o “esporte-fim”.

O esporte é apontado como dos principais fenômenos socioculturais do século XXI (Bento, 2013). Faz parte da vida de pessoas que realizam alguma prática esportiva, mas, sobretudo, também permeia várias esferas de atuação, estando presente, de diferentes formas, no cotidiano de pessoas de diversas idades, sexos, regiões, crenças e culturas (Barbanti, 2011). O esporte possui o poder de reunir sonhos, derrotas e conquistas, e tem a capacidade de proporcionar uma nova realidade social para seus praticantes, além de promover o equilíbrio entre as esferas escolar, familiar e esportiva (Santos *et al.*, 2019).

Exemplificando tal situação, não podemos abordar as áreas da saúde, educação e economia sem considerarmos determinadas relações com o esporte (Marques *et al.*, 2014). Mesmo que vislumbremos o esporte de forma ampla, este segue, em essência, sendo composto por pessoas e acontecendo na complexidade das relações humanas (Ferreira *et al.*, 2013).

Diante dessa ideia de entendimento do fenômeno, Paes (2022) elucida o esporte contemporâneo e o aumento de modalidades olímpicas. Para exemplificar tal situação, na Olimpíada de Tóquio-2020, foram incluídos os seguintes novos esportes: skate, surfe, basquete 3x3, escalada esportiva, karatê e beisebol/softball. O autor, ao promover uma reflexão sobre a inclusão dessas modalidades, observou que quatro modalidades (skate, surfe, basquete 3x3 e escalada esportiva) destas seis incluídas são práticas de acentuado caráter lúdico, ou seja, uma das características marcantes do esporte participação e que surgiram sem exigências de espaço físico. A rigor, a origem dessas práticas são a rua, o mar e a natureza e a disseminação dessas modalidades são decorrentes de cinco movimentos: 1) junção de modalidades; 2) transição de jogos e brincadeiras para o esporte; 3) “esportivização” de práticas do lazer; 4) variações e adaptações de práticas; e 5) exploração da natureza Paes (2022).

O Quadro 4 apresenta exemplos de manifestações corporais que passaram pelo processo de transformação, tornando-se novas modalidades esportivas institucionalizadas, sendo que algumas tornaram-se olímpicas.

Quadro 4. Exemplos de manifestações corporais que se tornaram modalidades esportivas

MOVIMENTO	NOVA MODALIDADE
Junção de modalidades	Futevôlei; pickleball; teqball
Transição de jogos e brincadeiras para o esporte	Double dutch (corda dupla), 3x3 (basquetebol), tchoukball.
“Esportivização” de práticas do lazer	Skate, surf, vôlei de praia
Variações e adaptações de práticas	Beach tênis, futebol de 7
Exploração da natureza	Escalada esportiva, trekking de regularidade

Fonte: Paes (2022, p. 21).

O mesmo autor, nessa perspectiva do desenvolvimento humano e pluralidade do fenômeno esporte, afirma que o fenômeno é um importante fator que contribui para a formação

integral do indivíduo, desde que haja intencionalidade e que seja dado tratamento pedagógico, havendo coerência no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento.

Para que o esporte desempenhe esse papel formativo, é necessário que ele seja compreendido além de sua dimensão técnica ou de rendimento, considerando suas possibilidades educativas, sociais e culturais. O esporte deve ser pensado como prática social mediada por valores, experiências e significados, que, quando orientados pedagogicamente, podem favorecer o desenvolvimento de competências essenciais para a vida em sociedade, como a cooperação, o respeito à diversidade, a autonomia e o senso crítico (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009).

É nessa perspectiva que o ambiente esportivo se configura como um espaço privilegiado para a construção de aprendizagens significativas, desde que conduzido com responsabilidade ética e intencionalidade educativa. É preciso pensar no esporte em sua totalidade, como um instrumento capaz de produzir conhecimentos, saberes e valores disponíveis culturalmente. Com isso, almeja-se realizar, na humanidade, a humanização dos seres humanos (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009).

Diante dessa contextualização do esporte contemporâneo, abrangência do fenômeno esporte e considerando o ambiente de nossa pesquisa - o clube socioesportivo- Paes (2022) destaca que, apesar de presenciarmos o modelo “clubístico”, o acesso ao esporte continua sendo restrito aos talentosos ou aos sócios dos clubes. O autor aborda que não se trata de excluir o talento, mas sim incluir aquele praticante que não é considerado um destaque esportivo. Logo, diante dessa perspectiva, é imprescindível estudarmos programas de esporte participação, especialmente aqueles voltados às faixas etárias iniciais, pois, conforme destacado anteriormente, essa vertente envolve uma diversidade de experiências formativas que vão além da performance, priorizando o desenvolvimento global dos praticantes em suas dimensões físicas, emocionais, sociais e cognitivas.

Sob essa ótica de fornecer um tratamento pedagógico adequado as fases iniciais de aprendizagem, nossa pesquisa aborda o esporte participação no contexto do programa do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. A necessidade de aprofundamento dessa temática torna-se evidente à medida que, em determinados contextos, o esporte infantil é conduzido com cargas excessivas de treinamento e que atribui responsabilidades adultas às crianças, como horários rígidos dos treinos e fins de semana repletos de competições, sem sobrar muito tempo para brincadeiras livres ou outras atividades infantis (Korsakas *et al.*, 2021).

É importante verificar como trabalhar os praticantes de acordo com a fase do desenvolvimento humano, pois muitas vezes a aderência e o gosto por determinada atividade física são iniciados durante a infância (Weinberg; Gould, 2017). Além disso, em se tratando da aprendizagem desses esportes que se tornam mais acessíveis pelas crianças e adolescentes, Freire (2002) enxerga o fenômeno sociocultural (esporte) de forma ampla, demonstrando que o processo de ensino deve superar as questões voltadas somente à aprendizagem de gestos esportivos. Assim, quando se ensina os esportes, deve-se ensinar mais que o próprio esporte, deve-se ensinar a gostar do esporte.

Ao propormos a prática orientada no ambiente clubístico, destacamos a Pedagogia do Esporte (PE) - área (ou disciplina) das Ciências do Esporte que investiga o processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento, tratando de temas como a organização, sistematização, aplicação e avaliação das diferentes práticas esportivas (Galatti *et al.*, 2014). Considerando a variedade de estudos que se inserem nessa disciplina, é possível notar que diferentes autores têm apontado a necessidade de um processo de ensino das práticas esportivas que seja comprometido com a responsabilidade da participação esportiva de crianças no esporte (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009).

Bento (2013) conceitua a Pedagogia do Esporte proveniente da pedagogia geral e da ciência do desporto, com as finalidades tanto de desenvolver perspectivas pedagógicas, quanto de direcionar o sentido do desporto para formação e educação do praticante. A exigência de busca pelos altos rendimentos esportivos levou as atenções essencialmente para processos de treinamento e de planejamento estratégico ligado a competições, desvalorizando em algumas situações, as questões de ordem educacional, sendo que uma não deveria excluir a outra, mas contextos que deveriam ser desenvolvidos com igual importância.

Nessa perspectiva do campo educacional, entendemos o clube socioesportivo como um ambiente propício à promoção de práticas educativas. Segundo Gohn (2005), a educação não formal, ou seja, aquela que acontece fora da escola, é caracterizada pela intencionalidade presente nas ações, no envolvimento dos participantes, no processo de aprendizagem e na troca de conhecimentos. Dessa maneira, sua estrutura pode contribuir significativamente como apoio ao modelo tradicional de ensino. A partir dessa perspectiva, é possível refletir sobre a falta de articulação entre escola e clube, uma lacuna que merece ser explorada com mais profundidade, visto que essas instituições poderiam atuar de forma complementar na formação de crianças e adolescentes.

Desse modo, podemos afirmar que, embora a educação não formal ocorra fora do

ambiente escolar, ela também precisa ser planejada e estruturada. No cenário atual, os clubes socioesportivos ainda não se reconhecem plenamente como espaços de desenvolvimento educacional. No entanto, como já discutido, o processo educativo deve acontecer também fora das instituições formais. Um dos fatores que reforça essa necessidade é a rapidez com que as informações circulam no mundo contemporâneo, o que evidencia que a escola não deve ser a única responsável pela produção do saber, mas sim uma aliada na formação de indivíduos críticos e participativos (Sousa, 2018).

Diante desse panorama de constantes mudanças, Gohn (2005, p. 92) destaca a importância de criar espaços educativos que contribuam para uma formação integral do ser humano, oferecendo conteúdos que vão além do currículo escolar tradicional.

Portanto, compreender a PE como o campo que investiga a prática educativa no esporte, nos leva a perceber uma nova tendência, que vê o esporte como meio facilitador no processo de formação integral do indivíduo. Sendo assim, podemos afirmar que o esporte deve ser percebido a partir do sujeito que o transforma (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009).

Considerando essa tendência do envolvimento das crianças nas mais variadas práticas esportivas, Machado (2012) ressalta que uma das aplicabilidades da pedagogia do esporte é contribuir para que seja possível criar ambientes favoráveis ao desenvolvimento no processo de ensino, vivência e aprendizagem, com a finalidade de estruturar uma prática educativa que se baseie em ações intencionais e planejadas, que considere sempre o desenvolvimento humano e a formação do homem que vive em sociedade. A autora defende a importância de uma pedagogia que considere integralmente o processo de desenvolvimento humano, voltada à formação de sujeitos capazes de usufruir e transformar a sociedade de forma coletiva. Nesse contexto, o esporte é compreendido como um meio potencialmente educativo, não apenas por favorecer o aprimoramento das habilidades motoras, mas também por contribuir significativamente para o desenvolvimento moral, social, afetivo e cognitivo dos indivíduos.

Balbino e Paes (2005) destacam que os estudos que envolvem a Pedagogia do Esporte marcam a evolução nesse campo do conhecimento e, nesse sentido, sinalizam para a importância de novas formas de se pensar a pedagogia do esporte. Os autores propõem quatro pontos fundamentais que devem sustentar as propostas pedagógicas no ambiente da iniciação esportiva: a inclusão, a diversidade, a cooperação e a autonomia. Além disso, aspectos que envolvem as inteligências e a criatividade, a capacidade de encontrar soluções eficientes para situações de imprevisibilidade, a integração com outros jogadores, a reflexão sobre a prática,

entre diversos outros fatores, fica limitados quando o praticante é submetido apenas à repetição de movimentos descontextualizados.

Diante dessa perspectiva de desenvolvimento integral, a Pedagogia do Esporte se configura como um campo de conhecimento dinâmico e em constante evolução, que busca integrar práticas pedagógicas e esportivas. Estudiosos dessa área, em especial, o Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte da Faculdade de Educação Física da Unicamp (GEPESP) coordenado pelo professor Roberto Rodrigue Paes, propõe uma perspectiva que vai além da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade, avançando para o conceito de transdisciplinaridade.

Enquanto a **multidisciplinaridade** envolve a contribuição de diferentes disciplinas de maneira paralela e independente, e a **interdisciplinaridade** propõe a interação e a integração entre essas disciplinas dentro de um determinado contexto, a **transdisciplinaridade** se distingue ao buscar uma superação das fronteiras entre as disciplinas Iribarry (2003). Ela não só envolve o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, mas também integra saberes e práticas de diferentes campos em um processo de construção coletiva e compartilhada, visando uma compreensão mais ampla e holística dos fenômenos estudados (Oliveira; Nunes, 2009).

No caso da Pedagogia do Esporte, a transdisciplinaridade permite que essa abordagem não se limite ao simples uso de conceitos de áreas como Educação Física, Psicologia, Sociologia, Filosofia e Pedagogia, mas que, ao contrário, essas áreas se interpenetrem e sejam reformuladas pela prática pedagógica no contexto esportivo. A transdisciplinaridade, portanto, não se trata apenas de aplicar métodos de diferentes campos do saber, mas de construir novas formas de entendimento e intervenção pedagógica, adaptadas às realidades vividas pelos participantes do esporte.

Atualmente, a transdisciplinaridade tem se destacado como objeto de reflexão em diferentes campos do conhecimento (Iribarry, 2003). Essa abordagem propõe o reconhecimento da complexidade inerente às práticas esportivas, especialmente no contexto do desenvolvimento de crianças e adolescentes, valorizando não apenas os aspectos técnicos e de performance, mas também as dimensões sociais, emocionais e cognitivas envolvidas. Tal perspectiva é evidenciada no programa esportivo analisado nesta pesquisa, cuja proposta formativa vai além do desempenho, integrando múltiplas dimensões do desenvolvimento humano. A Pedagogia do Esporte com foco na transdisciplinaridade não apenas promove o

desenvolvimento de habilidades esportivas, mas contribui para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e preparados para lidar com os desafios da vida cotidiana.

Neste sentido, diante do objetivo de nossa pesquisa, analisar o processo de iniciação esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da experiência acumulada dos agentes pedagógicos., é preciso ampliar e garantir a possibilidade dos praticantes vivenciarem o esporte de acordo com seus interesses e necessidades, pois podemos afirmar que o esporte, atualmente, está inserido em diferentes contextos (Marques; Almeida; Gutierrez, 2008) e, conseqüentemente, pode possuir diferentes sentidos (Galatti *et al.*, 2014), dentre eles a participação esportiva de crianças, foco de nossa pesquisa.

Diante disso, nosso esforço em defender uma pedagogia do esporte no ambiente do clube socioesportivo voltada não somente aos aspectos motores, mas também aos aspectos filosóficos, sociais, psicológicos e cognitivos. Para reforçamos tal aspecto, a literatura aborda três referenciais da Pedagogia do Esporte que auxiliam os profissionais envolvidos no esporte. Apresentaremos -os de forma sucinta a seguir.

Autores que discutem a temática destacam três referenciais: o técnico-tático, o socioeducativo e o histórico-cultural Paes (1996), Galatti *et al.* (2008), Machado (2012) e Machado, Galatti e Paes (2014). O Referencial Técnico-Tático trata da lógica técnica e tática das modalidades esportivas. O Referencial Socioeducativo aborda a importância que se crie um ambiente agradável, para que se compreendam valores e modos de comportamento, questões atitudinais e valores agregados às práticas corporais. Por último temos o Referencial Histórico-cultural, em que Machado (2012) aponta a necessidade que os praticantes têm para acesso ao conhecimento de elementos históricos e culturais do esporte, promovendo desta forma um significado crítico das práticas esportivas.

Desse modo, a pedagogia do esporte orienta-se nas expectativas e as aspirações dos praticantes, preocupando-se o seu potencial individual, bem como suas limitações, oferecendo acesso a diferentes modalidades esportivas no período inicial da aprendizagem e não restringindo a criança a apenas uma modalidade esportiva (Manoel, 1994; Paes; Balbino, 2002; Ferreira; Galatti; Paes, 2008; Machado; Galatti; Paes, 2014).

Considerando o pensamento acima de ampliar o número de modalidades esportivas praticadas pelas crianças, Sousa (2018) em sua dissertação de mestrado, ao diagnosticar as modalidades esportivas oferecidas pelos clubes de Campinas-SP na faixa etária de 7 a 12 anos, constatou que dos nove clube pesquisados que apenas dois deles oferecem a “pré-modalidade”,

ou seja, ocorre um enfraquecimento no processo de preparação geral para o ingresso nas escolas de esportes. Com isso, a não diversificação de movimentos que é algo essencial no ensino das chamadas pré-modalidades, proporciona um ensino tradicional, fragmentado e descontextualizado das possibilidades do esporte contemporâneo.

Diante dessa crítica ao modelo tradicional, Reverdito, Collet e Machado (2022) destacam que um dos principais desafios da Pedagogia do Esporte é a transferência do conhecimento dessa área para o campo prático, ou seja, nas metodologias para o ensino dos jogos esportivos coletivos, muitos professores(as) e treinadores(as) ainda utilizam a fragmentação do jogo em partes para posterior transferência ao jogo, configurando-se em uma abordagem tradicional de ensino (Graça; Mesquita, 2006). Essa abordagem que orienta os métodos tradicionais de ensino tem como pressuposto a aprendizagem em partes, para depois chegar ao todo, descontextualizando inicialmente as ações de jogo em fundamentos isolados e individualizados, para depois serem solicitados em um ambiente extremamente complexo que é o jogo formal.

Os autores Reverdito, Collet e Machado (2022) relatam que, apesar de um conjunto de evidências científicas que destacam a importância de se estimular uma aprendizagem contextualizada, estruturar um processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento no esporte que seja centrado no aluno e pautado no jogo ainda é um grande desafio para treinadores e treinadoras, em diferentes contextos de prática esportiva. O ensino do esporte, amparado pelas novas tendências em Pedagogia do Esporte, transcende uma escolha aleatória e arbitrária dos jogos. Dessa forma, é necessário realizar a transferência do conhecimento, ou ainda mais, sua corporificação e interlocução com a prática pedagógica (Reverdito; Collet; Machado, 2022).

Sendo assim, maiores compreensões da pedagogia do esporte são importantes para a melhora da prática pedagógica em diferentes contextos, ocasionando uma valorização dessa área. Perez, Reverdito e Scaglia (2008) afirmam que mesmo com os progressos expressivos dessa área e reforçando a sua contribuição incontestável, muito ainda se faz necessário para começar a revelar uma pedagogia do esporte comprometida com a prática pedagógica. Os autores afirmam que dois fatores contribuiriam significativamente para que a prática pedagógica permanecesse marginalizada no esporte: i) os professores incumbidos de ensinar esportes não acreditavam suficientemente que esporte se ensina, pautando-se em ideias tecnicistas e ii) a distância exorbitante entre o que os professores acreditam estar ensinando e como estão ensinando, devido à insuficiente compreensão das implicações próprias que cercam o ato de ensinar (Perez; Reverdito; Scaglia, 2008).

Corroborando esse pensamento, Berger, Ginciene e Leonardi (2020) ressaltam que apesar do modelo teórico do esporte se baseie numa proposta que vise à promoção do desenvolvimento dos praticantes, percebe-se que a transição desses objetivos para a prática intencional ainda carece de orientações.

Assim, diante de tal problemática e para fornecer uma maior solidez teórica ao nosso estudo, consideramos essencial apontarmos algumas propostas para o ensino esportivo que foram desenvolvidas nas mais variadas partes do mundo. Tais concepções foram apontadas no estudo de Bettega *et al.* (2021):

- **Teaching Games for Understanding (TGfU):** Bunker e Thorpe (1982);
- **Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos:** Garganta (1994);
- **Praxiologia Motriz:** Parlebas (1996);
- **Tactical Approach:** Griffin, Mitchell e Oslin (1997);
- **Escola da Bola:** Kroger e Roth (2002);
- **Game Sense:** Light (2004);
- **Tactical Decision-Making Approach:** Gréhaigne, Wallian e Godbout (2005);
- **Modelo de Competência:** Graça *et al.* (2006);
- **Pedagogia Não Linear:** Chow *et al.* (2006);
- **Developmental Model of Sport Participation:** Côté; Erickson; Abernethy (2013).

Num contexto nacional, Bettega *et al.* (2021) apontam algumas obras de estudiosos com notoriedade no ensino esportivo, como:

- **Iniciação Esportiva Universal:** Greco e Benda (1998);
- **Pedagogia do Futebol:** Freire (2002);
- **Pedagogia do Desporto:** Tani (2006);
- **Pedagogia do Esporte: especialização esportiva precoce:** Paes (2006);
- **Modalidades Esportivas Coletivas:** Rose Jr. (2006);

Esses importantes autores e suas inúmeras obras, no Brasil e no exterior, foram essenciais para o avanço de questões relacionadas com o ensino esportivo e especialmente na

Pedagogia do Esporte. Além disso, mesmo que a Pedagogia do Esporte apresente diferentes aspectos em nosso estudo buscamos compreender as ideias da Pedagogia do Esporte pautadas na participação esportiva de crianças. Diante dessa manifestação do esporte, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) elaborou um documento no ano de 2022 que detalha o caminho que atletas percorrem desde a iniciação, passando pelas categorias de base, ingressando no esporte de alto rendimento, até a transição para uma nova carreira. O detalhamento de todo esse documento servirá como referencial para todo sistema esportivo nacional. A iniciativa tem o apoio do Programa Solidariedade Olímpica, do Comitê Olímpico Internacional (COB, 2022).

Ao aproximarmos em nosso estudo a Pedagogia do Esporte e a participação esportiva de crianças, o documento apresentado pelo COB foi elaborado por uma equipe de 13 especialistas em Pedagogia do Esporte visando integrar o campo prático e área acadêmica. Além de uma análise aprofundada do cenário nacional, a publicação reúne as principais tendências atuais sobre o desenvolvimento esportivo no mundo. O COB se inspirou em modelos de grandes potências esportivas, como Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Reino Unido para elaboração do projeto (COB, 2022).

O Modelo de Desenvolvimento Esportivo do COB está dividido em duas seções. A primeira dedicada a discutir o desenvolvimento de atletas sob uma perspectiva holística, enquanto a segunda é voltada à formação continuada do treinador, apresentando ferramentas para que se possa investir nas suas carreiras e conduzir da melhor maneira a formação das próximas gerações (COB, 2023).

A Figura 1 apresenta a ideia de desenvolvimento esportivo em longo prazo estabelecido pelo COB denominada Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA). São sete etapas que se interligam por meio de períodos de transição, que devem se somar às especificidades de cada modalidade e características pessoais dos praticantes. São elas:

- 1) Experimentar e Brincar (até os 8 anos de idade)
- 2) Brincar e Aprender (6 aos 12 anos de idade)
- 3) Aprender e Treinar (9 aos 16 anos de idade)
- 4) Treinar e Competir (14 aos 23 de idade)
- 5) Competir e Vencer (18 aos 25 anos de idade)
- 6) Vencer e Inspirar (22 aos 40 anos de idade)

7) Inspirar e Reinventar-se

Figura 1. Caminho de Desenvolvimento de Atletas (CDA)



Fonte:

COB (2023).

O Caminho de Desenvolvimento de Atletas proposto pelo COB, segue na perspectiva de que desenvolvimento de atletas é um processo complexo e em longo prazo, composto por diversas etapas que se interrelacionam, cada uma com suas particularidades, além dos diferentes fatores relacionados ou não ao ambiente esportivo, e das individualidades de cada atleta. É importante que as características dessas etapas sejam respeitadas integrando as dimensões física, psicológica e social no desenvolvimento de atletas saudáveis, competentes e resilientes, com possibilidades mais altas de uma prolongada carreira no esporte de elite (COB, 2022).

Portanto, entendemos ser essencial apontar em nossa pesquisa tal documento para comprovarmos a harmonia dos procedimentos metodológicos do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP com a proposta do CDA. A seguir apresentaremos as etapas um, dois e três por serem elas o foco de nosso estudo.

Etapa 1 (até 8 anos) - Experimentalar e Brincar

Objetivos: i) Prazer e motivação para envolvimento com práticas corporais variadas - ii) Desenvolver competências corporais básicas e diversificadas- iii) Relacionamento saudável e amistoso com pares e adultos.

Etapa 2 (6 a 12 anos): Brincar e Aprender

Objetivos: -i) Prazer e motivação pela prática; -ii) Desenvolvimento de competências corporais amplas e diversificadas que permitam envolvimento com a prática esportiva com criatividade e autonomia; -iii) relacionamento saudável e amistoso com pares e adultos.

Etapa 3 (10 a 16 anos): Aprender e Treinar

Objetivos: -i) Desenvolver competências esportivas específicas da modalidade praticada; -ii) Prática de valores do esporte em treinamento e competição; -iii) desejo de ingressar no esporte de alto rendimento de acordo com indicadores específicos da modalidade; -iv) desejo de prosseguir na prática esportiva de participação para aqueles que não demonstrem potencial para o rendimento.

Diante desse documento do CDA e pensando na divulgação da mesma aos diversos profissionais envolvidos no processo de Iniciação Esportiva, foi realizado em setembro de 2023 o COB Expo na cidade de São Paulo. Tal evento reuniu profissionais do meio acadêmico, gestores, atletas, ex-atletas, indústria, praticantes e fãs do esporte com o objetivo de propiciar trocas de experiências, relacionamento, educação, performance e negócios (COB, 2023). O conceito do encontro nasceu com a experiência do Congresso Olímpico Brasileiro, realizado em anos anteriores. A proposta apresentada do Comitê Olímpico Brasileiro está em sintonia com o Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva (MDPD) proposto por Côté (1999). A seguir apresentaremos o eixo central dessa proposta relacionando-a com o objeto de estudo de nossa pesquisa, ou seja, o CAD – Clube Pinheiros-SP.

2.2 A concepção do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD)

Como mencionado anteriormente, o MDPD tem suas origens na pesquisa de Côté (1999). Esse modelo adota uma abordagem que considera a influência do contexto social na participação esportiva das crianças, envolvendo não apenas o professor ou treinador, mas também a própria criança e a família (Côté, 1999). O MDPD é adequado para apoiar a diversidade do fenômeno esportivo, reconhecendo os diferentes caminhos que a formação

esportiva pode seguir. Ele vai além da visão predominante que define o sucesso no esporte apenas por aqueles que alcançam a elite competitiva (Souza; Vicentini; Marques, 2020).

Para entender a influência do contexto, o pesquisador canadense Jean Côté entrevistou famílias de atletas profissionais talentosos e habilidosos, observando estágios semelhantes de envolvimento com o esporte ao longo da vida desses atletas. Um desses estágios é o "sampling years" (anos de experimentação), que ocorre entre os 6 e 11 anos, e é caracterizado pela participação em diversos jogos e brincadeiras, com pouca prática deliberada e a experimentação de vários esportes.

O estágio seguinte *specializing years* (anos de especialização) entre os 12 e 14 anos deve apontar um equilíbrio entre brincadeiras e treinamentos, além de menos envolvimento em diversos esportes. O estágio de *investment years* (anos de investimento), entre 14 e 17 anos, é caracterizado pela presença de muita prática deliberada, poucos jogos e brincadeiras e o direcionamento para apenas uma modalidade. Vale salientar que os autores afirmam que a excessiva quantidade de prática deliberada, a não utilização de jogos e brincadeiras e a prática de apenas uma modalidade podem gerar o abandono do esporte (Côté, 1999).

A partir dos estágios de experimentação, especialização e investimento, as crianças podem seguir diferentes trajetórias na participação esportiva. Elas podem optar por continuar no esporte com o foco no desempenho, buscar a prática esportiva de forma recreativa visando a promoção de um estilo de vida saudável, ou até mesmo interromper a participação devido a fatores como falta de motivação ou o desenvolvimento das habilidades, que são considerados aspectos cruciais para manter o engajamento com a prática (Silva, 2020).

Reforçando os conceitos de jogo deliberado e prática deliberada, Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993), ao analisarem essa última, observaram que músicos considerados bem-sucedidos, durante sua formação, participaram de atividades que exigiam grande esforço, com o principal objetivo de melhorar seu desempenho, em vez de focar no divertimento, desde os primeiros anos de treinamento. Côté (1999) adaptou essa definição para o contexto esportivo, sugerindo que práticas deliberadas são atividades de treinamento realizadas com o intuito de aprimorar o desempenho. Por esse motivo, essas práticas demandam esforço físico e/ou cognitivo, sendo fundamentais para o desenvolvimento de habilidades específicas (Souza; Vicentini; Marques, 2020).

Quanto ao jogo deliberado, Côté (1999) sugere este conceito através de uma adaptação do mesmo para o contexto esportivo, considerando algumas características componentes do

conceito de jogo propostas por Peter Smith *et al.* (1985): estimula a motivação intrínseca; é realizado por vontade própria do participante; tem afeto positivo por estimular comportamentos relacionados ao divertimento; não é restrito aos mais habilidosos; tem significados/fins, pois a preocupação está no processo e não nos resultados; é flexível, por haver variação de comportamento do participante de acordo com o contexto em que está inserido.

Nessa mesma perspectiva do entendimento da motivação intrínseca, Winterstein e Venditti Jr (2009) ressaltam que ela favorece a obtenção de consequências positivas dos pontos de vista afetivo, cognitivo e comportamental. Desse modo, o jogo deliberado é definido por Côté (1999, p. 412) como: “uma forma de atividade esportiva que envolve atividades físicas de desenvolvimento precoce que são intrinsecamente motivadoras, proporciona gratificação imediata e são projetadas especialmente para maximizar o prazer”. O Quadro 5 aponta as diferenças entre jogo deliberado e prática deliberada.

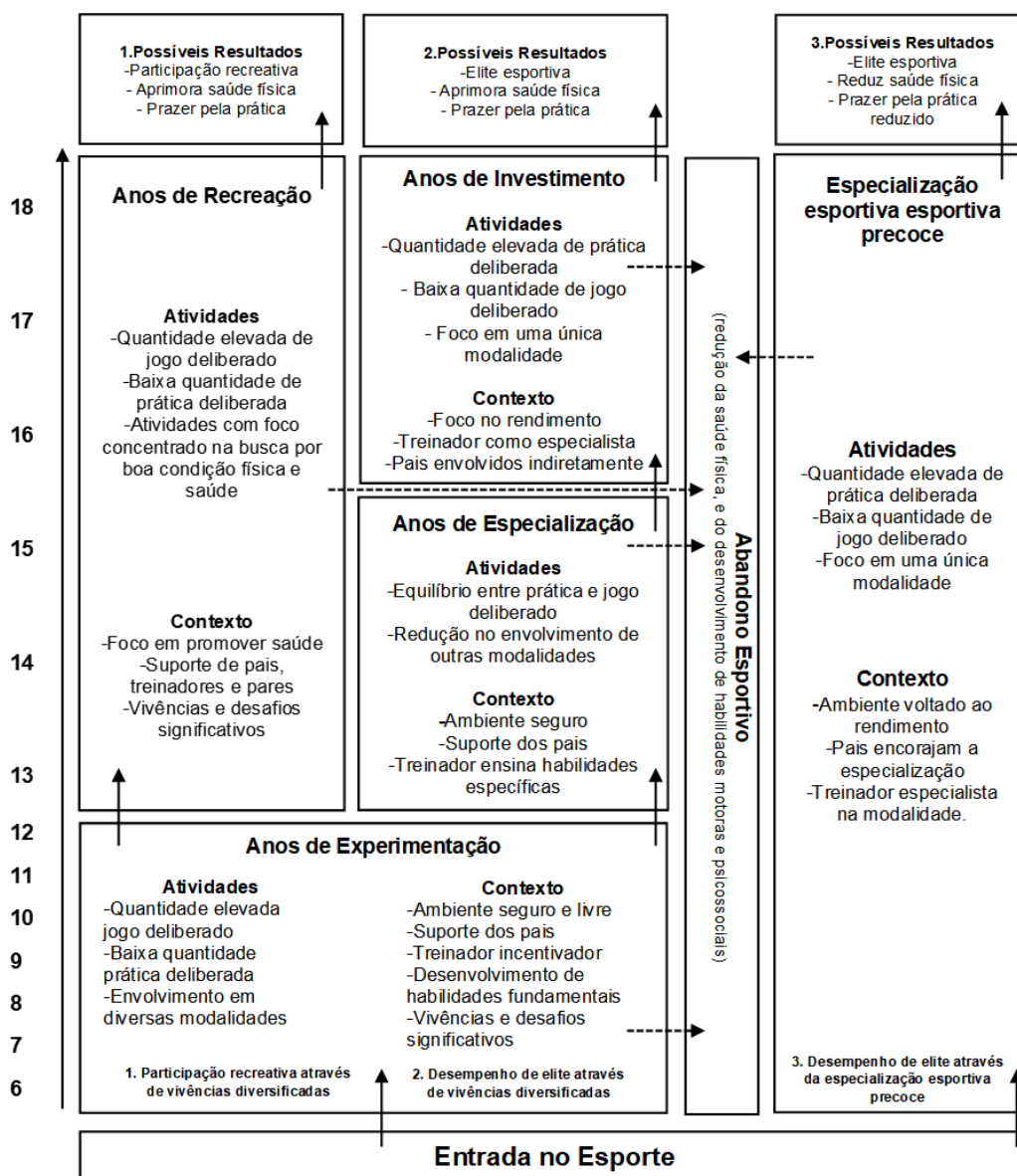
Quadro 5. Diferenças jogo deliberado e prática deliberada

Jogo Deliberado	Prática Deliberada
Realizado para seu próprio bem	Realizada para alcançar objetivo futuro
Agradável	Não necessariamente agradável
Simula-se qualidade	Realizada com seriedade
Interesse no comportamento	Interesse no resultado do comportamento
Flexibilidade	Regras explícitas
Envolvimento adulto não requerido	Envolvimento adulto frequentemente requerido
Ocorre em vários ambientes	Ocorre em ambientes especializados

Fonte: Traduzido e adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2007).

Diante dessa perspectiva de distribuição do jogo deliberado e prática deliberada, os autores avançam a discussão para a possibilidade de se atingir o esporte de elite por meio especialização esportiva precoce, apontando seus riscos. Na Figura 2, são apresentadas as formas de desenvolvimento da participação esportiva. São elas: participação recreativa pela diversificação de vivências ou experiências, desempenho de elite pela diversificação de vivências em diferentes modalidades esportivas, desempenho de elite pela especialização esportiva precoce.

Figura 2. Formas de desenvolvimento da participação esportiva.



Fonte: Coté; Fraser-Thomas (2007).

Conforme discutido ao longo deste estudo e ilustrado na figura acima, os processos de formação esportiva baseados na especialização precoce desconsideram os anos de experimentação e estão associados a uma série de efeitos negativos. No entanto, observa-se que, em alguns contextos, é possível alcançar altos níveis de desempenho esportivo utilizando esse modelo, embora as probabilidades de abandono da prática esportiva aumentem devido à diminuição da saúde e do prazer na prática (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

Ao apontarmos anteriormente, a necessidade do oferecimento de práticas esportivas condizentes com as fases de desenvolvimento da criança, pesquisamos algo que o programa

pesquisado preconiza: a necessidade que a Iniciação esportiva receba um tratamento sistematizado e organizado, planejado e avaliado.

Desta forma, analisar a participação esportiva durante a fase de combinação dos movimentos, torna-se fundamental para compreender a variabilidade do comportamento do movimento entre os sujeitos, dada as diferenças entre as práticas esportivas e os aspectos motores.

Defendemos em nossa investigação, a ideia que a diversificação é um caminho compatível para o processo de ensino e treino de crianças, pois tal pensamento tem sido suportado por várias pesquisas em diferentes modalidades esportivas: por exemplo, no hóquei em campo, basquetebol (Baker; Côté; Deakin, 2006), tênis (Côté, 1999; Bloom, 1985), triatlo (Baker; Côté; Deakin, 2006), remo (Côté, 1999) e voleibol (Leite; Baker; Sampaio, 2009).

Ainda assim, o MDPD contempla igualmente a possibilidade de se atingirem elevados níveis de desempenho através de uma especialização precoce num único esporte, o que de resto tem vindo a ser promovido por um desporto de competição que, cada vez mais profissionalizado e condicionado por grandes interesses económicos, se tem tornado mais elitista e enfatizado a seleção e especialização dos jovens em idades cada vez mais baixas (Côté; Hay, 2002), independentemente das eventuais vantagens e desvantagens decorrentes da sua exposição a esses padrões de treino.

Concebendo a ideia apontada anteriormente, em contextos que privilegiem a especialização na fase de experimentação, tal procedimento parece relacionar-se com o abandono e “burnout” (Fraser-Thomas; Côté; Deakin, 2008; Gould, Tuffey, Udry & Loehr, 1996; Wall; Côté, 2007) e, independentemente de poder contribuir para performances de excelência, associa-se a uma maior prevalência de esgotamento físico e emocional (Strachan *et al.*, 2009) e de lesões (Law; Côté; Ericsson, 2007), limitando a duração das carreiras dos atletas. Por exemplo, os autores, Lima *et al.* (2022), em seu estudo sobre a trajetória de atletas da seleção brasileira feminina de Handebol que foram campeãs no mundial da Sérvia em 2013, destacaram que puderam desfrutar da participação em atividades diversificadas, caracterizada pela prática espontânea em ambientes públicos durante a infância e atividades esportivas sistematizadas na escola. Portanto, as brasileiras campeãs mundiais de handebol não foram especializadas precocemente na modalidade.

Outras pesquisas corroboram com a descrita anteriormente: nacionais (Beneli; Galatti; Montagner, 2017; Santana; França; Reis, 2007) e internacionais (Côté; Baker; Abernethy, 2007;

Ekengren *et al.*, 2020; Subijana *et al.*, 2020; Wylleman; Alfermann; Lavallee, 2004). Os estudiosos (Motta *et al.*, 2021) em sua pesquisa com seis atletas de nível internacional da modalidade squash, concluíram que a diversificação de atividades foi um elemento comum identificado na fala dos seis participantes.

Diante dessa perspectiva de proporcionar ao praticante um ambiente seguro, acolhedor e motivante, estudos direcionados ao MDPD (Côté; Lidor; Hackfort, 2009, p. 11-14) apresentaram sete postulados para uma participação contínua dos praticantes:

1- Uma diversificação inicial não atrapalha a chegada ao alto nível em modalidades esportivas onde os atletas apresentam o pico de rendimento em idades posteriores ao período pubertário.

2- A diversificação inicial (experimentação) está ligada a uma carreira esportiva mais longa e tem implicações positivas para um envolvimento de longo prazo com o esporte.

3- Uma diversificação inicial proporciona uma série de contextos que afetam positivamente o desenvolvimento na juventude.

4- Grandes quantidades de jogo deliberado durante os anos de experimentação constroem uma sólida fundamentação de motivação intrínseca através de atividades que são prazerosas e promovem regulação intrínseca.

5- Uma grande quantidade de jogo deliberado durante os anos de experimentação proporciona uma variedade de experiências motoras e cognitivas que a criança pode se valer na escolha de sua modalidade de interesse.

6- Por volta dos 13 anos, as crianças deveriam ter a oportunidade de escolher sua modalidade favorita para se especializarem ou participarem do esporte em um nível que objetive a recreação.

7- Adolescentes por volta dos 16 anos já possuem desenvolvidos os componentes físicos, sociais, cognitivos, emocionais e motores para investir em uma alta especialização em um único esporte.

A formulação desses postulados, aliada ao apoio do MDPD, permitiu a expansão do modelo globalmente, alcançando diversos contextos e modalidades esportivas. Isso possibilitou que o modelo e suas premissas fossem amplamente testados e aplicados em diferentes cenários (Souza; Vicentini; Marques, 2020).

Resumidamente, os postulados indicam orientações práticas para a inserção de programas esportivos que visem o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Assim, a diversificação esportiva precoce, altas quantidades de jogo deliberado, centralização nas crianças e estar cercado de pares envolvidos com o esporte parecem ser características essenciais do ambiente para encorajar os jovens ao investimento tardio na prática de atividades de prática deliberada (Côté; Vierimaa, 2014).

Ao aplicar os conceitos do MDPD na investigação da formação esportiva, é fundamental adotar uma postura crítica e reconhecer que o modelo foi desenvolvido ao longo dos anos a partir de diversas pesquisas, realizadas em diferentes contextos socioculturais (como modalidades esportivas, países e níveis de envolvimento esportivo) e metodologias (longitudinais, transversais, retrospectivas, qualitativas e quantitativas), conforme aponta Vicentini (2021). Nesse sentido, é essencial que os pesquisadores sejam cautelosos ao perceber que diferentes modalidades esportivas correspondem a diferentes contextos, o que justifica a realização de estudos como o presente, que se dedicam a investigar contextos específicos (Evans *et al.*, 2017).

Para apoiar as pesquisas relacionadas ao MDPD, Côté e Hancock (2016) propuseram a ideia de quatro ondas de pesquisa que impulsionaram a compreensão atual sobre o modelo. A primeira onda abrangeu a conceituação inicial do MDPD, por meio de estudos qualitativos envolvendo atletas, treinadores e familiares, evoluindo para pesquisas qualitativas mais recentes focadas na investigação da formação esportiva em diferentes modalidades esportivas e contextos sociais (Vicentini, 2021).

A segunda onda deu continuidade à metodologia da primeira, destacando que a diversão e a diversificação nos primeiros anos de contato com o esporte são fundamentais para o sucesso a longo prazo, com foco na manutenção da prática esportiva (Vicentini, 2021). Além disso, reconheceu-se que o modelo deve incluir atletas de diferentes níveis, levando à criação de uma nova etapa: os anos de recreação (Côté; Hancock, 2016).

No decorrer da terceira onda houve um aperfeiçoamento do entendimento sobre o MDPD. Tal situação foi verificada através da confrontação entre as atividades experimentadas durante a formação esportiva de atletas que se mantiveram na elite competitiva por muitos anos e pessoas que abandonaram o esporte, integrando outra etapa ao modelo: a especialização esportiva precoce (Côté; Hancock, 2016).

Vicentini (2021) ressalta que a quarta onda foi destacada por publicações teóricas voltadas em analisar os achados das demais ondas e mensurar a qualidade das evidências que os sustentam, a fim de apresentar àqueles responsáveis pela formação esportiva de crianças e jovens (pais, treinadores e gestores esportivos) um conjunto de recomendações mais assertivas sobre o assunto, bem como, apontar aos pesquisadores, lacunas para investigações futuras (Côté; Hancock, 2016).

Na quarta onda, foram definidos os três objetivos fundamentais que os programas de formação esportiva bem-sucedidos devem cumprir, denominados por Côté e Fraser-Thomas (2007), como 3P's: participação, desenvolvimento pessoal e desempenho. Segundo os autores, o Desenvolvimento Positivo na Juventude (PYD) depende do equilíbrio entre os 3P's. A participação se remete a participação esportiva de longo prazo, havendo a manutenção da prática esportiva em idade adulta. O desenvolvimento pessoal é definido como desenvolvimento de habilidades e valores pessoais tidos como positivos e transferíveis para além do esporte. Enquanto o desempenho engloba a assimilação de habilidades motoras fundamentais e específicas (Côté; Fraser-Thomas, 2007).

Refletindo a respeito do pensamento acima, embora tenha proporcionado contribuições significativas para estudos e intervenções sobre o processo de treinamento infantil, o MDPD sofreu certas críticas sobre algumas de suas lacunas (Storm; Kristoffer; Krogh, 2011). Isso ocorreu principalmente por este modelo ser generalista, estrutural e não considerar as diferentes condições socioculturais e características individuais por parte dos participantes conforme apontado anteriormente.

Diante de tais questionamentos, por não considerar as condições sociais ao entorno dos atletas em sua análise, Côté, Turnnidge e Evans (2014) desenvolveram uma abordagem ecológica – que considera o sistema integrado de variáveis pessoais e sociais – sobre as bases fundamentadas pelo MDPD: O Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF).

Nessa direção, o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais no Esporte (P.A.F.) (Côté; Turnnidge; Evans, 2014) constitui-se como uma abordagem para orientar e subsidiar um programa esportivo com objetivos amplos, destaca a importância da interação entre os elementos dinâmicos - engajamento pessoal, qualidade dos relacionamentos e os cenários apropriados - para propiciar experiências capazes de estimular, no curto prazo, o desenvolvimento de ativos pessoais como a competência, confiança, conexão e caráter (4Cs) e, no longo prazo, a continuidade na prática esportiva de acordo com os objetos da pessoa: participação (foco do estudo) ou alta performance (Motta *et al.*, 2021).

De forma introdutória, apresentaremos a ideia central dos 4Cs. A competência entende-se, desenvolvimento de habilidades gerais ou específicas pertinentes à prática esportiva, desde técnicas, táticas e até mesmo o condicionamento físico. A confiança relaciona-se aos sentimentos internos dos jovens, ou seja, como ele determina seu autovalor, sua autoeficácia e o quanto pode lidar com uma determinada situação para obter resultados positivos. A conexão, por sua vez, é o relacionamento construído entre as pessoas ou o vínculo com alguma instituição (escola, clube esportivo) que oferece a troca bidirecional, isto é, ambas as partes contribuem com a relação.

E por sua vez, o caráter é valor moral que pode ser mensurado através do engajamento nos ditos comportamentos pró-sociais (solicitude, zelo pelos companheiros e fair play, como exemplos) e antissociais (trapaça, preconceito e agressividade, como exemplos) (Côté *et al.*, 2010). Vale destacar que Lerner, Fisher e Weinberg (2000) originalmente consideravam mais dois valores, o do cuidado e o da contribuição, que foram interpretados por Côté *et al.* (2010) como parte do caráter.

Sendo assim, a ideia do PAF avança em torno de componentes dinâmicos que tratam a relação de cada indivíduo com o esporte. Como componentes dinâmicos tem-se: engajamento pessoal em atividades, qualidade dos relacionamentos e configurações apropriadas (Vicentini, 2021). Esses três elementos dinâmicos estão associados com três perguntas essenciais para se descrever a experiência esportiva imediata, sendo respectivamente:

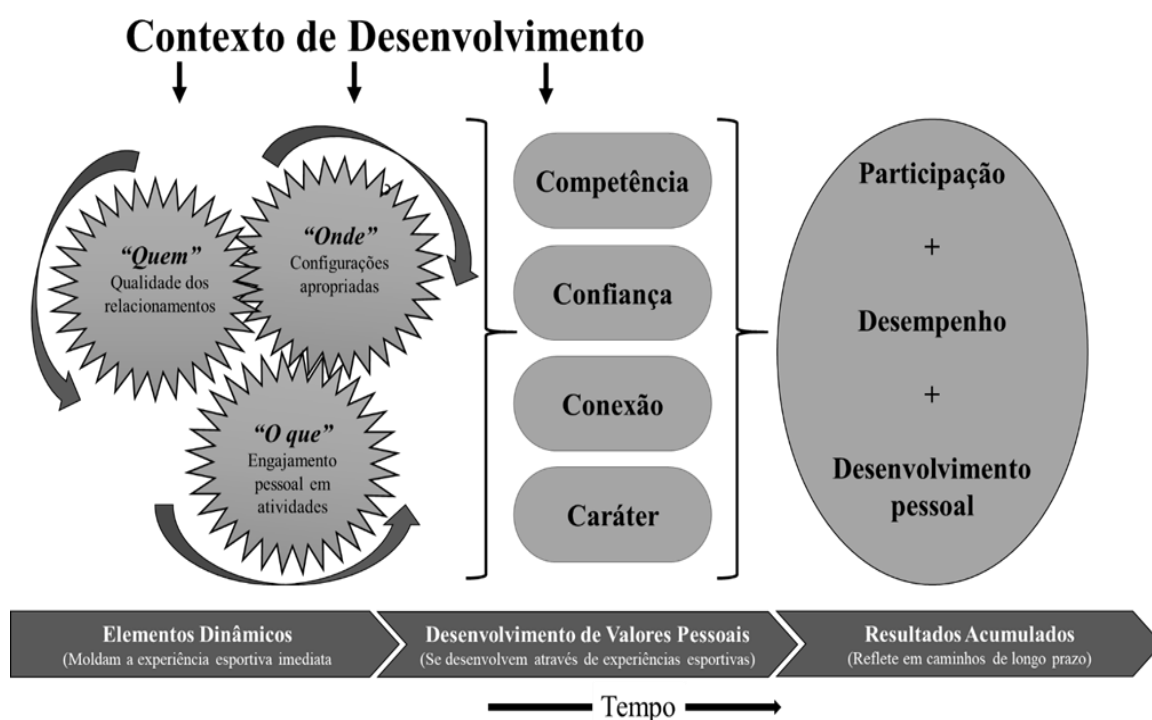
- a) O que? – O que se faz? Quais tipos de atividades estão sendo desenvolvidas?
- b) Quem? – Quem faz? Quem exerce influência sobre determinado comportamento? Quem propõe as atividades? Quem oferece apoio?
- c) Onde? – Onde estas atividades estão sendo desenvolvidas? Qual o contexto em que se está inserido? (Côté; Turnnidge; Evans, 2014).

Balbino e Paes (2005), em um trabalho anterior a Côté, já abordavam essa importância de uma visão sistêmica do processo de aprendizagem esportiva. Para implementar um ambiente de aprendizagem eficaz, os treinadores deveriam considerar quatro aspectos fundamentais:

- **Cenários:** compreender o contexto em que ocorre a prática.
- **Personagens:** respeitar as características individuais dos participantes.
- **Significados:** entender a motivação para a prática da modalidade preferida.
- **Modalidades:** conhecer as especificidades e particularidades da modalidade praticada.

Desse modo, em se tratando do processo de formação esportiva, é função primordial dos professores e/ou treinadores diagnosticarem o ambiente de aprendizagem para que possa fomentar ações cooperativas e harmoniosas entre todos aqueles participantes do processo, como: pais, dirigentes, alunos, mídia e espectadores (Sousa, 2018). A ligação desses elementos deve proporcionar consequências positivas na participação esportiva de crianças. Diante disso, conforme apontado anteriormente, Côté e Fraser-Thomas (2007) descrevem os 3P's: participação, desenvolvimento pessoal e desempenho como forma de se pensar o treinamento a longo prazo, conforme o quadro de desenvolvimento de valores pessoais apresentado na Figura 3.

Figura 3. Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF)



Fonte: Côté, Turnnidge e Evans (2014, p. 14).

No contexto brasileiro, o P.A.F. tem sido utilizado como estrutura teórica para compreender o engajamento e permanência no esporte, as atividades vivenciadas, o suporte social oferecido, as condições estruturais e influência dos contextos e os determinantes de sucesso na carreira de atletas de elite e excelência (Galatti *et al.*, 2019).

Dessa forma, a estruturação de programas de formação esportiva pautados no desenvolvimento de valores positivos conforme descrito anteriormente tende a resultar em benefícios para além dos caminhos apresentados pelo MDPD, e tais benefícios perpassam do contexto esportivo para outros ambientes como forma de desenvolvimento pessoal através do

esporte. Por outro lado, a depender destas configurações, experiências negativas podem ser deixadas como sequelas no âmbito físico, psicológico e social, extrapolando de igual maneira da esfera esportiva para outros domínios ao longo da vida (Fraser-Thomas; Côté; Deakin, 2009).

É fundamental conhecer o aporte teórico que sustenta cada um dos elementos dinâmicos do PAF, bem como elucidar as influências que suas combinações exercem sobre o desenvolvimento de valores pessoais e resultados de longo prazo da formação esportiva (Côté *et al.*, 2017; Côté; Turnnidge; Evans, 2014).

O primeiro elemento dinâmico do PAF, o engajamento pessoal em atividades, refere-se ao envolvimento em tarefas específicas que contribuem diferentemente para a qualidade da experiência esportiva (Côté; Turnnidge; Evans, 2014). Considerando o esporte contemporâneo como um fenômeno heterogêneo sabe-se que uma mesma modalidade pode ser vivenciada sob diferentes circunstâncias, em diferentes ambientes e sentidos, o que implica na possibilidade de se transmitir valores distintos (Marques; Almeida; Gutierrez, 2007; Marques; Almeida; Gutierrez, 2008).

O segundo elemento dinâmico do PAF, a qualidade de relacionamentos, refere-se às relações interpessoais estabelecidas no decorrer da experiência esportiva. Tais interações podem exercer influência (positiva ou negativa) na configuração da experiência esportiva e no desenvolvimento individual (Côté; Turnnidge; Evans, 2014).

Os principais agentes envolvidos neste processo são os pais, os pares e os treinadores (Lerner, 2002; Keegan *et al.*, 2009; Fraser-Thomas; Côté, 2006). Relacionamentos de alta qualidade com pais, colegas de treino (Ullrich-French; Smith, 2006) e treinadores (Coatsworth; Conroy, 2009) são associados com resultados positivos no processo de treinamento esportivo a curto e longo prazo.

Ao relacionarmos o objeto de nossa pesquisa – o CAD Esporte Clube Pinheiros-SP – com a sustentação teórica do MDPD, salientamos que o modelo oferece como contribuição dois princípios fundamentais para o desenvolvimento de uma formação esportiva bem-sucedida: 1) a diversificação deve preceder a especialização e 2) a quantidade de jogos deliberados deve sobrepor a prática deliberada durante os primeiros anos de contato do indivíduo com o esporte (Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Gilbert, 2009; Côté; Vierimaa, 2014).

Em se tratando da diversificação, Côté e Erickson (2015) enfatizam que esta não corresponde apenas a variedade de modalidades esportivas, mas também a diversificação de

atividades dentro de uma mesma modalidade esportiva e a oportunidade de vivenciar o treinamento em diferentes posições. Corroborando tal pensamento, o estudo de Maricone *et al.* (2016) com treinadores espanhóis da modalidade basquetebol, concluiu que, para estimular a inteligência tática dos praticantes, faz-se necessário vivenciar o treinamento num maior número possível de posições, a fim de estimular uma participação autônoma e cooperativa.

Côté e Vierimaa (2014) ressaltam que a diversificação na prática esportiva antes do praticante se especializar em uma única modalidade estimula, inclusive, as próprias habilidades esportivas. Os estudos de Jayanthi *et al.* (2013) defendem a importância da diversidade esportiva comprovando que amplifica o desenvolvimento motor e a capacidade atlética das crianças, além de diminuir os riscos de lesão e aumentar as possibilidades da criança descobrir os prazeres esportivos e a sua modalidade predileta, fato que estimula positivamente na continuidade da prática na vida adulta.

Os benefícios vão além dos já citados, pois a diversificação esportiva na infância também tem impactos positivos nas habilidades psicossociais do praticante visto que influencia positivamente, no mínimo, em quatro aspectos do desenvolvimento biopsicossocial da criança: habilidades interpessoais, comportamentos pró-sociais, autoestima e facilidade de se adaptar a diferentes grupos (Côté; Vierimaa, 2014).

Em épocas anteriores, acreditava-se que para alcançar a elite esportiva o único caminho possível seria a especialização (Jayanthi *et al.*, 2013). No entanto, mesmo nos dias atuais há pais e treinadores que ainda acreditam nessa metodologia inadequada ao desenvolvimento infantil (Bernardes; Yamaji; Guedes, 2015; Côté; Vierimaa, 2014; Gulbin *et al.*, 2013; Vierimaa; Bruner; Côté, 2018). Em 2015, o Comitê Olímpico Internacional (COI) publicou um estudo que apresentava um guia de princípios básicos, para as diversas áreas da ciência do esporte, em prol de uma atuação crítica e unificada no contexto do esporte infantil, onde o principal foco é o desenvolvimento saudável dos possíveis futuros atletas. A pesquisa teve como principal objetivo reforçar que crianças que têm a possibilidade de experimentar uma maior variedade de modalidades esportivas antes de alcançar a puberdade tendem a apresentar maior habilidade atlética, menos casos de lesão e menor índice de abandono, do que crianças que vivenciam a especialização precoce (Bergeron *et al.*, 2015).

No cenário internacional, estatísticas indicam que menos de 1% de atletas entre seis e dezessete anos atingem a elite nos esportes mais populares e que a maioria dos atletas que alcançam costumam intensificar a especialização esportiva somente ao fim da adolescência (Jayanthi *et al.*, 2013). Frente ao exposto, vale destacar que, se a vontade for alcançar a elite

esportiva, é admissível a especialização, desde que a mesma não ocorra antes dos últimos anos da adolescência. Ainda que em alguns casos a especialização precoce no esporte possa estar associada à história de atletas que alcançaram a elite esportiva é importante levar em consideração os casos negativos, visto que, em comparação, o cultivo de talentos a partir da diversidade esportiva, sem com que se estabeleça um foco específico para a criança, costuma promover mais aspectos positivos do que negativos (Côté; Vierimaa, 2014).

Nesse sentido, é imprescindível que a diversificação anteceda a especialização, ou seja, os agentes envolvidos no processo vivenciem uma rica experiência de práticas relacionadas ao desenvolvimento de valores positivos, avançando nas possibilidades de êxito no processo da iniciação esportiva. Os benefícios da participação em diferentes modalidades esportivas ou atividades nos anos de experimentação consiste no desenvolvimento de uma base de múltiplas habilidades esportivas, proporcionando a exploração de diferentes cenários sociais e contextos de aprendizagem (Vicentini, 2021). Além disso, a diversidade pode se dar no contexto da competição através dos diferentes níveis competitivos que significam diferentes graus de comparação (Côté *et al.*, 2017).

Embora, o MDPD se alicerçar nos conceitos de prática e jogo deliberado e sua distribuição ao longo do processo de ensino e treino de jovens (Côté; Baker; Abernethy, 2007), tais conceitos, segundo Vicentini (2021), não são as únicas variações de atividades esportivas possíveis, e sim modelos com características divergentes que constituem dois extremos dentro de uma diversidade de atividades com importância significativa para o processo de iniciação esportiva (Côté; Erickson; Abernethy, 2013).

Côté, Erickson e Abernethy (2013) ampliaram a discussão acerca das possíveis oportunidades de práticas que o praticante pode vivenciar no decorrer de sua participação esportiva. Além da prática e do jogo deliberado – já estabelecidos na literatura estudada – os autores sugerem outras três atividades que podem compor a participação esportiva de um indivíduo, cada qual com suas características e potencialidades para determinados tipos de aprendizagem: o *play practice*, a prática espontânea e a competição (Vicentini, 2021).

O *play practice* refere-se à importância de criar um ambiente agradável ao praticante por meio de brincadeiras características de cada faixa etária na infância e adolescência, como as situações de jogo presentes na competição (Côté; Erickson; Abernethy, 2013).

Dentre as teorias desenvolvidas para sustentar o estudo da participação esportiva, o referencial da escola canadense, caracterizado em nossa pesquisa pelos trabalhos de Jean Côté

e seus colaboradores, apresentou uma importante contribuição ao comportar uma definição de sucesso esportivo mais ampla, não necessariamente relacionada ao êxito no ambiente de alto rendimento (Souza; Vicentini; Marques, 2020).

Nesta mesma direção, Bento (2000) afirma que tanto os treinadores quanto as instituições esportivas deverão assumir o seu papel pedagógico e a responsabilidade de formar os jovens para além dos aspectos esportivos. Daí, apontamos a necessidade de os gestores assumirem um papel de organizadores para a devida sistematização e planejamento do processo de ensino e treino.

Relacionando o pensamento dos autores acima, com o processo de treinamento no alto rendimento, Lev Pavovich Matvéiev, considerado o “pai” do treinamento esportivo na era moderna, já atribuía tal significado à função descrita pelos estudiosos da participação esportiva em crianças.

O treinador, se for um autêntico pedagogo, guiar-se-á constantemente no seu trabalho por todos os princípios gerais do ensino e da educação, aplicando-se de maneira criadora às particularidades do treino desportivo e às situações pedagógicas que surgem neste processo. De modo que as proposições de base da atividade do treinador não são diferentes dos princípios da atividade de qualquer outro professor (Matvéiev, 1986, p. 72).

Portanto, o autor propõe uma visão sistêmica do processo ao assegurar que o contexto sociocultural em que os praticantes e a atividade esportiva estão inseridos é determinante dos processos de ensino/treino. Além disso, destaca que a complexidade do desenvolvimento esportivo em relação às dimensões física, técnica, tática e psicológica seja tratada de forma inter-relacionada (Korsakas *et al.*, 2022).

Os autores acima citados propõem algo que defendemos em nossa investigação, ou seja, a aproximação das áreas Pedagogia do Esporte/Participação Esportiva e Treinamento Esportivo. O estudo de Korsakas *et al.* (2022), ao propor as sessões de treino e currículos esportivos nas modalidades esportivas de invasão de uma forma ecológica e harmônica, ressalta que tal perspectiva discutida é mais do que uma estratégia a ser usada em algumas tarefas ou sessões de treino, ou seja, deve-se priorizar a natureza sistêmica e complexa dos jogos e de quem joga, como eixos centrais do planejamento a longo prazo (Korsakas *et al.*, 2022).

No tópico seguinte, abordaremos o contexto da participação esportiva no contexto dos clubes socioesportivos para que possamos direcionar o objeto de estudo de nossa pesquisa, ou seja, a estrutura, funcionamento e organização do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, pois um

projeto que abrange praticamente 1000 crianças dentro de um clube socioesportivo certamente possui representatividade e expressividade.

2.3 A participação esportiva no contexto do clube socioesportivo

As primeiras manifestações do esporte clubístico no Brasil aconteceram no século XIX quando surgiram os primeiros clubes relacionados ao esporte. Dentre os vários grupos de interesse que se organizaram e constituíram os clubes sociais, existiu considerável influência dos povos europeus que desembarcaram no Brasil com a intenção de colonização (Dacosta, 2006).

Silva (2010) traz como definição de Clube socioesportivo “a formalização de espaços privados, sem fins lucrativos, com finalidade de oferecer a públicos restritos, oportunidades de lazer, constituindo um modelo muito peculiar de empresa do terceiro setor” (p. 35).

Os primeiros clubes surgiram na região Sudeste e Sul do país, sendo a “Sociedade Germânica” no Rio de Janeiro o primeiro clube fundado no Brasil em 20/08/1821 e que até hoje, com seus 204 anos, encontra-se em atividade (Silva, 2010). Os clubes de colônias eram fundados e agrupados pela afinidade da língua e na preservação da cultura e lembranças da terra natal trazendo o esporte em sua bagagem. Estes, sem dúvida, foram os principais motivos da criação dos clubes em nosso país, naquela época (Oliveira, 2019). No Brasil, a profissionalização das organizações esportivas, principalmente dos clubes esportivos, é um processo complexo e que ainda possui espaço para reflexão e evolução (Rocco Jr., 2012).

A pesquisa de Mezzadri (2000), ao investigar a história dos clubes socioesportivos do Paraná, diagnosticou que o surgimento desses espaços se estabeleceu nos centros urbanos em períodos diferentes nos estados e cidades brasileiras e que para analisarmos a prática esportiva e física desenvolvida nessas instituições é necessário resguardarmos os objetivos e as configurações existentes no seu interior.

A relevância dos clubes socioesportivos como espaços de convívio social foi observada por Tanno (2011), ao destacar que a convivência nesse ambiente não destinava somente às elites, mas também por pessoas de outras categorias sociais como os trabalhadores urbanos e aqueles pertencentes a grupos étnicos como italianos, japoneses e negros. Portanto, os clubes eram instituições informais espalhadas pelas inúmeras cidades do país congregando pessoas de diferentes status social e étnico (Oliveira, 2019).

A mesma autora ressalta que, no interior dos clubes, ocorre a reprodução de formas de socialização presentes na sociedade em geral. Isso se deve ao fato de que esses espaços funcionam como instituições imersas em um contexto social amplo e complexo, carregadas de significados e sentidos historicamente construídos. Assim, influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciados pelas dinâmicas sociais mais amplas, participando ativamente da produção e reprodução de valores culturais (Oliveira, 2019).

O principal órgão que auxilia os clubes a se organizarem politicamente é o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC). A entidade foi fundada em 1990 com a denominação de Confederação Brasileira de Clubes. Com o crescimento de sua atuação hoje “é um órgão com grande articulação política, inclusive integrando algumas das comissões que avaliam os projetos esportivos que pleiteiam recursos advindos de programas governamentais de incentivo ao esporte” (Carvalho, 2009, p. 100). Tal entidade, oferece, ainda, assessoria jurídica na elaboração desse tipo de projetos. O Quadro 6 a seguir apresenta o marco histórico dessa organização.

Quadro 6. Marco histórico da organização dos clubes.

Ano	
1821	20/08/1821 - É fundado o 1º clube brasileiro, Clube Germânia/RJ.
1990	9/11/1990 - É constituída a Confederação Brasileira de Clubes – CBC -1º Congresso Brasileiro de Clubes
1998	Lei nº 9.615/1998 , constitui o Sistema Nacional do Desporto - SND, denominada Lei Pelé
2002	O CBC apoia a constituição da FENACLUBES
2003	Lei nº 10.671/2003 , institui o Estatuto do Torcedor. Lei nº 10.672/2003 , altera a composição do Conselho Nacional de Esportes, na qual o CBC passa a integrar o CNE.
2004	Lei nº 10.891/2004 , institui a Bolsa Atleta , destinada prioritariamente aos atletas dos clubes praticantes do esporte de alto rendimento. Portaria nº 24/2004 , cria a Comissão dos Clubes Esportivos e Sociais para propor ações direcionadas à valorização dos clubes e à formação e o desenvolvimento dos atletas.
2006	Lei nº 11.345/2006 , institui a loteria Time Mania que destina recursos aos clubes de futebol profissional e para ações dos clubes sociais. Lei nº 11.348/2006 , Cria o Incentivo Fiscal ao Esporte Nacional, destina recursos de projetos desportivos aos clubes.
2008	Inauguração da sede própria em Campinas-SP
2010	Lei nº 12.333/2010 , Institui o Dia Nacional dos Clubes - 9 de novembro, em homenagem à fundação do CBC
2011	Lei nº 12.395/2011 , altera a Lei Pelé e o CBC integra o Sistema Nacional do Desporto - SND, ao lado do COB e CPB; e passa a receber os recursos das loterias para o desenvolvimento do Programa de Formação de Atletas.
2013	Decreto nº 7.984/2013 , regulamenta a Lei Geral do Desporto - Lei Pelé.
2014	Lei nº 13.019/2014 , Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil. Portaria nº 01/2014, o Ministério do Esporte regulamenta a execução das despesas administrativas dos recursos das loterias.
2015	Lei nº 13.155/2015 , institui o Profut - Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, e destina recursos para ações dos clubes sociais por intermédio da FENACLUBES.
2017	A Confederação Brasileira de Clubes, passa a ser denominada Comitê Brasileiro de Clubes - CBC . Oficialização dos Campeonatos Brasileiros Interclubes® - CBI
2018	Lei nº 13.756/2018 , regulamenta e redistribui os recursos das loterias. Portaria nº 115/2018 , o Ministério do Esporte regulamenta a certificação das entidades que se beneficiam com recursos públicos com critérios de governança e transparência.
2019	Implantação do Mapa Estratégico na Regulamentação do Programa de Formação de Atletas.
2020	Lei nº 14.073/2020 , inclui o Comitê Brasileiro de Clubes Paralímpicos - CBCP no Sistema Nacional do Desporto, transferindo as atividades paradesportivas ao CBCP. Portaria nº 166/2020 , o Ministério da Cidadania regulamenta o procedimento para acompanhamento da Secretaria Especial do Esporte - SEE na aplicação dos recursos das loterias destinados ao CBC para a formação de atletas.
2022	Lei nº 14.294/2022 , altera a Lei 13.756/2018 quanto à aplicação dos recursos das Loterias para o Paradesporto.
2023	Parceria com FCA-Unicamp – Curso de Ciências do Esporte

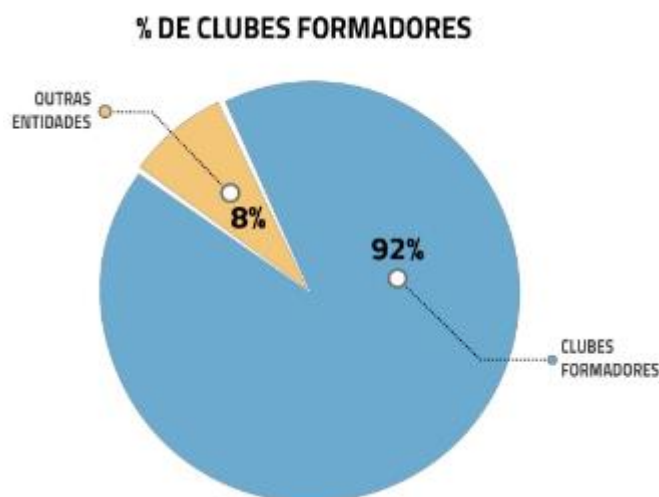
Fonte: CBC (2023).

Nessa parceria estabelecida no ano de 2023, o objetivo é a capacitação dos gestores, treinadores e demais recursos humanos de clubes esportivos formadores de atletas integrados ao CBC, ou seja, aproximar o campo prático com a universidade (CBC, 2023).

Em relação a esses clubes formadores, o CBC criou a rede nacional de clubes formadores com a finalidade de apoiar gestores, treinadores e atletas desde a categoria de base até o alto rendimento. Atualmente, o CBC atingiu uma marca expressiva de clubes integrados a esse programa. O Esporte Clube Pinheiros-SP recebeu o prêmio de clube formador 2021/2022 devido a sua atuação no processo de formação esportiva (CBC, 2023).

A Figura 4 a seguir representa a importância desses clubes formadores, pois na Olimpíada -Tóquio 2020 – 92% dos atletas convocados pertenciam a algum clube formador (CBC, 2023), conforme a Figura 4.

Figura 4. Relevância dos clubes formadores.



Fonte: CBC (2023).

Não é somente no campo esportivo que os clubes socioesportivos apresentam sua expressividade, Galatti (2010) aponta que muitas dessas entidades desenvolvem práticas voltadas ao aspecto sociocultural. Sendo assim, constatamos, atualmente, que um mesmo clube apresente atividades esportivas e atividades de lazer, descontextualizadas do esporte. No Brasil, essa é uma prática comum, sendo corriqueiro os clubes multiesportivos e de lazer.

Seguindo nessa linha de contextualização dos clubes socioesportivos, percebemos que o momento atual dos clubes brasileiros não difere muito em relação a outros segmentos do

mercado, em especial, aqueles com finalidades semelhantes: esporte, lazer e cultura. Como todas as empresas dentro desse novo contexto, existem aquelas que fazem as coisas acontecerem, as que ficam perguntando o que aconteceu, e as que ficam observando o que acontece (Libardi, 2010). Infelizmente, o ritmo da mudança é tão rápido que a capacidade de mudar se tornou uma vantagem competitiva. O autor afirma que a falta de compreensão no entendimento das mudanças e necessidades, os clubes acabam por não oferecer as novas possibilidades de mercado, iniciando aí um momento de queda de receita. Com a globalização e as pressões por uma melhor organização, se faz necessário que as práticas de gestão de clubes e outras organizações esportivas passem por um processo de profissionalização e/ou modernização (Marques; Almeida; Gutierrez, 2007).

Nesse sentido, Libardi (2010) afirma que a redução dos investimentos nos clubes ajudou a afastá-lo do mercado e com isso, perder associados. Nessa perspectiva, Silva (2009) alerta pela crescente evasão dos associados e ressalta que esse fenômeno próprio dos estabelecimentos clubístico delimitará a relação que o clube tem com o seu quadro associativo e assim, as formas de sociabilidade nele vivenciadas.

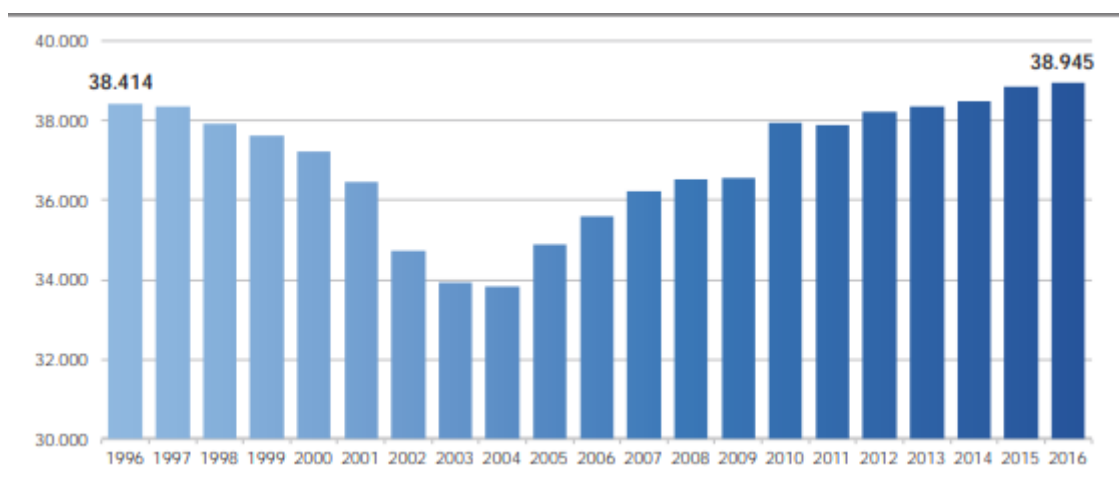
O estudo de Galatti (2010) relata sobre a crise instalada nos clubes, ao discorrer a transformação do esporte nas últimas décadas e que o fenômeno vem se adaptando ao mundo globalizado, à sociedade de consumo e mais individualizada, à velocidade dos meios de comunicação, manifestando-se de formas múltiplas e atendendo aos diferentes segmentos da sociedade. No entanto, o clube socioesportivo, em alguns casos, não segue nessa direção, pois verifica-se aspectos tradicionais de sua gestão e funcionamento.

Nesse sentido, o pesquisador Barros (2016) destaca que, além do processo de globalização, o atual quadro pode ter sido estimulado pela abundância de oferta de atividades de lazer, seja através de meios eletrônicos seja por meio de novas possibilidades de experimentação e prática. Além disso, há a precariedade do trânsito nas grandes cidades, agravando o obstáculo já presente na distância entre residência e Clubes Socioesportivos (Barros, 2016).

Conforme apontamos, as rápidas e constantes transformações vividas pela sociedade influenciaram também o clube socioesportivo. Muitos clubes perceberam tais mudanças e promoveram um planejamento que atendesse sua clientela. Como por exemplo, temos o clube pesquisado em nosso estudo, o Esporte Clube Pinheiros-SP. Segue Figura 5 extraída do Plano Diretor de Desenvolvimento-2016-2030, que mostra a evolução do número de associados. O referido documento disponibilizado em seu site oficial apresenta de um modo detalhado seus

programas, projetos e 15 recursos por meio do plano de ação que o clube desenhou para o cumprimento dos objetivos de seu planejamento estratégico (Araújo, 2019).

Figura 5. Evolução do número de associados do Clube Pinheiros-SP.



Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento – Clube Pinheiros (2019).

Portanto, é notório que o clube Pinheiros-SP organiza de forma sistemática suas atividades, diagnosticando os interesses, necessidades e aspirações do seu público. Heinemann (1999) aponta um direcionamento nesse sentido ao afirmar que as finalidades dos clubes socioesportivos servirão de atrativos para os associados. Baseado nessas questões, é fundamental que o clube conheça e saiba suas intenções com relação ao desenvolvimento da prática esportiva. Seguindo essa concepção, o Esporte Clube Pinheiros inseriu em seu Plano Diretor de Desenvolvimento 2016-2030, os seguintes objetivos:

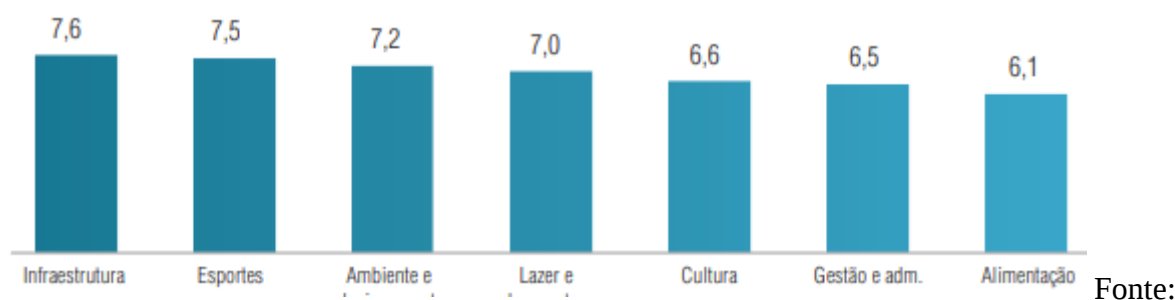
- *Captar as percepções dos associados.
- *Levantar as opiniões dos associados com relação à performance do clube, nas áreas do esporte, lazer, cultura e outros.
- *Investigar ações positivas e negativas.
- *Perceber iniciativas aspiracionais dos associados (Pinheiros, 2022).

Investigando a proposta apresentada por Heinemann (1999) e relacionando-o com o Plano Diretor de Desenvolvimento do clube Pinheiros-SP, podemos afirmar que o associado ao conectar-se ao clube faz dele a ampliação da sua casa. Esse sentimento é transportado, inclusive, para fora do ambiente do clube, no reconhecimento e no sentimento de proximidade daqueles que são membros do clube quando se encontram em outras circunstâncias, diferentes daquelas vivenciadas no clube (Sousa, 2018).

O objetivo do documento é garantir que a evolução do Clube ocorra de maneira planejada, independente e vinculada às políticas previamente traçadas, a fim de nortear as ações das sucessivas diretorias e do conselho, de forma a atender às necessidades e aos anseios coletivos do corpo associativo (Pinheiros, 2019). Com isso, não é por acaso, que o Esporte Clube Pinheiros é visto como uma das grandes referências no contexto Olímpico, servindo de parâmetro a uma comparação com outros clubes de fora do País, dado seu excelente trabalho de gestão (Araújo, 2019).

Tal relação descrita acima do clube com o esporte é comprovada na pesquisa indicada no Plano Diretor de Desenvolvimento, onde foi identificada a expectativa dos associados para subsidiar os trabalhos do documento. Nessa pesquisa numa escala de 0 a 10, o esporte ficou em 2º lugar no setor mais apreciado pelos associados, conforme a Figura 6.

Figura 6. Expectativa dos associados para subsidiar o trabalho do Plano Diretor



Plano Diretor de Desenvolvimento – Clube Pinheiros (2019).

Para exemplificar tal situação, o estudo de Nunes e Rocha (2017) investigou o contexto competitivo da modalidade Handebol -masculino e feminino- em território nacional. Dos 20 anos de competição analisados, o Esporte Clube Pinheiros esteve em 12 finais no feminino. Ainda apontando os feitos do clube, no principal torneio de base do basquetebol masculino brasileiro, a Liga de Desenvolvimento do Basquetebol (LDB), o Pinheiros sagrou-se campeão 5 vezes das 11 edições realizadas conforme aponta a pesquisa.

Apresentaremos no tópico seguinte dois temas complexos e amplamente necessários a serem abordados de forma organizada e planejada: 1) a competição infantil e a participação dos pais no processo e 2) O treinador no contexto do esporte participação

A inclusão dessas temáticas é fundamental para compreender de maneira abrangente o papel da competição no contexto da iniciação esportiva, especialmente no programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. Ao elucidarmos sobre a competição, o objetivo é explorar como a

introdução da competição nas primeiras etapas de aprendizagem pode influenciar o processo de desenvolvimento das crianças, considerando suas habilidades motoras, a formação de atitudes e valores em relação ao esporte, além do impacto psicossocial gerado por essa experiência inicial. Entender esse aspecto é crucial para os treinadores e gestores, pois permite o planejamento de intervenções que favoreçam a motivação e o engajamento das crianças.

Nesse mesmo sentido, abordaremos a seguir a influência dos pais no processo de Iniciação Esportiva. Sabemos que, durante as fases iniciais de aprendizado esportivo, o papel da família é essencial não apenas no incentivo à participação das crianças, mas também na formação das atitudes e valores em relação ao esporte. O envolvimento dos pais pode influenciar diretamente a motivação, o prazer e a continuidade na prática esportiva. Além disso, a família, por ser o primeiro ambiente social com o qual a criança interage, exerce um impacto significativo nas decisões relacionadas à escolha do esporte, no apoio ao treinamento e no manejo da pressão competitiva, quando presente.

O papel do treinador em nossa pesquisa se justifica pela importância central que esse profissional exerce no processo de formação esportiva infantil, especialmente em um programa como o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. O treinador é responsável por planejar e implementar as atividades de ensino, motivar as crianças, orientar o desenvolvimento das habilidades técnicas e promover um ambiente seguro e estimulante. Além disso, sua abordagem pedagógica e sua capacidade de adaptação às necessidades individuais dos participantes podem ter um impacto significativo no envolvimento das crianças com o esporte e na sua continuidade ao longo do tempo.

O treinador, como figura de liderança, não apenas influencia o desenvolvimento técnico dos atletas, mas também contribui para a construção de um ambiente que favoreça a aprendizagem, o prazer pela prática esportiva e o fortalecimento do vínculo das crianças com o esporte. Esse tópico permite, portanto, uma análise aprofundada de como o trabalho do treinador impacta o sucesso do programa, contribuindo diretamente para os objetivos do estudo.

2.3.1 A Competição Infantil e a Influência dos Pais no Contexto do Esporte Participação

A competição infantil é tema discutido por vários agentes envolvidos no processo de Iniciação Esportiva e aponta nuances sobre a compreensão e envolvimento desse público nas práticas esportivas, principalmente com relação à precocidade com que são submetidas a competições e processos sistematizados de treinamento, indicando que devemos considerá-la sob o ponto de vista da criança e não sob a perspectiva do adulto (Ferraz, 2009). Normalmente,

a competição é estruturada e deliberada por adultos, ficando os anseios das crianças em segundo plano e, dessa maneira, seus objetivos e princípios precisam ser revistos e refletidos (Balbino *et al.*, 2013).

Tal reprodução do modelo adulto ocasiona que grande parte dos praticantes não se enquadra nesses padrões e acaba abandonando a prática por falta de interesse e motivação (Amado *et al.*, 2016). Assim, concebemos que para aprimorar em crianças os benefícios que o esporte pode proporcionar, ele não deve reproduzir os valores do esporte adulto, como por exemplo, o foco em resultados expressivos e imediatos, o que leva a especialização precoce dos praticantes. Esses aspectos são inadequados a crianças e jovens em desenvolvimento, podendo trazer consequências negativas para a permanência na prática (Leonardo, 2018; Fraser-Thomas; Côté, 2006; Côté; Baker; Abernethy, 2007; Côté; Hancock, 2016).

Portanto, quando a criança é inserida, especialmente, por adultos numa situação de competição, ela pode tornar-se apenas uma peça de um complexo jogo manipulado e controlado por adultos, segundo seus interesses. Desse modo, o ambiente competitivo, durante a fase inicial da iniciação esportiva, também deve ser ajustado às necessidades de aprendizagem das crianças, com ênfase na progressão de aprendizagem, favorecendo a formação competitiva, mas sobretudo a formação humana (Furtado, 2020).

Pesquisas acerca da competição infantil nas mais variadas modalidades esportivas, no Brasil, indicam para um caminho em que as federações esportivas, promovem eventos para idades abaixo das recomendadas pela literatura, favorecendo um quadro de especialização esportiva precoce (Milisted *et al.*, 2014; Costa; Santos, 2014; Santana; Ribeiro, 2010; Arena; Böhme, 2004; Arena; Böhme, 2000).

Inúmeros elementos necessitam ser analisados nas propostas de competição na infância e, entre eles, podemos apontar a exigência de objetivos mais globais, voltados para a educação integral dos praticantes, métodos mais ativos, que proporcionem maior envolvimento, ressaltar os valores educativos das práticas, de forma que o esporte se adapte às necessidades reais das crianças (Aires *et al.*, 2016).

A competição constitui parte importante das experiências das crianças, proporcionando ricas competências de autoconhecimento, superação e amadurecimento que emergem das situações de disputa de uma competição (Marques, 2004). Diante dessa contextualização da competição infantil, entendemos, em nossa pesquisa que adequar pedagogicamente competições para crianças e jovens proporciona um ambiente rico de aprendizagem.

A competição, especialmente nas fases iniciais de aprendizagem, que é o foco da pesquisa deste trabalho, desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças, proporcionando experiências significativas de autoconhecimento, superação e amadurecimento. Essas vivências emergem das situações de disputa características das competições (Marques, 2004).

No entanto, há críticas sobre a realização de competições especializadas para essa faixa etária, que são levantadas por diversos autores (Ré; De Rose; Böhme, 2004; Kunz, 2006; Cafruni, 2002). Marques (2004) e Kunz (2006) argumentam que, embora a competição seja relevante, sua prática precoce pode levar ao incentivo de valores como a competitividade exacerbada, o individualismo e o sacrifício da infância. Esses efeitos negativos ocorrem em decorrência de treinamentos exigentes e competições de alto nível, que acabam sobrecarregando as crianças. Essa temática tem sido amplamente debatida entre acadêmicos,

Dessa forma, utilizamos o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD) (Côté, 1999; Côté; Fraser-Thomas, 2007; Côté; Baker; Abernethy, 2007) como um dos referenciais teóricos que subsidiam nossa análise, considerando sua relevância no campo da iniciação esportiva. Apesar de ter sido desenvolvido a partir de experiências em escolas e universidades no Canadá, o MDPD tem se mostrado útil para compreender processos de formação esportiva também em outros contextos, como o clube socioesportivo abordado em nossa pesquisa. No Brasil, o modelo já foi adotado em estudos voltados à competição esportiva entre crianças e jovens, como nos trabalhos de Leonardo (2018), sobre adaptações competitivas em competições de handebol juvenil no estado de São Paulo, e de Mendes (2017), que analisou a trajetória esportiva de atletas nas categorias de base do voleibol brasileiro.

Ao propormos em nosso estudo a participação esportiva organizada e sistematizada, é fundamental pensarmos na autonomia dos praticantes. Com isso, os autores (Burton; Gillham; Hammermeister, 2011; McCarthy; Bergholz; Bartlett, 2016) preconizam a Engenharia Competitiva que consiste na organização de competições em diferentes níveis visando à promoção da motivação intrínseca e à criação de climas motivacionais, ou seja, a busca da autonomia dos sujeitos na prática esportiva.

Os autores Burton, Gillham e Hammermeister (2011) sugerem o estabelecimento de quatro metas para se obter o desenvolvimento de competências e consequentemente a motivação intrínseca, conforme descrito no Quadro 7.

Quadro 7. Metas para se obter o desenvolvimento de competências e consequentemente a motivação intrínseca.

Metas	Estratégias
1. Aumentar a ação e pontuação	Modificar as instalações, a fim de diminuir o tamanho de campos, quadras ou outros espaços.
2. Criar alto envolvimento pessoal	Possibilitar as mudanças de posições, para que todos tenham a oportunidade de experimentar diferentes ações
3. Manter as pontuações máximas	Manter a proximidade dos escores
4. Manter relações sociais positivas	Desenvolver eventos sociais formais e informais para que os praticantes tenham a possibilidade de se conhecerem melhor e compartilharem momentos fora do ambiente competitivo.

Fonte: Burton, Gillham e Hammermeister (2011).

Considerando as metas e estratégias descritas acima, reforçamos que aplicar a Engenharia Competitiva no contexto do esporte participação é refletir no aperfeiçoamento do ambiente competitivo, visando a formação integral dos praticantes. Pensando nessa formação integral dos sujeitos, quando se envolve a competição, os pais são agentes primordiais envolvidos no processo.

Quando a questão é de influência externa em crianças no processo do esporte participação torna-se importante destacar a família como o principal responsável ao incentivo, à continuidade e à permanência nas modalidades esportivas. Isto ocorre direta ou indiretamente, o que é explicado pelo fato da observação do prazer e satisfação dos pais por praticar tais atividades esportivas, despertando olhares de curiosidade e tentativa de igualdade na criança. Busca-se, então, motivá-la e incentivá-la à prática similar (Fonseca; Stela, 2015).

Pelo fato de a criança refletir o comportamento dos pais, principalmente nos primeiros anos de vida, isso se faz presente também nas relações de sentimentos e gostos. É natural que se na ocasião os pais transpareçam felicidade e contentamento em praticar alguma modalidade esportiva, a criança se sinta mais a vontade de reproduzi-la, consequentemente sentir tanto a satisfação quanto o divertimento em realizar aquilo (Fabris, 2021).

Nessa ligação entre participação dos pais na prática esportiva, alguns aspectos devem ser destacados, uma vez que essa interferência não se aplica apenas durante as aulas ou no treino esportivo: ela estará presente em todos os contextos que a criança ou jovem participa. Para exemplificar tal situação, o estudo realizado por Costa (2006), sobre a influência parental na vida de ginastas, demonstrou que os pais aparecem presentes em diversos momentos e manifestações, desde o transporte para treino, mudança de endereços (cidades/estados), aquisição de material esportivo e apoio emocional/ psicológico nas possíveis situações desafiadoras que os praticantes podem passar ao longo do processo.

Nessa tendência de fortalecer vínculos e o sentimento de corresponsabilidade de todos no processo de educação dos atletas, Rodrigues *et al.* (2017) ressaltam que é fundamental desenvolver ações constantes com os familiares/ adultos responsáveis e com a comunidade. Isso pode se construir, por exemplo, por meio de encontros temáticos conversas informais, palestras, debates, vivências, oficinas e atividades entre os jovens e seus familiares/adultos responsáveis. Essas ações são essenciais para que a comunidade seja acolhida e integrada.

Os autores exemplificam da seguinte forma: um pai, por exemplo, que participa e entende o processo pedagógico e metodológico no qual seu filho está envolvido, e que também tem a oportunidade de dialogar com o treinador, terá mais chances de valorizar e apoiar decisões do que um pai que está ausente ou na periferia do processo.

No contexto do clube socioesportivo, é muito comum verificarmos pais nessa última condição relatada acima. Para exemplificar tal situação, muitos pais projetam nos seus filhos que os mesmos se tornem atletas, ou seja ficam alheios ao processo de ensino, vivência e treinamento. Dessa forma, cabe ao treinador promover a orientação adequada ressaltando que a criança está no processo de formação e todos esses desejos dos pais em muitas vezes acaba influenciando negativamente no processo.

Essa necessidade dos pais em repassarem seus interesses particulares, reforça os aspectos que ao invés de auxiliar e incentivá-los à prática, concorrerá para que surjam consequências adversas, afastando-os do esporte (Fonseca; Stela, 2015). Sabemos que o desenvolvimento pelo esporte é uma trajetória complexa e marcado por diferentes fatores ao longo do tempo (Côté *et al.*, 2017).

Nesse sentido, Sousa (2018) alerta acerca da pressão exagerada dos pais ao pressionarem treinadores por resultados imediatos e a busca incessante das vitórias. Cabe ao treinador promover uma orientação de todos os envolvidos no processo, ressaltando que os

jovens praticantes podem ter anseios e desejos os quais, muitas vezes, não vão ao encontro dos objetivos dos pais e dirigentes.

É comum verificarmos próximo a quadras, ginásios e piscina, alguns pais buscando motivar e incentivar as crianças durante a prática. Para isso, recorre-se à verbalização de como agir, palavras de apoio e até gritos. Por mais que essas situações pareçam inofensivas, ou seja, os pais erram, querendo acertar, o que irá determinar se será benéfica ou prejudicial, segundo Fabris (2021), é a forma como a criança recebe, identifica e reage diante de tais estímulos, que interferem ou não no seu desenvolvimento e envolvimento esportivo. Por isso, reforçamos em nossa pesquisa a necessidade de contextualizar e orientar no processo de ensino e treino de crianças e jovens.

Acerca dessa situação das possibilidades de reação da criança diante da verbalização dos pais, citada anteriormente, Weinberg e Gould (2017) afirmam que não existe uma fórmula exata de como os pais e familiares devem se comportar em relação aos seus filhos durante uma prática esportiva. Com isso, os autores destacam que da mesma forma que não há a necessidade de descarregar as frustrações nos filhos, o profissional não precisa culpar exclusivamente os pais pelos seus comportamentos.

Nesse sentido, Korsakas (2021) defende um modelo esportivo educativo no qual a criança participe do processo de construção do conhecimento por meio da resolução de problemas sugeridos, em que cabe ao adulto facilitar o processo educacional, promovendo, assim, uma prática esportiva emancipatória, participativa, cooperativa, que estimule a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças, em uma educação pensada de forma integral.

Para que a orientação fornecida aos pais seja eficaz, é necessário que o treinador proporcione uma relação aberta de conversa, de modo a demonstrar o quanto são importantes para o desenvolvimento emocional e psicológico, tanto no esporte como na vida social das crianças, além de todos os momentos de sua vida (Gomes, 2011). Os pais deverão compreender qual é o real motivo da criança ser praticante daquela modalidade e para isso o treinador, no início de suas aulas, ou em caso de equipes de rendimento, antes do início da temporada, deve expor os seus objetivos e intenções, o que serão focados para desenvolvimento durante aquele período, seja estes em curto, médio e longo prazo, e a busca de conciliar a participação dos familiares dentro das metas estabelecidas. E isso se trata de uma ação conjunta.

Diante desse pensamento, Bettega (2019) relata a necessidade do envolvimento dos pais com todos os agentes envolvidos no processo, como por exemplo árbitros e treinadores. Torna-se relevante a criação de um processo seguro, com uma abordagem de treino adequada, uma rede de relações interpessoais apropriadas e positivas (Côté *et al.*, 2017) e uma competição condizente com as características dos indivíduos envolvidos (Montagner; Scaglia, 2013).

Nessa perspectiva, Bettega (2019) expressa, na Figura 7, que a competição deverá ser organizada buscando a criação de uma relação harmônica entre pais, árbitros, treinadores e jogadores, sendo balizada pelos elementos dinâmicos, de engajamento pessoal, cenário apropriado e qualidade dos relacionamentos.

Figura 7. As relações e os elementos dinâmicos na competição.



Fonte: Bettega (2019, p. 51).

O autor Fabris (2021) apresenta algumas orientações com relação aos comportamentos dos pais nas atividades, de maneira a delinear um espaço físico e psicológico a ser vivenciado pelo grupo em si, que são: permanecer na área destinada a eles (pais e familiares), evitar aconselhar o filho durante a prática – não assumir o papel de treinador, não realizar comentários depreciativos aos árbitros, atletas e técnicos, apoiar a equipe como um todo, demonstrar interesse, entusiasmo e apoio à criança e demonstrar interesse em colaborar com a equipe (Gomes, 2011).

Pesquisas relevantes apontam a complexidade e desafio para a necessidade que se aborde o tema com a devida profundidade. Bettega *et al.* (2023) entrevistaram 12 treinadores da categoria sub-10 de uma liga no estado do Rio Grande do Sul e concluíram que na maioria das vezes, os pais não entendem os reais objetivos da participação no esporte juvenil e acabam manifestando determinados comportamentos que dificultam o desenvolvimento positivo dos

jovens jogadores, de forma que interfere negativamente nos determinantes sociais e mentais da saúde.

Na mesma linha, Pulido, Borrugas e Ponseti (2019) destacaram, em suas pesquisas sobre esportes juvenis na Austrália, resultados negativos quanto à interação dos pais na percepção de treinadores e administradores, bem como na comunicação entre pais e filhos. Os pesquisadores Bettega *et al.* (2023) estabelecem uma relação desses achados com os relatos dos treinadores entrevistados em seu estudo; citam situações em que os atletas choram e abandonam os treinos devido à pressão e cobrança dos pais.

Os mesmos autores destacam em sua pesquisa outros estudos que corroboram com o pensamento acima, como: i) pesquisa realizada com jovens entre 10 e 16 anos participantes de esportes coletivos na região da Extremadura, na Espanha, os dados indicaram que a pressão dos pais está associada a uma menor satisfação e prazer na prática (Amado *et al.*, 2016); ii) Torregrosa *et al.* (2007) investigaram 893 jogadores com idade média de 15 anos, foi constatado que quanto maior for a participação ativa dos pais no contexto da prática desportiva, mais estes também estabelecem comportamentos diretivos, que têm consequências negativas na participação dos jovens jogadores.

Dessa forma, ao discutirmos o envolvimento dos pais no processo competitivo, devemos priorizar programas e competições esportivas que estimulem o bom comportamento dos pais. Assim, percebe-se a importância de um processo educativo voltado aos pais que possa contribuir para a prática saudável de seus filhos (Bettega *et al.*, 2023). Para que ocorra essa prática saudável, conforme discutimos anteriormente, é necessário além da participação positiva dos pais, a intervenção dos treinadores com objetivo de orientar a todos os envolvidos no processo.

Assim, a competição não se torna um problema quando deriva do fato de alguns ganharem e outros perderem, mas sim quando os interesses se voltam somente para os resultados quantitativos, ocorrendo de forma desequilibrada, não alternando as equipes e jogadores vencedores (Graça, 2006). A vitória ou a derrota trazem indicativos com referência à atuação das equipes, mas não são determinantes na avaliação do processo de ensino e treino esportivo, pois a construção de padrões organizacionais tático-técnicos na esfera competitiva torna-se dependente da adaptação à oposição, bem como regula-se pelas interações externas ao ambiente de jogo, como o próprio modelo de jogo que cada clube institui e que deve ser referência ao longo das categorias de formação (Galatti *et al.*, 2018).

Sendo assim, cabe ao treinador desafio de fazer a gestão de um ambiente capaz de oferecer oportunidades de aprendizado aos praticantes, considerando o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos jovens (Leonardo, 2018), principalmente em relação à competição infantil. Além disso, vale destacar que o treinador necessita atuar de forma conjunta com os coordenadores dos clubes, os organizadores das competições, a equipe de arbitragem, a família e os outros personagens do contexto. Portanto, entender como treinadores identificam a competição poderá oferecer informações fundamentais para promover um ambiente de aprendizagem significativo (Bettega *et al.*, 2021).

Tal profissional é um dos principais responsáveis por organizar, estruturar e aplicar um programa de treinamento integral e adequado para que se atenda aos interesses e necessidades das crianças. Com isso, apresentaremos no próximo tópico as perspectivas de intervenção do treinador no processo geral da participação esportiva de crianças.

2.3.2 O Treinador no contexto do Esporte Participação

Investigações abrangendo o treinador esportivo têm aumentado nos últimos anos no Brasil e no mundo (Galatti *et al.*, 2016). Buscando entender melhor como estes agentes têm atuado no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento, pesquisas têm sido feitas em diversos contextos de prática, tratando de temas como o pensamento e o comportamento destes.

Os treinadores esportivos exercem um papel primordial na participação, prazer, paixão e comprometimento do indivíduo em praticar esportes ao longo de toda a vida (Maclean; Lorimer, 2016) e sua prática contém um laço essencialmente pedagógico e social (Mesquita *et al.*, 2012). Com isso, a atividade de treinador adquire um caráter multifacetado e complexo, no qual seu desempenho é diretamente influenciado pelo contexto em que está inserido (Potrac; Jones; Armour, 2002).

Considerando o eixo de nosso estudo – o esporte participação, compreende-se que a prática esportiva é um meio para o desenvolvimento da saúde, do lazer e da socialização de esportistas de qualquer idade. No contexto de participação esportiva, os profissionais devem estar aptos a conduzir experiências de aprendizagem em diferentes práticas esportivas proporcionando atividades voltadas à qualidade de vida, à interação e ao divertimento de praticantes (Bettega *et al.*, 2018).

Diante de tal contextualização, os estudos realizados por Bettega (2015) e Bettega *et al.* (2018) fazem-se importantes para refletir o papel do treinador esportivo no contexto do esporte participação, pois os estudos mostraram, por meio de uma pesquisa qualitativa com o uso de entrevistas, que em determinado contexto, os treinadores muitas vezes planejam e priorizam o desenvolvimento da técnica sem relações com a tática, de maneira descontextualizada. Dessa forma, ao propormos em nosso estudo a diversificação de movimentos no contexto do esporte participação, tal prática estimula a atuação autônoma dos jogadores em situações de imprevisibilidade, destacando a relevância do tratamento adequado nas fases iniciais de aprendizagem (Bettega *et al.*, 2018).

Nesse contexto, o treinador no contexto do esporte participação é socialmente reconhecido como o profissional que possui a responsabilidade de desenvolver em crianças e jovens, por meio da prática esportiva, hábitos de vida saudáveis, aspectos psicossociais e ainda, habilidades e competências motoras que forneçam instrumentos para uma vida social além do contexto esportivo (Côté; Gilbert, 2009; Lyle; Cushion, 2010).

Apesar dessas premissas do treinador no contexto do esporte participação, infelizmente é comum verificarmos que muitos desses profissionais no contexto do clube socio esportivo priorizam seu processo de ensino e treino baseado nos resultados competitivos devido as pressões dos dirigentes, pais, torcedores, entre outros. Essa visão imediatista compreende a lógica de mercado e não a perspectiva das crianças (Galatti *et al.*, 2018). Essa lógica está diretamente relacionada com a busca incessante de resultados e, com isso, faz com que o treinador abdique de alguns conteúdos relevantes. Entendemos que os resultados competitivos não devem balizar o processo de ensino e treino, mas devem servir como um instrumento e um complemento de formação (Bettega, 2015).

Diante de tal problemática apresentada, é fundamental que o treinador no contexto do esporte participação assuma com responsabilidade o desenvolvimento integral das crianças, pois seu sucesso depende da capacidade de ajuste das situações anteriormente discutidas. Nessa perspectiva, necessitam reconhecer que o desenvolvimento profissional é uma atividade complexa e dinâmica que se estende para além da simples transmissão de conhecimentos e habilidades para seus praticantes, mas deve desenvolver neles a compreensão, a interação e reestruturação do seu ambiente, respeitando o programa esportivo institucionalmente desenvolvido (Galatti, 2010; Ibáñez *et al.*, 2013).

Assim, emerge o pensamento do desenvolvimento de competências funcionais, que parte da compreensão de que os treinadores precisam apresentar anteriormente à atuação com

crianças e jovens conhecimentos implícitos e ideias para orientar suas decisões e ações (Galatti *et al.*, 2018). Os autores Côté e Gilbert (2009) avançam nessa discussão, em que propõem um modelo organizado em três conhecimentos, os quais, integrados, tornam-se necessários para a intervenção do treinador esportivo, que são eles: i) conhecimento profissional; ii) conhecimento interpessoal; e iii) conhecimento intrapessoal.

Segundo os autores, as três categorias constituem as bases fundamentais de conhecimento que os treinadores precisam adquirir para desempenhar de modo eficaz as tarefas e competências relacionadas à intervenção profissional. O Quadro 8 apresenta as bases fundamentais de cada categoria de conhecimento.

Quadro 8. Bases fundamentais de conhecimento dos treinadores.

Conhecimentos	Bases Fundamentais
Conhecimento profissional	<u>*Esporte:</u> -Liderança, regras e regulamentos técnicas e táticas, instalações e equipamentos. <u>*Atletas:</u> -Capacidades e estágios de desenvolvimento dos atletas, motivação dos atletas. <u>*Ciências do esporte:</u> Conhecimento profissional -Crescimento e desenvolvimento, medicina, nutrição, primeiros socorros e prevenção de lesões, antidoping (inclui valores e princípios éticos), a psicologia e a sociologia, biomecânica, fisiologia. estilo de vida, empreendimentos (business) <u>*Habilidades fundamentais:</u> -Linguagem (oral, escrita e leitura), matemática básica, ciência e tecnologia.
Conhecimento interpessoal	<u>*Contexto social:</u> -Macro e microintervenção cultural, ética e bem-estar dos participantes, pais e acompanhantes, treinadores companheiros funcionários, árbitros e agentes, clubes e escolas. <u>*Relacionamentos:</u> - Comunicação, a empatia e a simpatia, a escuta ativa e o questionamento, conduta pessoal adequada, atleta e grupo de gerenciamento, atleta e grupo de educação. <u>* Estrutura de intervenção profissional:</u> -Enfatiza que a intervenção profissional, o desenvolvimento e a melhoria acontecem no contexto da relação treinador-atleta -Teoria e metodologia de aprendizagem, planejamento, organização e realização, criação de um clima positivo de aprendizagem.
Conhecimento intrapessoal	<u>*Filosofia de intervenção profissional:</u> Identidade, valores, crenças e estilos de liderança. <u>*Aprendizagem ao longo da vida:</u> Competência de aprendizagem, autonomia e responsabilidade, o pensamento crítico e de síntese, inovação e geração de conhecimento.

Fonte: ICCE, ASOIF (2013).

Nesse sentido, o quadro descreve componentes das três categorias que podem sustentar e construir toda a ação dos treinadores visando proporcionar competências (conhecimentos, habilidades, atitudes, crenças, valores) para o jogo e para a vida (Galatti *et al.*, 2017).

Em relação ao conhecimento profissional dos treinadores, esta é a temática mais comum nos cursos de graduação ou de formação de treinadores: atualização sobre regras, priorização de conteúdos em cada etapa, renovação de métodos de ensino, tarefas de treino, jogadas ensaiadas, entre outros. Entretanto, ao lidar com treinamento infantil - foco de nosso estudo - é fundamental ponderar que esse conhecimento deve estar conectado com o ambiente de intervenção do treinador e das pessoas com quem ele interage no processo: sua concepção fora do contexto perde relevância e minimiza a importância da natureza interativa reflexiva e complexa de intervenção profissional eficaz (Werthner; Trudel, 2009; Nascimento, 2000; Ibáñez *et al.*, 2013; Milistetd, 2014). Portanto, conhecimentos de caráter interpessoal e intrapessoal são requisitados.

O conhecimento interpessoal está relacionado às relações sociais dos treinadores. A eficácia dos treinadores depende das relações individuais e de grupo, em que o sucesso necessita de interações regularmente com os seus atletas e assistentes, pais e outros profissionais. Em decorrência, esse processo pode amenizar situações desagradáveis como por exemplo, os pais ofendendo verbalmente árbitros e equipes adversárias.

Por fim, o conhecimento intrapessoal refere-se a compreensão dos treinadores de si mesmos e à sua capacidade de introspecção e reflexão. Resumidamente, a capacidade de um treinador para maximizar os resultados não restringe apenas no amplo conhecimento profissional e conhecimento interpessoal, mas também na introspecção constante, avaliação e revisão de sua prática (Côté; Gilbert, 2009; ICCE; ASOIF, 2013; Werthner; Trudel, 2009).

Tal pensamento de reunir os três conhecimentos parte do objetivo de potencializar a aprendizagem dos treinadores gerando uma amplitude de possibilidades e recursos para o desenvolvimento profissional dos treinadores. Diante do exposto, o desenvolvimento satisfatório desses conhecimentos pode levar à progressão na carreira profissional, aperfeiçoar o treinamento infantil no contexto do clube socioesportivo, e principalmente a busca da autonomia por parte dos praticantes.

Nesta perspectiva, as aulas e/ou treinos configuram-se como uma atividade de natureza social, intencional e deliberada (Côté *et al.*, 1995; Lyle; Cushion, 2010; Mesquita *et al.*, 2012), caracterizando-se como um processo holístico, dinâmico e sistemático onde ocorrem diversas

interações simultâneas entre o treinador, o atleta e o contexto de prática (Côté *et al.*, 1995; Lyle, 2002; Nash; Collins, 2006; Lyle; Cushion, 2010). Nesta perspectiva, surgem as inquietações com a qualidade da intervenção e formação do treinador, principalmente pelo seu papel social na formação de crianças e jovens. Esta demanda tem levado diversos países, como Canadá, Estados Unidos, Austrália, Reino Unido, Portugal e China, a desenvolverem seus próprios programas de certificação ou formação de treinadores (Cushion; Armour; Jones, 2003; Côté, 1999; Lemyre; Trudel; Durand-Bush, 2007; Wright; Trudel; Culver, 2007; Callary; Werthner; Trudel, 2011), os quais, geralmente, são oferecidos por universidades, institutos, associações profissionais, conselhos governamentais e federações esportivas (Trudel; Gilbert, 2006; Wright; Trudel; Culver, 2007).

No contexto nacional, a formação de treinadores(as) esportivos(as) no Brasil está sob a jurisdição da Educação Física (BRASIL, 1998), desse modo é exigida a formação em curso superior de Educação Física, nomeadamente a habilitação em bacharelado (Milistetd *et al.*, 2014) além da realização do registro no conselho de classe da área, com exceção do futebol.

Logo, percebemos a importância do papel do treinador na formação pessoal e social, além da colaboração com o desenvolvimento da cidadania, educação, saúde e bem-estar de pessoas de todas as idades (ICCE, 2013). As competências fundamentais, por sua vez, se desenvolvem em cima das 6 funções primárias do treinador, sendo elas: definir visão e estratégia; moldar o ambiente; construir relações; conduzir práticas e preparar para competições; ler o jogo e reagir a ele; aprender e refletir (ICCE, 2013). Existem algumas maneiras de classificar as situações e os momentos em que ocorre a aprendizagem profissional de treinadores. Uma dessas classificações coloca as situações de aprendizagem em contexto formal, não formal e informal (Cushion; Armour; Jones, 2003)

Ao abordamos no tópico anterior, a competição infantil, ressaltamos que o treinador tem papel reconhecido para o acesso a uma prática esportiva de qualidade e desenvolvimento dos jovens (Santos; Vagetti; Oliveira, 2016; Reverdito; Collet; Machado, 2022), encorajando a participação, ensinando valores e estimulando o trabalho em grupo, tornando consciente a percepção sobre a realidade social e oportunizando aprendizado em contextos de treino e competição, derrota e vitória (Strachan; Côté; Deakin, 2009). Neste contexto, verifica-se a necessidade de desenvolver um maior número de estudos centrados em ambientes de competição, em que o equilíbrio entre a procura do máximo desempenho esportivo e o desenvolvimento de crianças e jovens é, por vezes, problemático (Camiré, 2015).

No processo de busca dessa aprendizagem dos treinadores, tem se tornado corriqueiro o direcionamento equivocado que alguns treinadores fornecem aos seus praticantes ao apontar qual jogador irá se tornar profissional no processo de formação (Moraes; Medeiros Filho, 2006). Bloom (1985), em seu clássico estudo sobre expert, oriundos da ciência, das artes e dos esportes, constatou que mesmo aqueles considerados “talentosos” quando crianças, depois de adultos, nem sempre apresentavam um desempenho expert, em comparação com os melhores em seus respectivos domínios. Judocas brasileiros que já disputaram jogos olímpicos eram considerados muitas vezes com pouco “talento” na fase de iniciação esportiva (Massa; Uezu; Böhme, 2010).

Portanto, a precocidade em uma área não necessariamente é um passaporte para o sucesso, mas sim um estágio inicial do desenvolvimento do atleta. Treinadores de elite da Inglaterra relataram que muitos atletas jovens que conquistaram títulos importantes não permanecem no esporte. O processo vigente de formação de esportistas gera muita pressão a estes indivíduos, principalmente pelo fato de os treinadores não focarem metas a longo prazo e pela exigência de um desempenho elevado precocemente (Martindale; Collins; Abraham, 2007).

Após explorarmos o papel fundamental do treinador esportivo no desenvolvimento das crianças e analisarmos a importância da competição infantil na fase de Iniciação Esportiva, o próximo tópico será dedicado à descrição do programa CAD – Clube Pinheiros-SP. Nesse segmento, apresentaremos sua estrutura, os objetivos específicos de cada turma e as atividades pedagógicas oferecidas, que visam não apenas o aprendizado esportivo, mas também o fortalecimento de aspectos como disciplina, trabalho em equipe e respeito. O CAD, com sua metodologia e foco em diferentes faixas etárias, representa uma abordagem integral para a formação das novas gerações, tanto no campo esportivo quanto no social.

2.4 O Programa Centro de Aprendizado Desportivo (CAD) - Clube Pinheiros-SP

O programa foi criado em 1972 e é pioneiro no programa esportivo infantil atendendo associados de 3 a 10 anos. Toda essa relevância fez com que a atividade se tornasse uma referência dentro e fora do Pinheiros. Em 2009 o CAD foi certificado pelo Sistema de Gestão de Qualidade – ISO 9001:2015.

A equipe de profissionais é composta por:

*1 Supervisora

* 1 Coordenadora

* 9 Treinadores

*7 Estagiários

Atualmente, o CAD atende 1.026 crianças. No Quadro 9, serão apresentadas as turmas existentes, juntamente com as faixas etárias correspondentes e os objetivos específicos de cada grupo. O programa é composto por oito turmas, sendo cada uma voltada para atender diferentes faixas etárias, com o objetivo de oferecer atividades e experiências pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento motor e social das crianças.

Quadro 9. Estrutura e organização do CAD.

Turma	Faixa Etária	Objetivos
Júnior I	3 anos	*Desenvolver a coordenação motora das crianças por meio da locomoção, estabilidade, equilíbrio e manipulação.
Júnior II	4 anos	*. Explorar atividades lúdicas voltadas à recriação e histórias para motivar as crianças. * Desenvolver habilidades básicas como andar, correr, pular, arremessar, rebater e lançar.
Júnior III	5 anos	* Desenvolver a parte das crianças e prepará-las para os jogos. * Combinação de jogos e introdução às modalidades esportivas.
Júnior IV	6 anos	*Iniciar as crianças nos esportes preparando-as para a fase seguinte.
Esportes I	7 anos	*Trabalhar, por temporada, as modalidades esportivas, introduzindo algumas regras específicas e aproximando da realidade do jogo.
Esportes II	8 anos	*Aprimorar as modalidades vivenciadas na turma anterior e experimentar algumas modalidades complementares, como badminton, atletismo, saltos ornamentais e boliche.
Multiesportes	9,10 anos	*Possibilitar a inserção das crianças nas mais diferentes manifestações do esporte. *Preparar os alunos para as escolas de esportes das mais diferentes modalidades.
Gym (Ginástica)	4 a 7 anos	Ampliar o desenvolvimento motor por meio da Ginástica.

Fonte: Pinheiros (2019).

Considerando as oito turmas descritas no quadro acima, as turmas são organizadas de forma a atender as necessidades das crianças na faixa etária de 3 a 10 anos. O formato de divisão das aulas é estruturado em dois grupos principais: terça-feira e quinta-feira ou quarta-feira e sexta-feira. Assim, independentemente da escolha, o aluno participa de duas aulas por semana. O Quadro 10 a seguir detalha essa divisão de turmas para melhor compreensão e organização.

Quadro 10. Divisão de turmas

Turma	Idade	Dias da Semana	Horários	Inscritos
GYM	4 a 7 anos	3° e 5° feira	9 às 9h50	11
GYM	4 a 7 anos	4° e 6° feira	9 às 9h50	13
GYM 1	4 e 5 anos	3° e 5° feira	15 às 15h50	17
GYM 1	4 e 5 anos	3° e 5° feira	16 às 16h50	18
GYM 1	4 e 5 anos	4° e 6° feira	15 às 15h50	7
GYM 1	4 e 5 anos	4° e 6° feira	16 às 16h50	22
GYM 2	6 e 7anos	3° e 5° feira	17 às 17h50	20
GYM 2	6 e 7anos	3° e 5° feira	18 às 18h50	12
GYM 2	6 e 7anos	4° e 6° feira	17 às 17h50	25
GYM 2	6 e 7anos	4° e 6° feira	18 às 18h50	6
			Total	151
JUNIOR 1	3 anos	3° e 5° feira	10 às 10h45	11
JUNIOR 1	3 anos	3° e 5° feira	15 às 15h45	20
JUNIOR 1	3 anos	3° e 5° feira	16 às 16h45	20
JUNIOR 1	3 anos	3° e 5° feira	17 às 17h45	20
JUNIOR 1	3 anos	4° e 6° feira	10 às 10h45	12
JUNIOR 1	3 anos	4° e 6° feira	15 às 15h45	15
JUNIOR 1	3 anos	4° e 6° feira	16 às 16h45	15
JUNIOR 1	3 anos	4° e 6° feira	17 às 17h45	8

JUNIOR 2	4 anos	3° e 5° feira	9 às 9h50	0
JUNIOR 2	4 anos	3° e 5° feira	10 às 10h50	10
JUNIOR 2	4 anos	3° e 5° feira	15 às 15h50	24
JUNIOR 2	4 anos	3° e 5° feira	16 às 16h50	21
JUNIOR 2	4 anos	3° e 5° feira	17 às 17h50	26
JUNIOR 2	4 anos	4° e 6° feira	10 às 10h50	6
JUNIOR 2	4 anos	4° e 6° feira	15 às 15h50	10
JUNIOR 2	4 anos	4° e 6° feira	16 às 16h50	5
JUNIOR 2	4 anos	4° e 6° feira	17 às 17h50	15
JUNIOR 3	5 anos	3° e 5° feira	9 às 9h50	2
JUNIOR 3	5 anos	3° e 5° feira	10 às 10h50	10
JUNIOR 3	5 anos	3° e 5° feira	15 às 15h50	16
JUNIOR 3	5 anos	3° e 5° feira	16 às 16h50	22
JUNIOR 3	5 anos	3° e 5° feira	17 às 17h50	25
JUNIOR 3	5 anos	4° e 6° feira	10 às 10h50	9
JUNIOR 3	5 anos	4° e 6° feira	15 às 15h50	10
JUNIOR 3	5 anos	4° e 6° feira	16 às 16h50	11
JUNIOR 3	5 anos	4° e 6° feira	17 às 17h50	20
JUNIOR 4	6 anos	3° e 5° feira	9 às 9h50	0
JUNIOR 4	6 anos	3° e 5° feira	10 às 10h50	15
JUNIOR 4	6 anos	3° e 5° feira	15 às 15h50	15
JUNIOR 4	6 anos	3° e 5° feira	16 às 16h50	25
JUNIOR 4	6 anos	3° e 5° feira	17 às 17h50	25
JUNIOR 4	6 anos	4° e 6° feira	10 às 10h50	6
JUNIOR 4	6 anos	4° e 6° feira	15 às 15h50	11
JUNIOR 4	6 anos	4° e 6° feira	16 às 16h50	25
JUNIOR 4	6 anos	4° e 6° feira	17 às 17h50	21
			Total	506
ESPORTES 1	7 anos	3° e 5° feira	9 às 10h	2

ESPORTES 1	7 anos	3° e 5° feira	10 às 11h	7
ESPORTES 1	7 anos	3° e 5° feira	15 às 16h	10
ESPORTES 1	7 anos	3° e 5° feira	16 às 17h	19
ESPORTES 1	7 anos	3° e 5° feira	17 às 18h	26
ESPORTES 1	7 anos	4° e 6° feira	10 às 11h	7
ESPORTES 1	7 anos	4° e 6° feira	15 às 16h	7
ESPORTES 1	7 anos	4° e 6° feira	16 às 17h	15
ESPORTES 1	7 anos	4° e 6° feira	17 às 18h	21
ESPORTES 2	8 anos	3° e 5° feira	9 às 10h	2
ESPORTES 2	8 anos	3° e 5° feira	10 às 11h	4
ESPORTES 2	8 anos	3° e 5° feira	15 às 16h	13
ESPORTES 2	8 anos	3° e 5° feira	16 às 17h	22
ESPORTES 2	8 anos	3° e 5° feira	17 às 18h	18
ESPORTES 2	8 anos	4° e 6° feira	10 às 11h	11
ESPORTES 2	8 anos	4° e 6° feira	15 às 16h	6
ESPORTES 2	8 anos	4° e 6° feira	16 às 17h	16
ESPORTES 2	8 anos	4° e 6° feira	17 às 18h	15
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	3° e 5° feira	9 às 10h	8
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	3° e 5° feira	10 às 11h	8
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	3° e 5° feira	15 às 16h	17
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	3° e 5° feira	16 às 17h	21
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	3° e 5° feira	17 às 18h	23
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	4° e 6° feira	10 às 11h	11
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	4° e 6° feira	15 às 16h	15

MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	4° e 6° feira	16 às 17h	20
MULTI ESPORTES	9 e 10 anos	4° e 6° feira	17 às 18h	25
			Total	369
				Inscritos
			CAD	1026

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Após apresentar a divisão das turmas e os horários das aulas do programa esportivo do CAD, abordaremos um dos eventos mais esperados do calendário do CAD: a *Cadíada*. Essa olimpíada anual não só promove a participação das crianças em um evento esportivo, mas também está alinhada aos objetivos pedagógicos do programa, proporcionando experiências de aprendizado e integração entre os participantes. A seguir, mostraremos algumas informações da *Cadíada de 2024*, que faz dessa competição um momento único e importante para o desenvolvimento integral das crianças.

Com o objetivo de estimular o aprendizado de valores como cooperação, respeito, superação e trabalho em equipe, a *Cadíada* promove um ambiente de competição saudável e de crescimento para os participantes, respeitando as necessidades e capacidades de cada faixa etária.

Em 2024, a 42ª edição da *Cadíada* teve como tema os "100 anos da Disney". O evento contou com a participação de 468 inscritos no CAD e 207 crianças de onze entidades convidadas. A Olimpíada constitui num dos maiores eventos do calendário esportivo do clube, sempre alinhada aos objetivos pedagógicos do programa, ao mesmo tempo em que proporciona às crianças uma experiência de aprendizado e integração com seus colegas de diferentes entidades.

Ao examinarmos as especificidades do programa descritas no Quadro 9, percebemos que os movimentos alcançam a complexidade de forma sequencial e progressiva (Gallahue; Ozmun; Goodway, 2013; Manoel, 1994). Com esse aperfeiçoamento das Habilidades Motoras Fundamentais (HMF), os treinadores do programa esperam que os praticantes adquiram a competência motora, ou então a proficiência em executar as habilidades motoras (Rudd, 2015).

A literatura descreve como um dos fenômenos motores que tem sido considerado como uma condição subjacente e precedente a aquisição das HMF é a coordenação motora global (CMG) (Rudd, 2015; Vandorpe *et al.*, 2012), entendida como a capacidade de organização dos movimentos, dada a interação harmoniosa dos sistemas musculoesqueléticos, nervoso e sensorial. Portanto, ao buscar a competência motora, os praticantes poderão se envolver tanto para atividades motoras recreativas e/ou competitivas (Gallahue; Ozmun; Goodway, 2013).

Na perspectiva dos objetivos do programa CAD, percebemos uma progressão gradual no desenvolvimento motor das crianças, respeitando as fases naturais de crescimento e evolução física de cada faixa etária. A proposta do programa é alinhar as atividades às necessidades específicas de cada grupo, de forma a garantir que as crianças evoluam de maneira coerente com seu estágio de desenvolvimento. Dessa forma, são consideradas as etapas cognitivas, motoras e psicossociais da infância, com ênfase em atividades que favoreçam a coordenação motora, o equilíbrio, a agilidade e a integração social. O respeito às fases de desenvolvimento motor é central para o programa, pois permite que as crianças se sintam desafiadas de acordo com suas capacidades, sem pressões, e ao mesmo tempo, recebam estímulos adequados ao seu crescimento físico e psicológico. Tal concepção admite, dessa forma, que a relação positiva entre a competência motora e a atividade física parece ser potencializada ao longo da vida (Stodden *et al.*, 2008; Malina; Bouchard; Bar-Or, 2004).

Diante do exposto, ao defendermos em nosso estudo a participação esportiva sistematizada, organizada, planejada e avaliada, utilizando como estudo de caso o CAD, o programa pesquisado pode contribuir para o desenvolvimento de hábitos de atividade física durante a vida (Telama *et al.*, 2006). A Iniciação Esportiva trabalhada com o devido rigor metodológico tende a propiciar aos praticantes a manutenção na prática esportiva e, quando alcançam idades mais velhas, torna a prática esportiva como parte da rotina para a manutenção da saúde (Kjønniksen; Anderssen; Wold, 2009).

Ao contextualizarmos o treinamento infantil no clube Pinheiros-SP em especial o CAD, Arena e Böhme (2000) pesquisaram clubes e entidades governamentais no Estado de São Paulo. O estudo concedeu à essas entidades um importante papel no oferecimento da Iniciação Esportiva e sua continuidade nas categorias de base. Foi analisado o programa esportivo de sete secretarias de esporte e de sete clubes socioesportivos da capital paulista. As autoras apresentaram um quadro elucidativo dos programas oferecidos pelos clubes de SP nas etapas iniciais de formação esportiva. que podem visualizadas no Quadro 11.

No entanto, uma informação importante — a data de início dos programas nos clubes — não foi possível de ser obtida. Embora tenha sido feito contato telefônico e também por e-mail com as instituições responsáveis pelos programas, os pesquisadores não obtiveram retorno desses contatos. Diante dessa situação, a falta de resposta impossibilitou a coleta dessa informação específica.

Quadro 11. Programas e clubes da cidade de São Paulo que oferecem a pré-modalidade

Entidades	Nome do programa	Idades	Objetivo Geral
Palmeiras	Palmeiras Kids	Kids I-4 a 5 anos Kids II- 6 a 8 anos	Iniciação poliesportiva
São Paulo	Centro de Orientação Desportiva (COD)	3-4 anos Ed. Fis Infantil 5 anos - Natação A partir dos 6 anos-Modalidades Coletivas e Individuais.	Executar atividades para que a criança tenha ganhos substanciais, não apenas na parte motora e cognitiva, mas também no aspecto psicológico, colaborando de forma decisiva na sua trajetória de vida, tanto pessoal como profissional.
Esperia	Programa de Iniciação Desportiva (PIDE)	Baby-3 a 4 anos Kids – 5 a 6 anos Teen – 7 a 10 anos	Contribuir para a formação global de crianças, ajudando a desenvolver aspectos motores, cognitivos e socioafetivos.
Pinheiros	Centro de Aprendizagem Desportiva (CAD)	CAD JR- 3 a 6 anos CAD GYM-4 a 10 anos CAD-Esportes- 7 a 10 anos	Transformar a atividade física em benefícios para a vida dos associados.
Paulistano	Escola de Esportes	Informações não encontradas	Informações não encontradas.
Hebraica	Escola de Esportes	Kid Sport1- 2 a 3 anos Kid Sport 2– 4 a 5 anos Multisport – 6 a 9 anos	Integrar a aprendizagem de várias modalidades esportivas dentro da mesma estrutura, de forma que a criança possa aumentar seu repertório motor e tenha a oportunidade de praticar várias modalidades esportivas, para poder conhecer, detectar seus talentos e habilidades, e escolher uma modalidade para praticar. Vai do abrangente para o específico.
Banespa	Escola de Esportes	5 a 9 anos 7 a 10 anos	Desenvolver as habilidades motoras, capacidades físicas, promove a sociabilização e integra as crianças à rotina do esporte.
Paineiras	Área de Formação Esportiva (Setor de Educação Física e Formação Esportiva)	01 a 12 anos	Desenvolvimento motor, psico-afetivo e social, despertando o interesse pela prática esportiva direcionando futuramente para escolha de uma modalidade específica.
Ipê Clube	Projeto Ipê	Baby – 4 a 5 anos Kids 6 a 8 anos Junior -9 a 12 anos	Desenvolver na criança os aspectos mental, emocional, social e corporal por meio da vivência esportiva nas seguintes modalidades: ginástica artística, iniciação ao atletismo, natação, tênis, entre outras.
Círculo Militar	Centro Integrado de Desenvolvimento Infantil (CIDI)	CID I – 3 anos CID II-4 a 5 anos CID III- 6 a 7 anos Multi-Esportes 8 a 10 anos	Desenvolvimento multilateral.

Fonte: Arena e Böhme (2000) – Atualizado pelos autores.

Desse modo, Silva (2020) descreve em seu estudo alguns estudos que buscam compreender as vantagens num programa de participação esportiva sistematizada em comparação com a prática da Educação Física Escolar. Na pesquisa de Rudd *et al.* (2017), a intervenção de 16 semanas de ginástica proporcionou melhor desempenho nas habilidades de

controle de objetos e estabilidade em crianças dos 2 aos 12 anos de idade, comparadas às que participavam apenas da Educação Física escolar. Do mesmo modo, no estudo de Burrows, Keats e Kolen (2014), houve uma melhoria significativa na proficiência das habilidades motoras nos participantes de 6 a 10 anos de idade após 11 semanas de participação em programa de jogos diversificados. Assim como crianças que praticavam o tênis de mesa apresentam um maior nível de CMG quando comparado às crianças que praticavam apenas a Educação Física escolar (Chagas; Macedo; Batista, 2018).

Dentro do processo de ensino do esporte-participação, a iniciação pode ser definida como o primeiro passo (Ramos; Neves, 2008). Trata-se de um estágio cronológico quando a principal atenção seria sobre o ensino dos princípios básicos de uma ou mais modalidades esportivas (Weineck, 1999; Bompa, 2000; Ramos; Neves, 2008).

Diante disso, a proposta defendida pelo CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, considera-se que um processo de iniciação esportiva adequado para crianças e jovens tenha como finalidade atender às suas necessidades, em especial, do ponto de vista motor (Myer *et al.*, 2016). Assim, neste período, evidências demonstram a importância da variedade de experiências para ampliar o repertório motor dos praticantes, promover as primeiras adaptações para que possam responder aos novos estímulos, e posteriormente oferecer-lhes condições de optar pelo esporte que desejam praticar (Myer *et al.*, 2016).

Para evidenciarmos a importância de um programa esportivo organizado, sistematizado e planejado, Piffero (2007) verificou a influência de um Programa de Iniciação ao Tênis com duração de 26 semanas para crianças de seis a 12 anos, os resultados indicaram mudanças positivas e significativas para as necessidades reais dos participantes, promovendo um aumento no repertório motor que contribui para o desenvolvimento infantil. Souza (2020) avaliou o desempenho motor de crianças entre 7 e 10 anos, participantes e não participantes de um programa social esportivo, nas habilidades motoras fundamentais de locomoção e controle de objetos, de acordo com o sexo. Os resultados indicaram melhoras significativas após o término do programa para os meninos e meninas nas habilidades de locomoção e controle de objeto: os participantes do grupo interventivo obtiveram melhor desempenho quando comparados aos seus pares do grupo controle ao final do programa.

Percebe-se, portanto, os efeitos e a importância da prática de esporte e atividade física estruturada no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento infantil. Os estudos citados anteriormente são importante, pois evidenciam que programas como o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP promovem ganhos importantes das habilidades motoras fundamentais e

também proporcionam aos praticantes a oportunidade de vivenciar a diversidade do esporte, e não apenas uma modalidade específica. Intervenções motoras que utilizam de métodos de ensino que proporcionam a autonomia e a variedade de atividades, apresentam melhores resultados quando comparados a métodos tradicionais (Valentini; Rudisill, 2004; Robinson; Goodway, 2009).

No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, detalhando as etapas e abordagens utilizadas para a coleta e análise dos dados. Serão descritos os métodos de pesquisa, os instrumentos empregados, as estratégias para garantir a confiabilidade e a validade dos resultados. O objetivo é fornecer uma visão clara sobre o processo investigativo, permitindo que se compreenda como os dados foram obtidos e tratados ao longo do estudo.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Tipo da pesquisa e caracterização do estudo

Esta pesquisa configura-se como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e procedimentos de um estudo de caso intrínseco. O delineamento descritivo tem por objetivo essencial a descrição detalhada de um determinado contexto, população ou fenômeno (Gil, 2008). Este delineamento foi selecionado devido à necessidade de descrição das características de um contexto em específico, que neste estudo trata-se de um clube associativo, que possui um programa esportivo destinado diretamente às crianças. A abordagem qualitativa contribui na compreensão detalhada de fenômenos sociais complexos, fundamentada na percepção exclusiva de sujeitos ou cenários pesquisados (Yin, 2011). O material obtido qualitativamente exige a capacidade integrativa e analítica, junto à capacidade criadora e intuitiva do pesquisador (Martins, 2004).

A utilização da pesquisa qualitativa contempla estratégias indutivas, analisando os significados, as crenças, representações e percepções da experiência e da prática cotidiana, mas sustentado por um conhecimento teórico anterior (Flick, 2009). Por meio desse pensamento, podemos relacionar a investigação feita pelo investigador em seu estudo de mestrado (Sousa, 2018), ao pesquisar as escolas de esportes dos clubes de Campinas-SP. Já com a atual pesquisa, iremos nos debruçar sobre o programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP.

Dessa forma, tal estudo de caso busca compreensão sobre um fenômeno em específico, com foco no desenvolvimento aprofundado de sua análise (Yin, 2015). A opção pelo estudo de caso, neste estudo, se dá pela necessidade de compreensão detalhada deste programa (CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP), por meio da análise aprofundada de suas características e metodologia de aplicação. O estudo de caso se caracteriza como intrínseco (Stake, 1995; Baxter; Jack, 2008), devido ao fato de que o caso em sua totalidade seja de interesse para a pesquisa.

Ao planejarmos a metodologia de nossa pesquisa, analisamos as principais questões que norteiam a problemática central, a fim de que possamos identificar e escolher a estratégia mais adequada em consonância com as demandas de pesquisa.

O estudo de caso por sua vez, emerge de questões “como” e “por que”, como exemplo, pesquisas que buscam investigar como e por que um programa atendeu (ou não) as expectativas, e seus objetivo (Monteiro; Tormes; Moura, 2018). Ao orientar pesquisas a partir de questionamentos “como” e “por que”, os estudos de caso são constantemente aplicados para o

desenvolvimento de avaliações de programas (Yin, 2015, p. 24). Portanto, definimos tal caminho metodológico para delinear o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, ou seja, como o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP organiza, sistematiza e planeja o processo de ensino e treino? E por que o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP preconiza uma Iniciação Esportiva voltada à diversificação de movimentos? Estas são as indagações principais que tecem esta tese, visando assim apresentar respostas a partir deste estudo de caso.

Em seu processo investigativo, o estudo de caso se aproxima de outras metodologias qualitativas e tem fases marcantes em nossa pesquisa: a coleta de dados em campo e a análise documental. Em nosso estudo, coletamos dados juntos aos treinadores e as gestoras do programa pesquisado e também fizemos uma análise documental.

Tal procedimento de pesquisa utiliza como dados documentos, entrevistas, registros, elementos que possibilitam otimizar o tempo necessário para o trabalho, de acordo com as demandas do estudo (Yin, 2015). Sendo assim, como metodologia de pesquisa no clube socioesportivo selecionado, dentre seu conceito e características postuladas, o estudo de caso possibilita importantes perspectivas para as diferentes questões que envolvem o CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, permitindo, por seu viés qualitativo, investigar e refletir sobre contextos atuais, para então propor novos rumos e possibilidades, no caso de nosso estudo o esporte-participação.

Gil (2009) destaca quatro etapas para o estudo de caso: a formulação do problema, etapa inicial da pesquisa que deriva da reflexão de profundas bases bibliográficas sobre o problema a ser estudado e seja passível de ser verificado, sendo ideal para estudos exploratórios e descritivos. A segunda, a definição da unidade-caso, o fenômeno a ser estudado, que pode ser um indivíduo e, ou seu grupo, uma organização, que serão analisados em um contexto claramente definido. A terceira, a determinação do número de caso, é justificada quando se trata de caso específico, extremo, ou quando existe a dificuldade de acesso a múltiplos casos. E a quarta e última etapa, a elaboração do protocolo, o estabelecimento de um roteiro, um instrumento que documenta a conduta a ser adotada (Monteiro; Tormes; Moura, 2018). Em consonância com as quatro etapas propostas por Gil (2009), delineamos as quatro etapas de nossa pesquisa:

- Primeira etapa: Formulação do problema - O esporte-participação no cenário clubístico não recebe um tratamento pedagógico coerente;
- Segunda etapa: Definição da unidade-caso - O programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP;

- Terceira etapa: Casos a serem estudados - Metodologia utilizada pelos treinadores e gestores, características das atividades propostas, formação dos treinadores; e
- Quarta etapa: Elaboração do protocolo - Entrevista semiestruturada com treinadores e a gestora do programa.

Para Yin (2015), projetos de estudo de caso com alto rigor e coerentes metodologicamente, consistem em um plano de ação para se “sair daqui e chegar lá”, sendo que o aqui pode ser definido como conjunto inicial de questões a serem respondidas e o lá conjunto de conclusões, respostas sobre tais questões. Porém, entre o aqui e o lá, temos uma extensa trajetória a ser percorrida.

A presente pesquisa ocorre por meio da investigação de um programa esportivo voltado a crianças dentro do Esporte Clube Pinheiros-SP, denominado Centro de Aprendizado Desportivo (CAD). As informações conseguidas que apresentam o contexto investigado, foram possíveis através de uma análise prévia de documentos oficiais que são disponibilizados publicamente no site da própria instituição e por meio de conversa com as gestoras.

Os documentos descrevem o programa como uma proposta de Iniciação Esportiva de forma saudável e prazerosa desenvolvido no Esporte Clube Pinheiros-SP. Dessa forma, compreendemos o programa esportivo como um serviço que se desenvolve obedecendo às fases de desenvolvimento da criança com foco no contexto do esporte-participação. Essas informações justificam a escolha específica por este programa esportivo, como contexto de investigação, pois possui declaradamente princípios explícitos que priorizam um processo de ensino e treino voltado a formação integral do praticante e, com isso, contrapondo a utilização do esporte para fins exclusivos de formação de atletas.

Ainda relatando nossos procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa documental, que consiste em um procedimento importante de abordagem de dados, tanto para complementar as informações já obtidas por outras técnicas quanto para revelar novos aspectos de uma temática ou de um problema (Lüdke; André, 1986). Em nosso estudo, parte dos documentos utilizados foi disponibilizada pelas gestoras do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. A participação dessas profissionais permitiu a identificação de informações que descrevessem seus conhecimentos a respeito dos princípios norteadores do programa, assim como a descrição de suas estratégias para o desenvolvimento das atividades do programa. Também buscamos informações em outras fontes, como por exemplo o site oficial do clube. Com isso, os documentos analisados são, a seguir, apresentados:

- * Site oficial do clube;
- * Objetivos do Programa CAD e seu Plano de Desenvolvimento;
- * Modelos de planos de aula anual e mensal;
- * Planejamentos anuais dos treinadores; e
- * Eventos programados ao longo do ano.

Prosseguindo com nossos procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para obter informações também qualitativas sobre o tema central da pesquisa, ao final do processo de investigação. Além de permitir ao investigador a análise mais profunda do contexto de investigação (Yin, 2011), este instrumento possibilita ao entrevistado expressar seus sentimentos, opiniões, atitudes e ideias (Sparkes; Smith, 2014).

Na visão de Triviños (1987), a entrevista semiestruturada mostra como característica o suporte em teorias e hipóteses a partir de questionamentos básicos os quais apresentam um conjunto hipóteses que emergem das respostas concedidas pelos entrevistados que participam na construção do conteúdo da investigação.

A entrevista semiestruturada permite ao entrevistado discursar sobre a temática abordada seguindo as questões previamente formuladas. Ao mesmo tempo, possibilita ao entrevistador explorar e formular perguntas não previstas no roteiro. A entrevista semiestruturada requer do entrevistador perspicácia e habilidade de dialogar (WACHHOLZ, 2015, p. 46).

Entendemos que a entrevista semiestruturada seja apropriada para a nossa pesquisa, uma vez que essa, sendo um encontro de duas pessoas com o objetivo de obter informações a respeito de um assunto determinado através de uma conversa profissional, permite que o entrevistador tenha liberdade para desenvolver cada situação em uma direção que achar adequada (Marconi; Lakatos, 2003).

Com isso, é possível investigar o assunto estudado através de perguntas que seguem um roteiro de tópicos relativos ao problema que será estudado, mas que não se retêm em uma estrutura formal; este tipo de entrevista auxilia a entender razões, motivos, e permite que maiores esclarecimentos sejam dados pelos sujeitos (Marconi; Lakatos, 2003). O roteiro de entrevista (APÊNDICE A), foi organizado de acordo com os objetivos da pesquisa, onde foram organizadas quatro categorias de análise: 1. **Princípios**; 2. **Estratégia**; 3. **Avaliação**; 4. **Desafios**. Tais categorias serão aprofundadas posteriormente nesse capítulo.

Durante a execução desta técnica de pesquisa, buscamos considerar as orientações apresentadas por Boni e Quaresma (2015), e, não obstante da utilização do roteiro de questões previamente definidas, mantivemos o contexto próximo a uma conversa informal, na qual os

entrevistados manifestaram sobre os temas propostos, mas com intervenções a fim de que os objetivos fossem alcançados. A transcrição das entrevistas (APÊNDICE C) gerou o total de 35 páginas com duração média de 16 minutos e 43 segundos, sendo que a mais longa durou 28 minutos e 01 segundo e a mais curta durou 08 minutos e 46 segundos.

Após o contato prévio, via e-mail, e aceite dos participantes em contribuir com a pesquisa, marquei uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa para todos os envolvidos. Tal apresentação foi feita presencialmente no espaço destinado as reuniões do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. Nesse dia (13/08/2024), agendamos a coleta dos dados e o esclarecimento dos procedimentos a serem realizados e também os profissionais participantes da pesquisa assinaram o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). As entrevistas foram agendadas de acordo com as disponibilidades de local, dia e horário de cada um dos sujeitos. Cada entrevista foi realizada somente com a participação do entrevistado e do entrevistador no respectivo local agendado.

Prosseguimos com a coleta dos dados, que ocorreu no período de 20/08/2024 a 15/10/2024. A coleta sempre ocorreu às terças-feiras no horário de 14h às 18h. Neste momento, estive integralmente inserido na rotina da instituição, com o acompanhamento das atividades.

Como estive presente sempre no dia e horário apresentado anteriormente, realizei o seguinte procedimento: realizei a entrevista com o treinador às 14h e após esse momento, acompanhei o treinador na realização de sua aula.

Simultaneamente ao acompanhamento das sessões de treinamento, destinamos esforços para o reconhecimento da estrutura física da instituição, para a realização da pesquisa documental e da observação não participante. Além disso, também me relacionei com os profissionais da instituição em seu ambiente de trabalho, que permitiram a compreensão das características históricas, sociais e culturais do Clube Pinheiros-SP, em especial do programa CAD.

Os roteiros de entrevistas utilizados pelo pesquisador, se organizavam de modo a atender a busca pelas concepções dos profissionais nas seguintes dimensões: (1) o conhecimento sobre os princípios norteadores do programa; (2) as estratégias elaboradas para o alcance dos objetivos relacionados ao desenvolvimento do programa pesquisado; (3); A descrição dos resultados obtidos (Palheta, 2019). Esse mesmo autor destaca que essa estrutura do roteiro utilizado permitiu o surgimento de uma quarta dimensão, revelando as concepções dos profissionais sobre: (4) Os desafios enfrentados ao buscar favorecer o desenvolvimento do

programa. (Mais detalhes sobre o surgimento desta dimensão, estão descritos no tópico Análise dos Dados).

O roteiro de entrevistas foi validado qualitativamente por dois professores sendo um deles doutor e outro com doutorado em andamento. Ambos com conhecimento certificado sobre a área de estudo e com experiência voltada para a validação de instrumentos de coleta de dados. Foram feitas sugestões que proporcionaram modificações no sentido de tornar o roteiro mais objetivo e coerente com o objetivo da pesquisa.

Foram entrevistados onze profissionais da instituição, duas gestoras e nove treinadores. As entrevistas foram realizadas individualmente por meio do tablet *Galaxy Tab S6 Lite* para posteriormente serem armazenadas em um notebook pessoal do pesquisador, e então, serem transcritas literalmente com auxílio do software *Transkriptor*. Posteriormente, realizamos a revisão das entrevistas, com a manutenção da integridade das mesmas. Além do processo das entrevistas, elaboramos o diário de pesquisa de campo (ANEXO B) que possibilitou aos pesquisadores compreender as práticas, dinâmicas e perspectivas de todos os envolvidos no processo.

No caso da presente pesquisa, que investiga um programa esportivo voltado para crianças de 3 a 10 anos, no CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, o uso do diário de pesquisa de campo permitiu uma reflexão detalhada e uma imersão no cotidiano do programa. Nele estão registrados o cotidiano, e notas do pesquisador sobre a impressão das aulas, com comentários livres ou outras observações pertinentes para a pesquisa (Bogdan; Biklen, 1994).

Por meio dos registros diários, foi possível não só observar os aspectos formais da realização das atividades, mas também captar as dinâmicas informais e os contextos que influenciam o sucesso ou as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos. O diário de pesquisa de campo proporcionou reconhecer a vivência cotidiana e real desse campo (não o “como fazer”, mas o “como foi feito”) (Borges; Silva, 2020). Corroborando os autores mencionados, Mynayo (2009) descreve essa ferramenta:

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado diário de campo, que nada mais é do que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevista em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações do diário de campo devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer análise qualitativa (Mynayo, 2009, p. 71).

Seguindo nessa linha da descrição dos percursos metodológicos, realizamos a observação não participante. Com isso, permitiu analisar como as crianças interagem com os

treinadores e como os treinadores implementavam suas estratégias pedagógicas. Optamos pela observação não participante para que o que o pesquisador não altere ou distorça o comportamento dos indivíduos observados. Nesta, o pesquisador toma contato com a comunidade, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora, isto é, "[...] presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador" (Marconi; Lakatos, 2003, p. 193).

Para estes autores, esse método possibilita ao pesquisador uma coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas; faz com que o investigador tenha um contato mais próximo com a realidade e não depende tanto da introspecção ou da reflexão. Isso é particularmente importante em programas destinados a crianças, pois os observadores podem capturar interações espontâneas e genuínas, sem influenciar o comportamento das crianças ou dos treinadores (Marconi; Lakatos, 2003).

Essa não intervenção do pesquisador permitiu um olhar atento sobre a adaptação das práticas aos diferentes grupos etários e como os princípios pedagógicos do programa eram efetivamente aplicados no cotidiano do clube (Godoy, 1995).

Além disso, essa mesma autora aponta que a observação não participante contribui de forma significativa para a análise e interpretação dos dados, possibilitando uma visão abrangente sobre o ambiente a ser pesquisado. Diante disso, a observação não participante ao ser complementada com as entrevistas, proporcionou uma análise de dados que fortaleceu a validade das conclusões, pois sempre após a realização da entrevista, o pesquisador se dirigia junto com o treinador para o local da aula.

Houve uma apresentação prévia com os praticantes para que os mesmos não pudessem estranhar a presença do pesquisador no recinto das aulas. O roteiro de observação das aulas compreendia os seguintes itens: data; objetivo; horário (início – término); relato do ambiente físico (espaço e materiais); relato do ambiente social (número de praticantes; faixa etária e atividades realizadas). Durante a observação, o pesquisador fez anotações breves e descritivas (Neuman, 2014) em seu notebook, que sintetizavam o que acontecia em tempo real. Foram observadas nove aulas no total, sendo que o pesquisador observou uma aula de cada treinador conforme consta no ANEXO B. Uma observação pontual de cada treinador foi suficiente para captar uma visão das metodologias e abordagens pedagógicas em prática.

Frente ao exposto, embora a observação de uma única aula por treinador tenha sido uma limitação do estudo, ela foi justificada por sua adequação aos objetivos da pesquisa, pela

natureza do programa observado e pelas questões logísticas envolvidas. Adicionalmente, o acesso ao clube e a permanência no ambiente observacional também são aspectos que impuseram limitações à pesquisa. O Esporte Clube Pinheiros, sendo uma instituição privada, tem normas e restrições quanto à entrada de pessoas externas, especialmente no que diz respeito à permanência nas atividades pedagógicas com as crianças mesmo que o clube tenha sido extremamente colaborativo no processo de pesquisa.

Logo, a escolha de observar uma única aula de cada treinador, embora restrita em termos de número de observações, foi uma decisão metodológica justificada por questões logísticas, práticas e de acesso. No entanto, o conjunto de métodos do estudo permitiu uma investigação profunda e eficaz dos princípios, estratégias, avaliação desafios do programa esportivo do CAD - Esporte Clube Pinheiros, garantindo que os objetivos da pesquisa fossem alcançados.

Portanto, essa complexidade dos caminhos metodológicos descritos, associada ao caráter interpretativo da investigação, permite, como explicitado anteriormente, classificar o presente estudo como uma pesquisa de natureza qualitativa. Contudo, conforme apontamos no início deste capítulo e de acordo com os pensamentos de Ventura (2007) e Yin (2015), as variações apresentadas ao conhecermos o programa CAD - Esporte Clube Pinheiros-SP e sua relevância no processo de ensino e treino de crianças também possibilita classificar, conforme já apontamos, a presente investigação como um estudo de caso.

Com isso, concluímos a análise das abordagens adotadas nesta pesquisa. No próximo tópico, serão apresentados os participantes da pesquisa, detalhando as características do grupo envolvido no estudo e a seleção dos sujeitos que contribuirão para a coleta de dados.

3.2 Participantes

Considerando que o presente estudo buscou elucidar as características de um determinado contexto, os participantes da pesquisa foram duas gestoras e nove treinadores e do programa atuantes no programa esportivo. Embora o programa conte com oito turmas, foram entrevistados nove treinadores, conforme apontado anteriormente, devido à particularidade da turma Junior I, que atende crianças na faixa etária de 3 anos. Esta turma possui um número elevado de alunos, o que justifica a presença de duas treinadoras. Além disso, a faixa etária em questão exige uma atenção especial, considerando as características de desenvolvimento das crianças, que demandam maior acompanhamento individualizado e ações pedagógicas mais direcionadas. O programa conta com sete estagiários, porém devido a uma limitação prática não foi possível entrevistá-los, pois o acesso direto aos estagiários também foi dificultado pela

estrutura organizacional do programa. Os treinadores e as gestoras foram considerados como a principal fonte de informações para os objetivos da pesquisa, uma vez que possuem maior experiência prática e visão mais consolidada sobre as dinâmicas do programa esportivo. Sua posição estratégica dentro do programa permitiu que fornecessem uma visão mais ampla e aprofundada sobre os temas abordados.

A inclusão das gestoras tornou-se primordial, pois as mesmas desempenham um papel essencial na coordenação e supervisão do programa, sendo responsáveis por aspectos administrativos e pedagógicos que influenciam diretamente as práticas e a continuidade do programa esportivo.

Ademais, elas são as responsáveis pela gestão dos treinadores, tomada de decisões sobre o planejamento do programa e por garantir que as práticas estejam alinhadas com os objetivos institucionais do clube.

A semelhança nas perguntas entre as entrevistas com gestoras e treinadores foi fundamentada na necessidade de buscar informações sobre os mesmos objetivos e aspectos do programa, garantindo que as respostas de ambos os grupos abordassem questões similares. Isso permitiu uma análise comparativa mais clara, que evidenciasse as semelhanças e divergências nas percepções e experiências dos treinadores e das gestoras. Assim, as entrevistas, embora abordando temas semelhantes, permitiram que fossem capturadas as diferentes nuances de cada grupo, enriquecendo a análise dos dados e proporcionando uma visão mais completa sobre o programa.

Segue Tabela 1 descritiva com os participantes do estudo.

Tabela 1. Participantes da Pesquisa de Campo

Participante	Cargo	Idade (anos)	Tempo no Clube	Gênero	Formação	Turma que trabalha	Faixa etária dos alunos
1	Supervisora	52	30	Feminino	Educação Física (Licenciatura)		
2	Coordenadora	53	25	Feminino	Educação Física		
3	Treinadora	22	1	Feminino	Educação Física (bacharelado)	Júnior 1	3 anos

4	Treinadora	27	3	Feminino	Educação Física (bacharelado)	Júnior 1	3 anos
5	Treinador	41	3	Masculino	Educação Física (bacharelado) e Direito	Junior 2	4 anos
6	Treinador	26	1	Masculino	Educação Física (bacharelado)	Junior 3	5 anos
7	Treinador	24	3	Feminino	Educação Física (bacharelado)	Junior 4	6 anos
8	Treinador	28	10	Masculino	Educação Física (bacharelado e licenciatura)	Esportes I	7 anos
9	Treinador	35	3	Feminino	Educação Física (bacharelado)	Esportes II	8 anos
10	Treinador	35	8	Masculino	Educação Física (bacharelado e licenciatura)	Multiesportes	9-10 anos
11	Treinador	31	2	Masculino	Educação Física (bacharelado e licenciatura)	Gym	4 a 7 anos

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Com a descrição dos participantes da pesquisa concluída, o próximo tópico abordará os instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados, detalhando as técnicas empregadas para garantir a relevância das informações obtidas durante o estudo.

3.3 Instrumento e procedimentos coleta de dados

O tratamento dos dados seguiu a análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Essa abordagem busca identificar padrões nos dados e é acessível a pesquisadores de diferentes níveis de experiência em análise qualitativa. Além disso, embora a análise temática tenha um processo estruturado, ela permite revisitar etapas anteriores sempre que necessário. O passo a passo das seis fases envolvidas foi descrito por Palheta (2019), sendo sintetizado a seguir.

1- Familiarização com os dados: Nessa primeira etapa, a intervenção é uma leitura exploratória, buscando captar as informações apresentadas nos textos coletados, bem como

fazendo uma identificação prévia de temas que se destacavam e/ou repetiam ao longo da leitura.

2- Geração de códigos iniciais: Nessa fase, o pesquisador tem como ponto de partida a análise dos dados, ao invés de conceitos ou teorias preexistentes. Possíveis elementos que podem estar associados à realidade enfrentada pelos treinadores que podem se distanciar dos desafios apresentados na prática cotidiana desses profissionais, fazendo com que a temática inicial abrangesse um grande número de códigos distintos.

3- Busca por temas: Nesse momento, a ideia é revisitar o embasamento teórico implicando, dessa forma, em reforçar os temas gerados. Esta etapa admite que um código seja “substancial” e torne-se um tema potencial. Entre estes códigos iniciais, uma leitura crítica, aprofundada traz as primeiras sugestões de temas.

4- Revisão dos temas: Prosseguimos com uma revisão para garantir que os dados se harmonizassem e se relacionassem aos extratos codificados e a um conceito de organização central, gerando um mapa temático de análise.

5- Definição dos temas: Este revisita os aspectos teóricos relacionados ao trabalho de pesquisa, agora apresentando os temas que surgiram no procedimento analítico. Neste passo, os temas foram definidos e nomeados por meio de uma análise contínua, a fim de refinar as especificidades de cada tema.

6- Produção do relatório: O último passo envolveu a oportunidade final para análise. Nessa fase, houve a seleção de exemplos de extratos vívidos e atraentes, a análise final dos extratos selecionados, e retomamos à análise anterior, à questão de pesquisa e à literatura para produzir o relatório acadêmico da análise (Braun; Clarke, 2006; 2019).

O autor Palheta (2019) destaca em seu estudo que o cumprimento das seis etapas de Análise Temática possibilita que os dados coletados e analisados, sejam representados por temas e seus respectivos Subtemas, provenientes da condução do processo de análise. A definição dos Temas e Subtemas, estão diretamente relacionadas com a capacidade interpretativa dos pesquisadores envolvidos na pesquisa. O Quadro 12 demonstra as etapas da condução do processo de análise, exemplificando códigos, Temas, e Subtemas gerados em cada etapa.

Quadro 12. Etapas de condução do Processo de Análise da Pesquisa

CÓDIGOS INICIAIS	TEMAS POTENCIAIS	TEMAS DEFINITIVOS E SUBTEMAS
ANÁLISE INDUTIVA	ANÁLISE DEDUTIVA	Compõem a estrutura do relatório final da análise dos dados. Exemplos
Exemplos de códigos iniciais: * Ação educativa e formação de valores. * Relação positiva com os praticantes. * Adesão e evasão ao programa	Definidos de acordo com as dimensões dos roteiros de entrevista. 1-PRINCÍPIOS 2-ESTRATÉGIA 3-AVALIAÇÃO	PRINCÍPIOS (Tema 1) Princípios do programa. ESTRATÉGIAS(Tema2) Estratégias adotadas. AVALIAÇÃO (Tema 3) Avaliação dos participantes DESAFIOS (Tema4) Dificuldades encontradas.

Fonte: Palheta (2019).

Atendendo aos objetivos do presente estudo, os resultados foram organizados conforme a pesquisa de Palheta (2019), obedecendo aos quatro temas descritos acima: (1) Princípios Norteadores do Programa; (2) Estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP; (3) Avaliação de resultados alcançados; (4) Desafios enfrentados na busca para o aperfeiçoamento do programa (Palheta, 2019). A seguir, trazemos maiores detalhes das quatro temáticas destacadas no programa CAD-Pinheiros-SP:

- Tema 1: Princípios norteadores do programa: Neste tema abordaremos os princípios e diretrizes do programa;

- Tema 2: Estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP: Neste tema descreveremos as estratégias abordadas pelas gestoras e pelos treinadores na condução dos seus trabalhos;

- Tema 3: Avaliação dos resultados: Neste tema verificaremos se há métodos avaliativos protocolados ou se a avaliação é feita somente mediante a concepção dos profissionais do programa; e

- Tema 4: Desafios enfrentados na busca para o aperfeiçoamento do programa: Neste tema analisamos os desafios enfrentados pelo Programa para superar seus desafios.

O autor Palheta (2019) destaca em seu estudo que o cumprimento das seis etapas de Análise Temática permiti aos dados coletados e analisados, serem representados por temas e seus respectivos Subtemas, provenientes da condução do processo de análise. Nesse sentido,

para garantir a qualidade e a profundidade da análise realizada, é fundamental apresentar os instrumentos que possibilitaram a coleta desses dados. A seguir, são descritos os instrumentos utilizados nesta pesquisa, bem como suas contribuições para a construção do material analisado.

- **Revisão narrativa da literatura:** Por meio deste, buscamos mapear e discutir a produção acadêmica no campo de conhecimento em questão, compreendendo os elementos priorizados na produção literária a partir de sua época e contexto (Ferreira, 2002).

- **Entrevista semiestruturada:** Tem por característica a flexibilidade quanto às indagações realizadas aos entrevistados, possibilitando ao entrevistador explorar com mais profundidade determinadas questões que julgue como essenciais (Lakatos; Marconi, 2016). Esta estratégia é direcionada aos indivíduos que compuseram a amostra a fim de desvelar suas perspectivas, opiniões, críticas e conclusões a respeito do tema em questão e dos elementos que circundam seu contexto.

- **Análise documental:** voltada a levantar informações sobre um objeto específico, com delimitação do campo de pesquisa e mapeamento das distintas manifestações deste objeto a fim de descrever suas principais características (Severino, 2007). Permite que se investigue uma gama de documentos a partir de uma perspectiva crítica e interpretativa, situada em seu tempo histórico, na qual o conhecimento dos pesquisadores acerca da temática estudada, bem como a fundamentação teórica do estudo, permite explorar de forma mais complexa a amostra da pesquisa (Pimentel, 2016).

- **Observação não participante:** O pesquisador limita-se a observar o comportamento dos participantes e a registrar suas percepções sobre o que está acontecendo, sem fazer parte do processo." (Roese; Gerhardt; Souza, 2006).

Após a descrição dos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados, o próximo tópico abordará a análise dos dados, detalhando as etapas e as abordagens adotadas para interpretar as informações coletadas durante a pesquisa.

3.4 Análise de dados

A análise dos dados obtidos foi feita por meio do método de Análise Temática (Braun; Clarke, 2006). Este método de análise qualitativa direciona o pesquisador diante de seus dados obedecendo a seis fases de análise apresentadas anteriormente. O processo de análise de dados foi estruturado e sistematizado conforme os objetivos da pesquisa. Os dados coletados foram

categorizados a partir da matriz analítica proposta por Oliveira (2007) e também destacando os quatro temas apontados por Palheta (2019): Princípios, Estratégias, Avaliação e Desafios, conforme mostra o Quadro 12. Sendo assim, os pesquisadores definiram as quatro categorias de análise, sendo elas: 1. **Princípios** norteadores do programa; 2. **Estratégia** - Ambiente positivo de participação, 3. **Avaliação** - Desenvolvimento dos praticantes. 4. **Desafios** - Quais os desafios enfrentados pelo programa.

Quadro 13. Matriz analítica.

TÍTULO	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS DE ANÁLISE	INSTRUMENTOS DE MEDIDA	ANÁLISE DOS DADOS	QUESTÕES
Análise Multidimensional do Programa “Centro de Aprendizagem Desportivo” do Esporte Clube Pinheiros. Os Múltiplos Fatores que Interferem no Sucesso da Participação Esportiva de Crianças	Analisar o Processo de Iniciação Esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo- Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da Experiência Acumulada dos Agentes Pedagógicos.	Compreender a dinâmica organizacional e funcional do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP.	Princípios	Entrevista semiestruturada	Qualitativa Análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).	Princípios norteadores do programa
		Verificar as estratégias adotadas do programa	Estratégia	Entrevista semiestruturada	Qualitativa Análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).	Ambiente positivo de participação
		Examinar as formas de avaliação realizadas pelo programa	Avaliação	Entrevista semiestruturada	Qualitativa Análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).	Desenvolvimento dos praticantes
		Compreender os desafios enfrentados pelo programa, dificuldades e perspectivas para a continuidade do programa	Desafios	Entrevista semiestruturada	Qualitativa Análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).	Dificuldades encontradas para a continuidade do programa

Fonte: Adaptado de Oliveira (2007).

Inserida em cada categoria, inferiremos as informações fornecidas pelos sujeitos para ampliar a possibilidade de análise dos dados obtidos. Portanto, o Quadro 14 apresenta as fases da pesquisa.

Quadro 14. Fases da pesquisa

REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA * Pedagogia do Esporte e a Participação Esportiva de Crianças * A Concepção do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD) * A Participação Esportiva no Contexto do Clube Socioesportivo * A Competição Infantil e a Influência dos Pais no Contexto do Esporte Participação * O Treinador no contexto do Esporte Participação
PESQUISA DOCUMENTAL * Ementas, programas e objetivos do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP * Documentos disponibilizados no portal eletrônico do site do clube * Documentos disponibilizados pela coordenadora
ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA * Duas gestoras do Programa * Onze treinadores do Programa
OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE * Diário de Pesquisa de Campo

Fonte: Elaborado pela própria pesquisa.

3.5 Aspectos éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa deste estudo foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP- Campus de Rio Claro-SP sob o número CAAE 79607924.9.0000.5465, com o número do parecer 6.880.460 (ANEXO A). Foi entregue o TCLE para cada um dos sujeitos, bem como foram esclarecidas quaisquer dúvidas sobre sua participação na pesquisa.

O pesquisador assumiu o compromisso de manter o sigilo e resguardar a privacidade

dos participantes da pesquisa seguindo a Lei 13.709/201 (Lei Brasileira de Proteção de Dados). Em relação aos dados, os participantes terão livre acesso para análise das informações em qualquer etapa da pesquisa, os quais poderão, a qualquer momento, entrar em contato com os pesquisadores.

Após a descrição detalhada dos procedimentos metodológicos adotados para a investigação do programa esportivo do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP, apresentaremos os resultados obtidos. Esses resultados serão expostos a partir das quatro categorias de análise da pesquisa, de modo a oferecer uma visão abrangente sobre os aspectos investigados.

4 RESULTADOS

Alicerçados pela pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, realizadas em extensão suficiente para sustentar a análise, direcionamos os resultados em quatro etapas e de acordo com os objetivos específicos da presente investigação para que pudéssemos delinear com maior solidez metodológica os resultados encontrados. Na primeira etapa, delineamos os princípios do programa, na segunda etapa as estratégias direcionadas para o andamento do programa, na terceira etapa os critérios avaliativos do programa e na quarta etapa os desafios encontrados para a continuidade do programa. Cada um desses aspectos será analisado com base nas entrevistas realizadas, fornecendo uma visão abrangente sobre o funcionamento e os obstáculos do programa esportivo investigado.

Para isso, os pesquisadores realizaram os resultados de uma forma geral e num segundo momento os resultados individualizados, ou seja, as respostas por cada entrevistado (a).

4.1 Princípios Norteadores do CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP.

Ao analisarmos os resultados dos princípios norteadores do programa pesquisado, encontramos quatro alicerces que norteiam tal categoria pesquisada: 1) Desenvolvimento Integral e Multilateral; 2) Formação para a Vida; 3) Educação pelo Esporte e 4) Respeito ao Tempo da Criança.

4.1.1 *Desenvolvimento Integral e Multilateral*

O CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP adota como um de seus principais pilares o desenvolvimento integral das crianças. De acordo com a supervisora do programa, as atividades priorizam o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial das crianças, priorizando a ludicidade como metodologia essencial para o aprendizado das faixas etárias mais jovens. Essa visão é corroborada pela coordenadora (Entrevistada 2) que destaca o papel do CAD em incentivar o gosto pela prática esportiva e promover habilidades que transcendem o âmbito físico, como a socialização e o aprendizado.

[...] trabalhamos com o objetivo principal de criar na criança o gosto pela prática esportiva. Queremos que a criança desenvolva esse gosto, para levar para a vida adulta. Isso serve tanto para quem quiser seguir a carreira de atleta quanto para quem deseja ter qualidade de vida (Entrevistado 2).

4.1.2 Formação para a Vida

O programa é estruturado para proporcionar experiências esportivas diversificadas, evitando a especialização esportiva precoce. A supervisora do programa (Entrevistado 2) ressalta que o objetivo principal não é formar atletas, mas preparar as crianças para que sejam capazes de praticar diversas modalidades e incorporar a prática esportiva em suas vidas de forma duradoura.

[...] Queremos que a criança desenvolva esse gosto, para levar para a vida adulta. Isso serve tanto para quem quiser seguir a carreira de atleta quanto para quem deseja ter qualidade de vida (Entrevistado 2).

4.1.3 Educação pelo Esporte

O CAD segue uma abordagem que combina valores educativos com objetivos motores e cognitivos. Por exemplo, o entrevistado 8 (turma Esportes I – faixa etária: 7 anos) destaca os "três pilares" que orientam as aulas: motor, socioemocional e cognitivo, sempre vinculados a habilidades para a vida, como honestidade e trabalho em equipe. Essa visão é complementada pela entrevistada 4 (turma Junior I – faixa etária: 3 anos) que menciona o uso de histórias e brincadeiras para engajar as crianças enquanto desenvolve habilidades fundamentais, como locomoção e manipulação de objetos.

[...] Dentro das aulas, além dos objetivos motores, trabalhamos com valores, como memória, e habilidades cognitivas, linkando-as com habilidades para a vida, como honestidade. Sempre buscamos trabalhar os três pilares: cognitivo, socioemocional e motor. (Entrevistado 8).

[...] Quando contamos histórias, a atividade dura mais e eles se envolvem mais, saindo da aula contando o que fizeram. Usamos muito de jogos como o pega-pega, que, embora pareça simples, trabalha aspectos como corrida, desvio, paradas bruscas e tensão (Entrevistada 4)

4.1.4 Respeito ao Tempo da Criança

Outro princípio fundamental do programa é o respeito ao tempo de desenvolvimento de cada criança e a constante às capacidades individuais dos alunos. A entrevistada 5 (turma Junior II- faixa etária: 4 anos) reforça a importância do equilíbrio entre estímulos motores e cognitivos para crianças em idades menos avançadas.

[...] Além dos princípios relacionados aos movimentos e habilidades motoras, trabalhamos também com as habilidades cognitivas, como o desenvolvimento do pensamento. (Entrevistada 5).

A partir de agora, abordaremos como cada treinador e gestora compreende e aplica esses princípios no contexto do programa, destacando as particularidades e contribuições de cada um para a implementação e continuidade das práticas pedagógicas. O Quadro 15 apresenta os resultados por cada entrevistado considerando os princípios norteadores do programa.

Quadro 15. Resultados por cada entrevistado considerando os princípios norteadores do programa.

Participante	Princípios norteadores do programa
1- Supervisora	A supervisora destaca que o principal objetivo do CAD é "plantar a semente do esporte" nas crianças, garantindo que elas desenvolvam habilidades motoras gerais e o gosto pela prática esportiva ao longo da vida. Ela reforça que o programa evita a especialização precoce, propondo uma abordagem multilateral com atividades em até 14 modalidades diferentes, sempre respeitando a ludicidade e a faixa etária.
2- Coordenadora	A coordenadora enfatiza que o foco é o desenvolvimento integral das crianças, envolvendo aspectos motores, cognitivos e psicossociais. O programa prioriza a criação de um ambiente que incentive o prazer pela atividade física, promovendo valores como trabalho em equipe e resiliência. Ela também menciona que o esporte é utilizado como ferramenta pedagógica para desenvolver habilidades que servirão para o enriquecimento do vocabulário motor e sempre evitando a especialização esportiva precoce.
3- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	A treinadora enfatiza que o papel do CAD consiste em trabalhar habilidades motoras fundamentais (locomoção, estabilidade, manipulação) considerando a faixa etária da sua turma. Suas aulas priorizam a ludicidade e a exploração do corpo e dos materiais, permitindo que as crianças se conheçam e desenvolvam confiança em suas habilidades motoras e cognitivas.
4- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos	A entrevistada aponta a importância do lúdico para engajar crianças de 3 anos. Suas aulas são estruturadas para promover locomoção, estabilidade e manipulação, sempre adaptando o conteúdo ao ritmo individual de cada criança. Ela valoriza o acolhimento emocional e busca ensinar valores como honestidade e trabalho em equipe através das atividades. A treinadora enfatiza que o papel do CAD consiste em trabalhar habilidades motoras fundamentais para a melhora do desenvolvimento motor.
5- Turma Júnior II- Faixa etária: 4 anos	O participante reforça o uso do lúdico como princípio metodológico para ensinar habilidades motoras e cognitivas às crianças de 4 anos. Ele valoriza a adaptação ao nível de desenvolvimento de cada aluno, utilizando histórias e jogos para engajar e estimular a confiança das crianças.
6- Turma Júnior III- Faixa etária: 5 anos	O entrevistado menciona que sua abordagem equilibra ludicidade e fundamentos esportivos. Ele acredita que o lúdico é necessário para manter o engajamento, mas já começa a introduzir uma abordagem mais técnica para preparar os alunos para as próximas fases.

7- Turma Júnior IV- Faixa etária: 6 anos	A treinadora salienta que suas aulas preconizam a introdução à iniciação esportiva. Suas aulas introduzem regras e fundamentos básicos de várias modalidades esportivas sempre com uma abordagem que equilibre ludicidade e aprendizado técnico.
8- Turma Esportes I- Faixa etária: 7 anos	O entrevistado enfatiza que sua turma funciona como um ponto de transição entre o CAD Júnior e as turmas de iniciação esportiva. Ele enfatiza que o foco está em proporcionar vivências motoras e introduzir fundamentos básicos de modalidades esportivas, sempre respeitando os pilares metodológicos do programa: desenvolvimento motor, socioemocional e socioeducativo. Ele reforça a necessidade de fazer com os alunos apreciem a prática esportiva, ou seja, tenham prazer e alegria de estarem participando.
9- Turma Esportes II- Faixa etária: 8 anos.	A entrevistada frisa a aquisição das habilidades específicas de várias modalidades esportivas e na transição para o Multiesportes. Ela utiliza jogos pré-desportivos e enfatiza a importância de introduzir fundamentos de modalidades esportivas de forma gradual e prazerosa.
10- Turma Multiesportes - Faixa etária: 10 anos	O entrevistado considera o Multiesportes como a etapa final de transição antes das escolinhas específicas. Ele busca proporcionar vivências esportivas diversificadas, respeitando o ritmo e a afinidade de cada criança com as modalidades apresentadas. A introdução gradual de competições é uma estratégia para preparar os alunos para o ambiente competitivo de maneira saudável.
11- Turma Gym- Faixa etária: 4 a 7 anos	O participante enfatiza o uso de fundamentos da ginástica artística, como força, equilíbrio e coordenação, para promover o desenvolvimento motor das crianças. Suas aulas também integram elementos artísticos, como ritmo equilíbrio, sempre priorizando a ludicidade para despertar curiosidade e engajamento.

Fonte: Elaborado pela própria pesquisa.

A seguir apresentaremos os resultados da segunda etapa de nossos resultados, ou seja, as estratégias do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP. Após a análise dos princípios que norteiam o programa, é possível perceber a importância dessas diretrizes para o desenvolvimento e a implementação das atividades. A seguir, abordaremos os resultados relacionados às estratégias adotadas pelas gestoras e treinadores, que são fundamentais para a operacionalização desses princípios e para o alcance dos objetivos do programa.

4.2 Estratégias adotadas pelos treinadores e gestoras.

Ao examinarmos os resultados das estratégias utilizadas pelos treinadores e as gestoras encontramos seis temas: 1) Estrutura Progressiva e Planejada; 2) Uso do Lúdico como Fator de Aprendizagem Esportiva; 3) Enfoque em Valores e Educação pelo Esporte; 4) Estratégias de Engajamento Familiar; 5) Adaptação e Inclusão; 6) Criatividade e Integração de Modalidades.

4.2.1 Estrutura Progressiva e Planejada

As aulas do CAD são estruturadas com base em planejamentos anuais, semestrais e mensais, o que garante um desenvolvimento contínuo e adaptado às faixas etárias e necessidades individuais dos alunos. Esse planejamento permite a introdução gradual de conceitos motores e esportivos, respeitando o tempo de aprendizagem de cada criança. O entrevistado 8 (turma Esportes I- faixa etária: 7 anos) destaca a divisão em etapas, que vão de atividades lúdicas e pré-desportivas até a prática de jogos formais.

[...] Quando trabalho, meus objetivos não são só as habilidades motoras, mas sim as modalidades desportivas. Trabalhamos por temporadas, e, por exemplo, quando abordo a temporada de basquete, além das habilidades motoras do drible e do arremesso, começo a introduzir regras mais complexas da modalidade, tentando aproximar um pouco mais da realidade do jogo. Também realizamos jogos pré-desportivos e brincadeiras lúdicas de aquecimento e fundamentos. (Entrevistado 8).

4.2.2 Uso do Lúdico como Fator de Aprendizagem Esportiva

O lúdico é um componente essencial das aulas, especialmente para as crianças em idades menores. A entrevistada 4 (turma Junior I -Faixa etária: 3 anos) cria narrativas e histórias para contextualizar as atividades, tornando-as mais atrativas e envolvente. Essa abordagem não só facilita o aprendizado motor, mas também promove o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Mesmo nas turmas mais avançadas, como as de Esportes I, Esportes II e Multiesportes, o lúdico é usado como ponto de partida para introduzir fundamentos específicos das modalidades esportivas trabalhadas.

[...] Utilizamos muita ludicidade nas aulas. A ideia é transformar atividades simples em algo mais lúdico. Por exemplo, não é apenas um arremesso na cesta. Criamos uma história de planetas que precisam voltar para o espaço e, para isso, precisam ser arremessados para o alto. (Entrevistada 4).

4.2.3 Enfoque em Valores e Educação pelo Esporte

As aulas integram valores como honestidade, trabalho em equipe e resiliência, utilizando o esporte como facilitador educativo. Esses aspectos são trabalhados de forma intrínseca às atividades, como mencionado pelo entrevistado 8, que utiliza os "três pilares" (motor, socioemocional e cognitivo) para estruturar suas aulas. Esse enfoque vai além do desenvolvimento físico, promovendo habilidades para a vida.

4.2.4 Estratégias de Engajamento Familiar

O CAD reconhece a importância do envolvimento das famílias no processo de desenvolvimento das crianças. Reuniões semestrais, eventos como o Dia das Mães e a Cadíada,

e o feedback direto aos pais são algumas das estratégias utilizadas para fortalecer essa relação. No entanto, é notório pelo discurso das gestoras e treinadores a dificuldade de engajar as famílias, devido à baixa presença nos eventos ou falta de contato direto.

4.2.5 Adaptação e Inclusão

Os treinadores demonstraram flexibilidade para adaptar as aulas às diferentes necessidades e capacidades dos alunos. O entrevistado 11 (turma Gym- faixa etária: 4 a 7 anos), por exemplo, utiliza elementos artísticos para complementar o trabalho motor, enquanto os entrevistados 3 e 5 (turma Junior I- Faixa etária: 3 anos e turma Junior III- faixa etária: 4 anos, respectivamente) se concentram em acolher emocionalmente as crianças para facilitar sua integração às atividades. Também, as estratégias são constantemente ajustadas para lidar com turmas numerosas ou com crianças que apresentam comportamentos desafiadores.

[...] . Como sou formado em dança e sei o quanto o componente artístico é importante na ginástica, trabalho com as crianças noção de ritmo, compasso, lateralidade, noção de espaço e tudo relacionado à rítmica. Busco incentivar a expressão e a liberdade de movimento, que também são valores que considero importantes nas minhas aulas. (Entrevistado 11).

4.2.6 Criatividade e Integração de Modalidades

Uma característica marcante do programa é a criatividade dos professores em planejar as aulas. O entrevistado 8 (turma Esportes I- faixa etária: 7 anos) organiza suas aulas em temporadas temáticas, o que permite uma vivência diversificada das modalidades esportivas. O entrevistado 10 (turma multiesportes- faixa etária: 9, 10 anos) menciona a integração de elementos de outras modalidades e a adaptação de atividades para manter o engajamento dos alunos.

[...] Trabalhamos por temporadas, e, por exemplo, quando abordo a temporada de basquete, além das habilidades motoras do drible e do arremesso, começo a introduzir regras mais complexas da modalidade, tentando aproximar um pouco mais da realidade do jogo. Também realizamos jogos pré-desportivos e brincadeiras lúdicas de aquecimento e fundamentos. No final da temporada, começamos a trabalhar as modalidades em si. As modalidades de quadra que trabalhamos são: basquete, vôlei, handebol, futebol e futsal. Além disso, também abordamos ginástica, atletismo, saltos ornamentais e badminton. (Entrevistado 8).

[...] Muitas vezes, enquanto estou no clube, vejo modalidades que temos no multisportes e tento adaptar algo para os alunos. Também acompanho treinamentos de outras modalidades, como o handebol, e busco aplicar o que vejo nas minhas aulas. As integrações com basquete, handebol, vôlei e atletismo também ajudam a trazer novidades. Esses intercâmbios são importantes, pois trocamos ideias com os professores dessas modalidades, o que enriquece a prática (Entrevistado 10).

Após a análise das estratégias gerais adotadas no programa, a partir deste ponto, a análise será desenvolvida a partir das percepções e experiências individuais de cada entrevistado. A partir daqui, exploraremos como treinadores e gestoras interpretam e implementam essas estratégias em suas respectivas funções, destacando as abordagens e

perspectivas particulares de cada um no contexto do programa. O Quadro 16 a seguir apresenta os resultados por cada entrevistado.

Quadro 16. Estratégias adotadas por cada entrevistado.

Participante	Estratégias adotadas
Participante 1- Supervisora do Programa Pesquisado	A supervisora destaca que a principal estratégia do programa é combinar o esporte com a ludicidade, especialmente para as crianças em idades menos avançadas. A atualização constante sobre o universo infantil (personagens e histórias populares) é uma forma de manter as aulas interessantes e engajantes. Além disso, ela menciona como uma estratégia a importância de reuniões com os pais para apresentar a metodologia e os objetivos do CAD, embora reconheça que a participação dos pais poderia ser maior.
Participante 2- Coordenadora do Programa Pesquisado	A entrevistada enfatiza o uso do esporte como ferramenta pedagógica. As atividades são planejadas para desenvolver habilidades específicas sem sobrecarregar as crianças. Ela destaca eventos como o Dia das Mães e o Dia dos Pais, que aproximam as famílias e permitem que elas vivenciem a metodologia do CAD. Essa interação fortalece a percepção positiva do programa junto às famílias.
Participante 3- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	A treinadora utiliza a ludicidade como base das aulas, criando narrativas que contextualizam as atividades (ex.: "planetas precisam voltar ao espaço"). Essas histórias tornam as aulas mais atrativas e ajudam a manter as crianças engajadas. Ela também trabalha progressivamente, adaptando a dificuldade das atividades ao desenvolvimento de cada aluno.
Participante 4- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	A entrevistada adota a regulação emocional como uma de suas principais estratégias, acolhendo as crianças e criando um ambiente de confiança. Além disso, ela utiliza o lúdico para introduzir conceitos motores e cognitivos de forma divertida, favorecendo o aprendizado por meio do engajamento.
Participante 5- Turma Júnior II- Faixa etária: 4 anos.	O treinador estrutura suas aulas em três partes: acolhimento, parte principal e encerramento. Ele utiliza o lúdico para facilitar o aprendizado de habilidades motoras e cognitivas, adaptando as atividades ao nível de desenvolvimento das crianças. Histórias e brincadeiras são constantemente usadas para capturar a atenção dos alunos.
Participante 6- Turma Júnior III- Faixa etária: 5 anos.	O treinador adota uma combinação de ludicidade e rigidez em suas aulas. Ele utiliza atividades lúdicas para introduzir fundamentos esportivos, mas busca evitar o excesso de brincadeiras, mantendo o foco no aprendizado técnico para preparar os alunos para as próximas etapas do programa.
Participante 7- Turma Júnior IV- Faixa etária: 6 anos.	A treinadora utiliza os jogos como principal estratégia, promovendo minijogos e atividades que simulam situações reais de esportes. Ela também reforça a importância de fornecer feedbacks frequentes aos pais, mesmo que o contato direto com eles seja limitado.
Participante 8- Turma Esportes I- Faixa etária: 7 anos.	A entrevistada divide suas aulas em etapas progressivas: jogos pré-desportivos nas primeiras aulas e jogos formais nas últimas. Essa abordagem permite que as crianças avancem gradualmente na compreensão das modalidades esportivas, equilibrando a prática com a ludicidade.
Participante 9- Turma Esportes II- Faixa etária: 8 anos.	O entrevistado prioriza a criatividade em suas aulas, incorporando elementos de outras modalidades e adaptando atividades para atender às necessidades dos alunos. Ele também promove o contato com os pais por meio de eventos como a Cadíada, fortalecendo a relação entre as famílias e o programa.
Participante 10- Turma Multiesportes -	O entrevistado organiza suas aulas em temporadas temáticas, com ênfase em modalidades específicas. Ele utiliza circuitos pedagógicos nas etapas iniciais e gradualmente introduz jogos próximos à realidade das modalidades esportivas. A

Faixa etária: 10 anos.	ludicidade está presente, mas com um equilíbrio maior entre o prazer da prática e o aprendizado técnico.
Participante 11- Turma Gym- Faixa etária: 4 a 7 anos.	O entrevistado utiliza elementos artísticos, como dança e ritmo, para complementar os fundamentos motores trabalhados nas aulas de ginástica. Ele enfatiza a importância do lúdico para engajar as crianças e tornar as atividades significativas. A presença de auxiliares (estagiários e professores) nas aulas ajuda a manter a qualidade das atividades mesmo com turmas maiores.

Fonte: Elaborado pela própria pesquisa.

Após a apresentação das estratégias adotadas pelos treinadores, que revelam as práticas utilizadas para implementar os princípios do programa, analisaremos a avaliação realizada sobre os participantes, sobre o programa e seu impacto dentro do clube e também uma autoavaliação. Este tópico explora como os resultados do programa são mensurados, levando em conta o impacto das estratégias e os critérios de sucesso adotados pelos treinadores.

4.3 Avaliação

Os treinadores utilizam avaliações contínuas e semestrais para acompanhar o progresso das crianças em aspectos motores, cognitivos e comportamentais. As ferramentas incluem observações práticas e registros em planilhas, sempre com feedback positivo. A ênfase está na evolução individual e no desenvolvimento de habilidades específicas, sem penalizações ou interpretações punitivas diante dos erros, compreendidos como parte do processo de aprendizagem. Ao verificarmos os resultados dos critérios avaliativos, encontramos quatro alicerces que norteiam tal categoria pesquisada: 1) Critérios Comportamentais; 2) Critérios Motores; 3) Relatórios e Feedback; 4) Progressividade e Inclusão.

4.3.1 Critérios Comportamentais

As avaliações dos critérios comportamentais foram mencionadas como uma prática comum entre 81,82% dos entrevistados. Esses critérios incluem aspectos como a participação ativa dos alunos, a relação com os colegas e professores, e o respeito às regras estabelecidas nas atividades. O Entrevistado 6 (turma Junior III- faixa etária: 5 anos) destacou a importância de observar o comportamento psicossocial das crianças durante as aulas para avaliar seu desenvolvimento global.

[...] Primeiramente, avaliamos o comportamento psicossocial da criança, como ela se comporta na aula, com o professor e com os colegas, e se ela está participando ativamente. Em seguida, avaliamos a parte motora, como a locomoção (se ela consegue correr, pular, fazer rolamentos). Por fim, a avaliação se baseia no desenvolvimento dentro do esporte, incluindo manipulação de bola, coordenação motora, e habilidades específicas como conduzir e driblar a bola, além de arremessar. (Entrevistado 6).

4.3.2 Critérios Motores

Relatados por 90,91% dos entrevistados, os critérios motores avaliam habilidades específicas como locomoção, equilíbrio, manipulação de objetos e habilidades específicas de algumas modalidades esportivas. Os entrevistados 9 e 10 (turma Esportes II- faixa etária: 8 anos e turma multiesportes- faixa etária: 9, 10 anos, respectivamente) mencionaram a aplicação de avaliações motoras progressivas, ajustadas ao nível de cada aluno e às modalidades exploradas nas aulas.

[...] Eu observo a participação, a coordenação motora mais refinada, combinada com a participação do aluno. Às vezes, tem aquele aluno que não quer chegar perto da bola, e há outros que se destacam mais individualmente. Eu tento incluir todos de alguma forma, seja na defesa ou no ataque, para que todos participem. Eu busco observar, principalmente, os movimentos mais complexos, como dribles, arremessos e finalizações (Entrevistado 9).

[...] As avaliações são divididas em três critérios: frequência, comportamento e desenvolvimento motor. A frequência é crucial para o desenvolvimento, pois uma criança que falta muito tende a não evoluir. Já aconteceu de um aluno estar comigo há dois anos e não ter mostrado nenhuma evolução devido à frequência irregular. Quando avaliamos, comparamos o progresso de alunos que estão há mais tempo com os que chegam agora (Entrevistado 10).

4.3.3 Relatórios e Feedback

Apenas 45,45% dos entrevistados mencionaram o uso de relatórios formais e feedback regular como parte do processo avaliativo. O entrevistado 11 (turma Gym – faixa etária: 4 a 7 anos) destacou a utilização de ferramentas como planilhas e relatórios semestrais para registrar o progresso dos alunos e compartilhar informações com as famílias. Por outro lado, muitos treinadores preferem métodos mais informais, como observações diárias e comentários verbais.

[...] A cada seis meses, faço uma avaliação dos alunos. Trabalho com metas e uso planilhas para acompanhar o progresso. Embora as aulas sejam de iniciação, eu também busco resultados, e por isso, tenho uma tabela de avaliação para registrar o que as crianças conquistaram, como a famosa "estrelinha". Ao final dos seis meses, envio um relatório para os pais sobre o progresso dos alunos, indicando as habilidades motoras adquiridas. (Entrevistado 11).

4.3.4 Progressividade e Inclusão

A progressividade foi amplamente destacada pelos entrevistados como um princípio central das avaliações. A entrevistada 3 (turma Junior I- faixa etária: 3 anos) relata que nas aulas finais realiza avaliações com base nos conteúdos trabalhados, por meio de atividades práticas e registros observacionais. Utiliza os mesmos critérios das aulas, como estabilidade, saltos e

corridas, apontando de forma construtiva os aspectos a serem desenvolvidos, sem registrar avaliações negativas.

[...] Nas últimas aulas, aplicamos a avaliação, revisando os conteúdos e aplicando atividades. Temos uma folha onde anotamos se, por exemplo, a criança está pulando com um pé, e classificamos se ela está fazendo bem ou se ainda precisa desenvolver. Jamais colocamos algo negativo como "não conseguiu", apenas indicamos o que precisa ser melhorado. Os critérios são os mesmos que usamos em aula, como noção de estabilidade, saltos, corridas, entre outros. (Entrevistada 3).

A partir deste ponto, a investigação será aprofundada nas percepções individuais dos entrevistados. A partir daqui, será explorado como cada treinador e gestora avalia o impacto do programa, considerando suas experiências e perspectivas pessoais, o que permite uma compreensão mais detalhada e específica de como as avaliações são interpretadas e aplicadas no contexto do programa.

Quadro 17. Avaliações adotadas por cada entrevistado.

Participante	Avaliações
1- Supervisora do Programa Pesquisado	As avaliações são feitas pelos treinadores de cada turma, que têm autonomia para observar o desenvolvimento dos alunos. Os resultados são compartilhados com os pais, garantindo transparência e confiabilidade ao processo. Ao realizar a autoavaliação, a entrevistada mostra-se orgulhosa e competente na realização do seu trabalho, apontando o CAD como uma referência. Ressalta o ambiente de trabalho positivo e a motivação da equipe como indicadores de sucesso.
Participante 2- Coordenadora do Programa Pesquisado	A participante enfatiza o acompanhamento contínuo das aulas pelos professores, ajustando atividades conforme necessário para o desenvolvimento dos alunos. A coordenadora se avalia como alguém ainda em processo de aprendizado, mas com uma abordagem prática que utiliza sua experiência de quadra para orientar a equipe. Ela vê sua forma de administrar como positiva, principalmente porque busca estar presente nas aulas, acompanhando e sugerindo melhorias quando necessário. A coordenadora também realiza críticas construtivas, o que a permite ajustar atividades e corrigir abordagens quando elas não estão funcionando como esperado. Sua autoavaliação demonstra humildade e abertura ao aprimoramento contínuo.
Participante 3- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	Os critérios de avaliação das crianças englobam locomoção, estabilidade e manipulação, com foco no feedback positivo. São avaliadas por níveis de desenvolvimento usando reforço positivo. A treinadora valoriza seu crescimento profissional através do reconhecimento do progresso e apreciação no trabalho. Ela acredita que o programa beneficia as crianças e seu próprio desenvolvimento profissional, comprometendo-se a melhorias contínuas. O programa impacta o clube promovendo hábitos saudáveis e desenvolvimento físico. Ex-alunos frequentemente matriculam seus filhos, mostrando a influência positiva de longo prazo na valorização da atividade física.
Participante 4- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	Enfatiza também que está ampliando seu campo de atuação, começando a trabalhar em uma escola com crianças de diferentes idades (de 1 a 6 anos), o que a está fazendo aprender mais e, ao mesmo tempo, aplicar o que já sabe. Essa troca de experiências entre diferentes contextos reforça sua visão de que, ao assumir novos desafios, ela continua em um processo de evolução constante. Em relação ao impacto, a entrevista menciona que embora o ambiente do CAD seja mais isolado em relação às quadras, o programa é reconhecido e valorizado por outros professores e modalidades dentro do clube. Isso demonstra que o CAD é integrado ao ecossistema esportivo do clube, sendo uma peça chave na formação de atletas que, em um momento posterior, podem se destacar nas quadras e representações do clube.
Participante 5- Turma Júnior II- Faixa etária: 4 anos.	O impacto do programa é ressaltado pela forma como ele acompanha a evolução das crianças, começando com atividades lúdicas e gradualmente transitando para habilidades mais específicas à medida que os alunos crescem.
Participante 6- Turma Júnior III- Faixa etária: 5 anos.	O entrevistado avalia o comportamento psicossocial, habilidades motoras e progresso esportivo dos alunos, destacando a evolução ao longo do semestre. Ele reflete sobre seu próprio desenvolvimento desde que começou como estagiário, mencionando uma transformação de uma mentalidade fechada para uma abordagem mais flexível e aberta. Inicialmente focado na disciplina, ele percebeu a necessidade de adaptar-se a novas abordagens no novo contexto de trabalho. Sobre o impacto do programa no clube, ele reconhece que ainda é visto como recreativo, mas nota uma mudança na percepção, com alguns membros agora reconhecendo sua importância no desenvolvimento esportivo infantil.
Participante 7- Turma Júnior IV- Faixa etária: 6 anos.	Discutindo a questão do impacto do programa, é ressaltado a orientação para o desenvolvimento integral das crianças, considerando não apenas o desempenho técnico, mas também a maturidade e as habilidades individuais. Isso implica que o foco está em um crescimento equilibrado e no preparo para a vida esportiva, sem sobrecarregar as crianças com o peso da competição precoce. O esclarecimento desse aspecto é essencial para que as famílias compreendam os benefícios do programa a longo prazo.
Participante 8- Turma Esportes I- Faixa etária: 7 anos.	Uma característica importante da autoavaliação do entrevistado é seu desejo de não ficar estagnado. Ele se descreve como alguém "movido a desafios" e enxerga os desafios como uma oportunidade de desenvolvimento, o que reflete uma mentalidade de adaptação e de ambição.

Participante 9- Turma Esportes II- Faixa etária: 8 anos.	O programa adota critérios de frequência, comportamento e habilidades específicas das modalidades esportivas. Utiliza relatórios para registrar o progresso dos alunos e compartilhar com os pais. A entrevistada é crítica consigo mesma, buscando sempre melhorar e demonstrando humildade e desejo de evolução profissional. Ela se compromete a encontrar pontos de melhoria, indicando dedicação à qualidade do trabalho. O impacto do programa no clube é visto de formas diferentes pelos pais: alguns o veem como uma experiência enriquecedora e preparatória para atletas, enquanto outros o consideram apenas uma atividade recreativa, subestimando seu valor educacional e esportivo. Sugere-se que uma comunicação mais clara sobre os objetivos e benefícios do programa poderia aumentar sua efetividade.
Participante 10- Turma Multiesportes - Faixa etária: 10 anos.	A avaliação deve considerar aspectos comportamentais e motores, categorizar entre “em desenvolvimento” e “consolidado”, equilibrando habilidades esportivas e comportamentais. A autoavaliação valoriza a experiência no clube e a aprendizagem prática. O entrevistado superou expectativas de evolução e está satisfeito com seu progresso. O entrevistado nota que o CAD é respeitado no clube e seu impacto é percebido por outros departamentos. Apesar de mudanças na diretoria, o CAD manterá sua importância e qualidade.
Participante 11- Turma Gym- Faixa etária: 4 a 7 anos.	Avalia habilidades motoras específicas com planilhas que registram progressos e envia relatórios semestrais aos pais. Na autoavaliação, destaca seu amor pelo trabalho e dedicação, comparando seu trabalho a uma planta que floresce no alto rendimento. Sente-se realizado ao ver o crescimento das crianças e os resultados futuros de seu trabalho.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Após a análise da avaliação dos participantes, que destaca os resultados alcançados com as estratégias adotadas, é importante considerar os desafios enfrentados para a continuidade do programa. A seguir, discutiremos os principais obstáculos identificados pelas gestoras e treinadores, que podem impactar tanto a implementação das estratégias quanto a eficácia do programa a longo prazo.

4.4 Desafios

Os principais desafios enfrentados pelo programa incluem: 1) limitações de espaço; 2) falta de valorização por parte da diretoria; 3) dificuldades administrativas e 4) a necessidade de engajar melhor as famílias. Apesar dessas barreiras, a equipe demonstra resiliência e comprometimento, adaptando-se para manter a qualidade das atividades. Desafios enfrentados pelo CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP:

4.4.1 Limitações de espaço

Citado por 63,64% dos entrevistados, as limitações de espaço foram apontadas como um dos maiores desafios enfrentados pelo programa. O entrevistado 9 mencionou que a falta de locais adequados para realizar atividades impacta diretamente a execução de algumas aulas, exigindo adaptações constantes.

[...] A principal dificuldade é a limitação de espaço físico, o que afeta a ampliação do número de alunos. Isso não é específico do CAD, mas acontece em todas as modalidades. Em dias de chuva, por exemplo, temos que improvisar com espaços alternativos. (Entrevistado 9).

4.4.2 Reconhecimento Institucional

Relatado por 45,45% dos entrevistados, a falta de valorização do programa por parte da diretoria do clube foi um tema recorrente. O entrevistado 6 mencionou que o CAD, muitas vezes, é visto como um programa recreativo, subestimando sua importância para o desenvolvimento integral das crianças.

[...] Eu vejo o programa de forma positiva, mas muitas pessoas dentro do clube, principalmente da parte competitiva, ainda enxergam nossa atuação como recreativa. Contudo, algumas pessoas já começaram a perceber que não se trata apenas de recreação, mas de um trabalho focado no desenvolvimento esportivo da criança. (Entrevistado 6).

4.4.3 Engajamento Familiar

Identificado por 100% dos entrevistados, o engajamento familiar foi visto como uma dificuldade recorrente. A baixa participação dos pais em reuniões e eventos limita o impacto das estratégias de aproximação entre família e programa. A entrevistada 9 destacou o problema descrito. necessidade de promover maior conscientização sobre o valor das atividades para o desenvolvimento das crianças.

[...] Semana passada tivemos uma reunião de apresentação do CAD, normalmente destinada aos pais novos. A presença foi de 16 pais, e temos mais de mil alunos, então, realmente, o número é baixo. O contato com os pais é muito difícil, e sentimos falta disso. Às vezes, damos feedbacks sobre os alunos, mas é complicado, especialmente com as crianças mais tímidas. Ficar mais próximo dos pais facilita essa comunicação. Normalmente, conseguimos mais contato com as babás do que com os pais (Entrevistado 9).

4.4.4 Desafios organizacionais

Observado por 54,55% dos entrevistados, mudanças administrativas e a falta de alinhamento entre diferentes setores do clube foram mencionados como barreiras para a continuidade do programa. O entrevistado 5 (turma Junior II- faixa etária: 4 anos) apontou que a natureza política das decisões institucionais pode gerar incertezas na alocação de recursos e no planejamento de longo prazo.

[...] as constantes eleições políticas dentro do clube podem interferir no desenvolvimento da equipe e nas decisões tomadas pela direção. Mudanças de gestão nem sempre são acompanhadas de um planejamento claro, o que pode gerar insatisfações e afetar a rotina da equipe (Entrevistado 5).

4.4.5 Adaptação e Resiliência

Apesar dos desafios, todos os entrevistados relataram a capacidade do programa e da equipe de se adaptarem às dificuldades. A criatividade na execução das aulas e o apoio mútuo entre os profissionais foram destacados como fatores-chave para a superação dos obstáculos. Os entrevistados 10 e 11 elucidam tal situação.

[...] Mesmo com dificuldades pontuais, como cortes orçamentários, a união e o trabalho em equipe sempre nos ajudam a superá-las (Entrevistado 10).

[...] No CAD, vemos a supervisão, a coordenação e os treinadores trabalhando juntos, isso torna o ambiente muito colaborativo e saudável. (Entrevistado 11).

Após a análise dos principais desafios identificados, passaremos a uma análise mais detalhada, focando nas percepções de cada entrevistado. A partir deste ponto, a discussão será organizada de acordo com as respostas individuais dos treinadores e das gestoras, destacando as particularidades e as contribuições de cada um para a compreensão dos desafios enfrentados no programa.

Quadro 18. Principais desafios reportados pelos entrevistados.

Participante	Principais desafios
1- Supervisora do Programa Pesquisado	Menciona a falta de valorização por parte da diretoria do clube e as dificuldades relacionadas à política interna. Apesar disso, o apoio dos pais e a união da equipe garantem a continuidade do programa.
Participante 2- Coordenadora do Programa Pesquisado	Destaca limitações de espaço físico e acesso a locais adequados como os maiores desafios. A adaptação da equipe é essencial para contornar essas dificuldades.
Participante 3- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	Enfrenta desafios em engajar as famílias e em garantir que as atividades sejam vistas como parte importante do desenvolvimento das crianças. Também aponta a necessidade de mais espaços dedicados ao CAD.
Participante 4- Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	Relata a crescente demanda por suporte multidisciplinar para lidar com crianças que apresentam desafios emocionais e comportamentais, além da falta de compreensão sobre a importância do programa por parte de alguns responsáveis.
Participante 5- Turma Júnior II- Faixa etária: 4 anos.	Identifica mudanças de gestão como uma barreira para a continuidade do programa, já que nem sempre há um planejamento claro durante transições administrativas.
Participante 6- Turma Júnior III- Faixa etária: 5 anos.	Aponta a falta de reconhecimento por parte de algumas áreas do clube, que ainda enxergam o CAD como recreação. Interrupções nas aulas devido à logística do clube também representam um desafio.
Participante 7- Turma Júnior IV- Faixa etária: 6 anos.	Relata interferências dos pais durante as aulas e dificuldades para manter o foco das crianças, além da necessidade de comunicar melhor os objetivos do programa.
Participante 8- Turma Esportes I- Faixa etária: 7 anos.	Aponta a limitação de espaço físico e dificuldades para integrar crianças com necessidades especiais como os principais desafios.

Participante 9- Turma Esportes II- Faixa etária: 8 anos.	Identifica cortes orçamentários e divisões administrativas como obstáculos para a continuidade do programa. Apesar disso, destaca a força do CAD em superar esses desafios.
Participante 10- Turma Multiesportes - Faixa etária: 10 anos.	Menciona a pressão por resultados e a necessidade de equilíbrio entre trabalho e descanso como desafios pessoais. Também destaca limitações de espaço para ampliar as atividades.
Participante 11- Turma Gym- Faixa etária: 4 a 7 anos.	Relata dificuldades relacionadas à baixa participação dos pais e ao alinhamento divergente entre os departamentos dentro do clube.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Um dos tópicos a ser abordado nesta apresentação de resultados é a construção do diário de pesquisa de campo. A seguir, será apresentada a análise realizada pelo pesquisador principal a partir das observações feitas durante as aulas. Essa análise reflete a interpretação e a reflexão sobre os acontecimentos observados, proporcionando uma visão detalhada dos dados coletados ao longo do processo de investigação.

4.4.6 Observação não participante dos treinos

Após cada entrevista, o pesquisador acompanhava o treinador até a quadra para observar seu treino. Esse acompanhamento no ambiente de prática permitiu ao pesquisador uma compreensão nas dinâmicas de ensino e nas metodologias aplicadas, proporcionando uma análise mais aprofundada da realidade do programa. Durante essas observações, o pesquisador registrou as suas impressões e reflexões no diário de campo, uma ferramenta essencial para documentar os aspectos qualitativos da pesquisa. O diário de campo serviu como um registro detalhado das interações, estratégias pedagógicas e o ambiente observado nas aulas, além de auxiliar na reflexão crítica sobre o que foi aprendido e os desafios encontrados ao longo da investigação.

O diário de campo realizado no presente estudo refere-se exclusivamente à atuação dos treinadores, pois a observação das aulas foi focada nas práticas e métodos utilizados por eles. As gestoras não são responsáveis diretas pelos treinos, e, portanto, suas ações não foram observadas nesse contexto específico. O objetivo foi compreender como os treinadores conduzem as atividades, interagem com os alunos e implementam as estratégias de ensino durante as sessões de treinamento. Lembrando que as participantes 1 e 2 foram as gestoras e, com isso, iniciamos a análise pela participante 3. Como a turma Junior I é composta por duas treinadoras (Participantes 3 e 4) que ministram o mesmo treino, foi realizada apenas uma

análise, uma vez que ambas seguem o mesmo plano de ensino e as mesmas abordagens pedagógicas. Dessa forma, segue o Quadro com as análises.

Quadro 19. Observação não participante dos treinos (Diário de pesquisa de campo).

Participante	Observações do pesquisador principal
3 e 4 - Turma Júnior I- Faixa etária: 3 anos.	Na aula observada, as treinadoras focaram no desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais, priorizando a locomoção, estabilidade, equilíbrio e manipulação. Num primeiro momento foi feito um acolhimento para as orientações gerais. As treinadoras utilizaram materiais como bambolês, bolas de diferentes pesos e tamanhos para incentivar a exploração do corpo e a interação com objetos. Em cada aula são destacados alguns valores e na aula analisada foram memória e honestidade. Alguns exemplos das atividades ministradas: Pega-Pega simples, Jogos imitando animais, entre outros.
5- Turma Júnior II- Faixa etária: 4 anos	Na aula observada, o foco foi no desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais por meio de atividades lúdicas, com o objetivo de estimular movimentos essenciais como andar, correr, parar brusco, arremessar, rebater e lançar. As crianças foram incentivadas através de recreações e histórias, que tornaram as atividades mais envolventes e atrativas. O treinador buscou, de maneira lúdica, estimular o desenvolvimento desses primeiros movimentos, sem preocupação com o aspecto técnico, mas sim com a exploração e a vivência dos movimentos básicos de forma divertida e contextualizada.
6- Turma Júnior III- Faixa etária: 5 anos	Na aula observada, o objetivo principal foi desenvolver as habilidades motoras das crianças, preparando-as para a prática de jogos. A combinação de aprendizado técnico e vivência dos jogos proporcionou uma experiência balanceada, promovendo o desenvolvimento motor e a compreensão dos princípios das modalidades esportivas. Alguns exemplos das atividades ministradas: cada participante com uma bola e a tarefa foi conduzi-la com os pés livremente pela quadra, coelhinho sai da toca, entre outras.
7- Turma Júnior IV- Faixa etária: 6 anos	Na aula observada, o objetivo central foi a prática do bocha. Aspectos como precisão, controle de força e coordenação espacial foram trabalhados. A introdução dessa modalidade menos convencional, proporcionou novas experiências motoras, estimulando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras de forma lúdica e desafiadora
8- Turma Esportes I- Faixa etária: 7 anos	Na aula observada, o treinador proporcionou jogos pré-desportivos e brincadeiras lúdicas como forma de introdução à modalidade Basquetebol. Alguns exemplos das atividades ministradas: Pega-pegas com bolas de basquete, jogo dos dez passes, entre outras.
9- Turma Esportes II- Faixa etária: 8 anos.	Na aula observada, a treinadora incluiu jogos e minijogos como parte das atividades pré-desportivas, com o objetivo de estimular as crianças de forma lúdica e prepará-las para os esportes propriamente ditos. Alguns exemplos das atividades ministradas: Jogo da velha, exercícios de situações de jogo: 1x1 e 2x2.
10- Turma Multiesportes - Faixa etária: 10 anos	A aula começou com uma roda de conversa, destinada a recepcionar os alunos. Em seguida, foi feito um aquecimento por meio de um pega-pegas simples, preparatório para a parte principal da aula. Foram trabalhadas atividades que proporcionaram a compreensão da dinâmica, organização e funcionamento dos esportes coletivos. Alguns exemplos das atividades ministradas: circuito de passes e finalizações, jogo “bola ao capitão”, entre outras
11- Turma Gym- Faixa etária: 4 a 7 anos	Na aula observada, o objetivo principal foi a iniciação à ginástica artística, transformando os movimentos artísticos em atividades lúdicas para engajar as crianças. onde é essencial focar em aspectos como locomoção, coordenação e postura. Essas habilidades foram abordadas de forma divertida, permitindo que as crianças desenvolvessem sua motricidade enquanto se familiarizavam com os conceitos básicos da ginástica artística.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Os achados da pesquisa proporcionaram aos pesquisadores uma compreensão detalhada dos aspectos que envolvem a estrutura e a execução do programa CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP.

Com base nas evidências apresentadas, é possível perceber a complexidade e os desafios inerentes à manutenção de iniciativas dessa natureza. O próximo passo será a discussão desses resultados, com o objetivo de refletir sobre os impactos encontrados, as implicações para a prática e as possíveis sugestões para o aprimoramento do programa.

5 DISCUSSÃO

A discussão dos resultados obtidos a partir do estudo desenvolvido no CAD-Esporte Clube Pinheiros-SP tem como objetivo analisar, como se manifestam na prática os princípios norteadores, as estratégias pedagógicas, os processos de avaliação e os principais desafios enfrentados pelo programa pesquisado.

Diferente de uma descrição linear, essa abordagem propõe uma reflexão sistemática sobre cada uma das categorias analíticas — princípios, estratégias, avaliação e desafios — de modo a evidenciar consonâncias, tensões e possibilidades de aprimoramento, a partir das perspectivas contemporâneas sobre a formação esportiva de base.

5.1 Discussão dos Princípios Norteadores

O programa em questão apresenta diretrizes que destacam a importância de aspectos educacionais, éticos e sociais, com o propósito de impactar positivamente a trajetória de vida dos participantes. Tal intencionalidade justifica a adoção de práticas que promovem o engajamento em diferentes experiências esportivas.

Ao considerar seus fundamentos pedagógicos, o programa demonstra maior propensão à obtenção de resultados formativos, sobretudo quando comparado a iniciativas esportivas pontuais ou desprovidas de planejamento consciente voltado ao desenvolvimento humano (Camiré, 2015). Isso está em consonância com a literatura que defende que propostas sistematizadas e intencionalmente estruturadas são mais eficazes no prolongamento da vida esportiva dos praticantes. Além disso, reconhece-se que o êxito dessas iniciativas não depende apenas das diretrizes institucionais, mas também da atuação conjunta de todos os agentes pedagógicos envolvidos no processo (Fraser-Thomas; Côté; Deakin, 2008).

Os princípios norteadores do CAD-ECP estão fundamentados na valorização do desenvolvimento integral da criança, na promoção da vivência diversificada de modalidades e na centralidade da experiência lúdica como elemento estruturante da iniciação esportiva. Esse alinhamento teórico é consistente com as diretrizes apontadas pela literatura (Bettega, 2015; Clark, 2007; Gallahue; Donnelly, 2008), que enfatizam a necessidade de respeitar as fases de desenvolvimento infantil e de estimular a formação de competências motoras básicas em ambientes prazerosos e inclusivos.

Verificamos que o programa do CAD-ECP adota uma perspectiva pedagógica centrada na criança, em oposição a modelos tradicionais que enfatizam o desempenho técnico precoce.

A ênfase no prazer pela prática esportiva, no desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da criatividade está presente em diversas práticas observadas, como jogos cooperativos, circuitos motores e atividades de múltiplas habilidades.

Os resultados obtidos neste estudo corroboram com os dados apresentados por Leite e Sampaio (2012), que analisaram uma amostra de 1.170 atletas portugueses de basquetebol, de ambos os sexos. Na referida pesquisa, observou-se que aproximadamente 50% dos participantes relataram ter vivenciado duas ou mais modalidades esportivas durante a fase inicial de sua formação. Tais evidências sugerem um percurso formativo caracterizado pela diversidade de experiências motoras e pela pluralidade de práticas esportivas, o que constata o perfil encontrado na presente pesquisa quanto à amplitude e à variedade de atividades vivenciadas na etapa de iniciação.

Esses princípios também dialogam com o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (Côté, 1999; Côté; Fraser-Thomas, 2007), que defende a diversificação de práticas esportivas na infância, visando a construção de uma base ampla de habilidades e o fomento de uma relação positiva e duradoura com o esporte.

Mesmo em um clube em que o esporte de alto rendimento é um dos pilares, como é o caso do Esporte Clube Pinheiros-SP, o programa CAD demonstra um compromisso evidente com uma proposta de iniciação esportiva alinhada às fases de desenvolvimento da criança. As práticas observadas indicam uma preocupação em respeitar os tempos e as necessidades específicas da infância, priorizando o aprendizado e uma abordagem plural das práticas corporais.

Esse posicionamento reforça a possibilidade de promover uma formação esportiva de qualidade sem a antecipação de exigências típicas do rendimento. No contexto do CAD, percebe-se uma coerência entre o discurso institucional de formação integral e as ações pedagógicas desenvolvidas, evidenciando que é possível conjugar tradição esportiva e desenvolvimento infantil de maneira equilibrada e respeitosa.

Ao percebermos os aspectos educacionais inseridos no programa pesquisado, é valorizado, dessa forma, a permanência e engajamento a longo prazo na prática esportiva dos praticantes. No entanto, observa-se que, em diversos contextos, esse processo ainda é estruturado com foco na detecção precoce de talentos, priorizando a formação de atletas para suprir futuras demandas competitivas de categorias superiores (Balbino *et al.*, 2013), bem como para atender aos interesses de renovação e massificação do esporte institucional (Arena;

Böhme, 2004). A superação dessa lógica, historicamente enraizada no esporte de alto rendimento, constitui um desafio significativo — sobretudo quando a iniciação ocorre em clubes cuja identidade está fortemente atrelada à cultura da competição e do alto desempenho (Menegaldo; Bortoleto, 2017).

A análise dos princípios do programa evidencia uma proposta pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral e formativo das crianças, em oposição às abordagens voltadas precocemente à especialização e ao rendimento conforme abordamos anteriormente. A estrutura do programa, como revelado nas entrevistas, se fundamenta na articulação entre aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais, reconhecendo a complexidade do processo de formação na infância. Essa concepção, ao valorizar a experimentação variada de práticas esportivas e a ludicidade como eixo metodológico, oferece condições para que a prática esportiva não apenas promova habilidades físicas, mas também contribua para o fortalecimento de vínculos, da autonomia e do prazer em se movimentar, aspectos fundamentais para a continuidade da participação esportiva ao longo da vida.

A ênfase na formação para a vida, no respeito ao tempo da criança e na educação pelo esporte demonstra que o programa CAD se distancia de modelos tradicionais que privilegiam o alto rendimento desde a infância, assumindo, ao contrário, uma perspectiva crítica e humanizadora da iniciação esportiva. Essa abordagem se alinha às diretrizes de autores como Côté (1999), que defende que a infância deve ser um espaço de experimentação, descoberta e construção de repertórios motores e sociais amplos. Ao integrar diferentes modalidades, promover o protagonismo infantil e valorizar o contexto lúdico, o programa se configura como um ambiente fértil para o desenvolvimento de competências transferíveis para outras esferas da vida, como o convívio escolar, familiar e comunitário.

No entanto, a consolidação desses princípios requer não apenas sua presença nos documentos e discursos institucionais, mas também sua efetiva apropriação por parte de todos os agentes pedagógicos envolvidos no processo — incluindo treinadores, pais e gestores. Apesar disso, os depoimentos colhidos apontam avanços significativos na percepção e valorização do programa dentro do clube, sinalizando que os princípios do CAD têm potencial para se consolidar como referência na formação esportiva, promovendo não apenas futuros atletas, mas, sobretudo, cidadãos mais conscientes, cooperativos e saudáveis.

5.2 Discussão das Estratégias

As estratégias pedagógicas utilizadas no programa pesquisado demonstram uma preocupação com a criação de ambientes de aprendizagem que respeitem a lógica do desenvolvimento infantil. A diversificação motora, princípio basilar da prática pedagógica do clube, manifesta-se em atividades que exploram uma ampla gama de habilidades fundamentais, como correr, saltar, arremessar, equilibrar e manipular objetos, favorecendo a formação de uma base motora ampla e adaptável.

As práticas observadas, compostas por jogos lúdicos, circuitos motores e brincadeiras de múltiplas naturezas, ilustram a preocupação em trabalhar tanto capacidades físicas quanto habilidades sociais e cognitivas. Essa abordagem está em consonância com os pressupostos de Paes e Balbino (2005) que valoriza a formação do sujeito em sua integralidade e não apenas a aquisição de gestos técnicos específicos. Do ponto de vista da aquisição de habilidades, o envolvimento em atividades permite que as mesmas experimentem esportes em vários contextos, com liberdade para inventar, adaptar, criar e negociar atividades e regras para atender seus desejos e necessidades (Côté; Erickson; Abernethy, 2013).

A literatura aponta que experiências motoras variadas na infância contribuem para uma melhor adesão ao esporte na adolescência e na vida adulta (Valentini, 2002; Ferreira et al., 2006). No CAD-ECP, o incentivo ao envolvimento das crianças em múltiplas experiências parece corroborar essa perspectiva, promovendo maior motivação, prazer e interesse pela prática esportiva.

As estratégias adotadas pelo programa CAD do Esporte Clube Pinheiros revelam uma proposta pedagógica estruturada, que reconhece a complexidade dos processos de formação na infância e busca atender, de forma coerente, às necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais das crianças. Diante dessa necessidade de que se tenha uma compreensão ampla das práticas esportivas, enfatizamos em nossa pesquisa a Pedagogia do Esporte, pois esse campo do conhecimento proporciona ferramentas facilitadoras para que os treinadores responsáveis pela iniciação e especialização esportiva de jovens façam com que o ambiente seja propício para o desenvolvimento integral do indivíduo (Leonardi *et al.*, 2011).

A ênfase na ludicidade como estratégia central de ensino demonstra o compromisso do programa com uma abordagem que valoriza o prazer de aprender e o engajamento emocional com o esporte. Ao integrar narrativas, jogos simbólicos e atividades criativas, o CAD não apenas favorece a aprendizagem de habilidades motoras, mas também promove o

desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, colaboração e resiliência. Essa orientação metodológica se alinha com os pressupostos de Oliveira e Paes (2004) que abordam uma proposta de iniciação que contemplem tais características. Os autores propõem, a princípio, a fase de iniciação esportiva I, que possibilite o envolvimento das crianças nas atividades esportivas de caráter lúdico, participativo e alegre, a fim de oportunizar o ensino das técnicas esportivas, estimulando o pensamento tático.

A diversidade de modalidades esportivas oferecida, associada à flexibilidade para adaptar os conteúdos às características do grupo, constitui outro ponto forte da proposta. A vivência multiesportiva amplia o repertório motor das crianças e as auxilia a identificar, de forma autônoma e prazerosa, a modalidade com a qual mais se identificam. Além disso, a integração entre diferentes esportes contribui para o desenvolvimento de habilidades transferíveis e evita a monotonia das práticas, mantendo o interesse e a motivação dos participantes. Esse aspecto é potencializado por estratégias que acolhem as diferenças individuais e estimulam um ambiente de aprendizagem inclusivo, no qual o erro é entendido como parte do processo formativo.

Portanto, as estratégias pedagógicas adotadas pelo CAD-ECP refletem, majoritariamente, uma visão moderna e humanista da iniciação esportiva, ainda que exijam esforços contínuos para manter a coerência durante todo o processo.

5.3 Discussão da Avaliação

A avaliação é integrada às práticas pedagógicas de forma predominantemente qualitativa, buscando observar o progresso individual dos alunos em suas dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Observamos que alguns treinadores do fazem uso de registros de observação, diálogos com os alunos e instrumentos simples para acompanhar o desenvolvimento, priorizando uma abordagem formativa em detrimento de práticas classificatórias ou seletivas. No entanto, essa prática avaliativa não é homogênea entre os profissionais, o que evidencia a necessidade de maior sistematização e aprofundamento no processo de avaliação, especialmente no que diz respeito à definição de critérios claros e à consolidação de instrumentos que favoreçam o acompanhamento pedagógico contínuo.

Ainda assim, é importante destacar que, mesmo diante da carência de diretrizes institucionais mais estruturadas para o processo avaliativo, alguns treinadores demonstram iniciativas consistentes e conscientes no acompanhamento da trajetória dos alunos. Esses profissionais se valem de instrumentos próprios — como anotações sistemáticas, registros

reflexivos e observações criteriosas — para monitorar a evolução das crianças de forma contínua, respeitando seus ritmos e contextos individuais. Além disso, evidenciam uma postura pedagógica sensível, que utiliza o processo avaliativo não apenas como ferramenta de diagnóstico, mas como meio de orientar intervenções, reforçar conquistas e promover a autoestima dos participantes. Essas experiências, ainda que pontuais, revelam o potencial transformador de uma avaliação formativa intencional, e indicam caminhos possíveis para a construção de uma cultura avaliativa mais sólida no programa.

A avaliação no contexto do programa revela-se como um processo pedagógico essencial, conduzido de forma contínua e articulada com os princípios do desenvolvimento integral. Ao contemplar dimensões comportamentais, motoras e, em alguns casos, de adaptação aos fundamentos esportivos, o processo avaliativo ultrapassa a lógica técnica, oferecendo uma leitura ampliada sobre o progresso das crianças. A atenção à dimensão comportamental, por exemplo, demonstra a preocupação do programa com aspectos sociais, afetivos e relacionais — elementos que se alinham a concepções mais humanizadoras da iniciação esportiva. O acompanhamento motor, por sua vez, permite a construção de trajetórias formativas individualizadas, respeitando os ritmos e potencialidades de cada criança e afastando-se de parâmetros padronizados típicos de modelos voltados ao rendimento.

Entretanto, conforme já abordado, a avaliação ainda apresenta heterogeneidades em sua aplicação prática. Enquanto alguns profissionais adotam instrumentos mais formais, como planilhas e relatórios, outros operam predominantemente com registros informais, baseando-se na observação cotidiana das aulas. Essa diversidade de abordagens pode ser vista como reflexo tanto da autonomia dos profissionais quanto da necessidade de diretrizes institucionais mais claras. A utilização de feedback positivo, recorrente entre os entrevistados, desponta como estratégia central para manter o engajamento das crianças, promovendo a aprendizagem por meio do reforço de comportamentos desejáveis, em consonância com os fundamentos da pedagogia da autonomia e da educação pelo afeto.

Ao confrontar os achados da presente pesquisa com as proposições de Leonardi *et al.* (2017), observa-se convergência quanto à valorização da avaliação formativa no contexto da pedagogia do esporte. Ambos os estudos enfatizam a importância de instrumentos avaliativos que se voltem para o acompanhamento do desenvolvimento das crianças, priorizando a compreensão do processo de aprendizagem em sua totalidade e não apenas os resultados finais.

Contudo, o mesmo autor ressalta a necessidade de fundamentação teórica e metodológica para o desenvolvimento de instrumentos avaliativos coerentes. O programa CAD ainda carece de critérios objetivos e sistemáticos que sustentem sua prática avaliativa. Os relatos dos profissionais revelam lacunas na uniformização dos procedimentos, ausência de instrumentos validados e uma dependência excessiva da observação empírica, o que enfraquece o potencial reflexivo e formativo da avaliação, conforme preconizado por autores como Hoffmann (2006) e Fernandes (2006).

No âmbito da autoavaliação, o programa apresenta um diferencial importante: a disposição dos treinadores em refletir sobre sua prática, reconhecendo limitações, buscando aprimoramento e valorizando a experiência como fonte legítima de aprendizagem. Essa postura reflete um ambiente institucional propício à formação continuada, onde a prática pedagógica é compreendida como um processo dinâmico, em constante reconstrução. A experiência prática no contexto do clube é valorizada não apenas como aplicação do conhecimento, mas como instância formadora em si — uma percepção que reforça o papel da vivência como componente central na profissionalização de quem atua com crianças em contextos esportivos.

Apesar da relevância do CAD dentro do clube, ainda se percebe que o reconhecimento institucional do programa por parte de alguns setores do clube é parcial e, por vezes, limitado à dimensão recreativa da proposta. Essa percepção restrita pode dificultar o investimento sistemático em infraestrutura, recursos humanos e formação continuada, elementos fundamentais para a consolidação de um modelo de formação esportiva integral. Assim, embora o CAD já ocupe um espaço relevante na cultura esportiva do clube, é necessário ampliar esse reconhecimento, de modo que sua importância seja plenamente compreendida como parte estratégica do processo de formação de jovens atletas e cidadãos.

5.4 Discussão dos Desafios

Apesar dos avanços significativos observados no que tange à formação esportiva infantil, alguns desafios persistem, refletindo tensões entre os princípios pedagógicos defendidos e a realidade prática de um clube com expressividade nacional.

Um dos principais desafios refere-se à participação dos pais. A baixa adesão dos pais a eventos propostos, por exemplo, indica a necessidade de aprofundar a comunicação entre o programa e as famílias, utilizando diferentes canais e formatos. É relevante destacar que, na etapa inicial da participação esportiva, os pais exercem um papel central, sendo um dos

principais responsáveis por despertar o interesse das crianças e proporcionar-lhes oportunidades de vivenciar diferentes práticas corporais de forma prazerosa, sem ênfase em treinamentos intensivos ou especializações precoces (Galatti *et al.*, 2019; Côté, 1999). A literatura também aponta que a ausência de apoio familiar se configura como uma barreira significativa à inserção de crianças no esporte, interferindo diretamente em sua adesão e continuidade.

Em programas que têm como um de seus pilares a formação para a vida por meio do esporte, a corresponsabilidade familiar torna-se um fator determinante para a consolidação dos objetivos pedagógicos. A ausência de diálogo mais estruturado e a dificuldade de sensibilizar os pais quanto ao valor formativo das experiências vividas no CAD indicam a necessidade de repensar estratégias de comunicação, buscando formas mais acessíveis e atrativas de aproximação com as famílias, inclusive explorando recursos digitais e práticas participativas.

Considerando que, nessa faixa etária, as crianças ainda mantêm alta dependência de seus responsáveis, torna-se evidente que as concepções parentais sobre o esporte influenciam diretamente o grau de envolvimento dos filhos nas atividades. Por essa razão, é imprescindível que os pais sejam integrados ao programa esportivo no qual seus filhos estão inseridos, uma vez que sua participação ativa pode contribuir para a consolidação de experiências positivas e para o fortalecimento do vínculo da criança com a prática esportiva (Balbino *et al.*, 2013).

Por fim, outro desafio é a conciliação entre a tradição de excelência esportiva do clube e a proposta de iniciação voltada para a formação integral. Em instituições de renome como o Esporte Clube Pinheiros, existe uma tensão natural entre formar para o esporte de participação e identificar futuros atletas de alto rendimento, o que pode gerar ambiguidades no discurso e na prática pedagógica.

Portanto, ainda que o CAD-ECP apresente um modelo de vivência ampliada de conteúdos esportivos, os desafios identificados reforçam a necessidade de reflexão permanente, de ajustes sistemáticos e de fortalecimento das ações formativas para treinadores, pais e gestores, garantindo a sustentabilidade dos princípios que orientam a formação esportiva de base.

A análise dos desafios enfrentados pelo programa CAD revela a complexidade estrutural, institucional e relacional que envolve a implementação de uma proposta pedagógica voltada ao desenvolvimento integral de crianças no contexto esportivo. As limitações de espaço físico, amplamente mencionadas pelos entrevistados, impactam diretamente a qualidade das atividades oferecidas, restringindo tanto a diversidade de propostas quanto a inclusão plena de

todos os participantes. Em ambientes educacionais que visam à formação ampla e ao respeito ao ritmo individual das crianças, a adequação do espaço não é um detalhe logístico, mas um componente estruturante da prática pedagógica. A recorrência de improvisos e adaptações decorrentes dessa limitação evidencia a necessidade de investimentos mais consistentes em infraestrutura.

O reconhecimento parcial do CAD como espaço de recreação, em detrimento de sua função formativa, denuncia uma tensão entre modelos centrados no alto rendimento e abordagens voltadas ao desenvolvimento integral. A instabilidade gerada por mudanças na gestão do clube também aparece como um obstáculo à consolidação de políticas de longo prazo, dificultando a continuidade e o aprimoramento das ações. Tais desafios reforçam a importância de um alinhamento institucional mais sólido, em que os diversos setores do clube reconheçam e legitimem o papel estratégico do programa na formação de jovens esportistas e cidadãos.

Apesar desses entraves, a resiliência e a adaptabilidade da equipe se destacam como forças motrizes da sustentação e continuidade do programa. A disposição dos profissionais em enfrentar as dificuldades com criatividade, colaboração e compromisso pedagógico reafirma o valor humano do projeto. Essa capacidade de reinvenção cotidiana, mesmo em cenários adversos, fortalece o CAD como um espaço educacional consistente, que resiste às limitações com base na convicção de seus princípios e na dedicação dos seus agentes. Ainda que haja um caminho a percorrer para superar os desafios institucionais e operacionais, o engajamento da equipe demonstra que a construção de uma proposta formativa sólida é possível, mesmo diante de contextos marcados por incertezas.

Em síntese, a experiência do CAD-ECP reafirma que a formação esportiva infantil de qualidade requer um equilíbrio dinâmico entre teoria e prática, entre a tradição e a inovação, entre a busca pela excelência e o respeito ao processo de desenvolvimento das crianças. Mais do que a formação de futuros atletas, trata-se de formar cidadãos ativos, críticos e apaixonados pela prática esportiva, perspectiva que deve orientar permanentemente os programas de iniciação esportiva.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar o Processo de Iniciação Esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da Experiência Acumulada dos Agentes Pedagógicos, buscando compreender em que medida o programa favorece uma formação esportiva integral para crianças na faixa etária de até 10 anos.

A partir da revisão da literatura realizada, que abordou a Pedagogia do Esporte, o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD), a participação esportiva infantil, a competição e a influência dos agentes adultos (treinadores e pais), foi possível construir um referencial teórico para analisar os dados empíricos coletados. As observações realizadas e a análise dos documentos institucionais permitiram identificar que o CAD-ECP estrutura suas práticas de iniciação esportiva sob princípios que privilegiam o desenvolvimento motor amplo, a experiência lúdica, a diversificação de práticas esportivas e a formação integral da criança.

Verificamos que o programa do CAD-ECP dialoga de maneira consistente com os pressupostos da Pedagogia do Esporte ao promover uma iniciação pautada na variedade de experiências motoras, no respeito às fases do desenvolvimento infantil e na centralidade do prazer pela prática esportiva. As estratégias pedagógicas, fundamentadas na diversidade motora e nas práticas lúdicas, corroboram a importância de oferecer uma base multilateral de habilidades, contribuindo para a construção de trajetórias esportivas mais sustentáveis e para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e socialmente integrados.

O estudo também evidenciou a necessidade de maior sistematização e consolidação de procedimentos avaliativos, de modo a garantir consistência, clareza de critérios e efetiva contribuição ao planejamento pedagógico. Essa lacuna pode comprometer a coerência entre os objetivos formativos do programa e os meios utilizados para acompanhar o desenvolvimento das crianças, dificultando a retroalimentação do processo de ensino-aprendizagem. Para que a avaliação cumpra, de fato, seu papel formativo, é fundamental investir na construção coletiva de referenciais avaliativos, no compartilhamento de boas práticas entre os profissionais e na oferta de formação continuada que auxilie os treinadores a compreender e aplicar os princípios da avaliação educativa em sua prática cotidiana.

Diante dos achados, é possível afirmar que o modelo de formação esportiva desenvolvido pelo CAD-ECP representa uma importante possibilidade de formação esportiva integral no contexto brasileiro, conciliando, de maneira geral, excelência esportiva e

compromisso com o desenvolvimento humano. A experiência analisada demonstra que é possível estruturar programas de iniciação que respeitem as singularidades do público infantil, promovendo experiências significativas que extrapolam o mero desempenho técnico e que contribuem efetivamente para a formação de cidadãos ativos e engajados.

Além disso, esta pesquisa evidencia o papel crucial dos clubes socioesportivos na atualidade como espaços privilegiados para o desenvolvimento humano, indo além da simples formação atlética. No contexto contemporâneo, em que práticas esportivas são muitas vezes orientadas por resultados e por interesses comerciais, a proposta do CAD-ECP se apresenta como uma resistência ética, reafirmando o esporte como instrumento de educação, inclusão social e promoção da saúde integral.

Diante dos resultados apresentados, acredita-se que esta pesquisa possa oferecer subsídios relevantes para o Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), especialmente no que se refere ao fomento de diretrizes e práticas pedagógicas voltadas à iniciação esportiva em ambientes clubísticos. Ao evidenciar princípios, estratégias, desafios e práticas avaliativas do programa analisado, o estudo contribui para a construção de parâmetros que promovam uma formação esportiva mais inclusiva, humanizada e alinhada aos direitos das crianças. Nesse sentido, os achados aqui sistematizados podem servir como referência para o desenvolvimento de políticas e programas apoiados pelo CBC, reforçando a importância de modelos que articulem o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social em consonância com uma perspectiva educativa e cidadã do esporte. Assim, esta investigação se posiciona como uma contribuição concreta para o aprimoramento das ações formativas no contexto dos clubes brasileiros, colaborando para a qualificação das experiências vividas pelas crianças na etapa inicial de sua trajetória esportiva.

Frente a essas constatações, torna-se imprescindível que iniciativas como essa sejam continuamente fortalecidas, tanto em nível institucional quanto em políticas públicas de esporte educacional. A disseminação de práticas que valorizem a formação integral, o prazer pelo movimento e a inclusão de todos os sujeitos deve ser uma meta para clubes, escolas e organizações esportivas em geral.

A contribuição científica desta pesquisa está em oferecer subsídios teórico-práticos para que programas similares possam refletir sobre seus princípios, estratégias e desafios, promovendo uma cultura esportiva mais ética, formativa e humanizadora. Assim, reafirmamos a necessidade de investir em projetos que tenham como horizonte a formação integral, o

reconhecimento da criança como sujeito de direitos e a construção de práticas esportivas mais sensíveis à realidade e às potencialidades de cada contexto.

Além disso, a pesquisa ilumina a relevância do papel dos agentes pedagógicos estudados, considerando suas ações, mediações e percepções que certamente influenciam diretamente as experiências das crianças e a qualidade do processo formativo. Isso demanda formação contínua, espaços de escuta, trocas entre profissionais e suporte institucional que favoreça a reflexão crítica sobre a prática.

Recomendamos que pesquisas futuras possam aprofundar a análise longitudinal dos impactos de programas de iniciação baseados na formação multilateral, acompanhando o desenvolvimento das crianças ao longo do tempo. Investigar a relação entre formação integral na infância e adesão à prática esportiva na adolescência e vida adulta pode oferecer subsídios importantes para o aprimoramento de políticas e programas esportivos.

Assim, a presente pesquisa não apenas contribui para a compreensão das possibilidades de formação esportiva integral no contexto de clubes socioesportivos, como também reforça a urgência de práticas pedagógicas que reconheçam o esporte como direito, como cultura e como expressão plena do desenvolvimento humano.

7 REFERÊNCIAS

- AIRES, H. GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; BALBINOTTI, C. A. A. As competições infanto-juvenis à luz da pedagogia do esporte. **Revista Kinesis**, [S.l.], v. 34, p. 122-139, 2016.
- ALMEIDA, M. A. B. de. **Fundamentos socioculturais da educação física e do esporte**. São Paulo: Edusp, 2024.
- AMADO, D.; SÁNCHEZ-OLIVA, D.; GONZÁLEZ-PONCE, I.; PULIDO-GONZÁLEZ, J.; SÁNCHEZ-MIGUEL, P. Incidence of parental support and pressure on their children's motivational processes towards sport practice regarding gender. **PLoS ONE** 2016, v. 10, e0128015.
- ARAÚJO, P. H. M. **O planejamento estratégico como um dos fatores de sucesso das organizações esportivas**. Um estudo sobre os clubes esportivos brasileiros que atuam no contexto Olímpico. 2019. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte). Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2019.
- ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.
- _____; _____. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184-95, 2000.
- AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 589-603, jul./set. 2011.
- BAKER, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Patterns of early involvement in expert and nonexpert master triathletes. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 77, n. 3, p. 401-407, 2006.
- BALBINO, H. F.; PAES, R. R. “Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas”. In: _____. (orgs). *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 137-154.
- BARBANTI, V. **Dicionário de educação física e esporte**. 3 ed. Barueri: Manole, 2011.
- BARROS, J. A. F. **Estrutura organizacional e das tomadas de decisão em clubes socioesportivos de São Paulo**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BAXTER, P.; JACK, S. Qualitative case study methodology: Study design and implementation for novice researchers. **The qualitative report**, v. 13, n. 4, p. 544-559, 2008.
- BENELI, L.; GALATTI, L. R.; MONTAGNER, P. C. Analysis of social-sportive characteristics of Brazil women's national basketball team players. **Revista de Psicología del deporte**, v. 26, n. 3, p. 133-137, 2017.
- BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto**: Perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- _____. **Desporto**: Discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2013.

BERGER, A. G.; GINCIENE, G.; LEONARDI, T. J. Pedagogia do esporte e o referencial socioeducativo: Diálogos entre a teoria e a prática. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 26, e26063, p. 1-20, 2020.

BERGERON, M. F.; MOUNTJOY, M.; ARMSTRONG, N.; CHIA, M.; CÔTÉ, J.; CAROLYN, E. A. (...) ENGBRETSSEN, L. International olympic committee consensus statement on youthathletic development. **British Journal of Sports Medicine**, v. 49, p. 843-851. Doi: 10.1136/bjsports-2015-094962, 2015.

BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 163-173, 2015.

BETTEGA, O. B. MARQUES FILHO, C. V.; LEONARDO, L.; MACHADO, J. C. B. P.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Children's training and competition in football: The coach's view on family participation and healthy development. **Sustainability**, v. 15, n. 3, p. 2275, 2023.

_____; MACHADO, J. C.; SCAGLIA, A. J.; PASQUARELLI, B. N.; AQUINO, R.; Pedagogia do esporte: Bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. **Revista Inclusiones**, v. 8, n. Extra 10, p. 185-213, 2021. Disponível em: <http://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>. Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. **Processo de ensino-treino e competição no futebol infantil**: Análise e proposições a partir de treinadores do estado do Rio Grande do Sul. 2019. 1 Recurso online. 168f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2019.

_____. **Processo de ensino-treino nas categorias de base de um clube de elite do futebol brasileiro**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158858/337194.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora, 1994.

BOMPA, T. O. **Total training for young champions**. [s.l.] Human Kinetics, 2000.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2015.

BORGES, F. A.; SILVA, A. R. N. O diário de pesquisa como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de análise de implicação do estudante/pesquisador. **Interface**, Botucatu, v. 24, 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

_____; _____. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**. v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUNER, L. M.; VALENTINI, N. C. Análise do desempenho motor de crianças participantes de um programa de atividades físicas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 2, p. 205-216, 2009.

BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.

BURROWS, E. J.; KEATS, M. R.; KOLEN, A. M. Contributions of after-school programs to the development of fundamental movement skills in children. **International Journal of Exercise Science**, v. 7, n. 3, p. 236-249, 2014.

BURTON, D.; GILLHAM, A. D.; HAMMERMEISTER, J. Competitive engineering: Structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 2, p. 201-217, 2011.

CAFRUNI, C. **Análise da carreira desportiva de atletas brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A brief online survey to help a sport organization continue to develop its coach education program. **International Journal of Coaching Science**, London, v. 5, n. 2, p. 31-48, 2011.

CAMIRÉ, M. Examining high school teacher-coaches' perspective on relationship building with student-athletes. **International Sport Coaching Journal**, v. 2, n. 2, p. 125–136, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/iscj.2014-0082>. Acesso em: 1 maio 2024.

CARVALHO, B. L. P. **Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas**.

2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CHAGAS, D. V.; MACEDO, L. P.; BATISTA, L. A. The effect of one year of unstructured table tennis participation on motor coordination level among young recreational players. **Archivos de Medicina del Deporte**, v. 35, n. 4, p. 223-227, 2018.

CHOW, J. Y.; DAVIDS, K.; BUTTON, C.; SHUTTLEWORTH, R.; RENSHAW, I.; ARAÚJO, D. Nonlinear pedagogy: A constraints-led framework to understand emergence of game play and skills. **Nonlinear Dynamics, Psychology and Life Sciences**, v. 10, n. 1, p. 74-104, 2006.

CLARK, J. E. On the problem of motor skill development. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, Reston, v. 78, n. 5, p. 39-45, 2007.

COATSWORTH, J. D.; CONROY, D. E. The effects of autonomy-supportive coaching need satisfaction, and self-perceptions on initiative and identity in youth swimmers. **Developmental Psychology**, v. 45, n. 2, p. 320-328, 2009.

COMITÊ BRASILEIRO DE CLUBES - CBC. **Diagnóstico da origem da formação dos atletas nas Olimpíadas Rio 2016**, 2016. Disponível em: <http://cbclubes.org.br/downloads.php?tipo=paginas&id=33>. Acesso em: 7 fev. 2024.

COMITÊ OLIMPICO BRASILEIRO - COB. **Academia Brasileira de Treinadores**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/cultura-e-educacao/academia-brasileira-de-treinadores>>. Acesso em: 28 out. 2023.

COSTA, J. C.; SANTOS, A. L. P. Competição em categorias de base no futsal: Reflexões e possibilidades. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 22, n. 3, p. 52-66, 2014.

COSTA, L. P. da. Clubes esportivos e recreativos. In: COSTA, L. P. da (Org). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. pp. 6.7-6.12.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (org.). **Handbook of sport psychology**. 3 ed. Hoboken: Ed. Wiley, 2007. p. 184-202.

_____; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmers. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.

_____; ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. Play and practice during childhood. In: _____. LIDOR, R. (eds.). **Conditions of children's talent development in sport**. FIT, 2013. p. 09-20.

_____; _____. Diversification and deliberate play during the sampling years. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Eds.). **The routledge handbook of sport expertise**. New York: Routledge, 2015. p. 305-316.

_____. Athletes development and coaching. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Ed.). **Sportcoaching: Professionalism and practice**. Oxford: Elsevier, 2010. p. 63-83.

_____. The coaching model: a grounded assessment of expert gymnastic coache knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

_____; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In: CROCKER, P. (Ed.). **Sport Psychology: A Canadian perspective**. Toronto: Pearson, 2007. p. 270-298,

_____; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**, London, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

_____; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmers. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.

_____; HAY, J. Children's involvement in sport: A developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. (Eds) **Psychological foundations of sport** (2nd ed.), Boston, MA: Merrill, 2002. p. 484-502.

_____; LIDOR, R.; HACKFORT, D. *ISSP* Position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

_____. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

_____; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiology Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

_____; _____. VIERIMAA, M.; GALATTI, L. Quadro Teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte.

In: GALATTI, L.; SCAGLIA, A.; MONTAGNER, P.; PAES, R. (Orgs.). **Múltiplos cenários da prática esportiva** - Pedagogia do esporte. 1ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017, v. 2, p. 16.

_____; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science and Sports**, v. 29, p. S63-S69, 2014.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, v. 55, n. 3, p. 215–230, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00336297.2003.10491800>. Acesso em: 14 maio 2024.

DA COSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, CONFEF, 2006.

ELIAS, C. S. SILVA, L. A.; MARTINS, M. T. S. L.; RAMOS, N. A. P.; SOUZA, M. G. G.; HIPÓLITO, R. L. et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. SMAD: **Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

EKENGREN, J.; STAMBULOVA, N.; JOHNSON, U.; CARLSSON, I.-M. Exploring career experiences of Swedish professional handball players: Consolidating first-hand information into an empirical career model. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 18, n. 2, p. 156-175, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1612197x.2018.1486872>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Plano Diretor de Desenvolvimento**. São Paulo, 2019.

EVANS, M. B. ALLAN, V.; ERICKSON, K.; MARTIN, L. J.; BUDZISZEWSKI, R.; CÔTÉ, J. Are all sport activities equal? A systematic review of how youth psychosocial experiences vary across differing sport activities. **British Journal of Sports Medicine**. v. 51, n. 3, p. 169-176, 2017.

FABRIS, F. L. **Interferências do ciberespaço sobre pais de crianças iniciantes no esporte**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual Paulista – UNESP-Rio Claro, Instituto de Biociências. Rio Claro, SP, 2021.

FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação formativa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 21–50, 2006.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: Consensos e divergências. In: ROSE JUNIOR, D. de et. al (orgs). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERREIRA, A. P.; VLASTUIN, J.; MOREIRA, T. S.; MEDEIROS, C. C.; MARCHI JUNIOR, W. Notas sobre o campo da Sociologia do Esporte: O dilema da produção científica brasileira entre as Ciências Humanas e da Saúde. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 251-275, 2013.

FERREIRA, C. R. CARVALHO, L. B.; NEVES, L. A.; CAVALCANTE, A. P. C.; LAGE, G. M.; UGRINOWITSCH, H.; BENDA. Análise dos padrões fundamentais de movimento em crianças de 3 a 8 anos de idade. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 2, n. 3, p. 134-142, 2006.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: BALBINO, H. F.; PAES, R. R. (Orgs.). **Pedagogia do esporte: Contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 123-36.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257- 272, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 4. ed. London: SAGE Publications Ltda, 2009.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e Esporte: A influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Revista Kinesis**. v. 2, n. 33, p. 41-60, 2015.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, n. 5, p. 645-662, 2008.

_____; _____. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009.

_____; _____. Youth sports: Implementing findings and moving forward with research. **Athletic Insight**, v. 8, n. 3, p. 12-27, 2006.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FURTADO, L. N. dos R. **Formação esportiva em longo prazo: Análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

GALATTI, L. R. **Esporte e clube socioesportivo: Percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2010.

_____. COLLET, C.; FOLLE, A.; COTE, J.; NASCIMENTO, J. V. do. “**Atletas de Elite: aspectos relevantes na formação em longo prazo.**” In: GALATTI; SCAGLIA; MONTAGNER; PAES. (Org.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas - Pedagogia do Esporte**. 1ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017, v. 1, p. 1.

_____. PAES, R. R.; COLLET, C.; SEOANE, A. M. Esporte contemporâneo: Perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 22, n. 3, p.115-127, set. 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6444/4991>. Acesso em: 01 mar. 2022.

_____. REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: Tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Rev. Educ. Fís./UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/TmSL4WC7smH9TmQRDXCdz7Q>. Acesso em: 14 abr. 2021.

_____. BETTEGA, O. B.; BRASIL, V. Z.; RODRIGUES, H. A.; COLLET, C.; SOUZA, A. E. P.; BERTRAM, R.; MILISTETD, M. Sport coaching as a profession in Brazil: An analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v.

3, n. 3, p. 316-331, 2016. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/iscj/3/3/article-p316.xml>. Acesso em: 06 jun. 2021.

_____. FERREIRA, H. B.; SILVA, Y. P. G.; PAES, R. R. “Pedagogia do Esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos coletivos.” **Conexões** (UNICAMP), v. 6, p. 404-415, 2008.

_____.; PAES, R.; MARQUES, R.; BARROS, C.; SEOANE, A. Excellence in women basketball: Sport career development of World champions and olympic medalists Brazilian athletes. **Revista de Psicología del Deporte/Journal of Sport Psychology**, v. 28, n. 1, p. 17-23, 2019.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, crianças e adolescentes**. 7 ed. [s.l: s.n.], 2013.

_____.; DONNELLY, F. C. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. São Paulo: Phorte, 2008.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.) **O ensino dos jogos desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, FCDEF-UP, 1994. p. 11-25.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOELLNER, S. V. Locais da memória: Histórias do esporte moderno. **Arquivos em movimento**, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, R. A relação e a comunicação entre treinadores, pais e atletas em contextos de formação esportiva. In: _____.; MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: Da escola à competição**. 1 ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

GOULD, D.; TUFFEY, S.; UDRY, E.; LOEHR, J. Burnout in competitive junior tennis players: Pt. 1. **A quantitative psychological assessment**. **Sport Psychologist**, v. 10, p. 322-340, 1996.

GRAÇA, A. Modelo de competência nos jogos de invasão: Uma ferramenta didática para o ensino do basquetebol. **Estudos CEJD**, v. 6, p. 7-28, 2006.

_____.; MESQUITA, I. M. R. Ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 207-218.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRÉHAIGNE, J. F.; WALLIAN, N.; GODBOUT, P. Tactical-decision learning model and students' practices. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 3, p. 255-269, 2005.

GRIFFIN, L.; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L. **Teaching sport concepts and skills: A tactical games approach**. Champaign: Human Kinetics, 1997.

GULBIN, J. P.; CROSER, M. J.; MORLEY, E. J.; WEISSENSTEINER, J. R. An integrated framework for the optimization of sport and athlete development: A practitioner approach. **Journal of Sports Sciences**, v. 31, n. 12, p. 1319-1331, 2013. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/02640414.2013.781661>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23631711/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

HEINEMANN, K. **Sociología de las organizaciones voluntarias**: El ejemplo del club deportivo. Valencia: Tirant to Blanch, 1999.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 26. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

IBÁÑEZ, S. J.; FEU, S.; GARCÍA-RUBIO, J.; ANTÚNEZ, A. Coaching in Spain: Research on the Sport Coach in Spain: A Systematic Review of Doctoral Theses. **International Sport Coaching Journal**, v. 6, n. 1, p. 110–119, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE). **International Sport Coaching Framework**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2013.

IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: Algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 483-490, 2003.

JAYANTHI, N.; PINKHAM, C.; DUGAS, L.; PATRICK, B.; LABELLA, C. Sports specialization in young athletes: Evidence-based recommendations. **Sports Health**, v. 5, n. 3, p. 251-257, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1941738112464626>. **Error! Hyperlink reference not valid.** Acesso em: 08 set. 2022.

KEEGAN, R. J. HARWOOD, C. G.; SPRAY, C. M.; LAVALLEE, D. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, n. 3, p. 361-372, 2009.

KJØNNIKSEN, L.; ANDERSEN, N.; WOLD, B. Organized youth sport as a predictor of physical activity in adulthood. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 19, n. 5, p. 646-654, 2009.

KORSAKAS, P.; BARREIRA, J.; TSUKAMOTO, M. H. C.; PALMA, B.; COLLET, C.; GALATTI, L. R. **Sport pedagogy and feminism**: What is known and what is missing? Findings from a scoping review. *Physical Education and Sport Pedagogy*. 2021.

KORSAKAS, P.; TUONO, A. T.; ALMEIDA, A. G. de; LIMA, V. C. de; BORIN, J. P. Diálogos entre pedagogia do esporte e teoria do treinamento esportivo nas modalidades coletivas de invasão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. DOI: 10.5216/rpp.v25.70054. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/70054>. Acesso em: 3 jul. 2023.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

KUNZ, E. **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

LAW, M. P.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International Journal of Exercise and Sport Psychology**, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007.

LEITE, N.; BAKER, J.; SAMPAIO, J. Paths to expertise in portuguese national team athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 8, n. 4, p. 560-566, 2009.

LEITE, N. M. C.; SAMPAIO, J. E. Long-term athletic development across different age groups and gender from portuguese basketball players. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 2, p. 285-300, jun. 2012.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 21, p. 191-209, 2007.

LEONARDI, T. J. GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia do esporte: Ensino, vivência e aprendizagem do basquetebol em situações adversas de espaço físico e material didático. In: **Anais 3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos - Jogos Desportivos Colectivos: treino, formação, performance**, Porto, 2011.

_____; GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; DE MARCO, A.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: Sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, 2017. DOI: 10.5216/rpp.v20i1.36744. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/36744>. Acesso em: 1 mar. 2024.

LEONARDO, L. **Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de São Paulo**: Caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações. 2018. 179f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas. Campinas, SP, 2018.

LERNER, R. M. **Concepts and theories of human development**. 3. ed. Mahwah: Erlbaum, 2002.

_____; FISHER, C. B.; WEINBERG, R. A. Toward a science for and of the people: Promoting civil society through the application of developmental science. **Child Development**, v. 71, n. 1, p. 11-20, 2000.

LIBARDI, R. A administração de clubes no Brasil – Uma visão inovadora para o mercado de clubes. In: SILVA, M. R. (Org.). **Temas para administração de clubes sociorrecreativos**. São Paulo: Factash, 2010. p. 43-76.

LIMA, L. A.; REVERDITO, R. S.; FOLLE, A.; LOPEZ DE SUBJANA, C.; GALATTI, L. R. Excelência no handebol: o processo de desenvolvimento esportivo de atletas brasileiras campeãs do mundo. **Quaderns de Psicologia**, v. 24, n. 1, e1798, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1798>. Acesso em: 14 maio 2025.

LYLE, J.; CUSHION, C. **Sports coaching**: Professionalisation and practice. Edinburgh: Churchill Livingstone Elsevier, 2010.

_____. **Sports coaching concepts**: A framework for coaches behaviour. Routledge: London,

2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A. A. **Especialização esportiva precoce**. Várzea Paulista: Fontoura, 2008.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: Interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 414-30, 2014.

_____. **Pedagogia do Esporte: Organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal**. 2012. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Marlus/Downloads/Machado_GiseleViola_M%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Marlus/Downloads/Machado_GiseleViola_M%20(1).pdf). Acesso em: 01 set. 2022.

MACLEAN, J.; LORIMER, R. Are coach education programmers the most effective method for coach development? **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 10, n. 2, p. 72-90, 2016.

MAFORTE, J. P. G. Análise dos padrões fundamentais de movimento em escolares de sete a nove anos de idade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 195-204, jul./set. 2007.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, M. M.; BAR-OR, O. Introductory concepts. In: CHAMPAING, I. H. K. (Ed.). **Growth, maturation and physical activity**. [s.l.]: Champaign, IL/ Human Kinetics, 2004. p. 3-21.

MANOEL, E. de J. Desenvolvimento Motor: Implicações para a Educação Física Escolar I. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 8, n. 1, p. 82-97, 1994.

MANSUR, C. E.; FONTES, M. GLOBOESPORTE.COM. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-mansur/post/2023/11/10/investigacao-expoe-ambiente-toxico-e-crimes-de-odio-em-torneios-infantis-de-futsal-no-rio.ghml>. Publ. 2023. Acesso em: 14 nov. 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARICONE, L. M.; PALMA, B. P.; GALATTI, L. R.; SANTOS, Y. Y. S. Iniciação e participação no basquetebol: Ensino da fase ofensiva a partir de conceitos de jogo. **Educação Física e Ciência**, v. 23, n. 2, p. 179, 2016.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: ____; GAYA, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, I. Arremessar ao alvo e à distância: Uma análise de desenvolvimento em função do objetivo da tarefa. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 122-138, jul./dez. 1996.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: Um fenômeno heterogêneo – estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-244, set./dez. 2007.

_____; _____. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, n. 2, 2008.

_____; LIMA, C. P.; MORAES, C. D.; NUNOMURA, M.; SIMÕES, E. C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: Relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200293>. Acesso em: 08 set. 2021.

MARQUES, R. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: Pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, v. 1, n. 1, p. 147-185, 2015.

MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D.; ABRAHAM, A. Effective talent development: The elite coach perspective in UK sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 19, n. 2, p. 187-206, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10413200701188944>. Acesso em: 12 janeiro 2024.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos Brasileiros: Fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 4, p. 471-481, 2010. DOI: 10.1590/S1807-55092010000400005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16782>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MATVÉIEV, L. P. **Fundamentos do treino desportivo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1986.

MCCARTHY, J.; BERGHOLZ, L.; BARTLETT, M. **Re-designing youth sport: change the game**. New York: Routledge, 2016

MENDES, F. G. **A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro**. 2017. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2017.

MESQUITA, I.; JONES, L. R.; FONSECA, J.; SILVA, L. D. Nova Abordagem na Formação de Treinadores: O que mudou e Por quê? In: NASCIMENTO, J.; FARIAS, G. (eds.). **Construção da identidade profissional em educação física: Da formação à intervenção**. Florianópolis: Coleção Movimento, 2012, p. 41-60.

MEZZADRI, F. M. **A estrutura do esporte paranaense: Da formação dos clubes a situação atual**. 2000. 169 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2000.

MILISTETD, M. NASCIMENTO, J. V.; SILVEIRA, J.; FUSVERKI, D. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: Adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 671-678, 2014.

MINAYO, M. C. T. Trabalho de campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In: _____. DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 61-77.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia da competição: Teoria e proposta de sistematização nas escolas de esportes. In: _____. REVERDITO, R. (Orgs.).

Pedagogia do Esporte: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013.

MONTEIRO, L.; TORMES, J. R.; MOURA, L. C. S. G. de A. Estudo de caso: Uma metodologia para pesquisas educacionais. **Ensaaios Pedagógicos**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 18-25, 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/57>. Acesso em: 26 set. 2023.

MORAES, J.; MEDEIROS FILHO, J. A. O desenvolvimento do jogador de futebol: Uma análise longitudinal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 45-58, 2006.

MOTTA, M. D. C.; LIMA, L. A. D.; GINCIENE, G.; HERNANDEZ, C. L. D. S.; GALATTI, L. R. Análise da carreira esportiva de atletas brasileiros de squash com nível internacional. **Journal of Physical Education**, v. 32, 2021.

MYER, G. D. JAYANTHI, N.; DIFIORI, J. P.; FAIGENBAUM, A. D.; KIEFER, A. W.; LOGERSTEDT, D.; MICHELI, L. J; Sports specialization, part II: Alternative solutions to early sportspecialization in youth athletes. **Sports Health**, v. 8, n. 1, p. 65-73, 2016.

NASCIMENTO, A. C. S. L. **Pedagogia do esporte e o atletismo:** Considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275391>. Acesso em: 08 nov. 2022.

NASH, C.; COLLINS, D. Tacit knowledge in expert coaching: Science or art? **Quest**, Champaign, v. 58, p. 465- 477, 2006.

NAZÁRIO, P. F.; VIEIRA, J. L. L. Sport context and the motor development of children. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 86-95, 2014.

NEUMAN, W. L. **Social research methods:** Qualitative and quantitative approaches. 7a ed. Harlow: Pearson Education Limited, 2014.

NUNES, C. da C.; ROCHA, M. J. F. Un breve relato histórico del handebol en Brasil: El caso de la liga nacional de balonmano. **Revista Observatorio del Deporte**, v. 3, n. 5, p. 15-27, 21 ago. 2017.

OLIVEIRA, A. C. Clubes esportivos: Gestão e desenvolvimento. **Revista Brasileira de Gestão Esportiva**, v. 11, n. 2, p. 45-60, 2019.

OLIVEIRA, S. R.; NUNES, S. C. A complexa busca pela transdisciplinaridade no ensino de arte. In: 18 Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2009, Salvador. ANAIS DO 18 ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP (Online), 2009. v. 1. p. 3830-3842.

OLIVEIRA, V. **O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol no Brasil:** Um estudo sobre a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite. 2007. 357 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: Um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **E F Deportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires: ano 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 73-84.

_____. Pedagogia do esporte e os jogos desportivos coletivos na ótica das inteligências múltiplas. In: _____. (orgs). **Pedagogia do esporte: Contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 137-154.

_____. **Educação física escolar: O esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental**. 1996. 206f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. Esporte no contexto escolar: Tornando o jogo possível. In: REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J. (Orgs.). **Pedagogia do esporte: Ensino, vivência e aprendizagem do esporte na educação física escolar**. Cuiabá: Editora UNEMAT, v. 1. p. 14, 2022.

_____. Pedagogia do esporte: Contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006. Disponível em: http://www.usp.br/eef/xipalops2006/48_Anais_p17_1.pdf. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. “Pedagogia do esporte e o jogo: Considerações acerca do processo de ensino-vivência aprendizagem sócio esportiva.” **Revista E**, n. 12, Ano 14, 2008.

PALHETA, C. E. F. **Desenvolvimento de life skills por meio do esporte: Princípios norteadores e concepções pedagógicas de um programa esportivo**, 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

PARLEBAS, P. Los universales de los juegos desportivos. **Revista de Praxiologia Motriz**, Las Palmas de Gran Canaria, v. 1, n. 0, p. 15-30, 1996.

PEREZ, T. P.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. Argumentos em favor da pedagogia do esporte: Implicações para a prática pedagógica. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 13, n. 125, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd125/argumentos-em-favor-da-pedagogia-do-esporte.htm>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PIFFERO, C. M. **Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: a influência de um programa de iniciação ao tênis**. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PIMENTEL, A. O método de análise documental: Seu uso em uma pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 114, p. 179-195, 2016.

PINHEIROS. Sobre o Clube: O Esporte Clube Pinheiros – Tradição e Modernidade. 2019. Disponível em: <https://www.ecp.org.br/institucional/o-clube/sobre-o-esporte-clube-pinheiros/04 dez. 2019>. Acesso em: 04 dez. 2019.

POTRAC, P.; JONES, R.; ARMOUR, K. It's all about getting respect': The coaching behaviors of an expert english soccer coach. **Sport, Education & Society**, v. 2, n. 7, p. 183-202, 2002.

PULIDO, D.; BORRÀS, P.; PONSETTI, F. J. La influencia y actuación de los padres en el fútbol cadete. **Sport TK** 2019, v. 8, p. 51-56. [CrossRef] 50.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – Notas Introdutórias. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2008.

RÉ, A. H. N.; DE ROSE JÚNIOR, D.; BÖHME, M. T. S. Estresse e nível competitivo: considerações sobre jovens praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 83–87, 2004.

REVERDITO, R. S.; COLLET, C.; MACHADO, J. Pedagogia do esporte: Desafios e temas emergentes. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 82-98, 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i2.14214. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14214>. Acesso em: 31 jan. 2023.

_____; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Sport pedagogy: Current panorama and conceptual analysis of the main approaches Motriz. **Journal of Physical Education**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2478/247>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

ROBINSON, L.E.; GOODWAY, J. D. Instructional climates in preschool children who are at-risk. Part I: Object control skill development. **Res. Quart. for Exer. and Sport**, v. 80, n. 3, p. 533-542, 2009. Doi:10.1080/02701367.2009.10599591.

ROCCO JR., A. Gestão estratégica da comunicação nos principais clubes de futebol do Brasil: Muito marketing, pouca comunicação. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 64-78, 2012.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: Trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

RODRIGUES, H. de A. COSTA, G. D. C. T.; DOS SANTOS JUNIOR, E. L.; MILISTETD, M. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, Florianópolis, SC, p. 100-118, 2017.

RODRIGUES JÚNIOR, J. C.; SILVA, C. L. A significação nas aulas de educação física: Encontro e confronto dos diferentes “subúrbios” de conhecimento. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 159-172, 2008.

ROESE, A.; GERHARDT, T. E.; SOUZA, A. C.; LOPES, M. M. Diário de campo: Construção e utilização em pesquisas científicas. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 3, 2006.

ROSE JUNIOR, D. de **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RUDD, J. R. Effectiveness of a 16 week gymnastics curriculum at developing movement competence in children. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 20, n. 2, p. 164-169, fev. 2017.

_____. Fundamental movement skills are more than run, throw and catch: The role of stability skills. **PLoS ONE**, v. 10, n. 10, p. 1-15, 2015.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: Trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 825-842, 2011.

SANTANA, W. C.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz. Journal of Physical Education**. UNESP, v. 13, n. 3, p. 181-187, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/592>. Acesso em: 03 mar. 2023.

_____; RIBEIRO, D. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática em competições federadas da modalidade. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2010.

SANTOS, A. S.; GOMES, F. R. H.; BICHELS, A.; GOMES, A. C.; VAGETTI, G. C. G.; OLIVEIRA, V. Teoria bioecológica aplicada ao esporte: Uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, n. 3, dez. 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. An evaluation of personal and contextual factors in youth sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 21, n. 3, p. 340–355, 2009.

SILVA, D. C. **Associação entre o desenvolvimento motor e a participação esportiva em crianças dos 6 aos 10 anos de idade**. 2020. 08 jul. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2020.

SILVA, M. R. (Org.). **Temas para administração de clubes sociorrecreativos**. São Paulo: Factash, 2010.

SMITH, P.; TAKHVAR, M.; GORE, N.; VOLLSTEDT, R. Play in young children: Problems of definition, categorization and measurement. **Early Child Development And Care**, v. 19, n. 1-2, p. 25-41, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0300443850190103>. Acesso em: 08 jul. 2022.

SOUSA, M. A. **Diagnóstico da gestão da iniciação em clubes socioesportivos em Campinas-SP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SOUZA, I. S. **O desenvolvimento da carreira desportiva de goleiros**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2020.

_____; VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. As múltiplas facetas da participação esportiva: Contribuições de Jean Côté e colaboradores. **Quaderns de Psicologia**, v. 22, n. 3, e1547, 2020.

SOUZA, M. T. R. **Educação, formação e desenvolvimento do handebol em Curitiba: Um estudo orientado pelo modelo bioecológico**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

SUBIJANA, C.L.; RAMOS, J.; GARCIA, C.; CHAMORRO, J. L. **The employability process of Spanish retired elite athletes: gender and sport success comparison**. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 15, p. 5460, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/15/5460>. Acesso em: 14 janeiro 2025.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product**. London: Routledge, 2014.

STAKE, R. **The art of case study research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

STODDEN, D. F. A developmental perspective on the role of motor skill competence in physical activity: An emergent relationship. **Quest**, v. 60, n. 2, p. 290-306, 2008.

STORM, L.; KRISTOFFER, H.; KROGH, C. Specialization pathways among danish elite athletes: A look at the developmental model of sport participation from a cultural perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 43, n. 3, p. 199-222, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7352/IJSP.2012.43.199>. Acesso em: 09 set. 2022.

SUBIJANA, C. L.; GALATTI, L. R.; MORENO, R.; CHAMORRO, J. L. Analysis of the athletic career and retirement depending on the type of sport: A comparison between individual and team sports. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 24, p. 9265, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17249265>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TANI, G. **Pedagogia do Desporto: Ensino e Treino**. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 142-153.

TANNO, J. L. Clubes recreativos em cidades das regiões sudeste e sul: Identidade, sociabilidade e lazer (1889-1945). **Patrimônio e memória**. São Paulo: UNESP - FCLAs - CEDAP, v. 7, n. 1, p. 328-347, jun. 2011.

TELAMA, R. YANG, X.; HIRVENSALO, M.; RAITAKARI, Participation in organized youth sport as a predictor of adult physical activity: A 21-year longitudinal study. **Pediatric Exercise Science**, v. 17, p. 76-88, 2006.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

TORREGROSA, M.; CRUZ, J.; SOUSA, C.; VILADRICH, C.; VILLAMARÍN, F.; GARCIA-MAS, A.; PALOU, P. La influencia de padres y madres en el compromiso deportivo de futbolistas jóvenes. **Rev. Latinoam. Psicol.**, v. 39, p. 227-237, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. D. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; O'SULLIVAN, M.; MCDONALD, D. (Ed.). **Handbook of physical education**. London: Sage, 2006. p. 516-539.

ULLRICH-FRENCH, S.; SMITH, A. L. Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, n. 2, p. 193-214, 2006.

VALENTINI, N. C. Percepções de Competência e desenvolvimento motor de meninos e meninas: Um estudo transversal. **Movimento**, v. 8, n. 2, p. 51-62, 2002.

_____; RUDISILL, M. E. Motivational climate, motor-skill development and received competence: Two studies of developmental delayed kindergarten children. **J. Teach. Phys. Educ.**, v. 23, n. 3, p. 216-234, 2004. Doi: 10.1123/jtpe.23.3216.

VANDORPE, B.

Relationship between sports participation and the level of motor coordination in childhood: A longitudinal approach. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 15, n. 3, p. 220-225, 2012.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SOCERJ**, n. 20, v. 5, p. 383-386, 2007.

VICENTINI, L. **O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jitsu não competidores**. 2021. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte). Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

VIERIMAA, M.; BRUNER, M. W.; CÔTÉ, J. Positive youth development and observed athlete behavior in recreational sport. **PloS one**, v. 13, n. 1, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191936>. Acesso em: 04 fev. 2021.

WACHHOLZ, L. A entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Revista de Pesquisa Qualitativa**, v. 3, n. 2, p. 45-58, 2015.

WALL, M.; CÔTÉ, J. Developmental activities that lead to drop out and investment in sport. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, n. 1, p. 77-87, 2007.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**: Instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil. São Paulo: Manole, 1999.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 433-449, 2009.

WINTERSTEIN, P. J.; VENDITTI JR, R. A motivação para as práticas corporais e para o esporte. In: ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: Uma abordagem multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning how to coach: The different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical education and sport pedagogy**, Abingdon, v. 12, n. 3, p. 127-144, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. [s.l.] Bookman, 2015.

_____. **Qualitative research from start to finish**. New York: The Guilford Press, 2011.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, n. 1, p. 7-20, 2004. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s1469-0292\(02\)00049-3](https://doi.org/10.1016/s1469-0292(02)00049-3). Acesso em: 08 set. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro prévio de questões para entrevista semiestruturada

Roteiro de entrevista - Gestora

Nome:

Idade:

Formação Acadêmica:

Formação Complementar:

Tempo de Atuação na Instituição:

Tema 1: Princípios norteadores do programa

Perguntas:

- 1) Quais os principais objetivos do CAD? De que maneira esses objetivos são apresentados durante a participação esportiva dos praticantes?
- 2) Quais os princípios norteadores do CAD? De que maneira esses princípios são apresentados durante a trajetória esportiva dos atletas
- 3) Com base nos objetivos e princípios do CAD, como são estruturadas as rotinas das aulas?
- 4) Com base nos objetivos e princípios do CAD, como são desenvolvidos os conteúdos das aulas?

Tema 2: Estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa CAD-Clube Pinheiros-SP

- 1) Quais as principais estratégias desenvolvidas nas aulas?
- 2) Quais as principais estratégias para fomentar a relação programa/família.
- 3) O CAD participa de competições externas? Explique o que você pensa sobre o processo competitivo para crianças?
- 4) Internamente, é realizada alguma competição?
- 5) Como se dá a relação da família com o programa? É feita alguma ação para aproximar tais agentes (família e programa CAD)?

Tema 3: Avaliação dos resultados:

- 1) Como se dá a avaliação do programa? Quais os critérios utilizados?
- 2) Como se dá a avaliação dos participantes do programa? Quais os critérios utilizados?
- 3) Como você se avalia enquanto gestora?
- 2) Qual o impacto do programa dentro do clube?

Tema 4: Desafios

- 1) Quais as principais dificuldades encontradas para a continuidade do programa?
- 2) Quais são seus principais desafios enquanto gestora.

Roteiro de entrevista – Treinadores (as)

Nome:

Idade:

Formação Acadêmica:

Formação Complementar:

Tempo de Atuação na Instituição:

Tema 1: Princípios norteadores do programa

Perguntas:

- 1) Quais os principais objetivos das suas aulas?
- 2) Quais os princípios norteiam suas aulas?
- 3) Como você estrutura a rotina das suas aulas?
- 4) Quais os conteúdos das suas aulas?

Tema 2: Estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa CAD-Clube Pinheiros-SP

- 1) Quais as principais estratégias desenvolvidas nas suas aulas?
- 2) Quais ações você acha interessante para fomentar a relação programa CAD/família? Como se dá a relação da família com o programa?
- 3) Explique o que você pensa sobre o processo competitivo para crianças?

Tema 3: Avaliação dos resultados:

- 1) Quais os critérios você utiliza para avaliar os participantes do programa?
- 3) Como você se avalia enquanto treinador (a)?
- 2) Qual o impacto do programa dentro do clube?

Tema 4: Desafios

- 1) Quais as principais dificuldades encontradas para a continuidade do programa?
- 2) Quais são seus principais desafios enquanto treinador (a).

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

O(a) Sr(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de Doutorado intitulada: Análise Multidimensional do Programa “Centro de Aprendizagem Desportivo” do Esporte Clube Pinheiros: Os Múltiplos Fatores Que Interferem no Sucesso da Participação Esportiva de Crianças que será desenvolvida por Marlus Alexandre Sousa, RG: 8015250-SSP-MG , do Programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista -UNESP- Campus de Rio Claro-SP – Instituto de Biociências , sob a orientação do Prof.: Rubens Venditti Júnior- Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP- Bauru) - Departamento de Educação Física/ Faculdade de Ciências (DEF-FC)

Objetivos da Pesquisa:

A presente pesquisa tem o objetivo de Analisar o Processo de Iniciação Esportiva do Centro de Aprendizado Desportivo-Esporte Clube Pinheiros-SP a partir da Experiência Acumulada dos Agentes Pedagógicos. Como objetivos específicos, temos:

- a) Identificar os princípios norteadores do CAD- Esporte Clube Pinheiros-SP, a partir das teorias da Pedagogia do Esporte e suas diversas possibilidades pedagógicas e esportivas;
- b) Verificar as estratégias adotadas do programa esportivo pesquisado, no tocante a Gestão Esportiva, Plano de Carreira e Iniciação Esportiva dos Praticantes envolvidos;
- c) Examinar as formas de avaliação realizadas pelo programa CAD- Esporte Clube Pinheiros-SP, integradas ao planejamento e gestão esportiva, bem como os processos de iniciação esportiva e as diferentes intercorrências no desenvolvimento humano dos praticantes envolvidos; e, finalmente
- d) Compreender os desafios enfrentados pelo programa, dificuldades e perspectivas para a continuidade do programa, bem como aspectos relevantes nas questões de gestão esportiva, planejamento estratégico e treinamento e iniciação esportiva em ambiente clubístico.

Procedimentos Metodológicos:

Participando do estudo você está sendo convidado (a) a: responder uma entrevista semiestruturada a fim de que possamos analisar os princípios metodológicos do Centro de Aprendizagem Desportivo do Esporte Clube Pinheiros-SP (CAD-Pinheiros-SP). Tal recurso somente será aplicado com o devido consentimento do participante da pesquisa.

O conteúdo da entrevista será armazenado no departamento de Educação Física-Faculdade de Ciências- da UNESP-Bauru-SP, dentro do Laboratório Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte (LAMAPPE). Segue o endereço: Av. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 -Vargem Limpa- CEP:17033-360-Bauru-SP. O material registrado será armazenado por um período de dois anos. Após esse prazo, o conteúdo será descartado.

O pesquisador, inserido no contexto das aulas/ou treinos, fará uma Observação Participante, ou seja, será elaborada a construção de um diário de campo, instrumento para registrar e sistematizar as observações efetuadas.

O participante da pesquisa terá todo tipo de apoio e assistência por parte do pesquisador, ou seja, qualquer dúvida ou esclarecimento, os pesquisadores estarão sempre à disposição. Após a realização da pesquisa, os participantes receberão uma devolutiva da conclusão do estudo.

Esta pesquisa configura-se como descritiva, com abordagem qualitativa e procedimentos de um estudo de caso intrínseco. A opção pelo estudo de caso, neste estudo, se dá pela necessidade de compreensão detalhada do programa CAD- Esporte Clube Pinheiros-SP, por meio da análise aprofundada de suas características.

Conforme apontado anteriormente, para a coleta de dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas para obter informações sobre o tema central da pesquisa. As entrevistas serão realizadas primeiramente com a coordenadora, para posteriormente serem realizadas com os oito treinadores(as) do programa. Os roteiros de entrevistas utilizados pelo pesquisador, se organizavam de modo a atender a busca pelas concepções dos profissionais nas seguintes dimensões: (1) o conhecimento sobre os princípios norteadores do programa; (2) as estratégias elaboradas para o alcance dos objetivos relacionados ao desenvolvimento do programa

pesquisado; (3) A descrição dos resultados obtidos; (4) Os desafios enfrentados ao buscar favorecer o desenvolvimento do programa.

As entrevistas serão realizadas individualmente por meio de gravadores digitais, para posteriormente serem armazenadas em um notebook pessoal do pesquisador, e então, serem transcritas literalmente com auxílio de softwares, Windows Media Player e Microsoft Office Word.

Portanto, o estudo elucidará as características do programa CAD- Esporte Clube Pinheiros- SP. O programa foi criado em 1972 e é pioneiro no programa esportivo infantil atendendo associados do Clube Pinheiros na faixa etária de 3 a 10 anos.

Benefícios:

O estudo poderá trazer informações valiosas a respeito do programa CAD- Esporte Clube Pinheiros-SP, consolidando-o como um projeto de sucesso dentro da referida instituição. Dessa forma, tal investigação poderá contribuir para que a gestora e os treinadores possam aperfeiçoarem suas práticas pedagógicas.

Riscos:

Possíveis desconfortos, constrangimentos e sentimento de exposição poderão ocorrer durante a entrevista. O participante levará, aproximadamente, 60 minutos para finalizar todo o processo. Não será exigido do participante nenhum tipo de deslocamento extra para a realização da entrevista. Salientamos o total sigilo das informações fornecidas pelos participantes da pesquisa.

Procedimentos de Minimização de Riscos:

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a entrevista semiestruturada:

- a) agendar previamente a coleta de dados;
- b) buscar um local privado e sem interferência de terceiros para a realização da coleta;
- c) permitir que o participante tenha acesso ao material, às perguntas antes da gravação da entrevista, caso seja de sua vontade;

- d) esclarecer possíveis dúvidas do participante sobre sua participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações, para fins de pesquisa
- e) remarcar a coleta, caso solicitado pelo participante;
- f) aceitar a solicitação de interrupção da gravação do procedimento em áudio ou imagem, pelo participante ou providenciar tal interrupção, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante a coleta de dados.

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a observação participante:

- a) o pesquisador respeitará as eventuais solicitações do participante de pedir, por exemplo, para que deixe de gravar, registrar ou mesmo observar em alguns momentos que julgar que esteja exposto;
- b) o pesquisador se dispõe a sair do local para evitar possíveis constrangimentos, nos casos em que o participante solicitar.
- c) o pesquisador se dispõe a esclarecer por que quer observar determinada ação e o que fará com tal informação.

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a elaboração do diário de pesquisa de campo:

- a) o participante poderá solicitar retirada de parte (fragmentos) do material que será utilizado na pesquisa, se assim desejar, ou indicar o que deve, ou não ser utilizado;
- b) pesquisador deverá se dispôr a esclarecer por que gostaria de utilizar o material produzido pelo aluno para fins de pesquisa e o que fará com o material autorizado.

Sigilo, privacidade e direitos:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

O participante tem a liberdade em recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Também tem a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa.

Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa.

Ressarcimento e Indenização:

O estudo será realizado dentro do horário de trabalho do participante da pesquisa. A integridade do mesmo é de responsabilidade do pesquisador, com isso, o participante será indenizado em eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Os participantes da pesquisa não terão nenhuma despesa, bem como, não serão remunerados para participar da mesma.

Se o Sr (a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Sr(a) e outra com o pesquisador (a).

Local/data

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: Análise Multidimensional do Programa “Centro de Aprendizagem Desportivo” do Esporte Clube Pinheiros: Os Múltiplos Fatores Que Interferem no Sucesso da Participação Esportiva de Crianças

Pesquisador Responsável: Marlus Alexandre Sousa

Cargo/função: Doutorando do Programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista -UNESP- Campus de Rio Claro-SP – Instituto de Biociências.

Instituição: Universidade Estadual Paulista – UNESP - Campus de Rio Claro-SP – Instituto de Biociências.

Endereço: Avenida 24 A,1515 - Bela Vista - Rio Claro/SP - CEP 13506-900

Dados para Contato: fone: 19- 99132-2263 - [e-mail: marlusbh@yahoo.com.br](mailto:marlusbh@yahoo.com.br)

Orientador: Rubens Venditti Junior

Instituição: Faculdade de Ciências – UNESP - Bauru-SP-

Endereço: Av. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa-
CEP:17033-360

Dados para Contato: fone: (19) 98406-2824 [e-mail: r.venditti@unesp.br](mailto:r.venditti@unesp.br)

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome:

Documento de Identidade: Sexo:

Data de Nascimento:

Endereço:

Telefone para contato:

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP Telefone:

(19) 3526-9678

Número do parecer:

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

Entrevistado**1**

Marlus:

Qual sua idade?

Resposta:

52 anos

Marlus:

Qual a sua formação acadêmica?

Resposta:

Sou formada em Educação Física, licenciatura plena.

Marlus:

Você tem alguma formação complementar?

Resposta:

Tenho especialização em Recreação e Lazer.

Marlus:

Qual é o seu tempo de trabalho na instituição?

Resposta:

Completando 30 anos.

Marlus:

E o seu cargo?

Resposta:

Sou supervisora do CAD

Marlus:

Supervisora. Isso. Considerando os princípios do programa, quais são os principais objetivos do CAD?

Resposta:

Olha, nossos objetivos hoje são plantar a semente do esporte nas crianças. Queremos que elas tenham o esporte na vida delas para o resto da vida. Não queremos formar atletas, mas queremos

que, ao entregarmos as crianças para as escolinhas aos 11 anos, elas sejam capazes de praticar qualquer esporte.

Marlus:

Quais são os princípios norteadores do CAD? O que fundamenta o CAD? Qual é a base?

Resposta:

A base é focar no desenvolvimento motor geral das crianças, sem esquecer do cognitivo, mas sempre através da ludicidade. A criança deve ser tratada como criança, e o que não queremos é formar mini adultos. O foco inicial é no desenvolvimento motor, principalmente entre os 4 e os 6 anos, sem deixar de lado os esportes, que fornecem a base para elas. A partir dos 7 anos, o maior foco é que as crianças experimentem o maior número possível de esportes para, depois, escolherem o que mais gostam. Hoje, oferecemos entre 12 a 14 modalidades para que elas possam escolher. O nosso maior foco é não entrar nas escolinhas específicas antes dos 10 anos, porque não acreditamos que seja necessário.

Marlus:

Concordo com você, e também com a maioria dos autores da pedagogia do esporte.

Resposta:

Sim, mas nem todos os pais e a sociedade acreditam nisso. Mas é o que acreditamos e o que dá certo.

Marlus:

Exatamente. Algo que já discutimos aqui anteriormente: como as rotinas das aulas são estruturadas? Os alunos fazem as aulas duas vezes por semana, divididas por faixa etária?

Resposta:

Sim, duas vezes por semana, por faixa etária. Atendemos crianças de 3 a 10 anos. Chamamos a faixa etária de 3 a 6 anos de "CAD Júnior". As turmas são divididas assim: Júnior 1 para crianças de 3 anos, Júnior 2 para crianças de 4, Júnior 3 para crianças de 5, e Júnior 4 para crianças de 6. Depois, passamos para as turmas de esportes: Esportes 1 para 7 anos, Esportes 2 para 8 anos, e muitos para 9 e 10 anos. Meu sonho seria separar os alunos de 9 e 10 anos, mas não temos espaço para isso. Temos aulas de 50 minutos, exceto para as crianças de 3 anos, que têm 45 minutos, porque 50 minutos seria muito para elas. As aulas ocorrem duas vezes por semana: terças e quintas ou quartas e sextas. Estamos com uma turma nova nas segundas-feiras, com uma aula de 1h30, que é uma junção dos dois dias. Às vezes, não gosto dessa opção, mas é uma

questão de escolha que não depende de nós. A quantidade de tempo é curta, mas as aulas são concentradas.

Marlus:

A rotina da aula está bem clara. E em relação ao conteúdo das aulas, estão divididos de acordo com a faixa etária, certo? Por exemplo, os alunos de faixa etária maior já estão numa iniciação esportiva mais avançada.

Resposta:

Sim, todos passam por essa estrutura. Eles têm atividades separadas: locomoção, estabilidade e outros. Os mais velhos já começam os esportes, mas todos têm que passar por essas fases, por conta do material, do espaço e de outros fatores. As aulas são planejadas no início do ano, e as atividades são organizadas conforme a disponibilidade do espaço e do material.

Marlus:

Ótimo. Em relação às estratégias, acho que você já se aprofundou bastante. Mas gostaria de saber se você quer falar mais um pouco ou se já considera que está tudo bem explicado?

Resposta:

A maior estratégia do programa é o esporte em si, mas a ludicidade nunca pode faltar, especialmente para os mais novos. Precisamos nos atualizar sobre o mundo deles, como os desenhos e personagens da Disney, para manter o interesse deles. Às vezes, as pessoas acham que apenas brincamos, mas, na verdade, brincamos com os fundamentos por trás das atividades. Isso é fundamental.

Marlus:

Quais são as principais estratégias para fomentar a relação com as famílias? Sabemos que, em qualquer escola ou clube, há dificuldades para aproximar os pais.

Resposta:

Na semana retrasada, fizemos uma reunião de apresentação para os pais, para mostrar o que é o CAD. Infelizmente, a participação dos pais foi baixa, mas, quando eles veem o trabalho, ficam maravilhados e agradecidos. Isso muda a forma como nos enxergam. Gostaríamos que mais pais participassem, pois isso faz uma grande diferença.

Marlus:

Em relação ao processo competitivo, vocês comentaram sobre o evento no final de outubro, correto?

Resposta:

Sim.

Marlus:

Esse é o principal evento competitivo dentro do CAD?

Resposta:

Sim, é o principal evento, onde mostramos nosso trabalho. Convidamos clubes e escolas de São Paulo para participar. É um momento importante, pois os pais veem o que fazemos e começam a nos enxergar de outra forma.

Marlus:

Muito interessante. Em relação à avaliação do programa, cada professor faz a avaliação da sua turma e também existe uma avaliação global ou é apenas das aulas?

Resposta:

Cada turma tem sua avaliação, e o professor avalia cada aluno. Não interferimos nessa avaliação, pois os professores convivem com as crianças durante todo o semestre e são eles que fazem a avaliação. Depois, passamos essa avaliação para os pais e confiamos plenamente nas avaliações dos professores.

Marlus:

Agora, uma autoavaliação. Como você se avalia enquanto gestora do programa?

Resposta:

Foi um processo difícil, mas hoje consigo avaliar pelo sorriso dos meus colaboradores e pela quantidade de pessoas que gostariam de trabalhar comigo. As pessoas veem o CAD como um lugar diferenciado dentro do clube. Apesar das dificuldades, sempre lutei para que as pessoas aqui dentro fossem felizes, e hoje consigo ver que conseguimos alcançar esse objetivo. Estou orgulhosa de dizer que sou boa no que faço, que somos felizes trabalhando juntos, e que o CAD é um trabalho de referência.

Marlus:

Quais as principais dificuldades que vocês enfrentam para a continuidade do programa se tornar cada vez mais sólido?

Resposta:

As dificuldades vêm de fora, principalmente da diretoria, que não valoriza o programa tanto quanto os pais. Temos mais de mil alunos, e os pais valorizam o que fazemos, mas a diretoria

do clube não. Isso é um desafio. Os professores são muito competentes e conseguem dar aulas excelentes, mas as pessoas fora do programa não reconhecem isso como deveriam. Apesar disso, continuamos com força, porque acreditamos no nosso trabalho.

Marlus:

E, Ana, vocês enfrentam dificuldades em termos do processo político de mudança de diretoria?

Resposta:

Sim, é uma das maiores dificuldades, especialmente em clubes. Se não houvesse a política envolvida, acredito que seria mais fácil.

Marlus:

Entendido. Certo, Ana, muito obrigado pela sua contribuição.

Entrevistado 2: Coordenadora**Qual sua idade?**

Resposta: 53.

Formação acadêmica.

Resposta: Sou profissional de educação física.

Tem alguma formação complementar?

Resposta: Não tenho.

Qual o seu tempo de atuação aqui no clube?

Resposta: Aqui, 25 anos.

Quais os principais objetivos do CAD, assim, de uma forma geral?

Resposta: O objetivo é auxiliar no desenvolvimento integral da criança. Trabalhamos o aspecto motor, temos preocupação com o cognitivo e o psicossocial também. Então, todas as aulas têm esses três direcionamentos nos objetivos.

Quais os princípios norteadores do CAD? Assim, o que fundamenta o CAD, em termos de princípios metodológicos?

Resposta: Trabalhamos com o objetivo principal de criar na criança o gosto pela prática esportiva. Queremos que a criança desenvolva esse gosto, para levar para a vida adulta. Isso serve tanto para quem quiser seguir a carreira de atleta quanto para quem deseja ter qualidade de vida.

Em relação às estratégias desenvolvidas nas aulas, você quer falar mais um pouco sobre isso?

Resposta: Usamos o esporte como uma ferramenta. Como a Ana mencionou, os pais costumam se preocupar com “Ah, meu filho é bom em quê?”, e com 4 anos, é difícil dizer. Queremos desenvolver nelas o gosto pela atividade física, mas não com a ideia de que uma criança de 4 anos seja uma ginasta ou um jogador de basquete. O esporte ajuda a desenvolver coordenação motora, manipulação de implementos, como no caso do basquete, mas não fazemos basquete em si. Usamos elementos do basquete e do handebol para trabalhar essas habilidades manipulativas.

Quais as principais estratégias usadas para aproximar e fomentar a relação entre o CAD e a família?

Resposta: Além das reuniões, fazemos eventos como o Dia das Mães e o Dia dos Pais, onde

convidamos os pais para participar de atividades relacionadas às nossas aulas, como jogos esportivos e brincadeiras. Isso permite que os pais vivenciem um pouco do nosso trabalho, o que fortalece a relação e o valor que eles atribuem ao que fazemos. Eles percebem a importância do nosso trabalho e como ele impacta o desenvolvimento da criança.

Na sua visão, o que você pensa sobre o processo competitivo para as crianças? Como se deve trabalhar a competição?

Resposta: Gosto de trabalhar a competição sem ênfase excessiva. Com crianças de 4 anos, a competição ainda não é o foco; ela começa a ser introduzida aos 5 anos e vai aumentando conforme a idade. O objetivo é ensinar sobre o trabalho em equipe, a importância de lidar com frustrações e o respeito tanto por quem ganha quanto por quem perde. Queremos que as crianças aprendam que o mais importante é participar, se divertir e aprender, independentemente do resultado.

Como você se avalia enquanto gestora? Uma autoavaliação.

Resposta: Ainda estou aprendendo, mas gosto da minha forma de administrar. Eu acompanho as aulas dos professores e, quando vejo algo que pode ser ajustado, dou sugestões. Tenho experiência prática de quadra e utilizo isso para orientar os professores. Minha bagagem permite ajudar a planejar atividades, compartilhar ideias e corrigir quando necessário.

Qual é, na sua visão, o impacto do programa dentro do clube? O programa é visto com bons olhos?

Resposta: Quando conseguimos sucesso em eventos, como quando muitas famílias participam, somos muito valorizados. No dia a dia, nem sempre recebemos o reconhecimento esperado, principalmente em relação ao espaço. Às vezes, temos dificuldades em obter os lugares adequados para as aulas, mas sempre damos um jeito de nos adaptar.

Quais os desafios do programa?

Resposta: Os maiores desafios são as limitações de espaço e a falta de prioridade para determinados locais. Muitas vezes, somos informados de que não podemos usar determinados espaços, e precisamos nos adaptar. Isso exige flexibilidade da equipe. Somos muito unidos, e sempre encontramos uma forma de contornar essas dificuldades.

ENTREVISTA 3 – TURMA JÚNIOR I

Qual a sua idade?

Resposta: Tenho 22 anos.

Qual a sua formação acadêmica?

Resposta: Sou graduada em Bacharelado em Educação Física.

Qual o seu tempo de atuação aqui na instituição?

Resposta: Sete meses.

Quais são os principais objetivos das suas aulas?

Resposta: Eu falei sete meses, mas é sete meses como professora, pois eu já estagiei.

Quais são os principais objetivos das suas aulas?

Resposta: Desenvolver a coordenação motora das crianças por meio das habilidades estabelecidas para aquela faixa etária, que no caso é de três anos. Então, locomoção, estabilidade, equilíbrio e manipulação. Um pouco de manipulação dois também. Então, através das nossas aulas e atividades, buscamos desenvolver cada uma dessas habilidades.

Sobre alguns princípios que norteiam as suas aulas, você gostaria de comentar alguma coisa? Algum princípio metodológico? Algo que você segue, enfim, alguma proposta lúdica?

Resposta: Sim. As aulas, principalmente para essa faixa etária, são estruturadas com base no princípio lúdico, para que as crianças se envolvam mais facilmente com o que estamos propondo. Sem esse elemento lúdico, elas não têm o mesmo entendimento daquilo que queremos aplicar. Através do lúdico, a experiência se torna muito mais agradável e eficaz para elas. A gente divide, como falei, em aulas mensais e planejamentos mensais. Por exemplo, trabalhamos semanas de locomoção e estabilidade, com diferentes atividades e formas de aplicação. Então, locomoção e estabilidade são trabalhadas em três atividades, podendo ser, por exemplo, corrida em linha reta, parada brusca, e vamos variando de acordo com a aula. Além disso, também temos um trabalho cognitivo e de lições para a vida, como, por exemplo, trabalhar a honestidade ou o trabalho em equipe.

Vamos para o tema 2. Quais são as principais estratégias desenvolvidas nas suas aulas? Qual a sua forma de trabalhar?

Resposta: Eu acredito que, como essa faixa etária é o início da prática de muitas crianças, que vêm para a nossa atividade como a primeira experiência fora de casa, busco sempre trabalhar a regulação emocional. Tento acolher as crianças, conversar com elas e entender o porquê de, às vezes, estarem chorando ou não querendo participar da atividade. Acredito que, ao regular as

emoções, transmitimos confiança, e elas entendem a importância da atividade para o seu crescimento. Falamos para elas que, ao fazerem as atividades, elas vão crescer e ficar mais inteligentes. Essa é a principal estratégia que utilizo.

Na sua visão, como se dá a relação da família com o programa? Vocês têm algumas ações que aproximam a família? Lembro que vocês mencionaram uma reunião no início do ano para orientar os pais. Você acha que essa relação é saudável?

Resposta: Temos essa reunião no início do ano para explicar como funciona o CAD. Acredito que as relações com as famílias são saudáveis, pois tentamos ser muito transparentes quanto ao nosso trabalho. No entanto, acho que ainda existem alguns pais, principalmente daqueles cujos filhos entraram recentemente, que ainda não nos conhecem bem. Tentamos tirar todas as dúvidas possíveis, tanto nas interações na quadra quanto quando surgem dúvidas em outros momentos. Os pais mais antigos conhecem melhor o nosso trabalho, enquanto os mais novos estão começando a se familiarizar. Através dos eventos também, como o Dia dos Pais, Dia das Mães e as programações de férias, temos mais contato com as famílias.

A próxima pergunta é sobre o processo competitivo. Acho que, devido à idade das crianças, vocês não aplicam esse tipo de competição, certo?

Resposta: Isso, não aplicamos.

Vamos para o tema 3: avaliação dos resultados. Quais critérios vocês utilizam para avaliar os participantes do programa?

Resposta: No final do semestre, começamos a avaliar as habilidades que mencionei anteriormente para verificar se foram bem desenvolvidas pelas crianças. Vemos, por exemplo, se a criança está no primeiro ou no segundo semestre conosco, pois algumas ficam até dois semestres na mesma turma, dependendo da idade e do desenvolvimento. Nas últimas aulas, aplicamos a avaliação, revisando os conteúdos e aplicando atividades. Temos uma folha onde anotamos se, por exemplo, a criança está pulando com um pé, e classificamos se ela está fazendo bem ou se ainda precisa desenvolver. Jamais colocamos algo negativo como "não conseguiu", apenas indicamos o que precisa ser melhorado. Os critérios são os mesmos que usamos em aula, como noção de estabilidade, saltos, corridas, entre outros.

Como você se avalia enquanto professora e treinadora?

Resposta: Como estou no início da minha carreira, acredito que tudo está sendo muito propício para meu crescimento. Sinto que ainda tenho muito a aprender, mas já vejo progressos. Estou em um projeto que não só beneficia as crianças, mas também nós, os profissionais. Acredito que já tenho um diferencial por ter começado nesse local e por ser uma pessoa esforçada.

Na sua visão, qual é o impacto do programa dentro do clube? Ele é bem visto?

Resposta: Acredito que tem um grande impacto. Muitos ex-alunos, agora adultos, buscam colocar seus filhos no programa porque reconhecem a importância que teve em suas vidas para o desenvolvimento global. Muitos seguiram na prática esportiva ou continuam com a atividade física como forma de manter a saúde. Alguns atletas, inclusive, vieram do CAD. Outros que não seguiram para o competitivo também entenderam a importância de continuar praticando atividade física para a vida. Em relação ao clube, acredito que ele tem uma visão positiva, mas nem todos conhecem detalhadamente o nosso trabalho.

O último tema é sobre os desafios. Você percebe dificuldades para a continuidade do programa? Quais são as principais dificuldades encontradas?

Resposta: Eu acho que o programa está crescendo, e precisamos de mais espaços dedicados ao CAD, pois, apesar de termos uma boa disponibilidade, a demanda de alunos é grande. Além disso, outro desafio é fazer com que alguns responsáveis, especialmente do clube em geral, compreendam a importância do nosso trabalho. Muitas vezes, o programa é visto apenas como uma brincadeira, o que limita a execução de algumas atividades. Esses são, na minha visão, os principais desafios.

E, por fim, quais são seus desafios pessoais enquanto professora e treinadora? Quais são os desafios para o seu crescimento?

Resposta: Eu acredito que meu desafio é entender que estou no início da carreira e preciso continuar buscando aprendizado. O mercado de trabalho está sempre em evolução, e é importante estar em constante desenvolvimento. Esse não é um desafio negativo, mas algo que preciso considerar para o meu crescimento. No ambiente com as crianças, vejo que há um aumento de casos de crianças mais introspectivas ou excessivamente agitadas, e isso também se torna um desafio para nosso trabalho. Para lidar com esses casos, seria interessante contar com a ajuda de outras áreas multidisciplinares, já que atuamos até o ponto que conseguimos, mas não podemos resolver tudo sozinhos. Esses são alguns dos desafios.

ENTREVISTA 4 – TURMA JUNIOR I

Qual sua idade?

27 anos.

A sua formação?

Sou bacharel em Educação Física.

Tem alguma formação complementar?

Não.

Quanto tempo você atua aqui na instituição?

Estou aqui há três anos.

Três anos. Começando aqui com o Tema 1, os princípios norteadores do programa. Na sua visão, quais os principais objetivos das suas aulas, na faixa etária com a qual você trabalha?

Eu fico na faixa etária de três anos. Esqueci de comentar, mas fui estagiária aqui por dois anos antes de me tornar professora. Foi legal, porque tive vivência em todas as faixas etárias, exceto a de três anos. Quando a Anastasia me chamou, ela me convidou para essa área e foi uma surpresa. Foi um desafio no começo, mas, ao visualizar as outras faixas etárias, percebi que três anos é o princípio de tudo. Acredito que com dois anos a criança ainda está muito imatura para entender muitas coisas, mas com três já conseguimos trabalhar muitos princípios da locomoção, principalmente, e do desenvolvimento infantil de maneira geral. A ideia é trabalhar, primeiramente, com locomoção, porque a criança de três anos ainda está aprendendo a andar, correr, desviar, realizar paradas bruscas. Tudo isso é muito primitivo para ela. Nosso primeiro princípio é esse: o trabalho de locomoção, para que ela entenda noção corporal e consciência do corpo. A partir disso, começamos a trabalhar com manipulação. Temos a manipulação 1 e a manipulação 2. A nossa ideia é que as crianças se desenvolvam na exploração do corpo e dos objetos. Grande parte do que fazemos é exploração: explorar o corpo, as diferentes formas de locomoção e como ele interage com objetos. Usamos bambolê, bola, frisbee, peteca, tudo para o conhecimento. O que posso fazer com este material? Posso jogar, posso lançar, posso chutar, posso arremessar? O primeiro objetivo é que a criança se conheça, que ela entenda o que pode fazer, o que é capaz, o que ainda não sabe, o que pode aprender. Acho que partimos daí.

Tá, legal, bacana. A próxima, acho que você já até adiantou bastante. Os princípios que norteiam suas aulas são os princípios de locomoção, da utilização de materiais... isso aí, né?

Isso.

Mais alguma coisa que você queira acrescentar sobre os princípios que norteiam suas aulas?

Sim, nós buscamos muito que a criança se conheça. Durante as aulas, temos crianças que acabaram de fazer três anos e crianças que já estão com quase quatro. Então, ao longo das aulas, mesmo tentando explorar, para as crianças que estão quase fazendo quatro anos, já buscamos um nível um pouco mais avançado. Falamos, por exemplo: “Lembra quando você entrou e não sabia andar, estava aprendendo a correr? Hoje você já consegue fazer uma corrida com parada, com outros desafios.” Isso inclui mais altura, maior amplitude de movimento, algo um pouco mais refinado. Então, aumentamos o nível de dificuldade, por exemplo, na cesta do basquete. Aumentamos a distância para o arremesso, porque nos baseamos também nos esportes. A ideia é que todas as crianças tenham uma base nos fundamentos de alguns esportes, pois, no futuro, quando elas começarem a entrar nas turmas de 5 e 6 anos, já trabalharão o esporte, mas de forma adaptada. Então, trabalhamos alguns fundamentos esportivos, como o "pinga-pegas", que é semelhante ao "gringo" (ping-pong). A criança pinga e recupera a bola. Trabalhamos um pouco de atletismo, basquete, handebol, futebol, e coordenação olho e pé, que é o futebol. Trabalhamos também a manipulação 2, quando utilizamos algum implemento para rebatida, como taco ou palmar. A ideia é sempre explorar o movimento, entender o que podemos fazer com o corpo e com qualquer objeto disponível, mas também introduzir as crianças ao basquete, ao ritmo. Apresentamos os esportes para que, quando elas subirem de faixa, já compreendam melhor os fundamentos e estratégias dos jogos, que se tornam mais relevantes. Elas começam a focar mais nas estratégias do jogo, como fazer um passe, driblar, fazer uma cesta, e não mais só no fundamento em si.

Eu entendi. Como você estrutura a rotina das aulas? A divisão?

Temos um planejamento anual, onde detalhamos mês a mês o que será trabalhado. Temos também um planejamento semestral e mensal. No planejamento semestral, detalhamos o que será feito em cada aula e qual o objetivo de cada uma. O mensal detalha o que será trabalhado especificamente em cada aula. Como comentei, no Junior 1, onde estou com crianças de 3 anos, trabalhamos locomoção, estabilidade, manipulação 1, coordenação olho e pé, manipulação 2 e agora ginástica. Eu sigo essa ordem porque, quando a criança chega, como falei, ela está quase aprendendo a andar e correr. Trabalhamos muito locomoção, mais do que outras turmas. Em segundo lugar, trabalhamos manipulação, que envolve o manejo da bola, arremesso, drible. Usamos bambolês, condução e arremesso de bambolês, entre outros materiais. A coordenação olho e pé trabalhamos menos, pois eles ainda estão no processo de aprender a coordenar o

corpo. Quando colocamos um material no pé, eles se perdem muito. Por isso, usamos materiais que não "fujam" deles, como frisbee e bambolê. A ideia é trabalhar de forma progressiva. Começamos com materiais que não saem de perto deles e depois introduzimos a bola. Mas a ênfase é mais na exploração do que na execução perfeita. Na coordenação de pé, por exemplo, meu objetivo é que eles aprendam a chutar um bambolê, conduzir um bambolê. Chutar uma bola com precisão, com alvo, não é o foco ainda, porque a idade não permite isso. Eles só começam a fazer isso aos 4, 5 anos. Depois da coordenação olho e pé, trabalhamos a manipulação 2, com implementos como taco, raquete e palmar. E na ginástica, utilizamos o ginásio para explorar o corpo, trabalhar rolamentos, saltos e acrobacias. Quando terminam o semestre comigo, a maioria das crianças já tem o perfil de estar pronta para o próximo professor. Se for necessário, posso mantê-las mais um semestre, especialmente se a criança se adapta melhor na ginástica e se desenvolve bem ali.

A próxima pergunta, você já explicou bastante sobre os conteúdos das aulas, né?

Sim, desculpe por me alongar.

Não, está ótimo assim. Mais alguma informação que você queira acrescentar sobre os conteúdos das aulas?

Eu acho que basicamente é isso. Trabalhamos muito locomoção e manipulação, coordenação olho e pé, e a manipulação 2 é trabalhada de forma mais exploratória. Quando houver uma atividade mais específica, a criança já terá uma noção do que é, mesmo que não consiga executar perfeitamente.

O tema 2 é estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa. Você poderia falar sobre as principais estratégias que desenvolve em suas aulas? Alguma forma específica de conduzir as aulas?

Sim, com três anos, a base da aula é a ludicidade. A Educação Física, por si só, já é atraente para as crianças, mas algumas chegam cansadas, desmotivadas, e a estratégia é não permitir que isso aconteça. A criança de três anos, às vezes, não consegue acompanhar o ritmo da criança que já está quase fazendo quatro. Por isso, temos que usar estratégias para evitar que elas se desmotivem. Utilizamos muita ludicidade nas aulas. A ideia é transformar atividades simples em algo mais lúdico. Por exemplo, não é apenas um arremesso na cesta. Criamos uma história de planetas que precisam voltar para o espaço e, para isso, precisam ser arremessados para o alto. Outra brincadeira que adoramos é a Floresta Encantada, onde exploramos formas de locomoção, obstáculos, e as crianças interagem com cones e galhos de forma divertida. Quando contamos histórias, a atividade dura mais e eles se envolvem mais, saindo da aula contando o

que fizeram. Usamos muito de jogos como o pega-pega, que, embora pareça simples, trabalha aspectos como corrida, desvio, paradas bruscas e tensão. E sempre explicamos os objetivos antes de cada atividade. Isso diminui acidentes, porque as crianças já sabem o que fazer. Usamos também demonstrações visuais, já que as crianças dessa faixa etária são muito visuais. A ludicidade é essencial para engajá-las e ensinar de maneira divertida.

Quais ações você acha interessante para fomentar a relação entre o programa CAD e a família? Algumas ações de união ou intercâmbio?

No começo do ano, realizamos uma reunião para apresentar o programa CAD aos pais, já que muitos não sabem o que é. A participação dos pais é baixa, mas tentamos manter o contato durante o ano, principalmente quando a criança tem algum progresso ou dificuldade. Quando notamos algo, como uma criança muito cansada ou com dificuldades, conversamos com os responsáveis, mesmo que não sejam os pais. Também procuramos entender a rotina da criança fora.

ENTREVISTA 5 – JUNIOR II

Qual é a sua idade?

41 anos.

Sua formação?

Sou graduado em Educação Física e Direito e pós-graduado em Gestão Pública e Educação Ambiental.

Com a sua formação complementar, você tem algum outro curso ou especialização?

Tenho um curso de danças circulares, que não é uma especialização, mas é considerado uma imersão. Também tenho vários cursos voltados à recriação e lazer, além de dinâmicas de trabalho em equipe, gestão de equipes e equipes de alta performance. São cursos e palestras, com carga horária máxima de 20 horas.

Quanto tempo você atua aqui na instituição?

Aqui no clube, tive a oportunidade de ingressar em 2022. Já atuo há aproximadamente dois anos e meio.

Nesse momento, conversaremos sobre quatro temas. O primeiro é sobre os princípios norteadores do programa, o segundo sobre as estratégias, o terceiro sobre avaliação e o quarto sobre os desafios. Começando com o primeiro tema: quais os principais objetivos das suas aulas?

As nossas aulas buscam, por meio do lúdico, desenvolver as habilidades motoras fundamentais. Com atividades lúdicas voltadas à recriação e histórias para estimular as crianças, buscamos trabalhar movimentos como andar, correr, parar brusco, arremessar, rebater e lançar. Ainda sem foco técnico, mas estimulando o desenvolvimento desses primeiros movimentos.

E quais são os princípios que norteiam suas aulas? Você utiliza muito o jogo e o lúdico, mas existe algum outro princípio que gostaria de destacar?

Além dos princípios relacionados aos movimentos e habilidades motoras, trabalhamos também com as habilidades cognitivas, como o desenvolvimento do pensamento. Um grande desafio, especialmente para a faixa etária de 3 e 4 anos, é lidar com a inibição, pois muitas crianças são muito apegadas a babás ou pais. Usamos essas habilidades para conquistar a confiança da criança. Portanto, além das habilidades motoras, também focamos nas atividades cognitivas.

Como você estrutura a rotina das aulas? Os alunos fazem aulas duas vezes por semana?

Sim, as aulas têm 50 minutos.

Certo. E, por exemplo, mesmo considerando o grau de evolução dos alunos, como vocês estruturam o conteúdo por mês?

Para a faixa etária de 4 anos, temos um planejamento e metodologia que aborda alguns temas específicos. Começamos com locomoção e estabilidade, trabalhando o equilíbrio e a corrida, por exemplo. Em seguida, passamos para manipulação 1, onde a criança começa a manipular materiais com as mãos, introduzindo noções de esportes como handebol e basquete. Depois, abordamos coordenação olho e pé, com atividades voltadas ao futebol, mas também usando outros materiais como bambolê e frisbee. Trabalhamos sempre de forma lúdica, por exemplo, dizendo à criança que ela deve "passear com seu bichinho" em vez de simplesmente conduzir uma bola.

Sobre as estratégias, quais são as principais abordagens desenvolvidas nas suas aulas? Como você utiliza o lúdico e o jogo para prender a atenção das crianças?

Eu divido minha aula em três partes: inicial, principal e final. Na parte inicial, faço o acolhimento, converso com as crianças sobre o dia delas, perguntando, por exemplo, se comeram e como estão. A parte principal dura a maior parte da aula e é onde focamos em três atividades principais relacionadas aos fundamentos. A parte final, de 5 minutos, é dedicada à chamada e ao encerramento. Para aquecer, faço atividades como corrida ou pega-pega nos primeiros 10 minutos.

Quais ações você considera interessantes para fortalecer a relação entre o CADE e as famílias? Quais ações já existem e poderiam ser melhoradas?

Acredito que uma boa prática já existente são os eventos internos como o Dia das Mães e o Dia dos Pais, onde as crianças fazem atividades com seus responsáveis. Além disso, temos eventos externos, como visitas a outros clubes, onde os pais acompanham os filhos. Também realizamos reuniões semestrais com os responsáveis para explicar o programa e apresentar os professores.

Na sua visão, qual é o impacto do programa dentro do clube? Como ele é visto?

Acredito que o programa tem grande impacto, especialmente na transição das idades. No início, trabalhamos muito o lúdico e, conforme a criança cresce, passamos a focar em habilidades mais específicas, preparando-a para modalidades esportivas. No final, entre 10 e 11 anos, alguns

alunos podem ser encaminhados para esportes de maior performance, mas sempre com um enfoque equilibrado, sem sobrecarregar com competições excessivas.

Quais são os principais desafios que você enfrenta como professor e treinador?

Os principais desafios são me manter sempre atualizado, principalmente em relação às mudanças geracionais. Além disso, as constantes eleições políticas dentro do clube podem interferir no desenvolvimento da equipe e nas decisões tomadas pela direção. Mudanças de gestão nem sempre são acompanhadas de um planejamento claro, o que pode gerar insatisfações e afetar a rotina da equipe.

ENTREVISTA 6 – TURMA JUNIOR III- FAIXA ETÁRIA: 5 ANOS

Qual é a sua idade?

Tenho 26 anos.

Sua formação?

Bacharel em Educação Física.

Tem outra formação?

Não tenho.

Quanto tempo você atua aqui?

Eu estou atuando como professor no meu primeiro ano, mas já estagiei aqui por dois anos. Esse é meu primeiro ano como professor efetivo.

Ok. A entrevista será dividida em quatro partes: Tema 1 – Princípios do programa, Tema 2 – Estratégias, Tema 3 – Avaliação e Tema 4 – Desafios. Começando pelo Tema 1: Na sua visão, quais são os principais objetivos das suas aulas?

O objetivo da minha aula é desenvolver a parte motora de todas as crianças e prepará-las para os jogos. Como a faixa etária com a qual trabalho está em transição, trabalhamos bastante os fundamentos dos esportes, mas já começamos a praticar mais jogos com eles. Ou seja, é uma combinação de preparação com fundamentos e a prática dos jogos.

Quais são os princípios metodológicos que norteiam suas aulas? É baseada no lúdico ou no jogo?

Eu uso pouco o lúdico, não utilizo a aula inteira dessa forma. O foco, no meu caso, é mais o desenvolvimento motor e os fundamentos. A aula é um pouco lúdica, mas também tem uma abordagem mais séria, se é que posso dizer assim.

Como você estrutura a rotina das aulas? Qual a frequência delas?

As aulas acontecem duas vezes por semana.

Quantas vezes por semana e qual a duração?

Elas acontecem duas vezes por semana, com duração de 50 minutos.

Quais os conteúdos abordados nas suas aulas? Você gostaria de aprofundar um pouco mais sobre isso?

Minhas aulas são mais focadas nos esportes. Como mencionei, estamos numa transição, então ainda trabalhamos o desenvolvimento motor, mas o foco maior passa a ser o esporte, aplicando os fundamentos do basquete e de outros esportes, de forma que vamos desenvolvendo mais a parte esportiva.

Comparado aos anos anteriores, como o foco muda para sua turma?

Ao contrário das turmas anteriores (Júnior 1 e Júnior 2), cujo foco está no desenvolvimento motor mais natural da criança, o foco na minha turma já começa a envolver mais o esporte e os seus fundamentos.

Tema 2: Quais as principais estratégias utilizadas em suas aulas? Como você cativa os alunos e mantém a atenção deles?

Eu tento usar o lúdico nas atividades, porque nessa faixa etária, os fundamentos podem ser um pouco chatos. Se a gente chegar e falar para as crianças fazerem dribles de basquete, por exemplo, isso poderia se tornar monótono. Então, é nesse momento que eu insiro atividades lúdicas. Fora isso, tento evitar o uso excessivo do lúdico, para manter a seriedade da aula.

Quais ações poderiam aproximar o programa da família? Como atrair mais a participação dos pais?

Bem, temos algumas ações já planejadas, como o Dia das Mães e o Dia dos Pais, mas o contato com os pais é bem limitado. Muitas vezes, quem vem buscar as crianças são babás ou outras pessoas. Quando vejo algo importante para comunicar aos pais, tento falar diretamente com eles, ou, caso isso não seja possível, tento informar a coordenação para ajudá-los a entrar em contato.

O que você pensa sobre o processo competitivo para crianças? Isso se aplica também para a sua faixa etária e em outros contextos?

No caso da minha turma, temos competições, mas elas não são levadas tão a sério. A ideia da competição é mais para aprendizado, sem pressão. No entanto, em outras faixas etárias, com menor idade, acredito que a competição seja importante, porque ajuda as crianças a entenderem melhor o que significa ganhar e perder. Eu realmente gosto da competição e acredito que ela tenha seu valor.

Tema 3: Quais os critérios utilizados para avaliar os participantes do programa?

A avaliação é feita de forma progressiva e é dividida em três partes. Primeiramente, avaliamos o comportamento psicossocial da criança, como ela se comporta na aula, com o professor e com os colegas, e se ela está participando ativamente. Em seguida, avaliamos a parte motora, como a locomoção (se ela consegue correr, pular, fazer rolamentos). Por fim, a avaliação se baseia no desenvolvimento dentro do esporte, incluindo manipulação de bola, coordenação motora, e habilidades específicas como conduzir e driblar a bola, além de arremessar.

Como você se avalia enquanto professor? Você acha que pode melhorar? Tem planos de continuar se aperfeiçoando?

Eu acho que ainda tenho muito a evoluir. Desde que entrei como estagiário, houve uma grande evolução. Como venho do judô, minha visão era muito centrada e séria, mas aprendi que a abordagem precisava ser diferente aqui. Sinto que ainda tenho bastante a desenvolver, por isso estou sempre buscando novas fontes de aprendizado, como cursos e outras áreas da Educação Física, para enriquecer o meu trabalho.

Na sua visão, qual o impacto do programa "Pico do Clube"? Como ele é visto?

Eu vejo o programa de forma positiva, mas muitas pessoas dentro do clube, principalmente da parte competitiva, ainda enxergam nossa atuação como recreativa. Contudo, algumas pessoas já começaram a perceber que não se trata apenas de recreação, mas de um trabalho focado no desenvolvimento esportivo da criança.

Tema 4: Quais são as principais dificuldades que você encontra no seu trabalho? Você enfrenta algum desafio para realizar suas atividades?

Uma das dificuldades que enfrento é a falta de valorização do nosso trabalho. Muitas vezes, as pessoas veem a atividade como algo sem importância, como se estivéssemos apenas brincando. Isso é especialmente problemático em minha quadra, que fica em uma área de alto tráfego, onde as pessoas frequentemente invadem o espaço durante a atividade. Tendo que interromper as atividades e lidar com essas situações é desafiador.

Quais são os seus principais desafios como treinador e professor?

O maior desafio é fazer com que as crianças compreendam a importância do que estão fazendo. Elas podem achar que é só brincadeira e não percebem que aquilo é uma parte importante do seu desenvolvimento. Fazer com que elas entendam o valor da atividade é o maior desafio.

ENTREVISTA 7 – TURMA: JUNIOR IV – FAIXA ETÁRIA: 6 ANOS**Qual sua idade?**

Tenho 24 anos.

Sua formação?

Sou professora de Educação Física.

Tem alguma formação complementar?

Não.

Qual seu tempo aqui no clube?

Tive um ano como estagiária e, como professora, estou entrando no terceiro ano.

Tema 1 - Princípios do programa: quais os principais objetivos das suas aulas?

Os principais objetivos das minhas aulas são iniciar as crianças nos esportes de maneira que, quando elas chegarem aos esportes 1 e 2, já estejam mais preparadas. Quero que elas já compreendam as regras básicas e os objetivos dos esportes que trabalhamos, para quando chegarem a essas turmas, já saibam do que se trata.

Quais os principais princípios metodológicos que orientam suas aulas? Jogo, lúdico?

Eu trabalho muito menos o lúdico do que o pessoal que você já entrevistou. Com seis anos, o foco já é mais na iniciação esportiva, para que quando eles chegarem aos outros níveis, já estejam mais preparados. Então, com eles, trabalho mais com jogos. Por exemplo, faço quatro aulas de handebol. Nas duas primeiras, já introduzo um mini-jogo, que ainda não é um jogo real. Nas duas últimas aulas, já aplico jogos completos de handebol, para que eles comecem a entender o básico: como arremessar com uma mão, como não invadir a área do goleiro, entre outros.

Quais os principais conteúdos das suas aulas?

Eu trabalho com modalidades como futebol, basquete e vôlei. Dou quatro aulas de cada uma dessas modalidades, e, em semanas alternadas, dou aulas de badminton, atletismo, entre outras.

Tema 2 - Estratégias voltadas ao desenvolvimento do programa:

Você já abordou de maneira bastante detalhada, mas gostaria de acrescentar algo sobre as estratégias? Como você trabalha os meios e métodos em suas aulas?

Já mencionei, mas quero reforçar que utilizo os jogos como principal estratégia. Quanto à relação com a família, é bem difícil porque, muitas vezes, os pais não acompanham diretamente as aulas. Quando os pais trazem as crianças, procuro dar um retorno, dizendo: "Hoje ele foi muito bem na aula". Tento assim mostrar para os pais que os filhos estão participando ativamente.

De uma forma geral, o que você pensa sobre o processo competitivo nas crianças? Não só na sua faixa etária, mas de maneira geral. Quais cuidados devem ser tomados?

Acho que é preciso ter muito cuidado na forma como mostramos o esporte para as crianças. Se elas forem apresentadas a regras muito rígidas e difíceis logo no início, pode ser que se desinteressem. Se mostramos o esporte de maneira mais leve, com mais enfoque na diversão e, aos poucos, vamos introduzindo as regras, é mais fácil para a criança se apaixonar pelo esporte.

Tema 3 - Avaliação dos resultados:

Quais critérios você utiliza para avaliar os participantes do programa?

Fazemos uma avaliação semestral, focando na manipulação da bola – drible, passe, chute, entre outros. Não avalio uma criança apenas por uma única aula; o acompanhamento é feito ao longo do semestre. Por exemplo, uma criança que começou com dificuldades, no final do semestre, pode já estar driblando com uma mão só e fazendo passes mais eficazes. A avaliação leva em consideração o progresso da criança ao longo do tempo.

Como você se avalia enquanto professora?

Eu tenho muito amor pelo que faço, o que acrescenta bastante no meu desempenho. Se eu fosse me avaliar, eu diria que estou em constante evolução. Atualmente, com minha formação em Educação Física, me avaliaria como um 8. Tenho planos de fazer uma especialização em desenvolvimento infantil e psicomotricidade.

Na sua visão, qual é o impacto do programa CAD dentro do clube? Qual a percepção que eles têm?

A visão sobre o programa varia muito de acordo com os pais. Alguns acreditam que estamos formando atletas, mas nosso objetivo não é esse. Queremos que as crianças tenham uma noção ampla de diferentes esportes, para que no futuro possam escolher um esporte com o qual se identifiquem. Quando isso não é claro, surgem dúvidas, como "Por que meu filho não passou?", mas é importante esclarecer que o desenvolvimento não é apenas sobre desempenho técnico, mas sobre maturidade e habilidades individuais.

Tema 4 - Desafios:

Quais as principais dificuldades encontradas para a continuidade do programa?

Eu acredito que o programa já se consolidou bem no clube, mas uma possível dificuldade seria a percepção de algumas pessoas sobre o que realmente fazemos. Às vezes, não valorizam tanto o nosso trabalho, achando que é apenas recreação. Embora já tenhamos um reconhecimento positivo, sempre há o desafio de comunicar claramente os objetivos do programa.

Quais os seus principais desafios enquanto professora?

Um dos maiores desafios é lidar com a interferência de alguns pais durante a aula. Às vezes, eles tentam intervir no momento da aula, o que pode criar uma situação desconfortável. Tento sempre manter o foco na aula, dizendo que o momento de intervenção é o meu, como professora, e que, ao final, passarei o feedback necessário.

Você gostaria de acrescentar algo antes de finalizarmos?

Não, está tudo certo. Agradeço a oportunidade!

ENTREVISTA 8 – TURMA: ESPORTES I – FAIXA ETÁRIA: 7 ANOS**Qual sua idade?**

Eu tenho 28 anos.

Qual é a sua formação?

Sou formado em Educação Física, com bacharelado e licenciatura, e também possuo um MBA em Gestão e Marketing Esportivo.

Quanto tempo você está aqui na instituição?

10 anos.

Tá bom. Considerando o Tema 1, os princípios norteadores do programa, quais são os principais objetivos das suas aulas?

O CAD-Esporte I representa a mudança e a troca de modalidade. Acho que é o ponto de partida da transição do Júnior para o CAD-Esporte I. Então, eu sou a porta de entrada. Eu vejo o CAD-Esporte I como um lugar de transição. No CAD-Esporte I, no CAD Júnior, o objetivo era o desenvolvimento motor. A partir do CAD Esportes, começamos a trabalhar com as modalidades propriamente ditas. Então, fico num lugar de transição, com um pé ainda no Júnior, principalmente no Júnior 4. Trabalho o desenvolvimento motor das crianças também, mas já trazendo um pouco mais de fundamentos das modalidades esportivas. Quando trabalho, meus objetivos não são só as habilidades motoras, mas sim as modalidades desportivas. Trabalhamos por temporadas, e, por exemplo, quando abordo a temporada de basquete, além das habilidades motoras do drible e do arremesso, começo a introduzir regras mais complexas da modalidade, tentando aproximar um pouco mais da realidade do jogo. Também realizamos jogos pré-desportivos e brincadeiras lúdicas de aquecimento e fundamentos. No final da temporada, começamos a trabalhar as modalidades em si. As modalidades de quadra que trabalhamos são: basquete, vôlei, handebol, futebol e futsal. Além disso, também abordamos ginástica, atletismo, saltos ornamentais e badminton. Cada temporada é dividida entre as modalidades, e normalmente trabalhamos de 4 a 5 aulas por modalidade, mas para as modalidades diferenciadas, o tempo é mais curto, pois temos integração com as escolas. Por exemplo, saltos ornamentais são trabalhados em apenas duas aulas, o mesmo ocorre com badminton. Para atletismo, normalmente fazemos três aulas, e no bolão, também são duas aulas.

A próxima pergunta: quais são os princípios metodológicos que você trabalha em suas aulas? Você aborda valores e modos de comportamento?

Dentro do CAD, temos uma metodologia estruturada, embora ainda em desenvolvimento. Ela é baseada em três pilares: motor, socioemocional e socioeducativo, focando também em habilidades para a vida. Por exemplo, trabalhamos o sucesso emocional, o motor e as habilidades para a vida. Dentro das aulas, além dos objetivos motores, trabalhamos com valores, como memória, e habilidades cognitivas, linkando-as com habilidades para a vida, como honestidade. Sempre buscamos trabalhar os três pilares: cognitivo, socioemocional e motor. Esses pilares estão presentes desde o Júnior 1, com crianças de cerca de 3 anos, e seguem até as idades mais avançadas. Esses objetivos nem sempre são o foco principal da aula, mas estão intrínsecos dentro dos jogos e da nossa forma de educar a criança. O que é muito claro para nós é que nosso objetivo não é formar atletas, mas sim formar pessoas que pratiquem atividades físicas. Buscamos sempre o prazer na prática da atividade física.

Legal. Como você estrutura a rotina das suas aulas? Você já adiantou bastante, mas por exemplo, quantas vezes por semana os alunos têm aula?

Nossas turmas têm aulas duas vezes por semana. A partir do Esportes 1, temos uma turma na segunda-feira, com uma aula de uma hora e meia. As outras turmas podem ter aulas de terça e quinta, ou quarta e sexta, com uma aula de uma hora. A partir do CAD Esportes, as aulas aumentam para uma hora e dez minutos. A estruturação das aulas começa com um planejamento anual, em que definimos os objetivos gerais, e segue para um planejamento semestral, onde distribuímos os objetivos aula a aula. A partir disso, fazemos um planejamento mensal, detalhando o que será trabalhado em cada aula. A divisão de conteúdo segue um calendário das modalidades, com um planejamento estruturado para cada temporada.

Em relação aos conteúdos das suas aulas, você gostaria de aprofundar em algo?

Acredito que o principal viés do CAD, de forma geral, seja trabalhar o prazer na prática esportiva. Buscamos sempre uma continuidade, aumentando a complexidade conforme o aluno avança. Por exemplo, no Júnior, o objetivo principal é o desenvolvimento motor, usando o esporte como facilitador para o aumento do repertório motor da criança. No CAD-Esporte I, o foco já se volta mais para o aspecto esportivo, trazendo uma complexidade maior. Essa continuidade vai aumentando à medida que o aluno avança para o Esportes 2, onde ele começa a trabalhar com regras mais complexas. No Esportes II, a criança já está praticando as modalidades com maior profundidade. Também, buscamos sempre o prazer da criança na prática esportiva. Assim como no Júnior, a ludicidade é muito forte no início, mas, no CAD-Esporte I, tentamos equilibrar com atividades prazerosas, como jogos e brincadeiras, que servem para o desenvolvimento motor. Embora o foco seja na aprendizagem, tentamos sempre

mostrar aos alunos o que estão fazendo, para que entendam a relação entre jogo e objetivo. No final de cada temporada, tentamos aproximar o conteúdo da realidade do jogo.

Qual a sua estratégia para o desenvolvimento do programa?

Dentro das modalidades, especialmente as de quadra, gosto de trabalhar com um processo pedagógico estruturado. Nas duas primeiras aulas de cada temporada, trabalho bastante fundamentos e montamos circuitos de desenvolvimento. No final da temporada, diminuimos a ênfase nos fundamentos e passamos a realizar jogos mais próximos da realidade, sempre de forma gradual, para facilitar o entendimento das crianças. Isso mantém o envolvimento e a aprendizagem de maneira divertida e leve, o que facilita o desenvolvimento das habilidades.

Quais ações você acredita serem importantes para estreitar a relação entre o CAD e as famílias?

Temos algumas estratégias para aproximar a família, embora o nosso público, em sua maioria, seja formado por crianças que vêm com babás ou motoristas. Temos pouco contato com os pais, especialmente no caso dos mais velhos, que já têm liberdade para chegar e sair sozinhos. Uma das estratégias é a reunião de apresentação, que acontece no início do semestre e serve para mostrar aos pais a profundidade da nossa metodologia, que vai muito além de uma simples recreação. Além disso, promovemos eventos para o Dia das Mães e dos Pais, que são oportunidades para aproximar as famílias e permitir que participem de atividades recreativas e interativas com seus filhos. Também temos a Cadiada, que é o nosso grande evento, com atividades para todas as idades e uma grande oportunidade para mostrar o impacto do nosso trabalho. Esses eventos são nossas principais estratégias para fortalecer o vínculo com a família.

O que você pensa sobre o processo competitivo para as crianças de uma forma geral?

Sou contra a competitividade excessiva na infância. Acredito que, enquanto criança, o foco deve ser o prazer e o aprendizado, não a competição intensa. Acredito na especialização tardia, onde a criança explora uma variedade de modalidades até os 10 anos e começa a se especializar a partir dessa idade. A competição deve ser gradual e respeitar o desenvolvimento de cada criança.

Quais critérios você utiliza para avaliar os participantes do programa?

No CAD Esportes, a avaliação é dividida em dois momentos. A primeira parte é comportamental, onde avaliamos o comportamento da criança em aula, a relação com os colegas e professores, e o respeito às regras. A segunda parte é motora, focada nas modalidades específicas. Avaliamos as habilidades motoras das crianças e seu entendimento das regras, com

base em três níveis de desenvolvimento: facilidade, em desenvolvimento ou com dificuldade. Para algumas modalidades, como ginástica, bolão, saltos ornamentais e badminton, a avaliação é mais voltada para a vivência da modalidade do que para a aprendizagem dos fundamentos, pois essas atividades têm uma carga menor de conteúdo, e o foco é a experiência.

Como você se avalia enquanto professor?

Considero-me hoje muito mais experiente e competente. Com 10 anos de clube, comecei como estagiário e passei por diversas funções, incluindo a parte administrativa, antes de retornar ao CAD Esportes como professor. Ao longo desses anos, adquiri muita bagagem e aprimorei meu conteúdo, principalmente no Júnior, e agora estou me desenvolvendo cada vez mais no CAD-Esporte I. Sou movido por desafios, por isso aceitei essa nova função no CAD-Esporte I, pois queria sair da zona de conforto e buscar novos aprendizados. Me sinto capacitado e motivado para continuar na minha profissão, ajudando a formar crianças que, no futuro, serão praticantes de atividades físicas.

Quais as principais dificuldades que você enfrenta no trabalho?

A principal dificuldade é a divisão entre diretorias dentro do clube. O CAD pertence à diretoria de relações esportivas, enquanto as modalidades competitivas estão sob a diretoria de esportes olímpicos. Isso gera visões e objetivos diferentes, o que pode dificultar a continuidade e o alinhamento entre as equipes. No entanto, com o tempo, conseguimos conquistar o nosso espaço e

ENTREVISTA 9 – ESPORTES II - FAIXA ETÁRIA: 8 ANOS**Qual sua idade?**

35 anos.

Formação?

Educação Física

Tem alguma formação complementar?

Sim, formação em atividades aquáticas.

Qual é o seu tempo de atuação aqui no clube?

Aqui no clube, três anos. Fiquei um ano na natação, na escolinha de natação, e dois anos agora no CAD. Então, no total, são três anos.

Sobre o Tema 1, os princípios: Quais os principais objetivos nas suas aulas?

Trabalhar as principais modalidades: handebol, basquete, futsal e vôlei, além de algumas complementares, como badminton, atletismo, saltos ornamentais, boliche e jogos ou minijogos, que utilizamos como jogos pr -desportivos.

A próxima pergunta: Quais os princípios que norteiam suas aulas do ponto de vista metodológico? Você utiliza jogos?

Sim, na verdade, fazemos algumas divisões de conteúdo. Por exemplo, nas principais modalidades, tentamos dar mais ênfase. Nas primeiras aulas, busco focar mais em jogos pr -desportivos e,   medida que a turma avança, finalizo com jogos. A minha turma vai se preparando para o Multiesportes que é a última fase, mais voltada para jogos propriamente ditos. Então, por exemplo, quando dou quatro aulas de handebol, as duas primeiras são mais voltadas para jogos pr -desportivos, e nas duas últimas, trabalho mais com jogos.

A próxima pergunta você já adiantou um pouco, mas caso queira aprofundar, como você estrutura a rotina das suas aulas? São duas aulas semanais e existe um tempo específico para cada modalidade ou depende da evolução dos alunos?

Sim, nas principais modalidades que mencionei, damos mais quantidade de aulas. As outras modalidades são mais para que eles conheç m e se familiarizem. Utilizo a divisão da seguinte forma: as duas primeiras aulas são de jogos pr -desportivos e as duas últimas, focadas em jogos reais, com ênfase nas regras.

A próxima pergunta também, caso queira aprofundar mais sobre os conteúdos das suas aulas, você acha que já falou tudo ou deseja aprofundar mais em algo?

Eu acho que já falei tudo, mas o que eu posso destacar é a divisão da aula. Como a aula tem uma duração de uma hora, costumo dividi-la em três tempos de 20 minutos: os primeiros 20 minutos são para aquecimento, já que alguns alunos chegam atrasados de outras modalidades, e aproveito esse tempo para trabalhar com eles. Os outros 20 minutos são voltados para a parte principal, e os últimos 20 minutos para jogos pré-desportivos ou jogos reais. Essa divisão facilita o planejamento.

Tema 2: Estratégias. Quais são as principais estratégias que você utiliza para engajar os alunos na aula?

Acho que as estratégias vão se aprimorando com o tempo. Como já estou há algum tempo na área, a gente vai moldando essas estratégias. O principal, no meu caso, é dar atenção aos alunos. Hoje em dia, as crianças precisam de muita atenção. Eu tento me adaptar ao perfil de cada um: tem a criança mais tímida, que é mais difícil de envolver, e o aluno mais agitado, para o qual tento ser um pouco mais rígida, mas sem ficar só na bronca. Tento encontrar esse equilíbrio para engajar todos.

Na sua visão, como é a relação da família com o programa? Você acha que as ações existentes são suficientes para promover essa união? Os outros professores já mencionaram que é difícil, eles fazem reuniões, mas poucos pais comparecem.

Sim, exatamente. Semana passada tivemos uma reunião de apresentação do CAD, normalmente destinada aos pais novos. A presença foi de 16 pais, e temos mais de mil alunos, então, realmente, o número é baixo. O contato com os pais é muito difícil, e sentimos falta disso. Às vezes, damos feedbacks sobre os alunos, mas é complicado, especialmente com as crianças mais tímidas. Ficar mais próximo dos pais facilita essa comunicação. Normalmente, conseguimos mais contato com as babás do que com os pais.

Na sua visão, o que você pensa sobre a competição para as crianças?

Acho que, na minha faixa etária, de 8 anos, eles já são competitivos por natureza. Eles chegam com esse espírito de competição, mesmo vindo da turma do Vítor, dos 7 anos. É importante, mas também precisamos ensiná-los a perder e a ganhar. Há vezes em que um aluno sai chateado ou bravo, e é importante que eles entendam que ganhar é legal, mas participar também é

fundamental. Trabalhamos isso bastante em sala de aula, e isso ajuda a criar uma noção saudável de competição.

Tema 3: Avaliação dos resultados. Quais critérios você utiliza para avaliar seus alunos?

Eu observo a participação, a coordenação motora mais refinada, combinada com a participação do aluno. Às vezes, tem aquele aluno que não quer chegar perto da bola, e há outros que se destacam mais individualmente. Eu tento incluir todos de alguma forma, seja na defesa ou no ataque, para que todos participem. Eu busco observar, principalmente, os movimentos mais complexos, como dribles, arremessos e finalizações.

Como você se avalia enquanto professora e treinadora ao conduzir uma aula?

Sou bastante crítica em relação ao meu trabalho, sempre sinto que posso melhorar. Com o tempo, a experiência vai nos ajustando e aperfeiçoando, e eu tento sempre buscar maneiras de melhorar a forma de ensinar, de dar atenção e de organizar o conteúdo. As nossas gestoras sempre me incentivam e estão presentes para oferecer apoio. Fazemos clínicas no clube para aprimorar nossa prática profissional, o que também é muito bom.

Na sua visão, qual é o impacto do programa dentro do clube? Você acha que o programa CAD é visto com bons olhos?

Acho que o programa tem dois lados. Por um lado, os pais que têm um perfil mais atlético, mais voltado para o esporte, entendem que é algo enriquecedor. Por outro lado, há aqueles que veem o programa apenas como uma atividade recreativa. Existe esse entendimento dividido entre os pais. Alguns veem como uma oportunidade para o filho ser atleta, enquanto outros não compreendem a profundidade do programa.

Tema 4: Desafios. Você acha que há dificuldades ou desafios para a continuidade do programa dentro do clube?

Sim, uma dificuldade é a limitação de espaço físico, o que afeta a ampliação do número de alunos. Isso não é específico do CAD, mas acontece em todas as modalidades. Em dias de chuva, por exemplo, temos que improvisar com espaços alternativos. Algumas turmas acabam tendo menos alunos, e isso pode prejudicar o desenvolvimento das atividades. Quando há turmas pequenas, por exemplo, tento juntar com o Vítor, mas isso acaba fazendo com que os alunos da minha turma não avancem tanto.

Por fim, quais os seus principais desafios enquanto professora e treinadora? Você enxerga algum desafio a ser superado?

Um desafio é que as gestoras nos dão liberdade para trabalhar da forma que quisermos, o que é ótimo, mas, ao mesmo tempo, me cobro para trazer sempre algo novo. No entanto, a limitação de espaço e horários é um obstáculo. Por exemplo, eu queria introduzir o balé no CAD, mas não há horários ou espaços disponíveis. Outro desafio é a inclusão de crianças com necessidades especiais. Tenho um aluno com síndrome de Down que está comigo há dois anos e se tornou mais participativo. Este semestre, estou trabalhando com um autista também, o que representa um desafio extra, pois preciso me dividir entre todos os alunos, mas é gratificante ver o progresso e o processo de inclusão desses alunos.

ENTREVISTA 10 - MULTIESPORTES II – FAIXA ETÁRIA: 9, 10 ANOS**Qual a sua idade?**

Tenho 35 anos.

Qual é a sua formação?

Sou formado em Bacharelado e Licenciatura em Educação Física.

Você tem alguma formação complementar?

Tenho cursos extracurriculares voltados para o futebol, mas também fiz alguns cursos focados no desenvolvimento infantil, em trabalhos de coordenação motora, entre outras coisas que, na época, considerei úteis para o trabalho aqui no Pinheiros.

Qual é o seu tempo de atuação na instituição?

Estou indo para oito anos.

Quais são os principais objetivos das suas aulas?

Como o meu CAD é o último, o meu objetivo é preparar os alunos para as escolinhas do clube. No multiesportes, trabalhamos mais de 10 modalidades – atualmente são 12. A ideia é apresentar as modalidades e, ao final do semestre, caso a criança tenha afinidade com alguma, indicá-la para as modalidades do clube. Porém, o trabalho é realizado sem pensar muito nisso, buscamos deixar as crianças à vontade para se encontrar em alguma modalidade. Vou dar um exemplo: fomos para o bocha há duas semanas, e o que me chamou a atenção foram aqueles alunos que não se destacam na quadra, que não têm tanta habilidade com a bola, mas se saíram muito bem no bocha. Eles tiveram mais concentração e souberam dosar a força para jogar a bola, que é um pouco mais pesada. Então, é importante ter modalidades diferentes do que eles estão acostumados, porque, às vezes, alguns alunos ficam frustrados por não conseguirem fazer algumas coisas. Mas, com essas modalidades novas, conseguimos ver outras crianças se destacando em ambientes diferentes.

Quais princípios norteiam suas aulas, principalmente na parte metodológica? Como você organiza suas aulas?

Começamos com uma roda de conversa, que é o momento para que todos os alunos cheguem, para evitar a necessidade de ficar explicando a atividade sempre que um novo aluno chega. Em seguida, falo sobre o aquecimento, que é seguido pela parte principal, onde abordamos o fundamento principal da aula, como passe ou drible, dependendo da modalidade. O foco vai

variar de acordo com a turma. Se já conheço os alunos, sei por onde começar. Mas, com alunos novos, preciso investigar um pouco para ver qual fundamento utilizar inicialmente. No multiesportes, os alunos jogam mais do que nas turmas anteriores, pois é o último CAD e eles já precisam entender um pouco mais as regras das modalidades. Durante as aulas, trabalhamos as regras também, mas com foco em explorar os fundamentos principais de cada esporte. No final da aula, temos um tempo de jogo, que pode ser de 20 minutos ou até meia hora.

Como você estrutura a rotina das suas aulas? O aluno faz duas aulas por semana?

Sim, duas vezes por semana, nas terças e quintas ou quartas e sextas. Em relação à estrutura da aula, já abordei anteriormente. Quanto ao conteúdo, você quer que eu aprofunde algum ponto?

Sobre a criatividade nas aulas: Eu sempre tento ser criativo e trazer coisas novas. Muitas vezes, enquanto estou no clube, vejo modalidades que temos no multiesportes e tento adaptar algo para os alunos. Também acompanho treinamentos de outras modalidades, como o handebol, e busco aplicar o que vejo nas minhas aulas. As integrações com basquete, handebol, vôlei e atletismo também ajudam a trazer novidades. Esses intercâmbios são importantes, pois trocamos ideias com os professores dessas modalidades, o que enriquece a prática.

Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver as aulas?

Eu já mencionei antes, mas as estratégias variam. Recentemente, fui para o vôlei de praia, e estava sozinho. Apesar de ser uma aula legal, a dinâmica seria melhor se tivesse um estagiário comigo. Meu estagiário começou há duas semanas, mas isso é algo que é ajustado ao longo do tempo. A aula foi bem-sucedida porque adaptei a dinâmica conforme a necessidade, e as crianças entenderam que, como estava sozinho, precisavam ajudar para que a aula fluísse bem.

Como você vê a relação da família com o CAD?

Cada vez que temos contato com os pais, a situação varia. Em média, de 10 crianças, cerca de 3 pais estão presentes. Muitos pais só temos contato por e-mail ou através de informações passadas por outros. Há casos em que não sabemos de condições específicas dos alunos, como autismo ou uso de medicamentos controlados, até que nos seja informado por outras pessoas.

O que você pensa sobre o processo competitivo para as crianças?

Eu sou defensor da competição, porque acredito que ela faz parte da vida. Em qualquer área, estamos competindo, seja na escola ou no trabalho. No CAD, a competição é abordada de forma

educativa, onde explicamos que perder faz parte do processo de evolução. Claro que também temos momentos lúdicos, mas, no meu caso, como trabalho com o último CAD do multiesportes, é necessário introduzir a competição para preparar os alunos para o ambiente competitivo das escolinhas.

Quais os critérios que você utiliza para avaliar os seus alunos?

As avaliações são divididas em três critérios: frequência, comportamento e desenvolvimento motor. A frequência é crucial para o desenvolvimento, pois uma criança que falta muito tende a não evoluir. Já aconteceu de um aluno estar comigo há dois anos e não ter mostrado nenhuma evolução devido à frequência irregular. Quando avaliamos, comparamos o progresso de alunos que estão há mais tempo com os que chegam agora. As avaliações costumavam ser presenciais, mas hoje são feitas online, com a possibilidade de contato com os pais para esclarecer dúvidas.

Como você se avalia enquanto professor e treinador?

Para mim, a experiência no clube tem sido mais enriquecedora do que as minhas faculdades. Aprendi a ser mais profissional e organizado, a entender o momento de dar uma bronca e o de conversar com os alunos. Evoluí muito nesses oito anos e, hoje, me sinto preparado para levar o que aprendi aqui para outros contextos.

Qual o impacto do programa dentro do clube?

O CAD tem grande reconhecimento dentro do clube, é um departamento tradicional e respeitado. Muitas vezes, não percebemos o impacto até que alguém nos fale sobre isso. Acredito que, independentemente de mudanças de diretoria, o CAD continuará a desempenhar um papel importante dentro do clube, mantendo sua qualidade e unificação.

Quais desafios você enxerga para a continuidade do programa?

Acredito que o programa tem uma base sólida e, embora existam desafios, como as mudanças administrativas, a força do CAD garante que ele continue funcionando bem. Mesmo com dificuldades pontuais, como cortes orçamentários, a união e o trabalho em equipe sempre nos ajudam a superá-las.

Quais os principais desafios enquanto professor e treinador?

O maior desafio é descobrir um talento que chegue a um nível muito alto, como as Olimpíadas. Isso é algo que almejo: ver um aluno se destacar e chegar a representações nacionais e internacionais.

ENTREVISTA 10 - MULTIESPORTES II – FAIXA ETÁRIA: 9, 10 ANOS**Qual a sua idade?**

Tenho 35 anos.

Qual é a sua formação?

Sou formado em Bacharelado e Licenciatura em Educação Física.

Você tem alguma formação complementar?

Tenho cursos extracurriculares voltados para o futebol, mas também fiz alguns cursos focados no desenvolvimento infantil, em trabalhos de coordenação motora, entre outras coisas que, na época, considerei úteis para o trabalho aqui no Pinheiros.

Qual é o seu tempo de atuação na instituição?

Estou indo para oito anos.

Quais são os principais objetivos das suas aulas?

Como o meu CAD é o último, o meu objetivo é preparar os alunos para as escolinhas do clube. No multiesportes, trabalhamos mais de 10 modalidades – atualmente são 12. A ideia é apresentar as modalidades e, ao final do semestre, caso a criança tenha afinidade com alguma, indicá-la para as modalidades do clube. Porém, o trabalho é realizado sem pensar muito nisso, buscamos deixar as crianças à vontade para se encontrar em alguma modalidade. Vou dar um exemplo: fomos para o bocha há duas semanas, e o que me chamou a atenção foram aqueles alunos que não se destacam na quadra, que não têm tanta habilidade com a bola, mas se saíram muito bem no bocha. Eles tiveram mais concentração e souberam dosar a força para jogar a bola, que é um pouco mais pesada. Então, é importante ter modalidades diferentes do que eles estão acostumados, porque, às vezes, alguns alunos ficam frustrados por não conseguirem fazer algumas coisas. Mas, com essas modalidades novas, conseguimos ver outras crianças se destacando em ambientes diferentes.

Quais princípios norteiam suas aulas, principalmente na parte metodológica? Como você organiza suas aulas?

Começamos com uma roda de conversa, que é o momento para que todos os alunos cheguem, para evitar a necessidade de ficar explicando a atividade sempre que um novo aluno chega. Em seguida, falo sobre o aquecimento, que é seguido pela parte principal, onde abordamos o

fundamento principal da aula, como passe ou drible, dependendo da modalidade. O foco vai variar de acordo com a turma. Se já conheço os alunos, sei por onde começar. Mas, com alunos novos, preciso investigar um pouco para ver qual fundamento utilizar inicialmente. No multiesportes, os alunos jogam mais do que nas turmas anteriores, pois é o último CAD e eles já precisam entender um pouco mais as regras das modalidades. Durante as aulas, trabalhamos as regras também, mas com foco em explorar os fundamentos principais de cada esporte. No final da aula, temos um tempo de jogo, que pode ser de 20 minutos ou até meia hora.

Como você estrutura a rotina das suas aulas? O aluno faz duas aulas por semana?

Sim, duas vezes por semana, nas terças e quintas ou quartas e sextas. Em relação à estrutura da aula, já abordei anteriormente. Quanto ao conteúdo, você quer que eu aprofunde algum ponto?

Sobre a criatividade nas aulas:

Eu sempre tento ser criativo e trazer coisas novas. Muitas vezes, enquanto estou no clube, vejo modalidades que temos no multiesportes e tento adaptar algo para os alunos. Também acompanho treinamentos de outras modalidades, como o handebol, e busco aplicar o que vejo nas minhas aulas. As integrações com basquete, handebol, vôlei e atletismo também ajudam a trazer novidades. Esses intercâmbios são importantes, pois trocamos ideias com os professores dessas modalidades, o que enriquece a prática.

Quais as estratégias que você utiliza para desenvolver as aulas?

Eu já mencionei antes, mas as estratégias variam. Recentemente, fui para o vôlei de praia, e estava sozinho. Apesar de ser uma aula legal, a dinâmica seria melhor se tivesse um estagiário comigo. Meu estagiário começou há duas semanas, mas isso é algo que é ajustado ao longo do tempo. A aula foi bem-sucedida porque adaptei a dinâmica conforme a necessidade, e as crianças entenderam que, como estava sozinho, precisavam ajudar para que a aula fluísse bem.

Como você vê a relação da família com o CAD?

Cada vez que temos contato com os pais, a situação varia. Em média, de 10 crianças, cerca de 3 pais estão presentes. Muitos pais só temos contato por e-mail ou através de informações passadas por outros. Há casos em que não sabemos de condições específicas dos alunos, como autismo ou uso de medicamentos controlados, até que nos seja informado por outras pessoas.

O que você pensa sobre o processo competitivo para as crianças?

Eu sou defensor da competição, porque acredito que ela faz parte da vida. Em qualquer área, estamos competindo, seja na escola ou no trabalho. No CAD, a competição é abordada de forma educativa, onde explicamos que perder faz parte do processo de evolução. Claro que também temos momentos lúdicos, mas, no meu caso, como trabalho com o último CAD do multiesportes é necessário introduzir a competição para preparar os alunos para o ambiente competitivo das escolinhas.

Quais os critérios que você utiliza para avaliar os seus alunos?

As avaliações são divididas em três critérios: frequência, comportamento e desenvolvimento motor. A frequência é crucial para o desenvolvimento, pois uma criança que falta muito tende a não evoluir. Já aconteceu de um aluno estar comigo há dois anos e não ter mostrado nenhuma evolução devido à frequência irregular. Quando avaliamos, comparamos o progresso de alunos que estão há mais tempo com os que chegam agora. As avaliações costumavam ser presenciais, mas hoje são feitas online, com a possibilidade de contato com os pais para esclarecer dúvidas.

Como você se avalia enquanto professor e treinador?

Para mim, a experiência no clube tem sido mais enriquecedora do que as minhas faculdades. Aprendi a ser mais profissional e organizado, a entender o momento de dar uma bronca e o de conversar com os alunos. Evoluí muito nesses oito anos e, hoje, me sinto preparado para levar o que aprendi aqui para outros contextos.

Qual o impacto do programa dentro do clube?

O CAD tem grande reconhecimento dentro do clube, é um departamento tradicional e respeitado. Muitas vezes, não percebemos o impacto até que alguém nos fale sobre isso. Acredito que, independentemente de mudanças de diretoria, o CAD continuará a desempenhar um papel importante dentro do clube, mantendo sua qualidade e unificação.

Quais desafios você enxerga para a continuidade do programa?

Acredito que o programa tem uma base sólida e, embora existam desafios, como as mudanças administrativas, a força do CAD garante que ele continue funcionando bem. Mesmo com dificuldades pontuais, como cortes orçamentários, a união e o trabalho em equipe sempre nos ajudam a superá-las.

Quais os principais desafios enquanto professor e treinador?

O maior desafio é descobrir um talento que chegue a um nível muito alto, como as Olimpíadas.

Isso é algo que almejo: ver um aluno se destacar e chegar a representações nacionais e internacionais.

ENTREVISTA 11 – ULISSES – TURMA: GYM – FAIXA ETÁRIA: 4 A 7 ANOS**Qual a sua idade?**

Eu tenho 31 anos.

Formação acadêmica?

Sou formado em Educação Física Plena, com bacharelado e licenciatura.

Formação complementar?

Pós-graduado em Ginástica Artística, sou formado em Balé Clássico pelo Teatro Municipal e também tenho pós-graduação em Treinamento Desportivo.

Qual é o seu tempo de atuação aqui na instituição?

No CAD, no Pinheiros, estou há dois anos.

Quais são os principais objetivos das suas aulas?

Um dos principais objetivos da minha aula é a iniciação à ginástica artística e transformar todos os movimentos artísticos de uma forma lúdica. Quero despertar nas crianças a curiosidade e também ajudá-las a perder o medo, já que essa faixa etária (trabalho com crianças de 3 a 8 anos) é o momento em que começamos a trabalhar a locomoção, coordenação, postura e coordenação motora fina e grossa. Automaticamente, esses aspectos favorecem o desenvolvimento motor delas.

Quais os princípios que orientam suas aulas? Como suas aulas são fundamentadas?

Sempre busco, para o meu aluno, um trabalho que envolva força, equilíbrio, flexibilidade, estabilidade e impulsão. Esses são os cinco valores essenciais que um bom atleta deve ter no início da ginástica artística.

Como você estrutura a rotina das suas aulas? São duas aulas semanais, certo?

Isso, são duas aulas semanais. Tenho turmas de terça e quinta, quarta e sexta. Atualmente, tenho dez turmas e, no total, 184 alunos. Cada turma é composta por até 30 alunos e, comigo, há uma estagiária. Na última aula, contamos com o auxílio de uma professora. Estruturamos as aulas com base nesses valores, alternando semanas focadas em equilíbrio, força, impulsão e agilidade.

A próxima pergunta você já abordou bastante, mas, caso queira comentar mais algo sobre os conteúdos das suas aulas, fique à vontade.

Eu falei sobre os cinco valores essenciais, mas também trabalho com o aspecto artístico com as crianças. Como sou formado em dança e sei o quanto o componente artístico é importante na ginástica, trabalho com as crianças noção de ritmo, compasso, lateralidade, noção de espaço e tudo relacionado à rítmica. Busco incentivar a expressão e a liberdade de movimento, que também são valores que considero importantes nas minhas aulas.

Em relação às estratégias desenvolvidas nas suas aulas, você gostaria de comentar algo? Quais os princípios metodológicos que utiliza?

O princípio metodológico que sigo é o da coordenação motora, tanto fina quanto grossa. Isso é muito importante para crianças de 3 a 4 anos, para que elas possam desenvolver equilíbrio, caminhar e saltar. Eu sempre trabalho de forma lúdica, mesmo quando aplico jogos como pega-pega, adapto para ser algo relacionado à ginástica artística, o que torna a atividade mais divertida e significativa para as crianças.

Mudando um pouco o foco, como você vê a relação da família com o programa? Como se dá essa interação?

As crianças aqui são muito participativas, mas muitas delas são carentes de atenção dos pais, pois muitos deles trabalham bastante e viajam com frequência. Algumas crianças têm mais confiança nas babás ou avós do que nos próprios pais. Dentro da sala de aula, quando as crianças sentem falta dos pais, coloco uma foto deles no armário e, quando elas se sentem tristes, falo para que olhem a foto e voltem com mais ânimo. É claro que entendemos que os pais estão ocupados, mas também sentimos a necessidade de dar carinho e atenção extra às crianças, o que acaba se tornando uma responsabilidade nossa também.

O que você pensa sobre o processo competitivo para as crianças? Como você vê a competição nesse contexto?

Eu vejo a competição como fundamental. A criança precisa aprender a ganhar e perder. Isso é importante para a formação do caráter e ajuda a criança a lidar com os erros, acertos, vitórias e derrotas. Embora a ginástica seja um esporte individual, também trabalhamos o aspecto coletivo. Aqui, trabalhamos com a ideia de que o mais importante é se divertir, mas sempre buscando o melhor desempenho possível. Um dos meus bordões que falo para as crianças é: "Quanto mais se pratica, melhor fica." E é isso que tentamos mostrar a elas, para que na competição se sintam preparadas.

Você vê alguma competição precoce ou exagerada em outros lugares? Como vê a questão da competição na ginástica?

A ginástica é dividida em várias categorias, como mirim, pré-mirim, infantil, etc. Quando comecei a competir aos 6 anos, foi fundamental para minha formação, embora a ginástica, ainda hoje, seja vista como um esporte de elite. Por um lado, essa competitividade cedo ajuda no desenvolvimento do atleta, mas, por outro, pode gerar ansiedade, já que a criança pode não saber lidar com a perda. Acredito que, com o tempo, elas aprendem a lidar melhor com isso à medida que frequentam mais competições.

Quais os critérios que você utiliza para avaliar seus alunos?

A cada seis meses, faço uma avaliação dos alunos. Trabalho com metas e uso planilhas para acompanhar o progresso. Embora as aulas sejam de iniciação, eu também busco resultados, e por isso, tenho uma tabela de avaliação para registrar o que as crianças conquistaram, como a famosa "estrelinha". Ao final dos seis meses, envio um relatório para os pais sobre o progresso dos alunos, indicando as habilidades motoras adquiridas.

Fazendo uma autoavaliação, como você se vê enquanto professor e treinador?

É difícil falar de mim mesmo, mas, de forma geral, sou muito apaixonado pelo que faço. Me dedico muito ao meu trabalho, estou sempre buscando novos cursos e me atualizando. As minhas colegas treinadoras, Ana e Cláudia, sempre brincam comigo, dizendo que eu não descanso, mas, para mim, é difícil ficar parado. Acredito que, na Educação Física, se a gente não buscar conhecimento, sempre haverá outro alguém que buscará e pode ultrapassar a gente. Estou sempre tentando me aperfeiçoar para criar mais frutos. Quando ensino, sinto que estou plantando sementes e vejo as crianças florescerem com o tempo.

Você percebe alguma dificuldade ou desafio para a continuidade do programa?

Acredito que o maior obstáculo para o programa aconteceu no último ano, devido a alguns desafios internos relacionados à coordenação. Algumas das ideias que tínhamos para o programa não puderam ser colocadas em prática, mas a Ana e a Cláudia são muito organizadas e se dedicam ao máximo para que tudo aconteça. No CAD, vemos a coordenação, a direção e os professores trabalhando juntos, isso torna o ambiente muito colaborativo e saudável.

Quais são seus principais desafios como professor e treinador?

Eu sou uma pessoa que não consegue ficar parada, então, mesmo nas férias, já fico pensando em voltar a trabalhar. Contudo, sei da importância do descanso tanto para o bem-estar físico quanto emocional. Um dos meus maiores desafios é me cobrar demais. Quando cometo um erro, mesmo que pequeno, fico chateado. No entanto, com o tempo, tenho aprendido a lidar

com esses momentos e a não me cobrar tanto. Sei que erros fazem parte do processo e que o importante é continuar evoluindo.

Para finalizar, gostaria de deixar algum comentário ou informação adicional?

Eu sempre digo que a Educação Física e os professores que trabalham com crianças são essenciais. Trabalhar com crianças não é sobre ganhar dinheiro, mas sobre transferir amor, ganhar sorrisos e criar memórias afetivas. Se você entra na Educação Física pensando apenas no lado financeiro, talvez esse não seja o caminho. Trabalhar com crianças é sobre criar conexões emocionais, ser lúdico e ganhar o carinho delas. Isso, para mim, é o mais importante.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO PROGRAMA ¿CENTRO DE APRENDIZAGEM DESPORTIVO¿ DO ESPORTE CLUBE PINHEIROS: OS MÚLTIPLOS FATORES QUE INTERFEREM NO SUCESSO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS

Pesquisador: Marlus Alexandre Sousa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79607924.9.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.880.460

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de tese de doutoramento a ser realizado no programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme a IBP:

"Investigar os princípios metodológicos do Centro de Aprendizagem Desportivo do Esporte Clube Pinheiros-SP (CAD-Pinheiros-SP)."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme lê-se no TCLE:

"Benefícios:

O estudo poderá trazer informações valiosas a respeito do programa CAD-Clube

Pinheiros-SP, consolidando-o como um projeto de sucesso dentro da referida instituição.

Dessa forma, tal investigação poderá contribuir para que a gestora e os treinadores possam aperfeiçoarem suas práticas pedagógicas.

Riscos:

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de			
Bairro: Bela Vista		CEP: 13.506-900	
UF: SP	Município: RIO CLARO		
Telefone: (19)3526-9678	Fax: (19)3534-0009	E-mail: cepib.rc@unesp.br	

Possíveis desconfortos, constrangimentos e sentimento de exposição poderão ocorrer durante a entrevista. O participante levará, aproximadamente, 60 minutos para finalizar todo o processo. Não será exigido do participante nenhum tipo de deslocamento extra para a realização da entrevista. Salientamos o total sigilo das informações fornecidas pelos participantes da pesquisa.

Procedimentos de Minimização de Riscos:

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a entrevista semiestruturada:

- a) agendar previamente a coleta de dados;
- b) buscar um local privado e sem interferência de terceiros para a realização da coleta;
- c) permitir que o participante tenha acesso ao material, às perguntas antes da gravação da entrevista, caso seja de sua vontade;
- d) esclarecer possíveis dúvidas do participante sobre sua participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações, para fins de pesquisa
- e) remarcar a coleta, caso solicitado pelo participante;
- e) remarcar a coleta, caso solicitado pelo participante;
- f) aceitar a solicitação de interrupção da gravação do procedimento em áudio ou imagem, pelo participante ou providenciar tal interrupção, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante a coleta de dados.

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a observação participante:

- a) o pesquisador respeitará as eventuais solicitações do participante de pedir, por exemplo, para que deixe de gravar, registrar ou mesmo observar em alguns momentos que julgar que esteja exposto;
- b) c) o pesquisador se dispõe a sair do local para evitar possíveis constrangimentos, nos casos em que o participante solicitar.
- c) o pesquisador se dispõe a esclarecer por que quer observar determinada ação e o que fará com tal informação.

Adotaremos as seguintes estratégias para a minimização de riscos durante a elaboração do diário de pesquisa de campo:

o participante poderá solicitar retirada de parte (fragmentos

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de			
Bairro: Bela Vista		CEP: 13.506-900	
UF: SP	Município: RIO CLARO		
Telefone: (19)3526-9678	Fax: (19)3534-0009	E-mail: cepib.rc@unesp.br	

utilizado na pesquisa, se assim desejar, ou indicar o que deve, ou não ser utilizado;

a) pesquisador deverá se dispôr a esclarecer por que gostaria de utilizar o material produzido pelo aluno para fins de pesquisa e o que fará com o material autorizado."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo qualitativo, descritivo, sem intervenção, que será realizado através de entrevista semi-estruturada e observação com registro em diário de campo. Participarão do estudo, 1 gestor e 8 treinadores do CAD-Clube Pinheiros.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

É apresentado o TCLE que contém os dados necessários que atendem os requisitos éticos da pesquisa: é feito em forma de convite, apresenta objetivos, benefícios, riscos e respectivos procedimentos de minimização, apresentação dos direitos, da preservação da privacidade e anonimato, atende ao princípio de não malificência, identifica os pesquisadores e instituição.

Recomendações:

Utilizar email institucional do pesquisador doutorando.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

"O CEP referenda o parecer preliminar emitido pelo parecerista:

Sugiro aprovação pelo CEP".

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com as Resoluções CNS nº 466/12 e 510/16, o pesquisador deverá apresentar relatório final ao término da pesquisa.
- 2) Os protocolos de pesquisa aprovados que têm 18 meses de duração ou mais, deverão entregar obrigatoriamente RELATÓRIO PARCIAL no meio do percurso da pesquisa, além do relatório final já habitualmente solicitado.

Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de			
Bairro: Bela Vista		CEP: 13.506-900	
UF: SP	Município: RIO CLARO		
Telefone: (19)3526-9678	Fax: (19)3534-0009	E-mail: cepib.rc@unesp.br	

**UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA**



Continuação do Parecer: 6.880.460

1) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2332864.pdf	06/05/2024 10:41:43		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto0605_Marlus.pdf	06/05/2024 10:40:06	Marlus Alexandre Sousa	Aceito
Cronograma	Cronograma_Marlus.pdf	27/04/2024 10:13:54	Marlus Alexandre Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Marlus.pdf	27/04/2024 10:09:36	Marlus Alexandre Sousa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_brochura_Marlus.pdf	27/04/2024 10:07:38	Marlus Alexandre Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 11 de Junho de 2024

**Assinado por:
José Angelo Barela
(Coordenador(a))**

ANEXO B – Exemplo de Relatório de aula e Diário de Campo

Relatório de aula

Data: 27/08/2024

Turma: Júnior I

Faixa etária: 3 anos

Número de praticantes: 14

Objetivo: Desenvolver as habilidades motoras fundamentais: locomoção, estabilidade, equilíbrio e manipulação.

Horário início: 15h

Horário término: 16h.

Espaço e materiais: quadra poliesportiva, arcos, bolas de diferentes pesos e tamanho

Atividades realizadas: Pega simples, Jogos imitando animais, Jogo troca de casinhas e atividade denominada sopa das letrinhas.